

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

POTIRA VIEGAS PREISS

**AS ALIANÇAS ALIMENTARES COLABORATIVAS
EM UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL: AFETOS, CONHECIMENTO
INCORPORADO E ATIVISMO POLÍTICO**

Porto Alegre

2017

POTIRA VIEGAS PREISS

**AS ALIANÇAS ALIMENTARES COLABORATIVAS
EM UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL: AFETOS, CONHECIMENTO
INCORPORADO E ATIVISMO POLÍTICO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Profa. Dra. Flávia Charão
Marques

Porto Alegre

2017

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

CIP - Catalogação na Publicação

Preiss, Potira Viegas
AS ALIANÇAS ALIMENTARES COLABORATIVAS EM UMA
PERSPECTIVA INTERNACIONAL: AFETOS, CONHECIMENTO
INCORPORADO E ATIVISMO POLÍTICO / Potira Viegas
Preiss. -- 2017.
239 f.
Orientadora: Flávia Charão Marques.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,
Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Abastecimento alimentar. 2. Práticas sociais.
3. Relação produção consumo. I. Charão Marques,
Flávia, orient. II. Título.

POTIRA VIEGAS PREISS

**AS ALIANÇAS ALIMENTARES COLABORATIVAS
EM UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL: AFETOS, CONHECIMENTO
INCORPORADO E ATIVISMO POLÍTICO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 15 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Flávia Charão Marques – Orientadora
UFRGS

Profa. Dra. Myrian Del Carmen Paredes Chauca
FLACSO

Profa. Vanuska Lima da Silva
UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Schneider
UFRGS

Profa. Dra. Fabiana Thomé da Cruz
UFRGS

Dedico este trabalho a minha mãe, Rosa Maria Viegas Preiss, que me ensinou que pesquisar é saber conversar com as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Se as dinâmicas de abastecimento aqui apresentadas se mantêm por redes de cuidado, é necessário registrar e reconhecer que a materialização desta tese só foi possível porque ao longo de sua construção recebeu diferentes contribuições e apoios, aos quais sou grata.

Primeiramente agradeço aqueles que se dispuseram abrir suas vidas, suas histórias e trajetórias para que esta tese pudesse ser escrita.

Agradeço aos queridos equatorianos que me receberam com muita pureza e simplicidade: Elena, Francisco, Sônia, Fernando, Roberto, Gonzalito, Morita, Charito, Cesar, Lupita e todos os demais consumidores e agricultores com quem convivi!
Viva la Canasta!

Sonia querida, agradeço seu carinho, seu sorriso constante e a disposição para me levar a todos os lugares! *Muchas gracias!*

Agradeço a Comunidade de Tzimbuto por me acolher com generosidade, em especial a família Telenema por me receber em sua casa com carinho e gentileza!
Yupauchani Mashikuna!

Agradeço a Comunidade de Basquitay Quillincocha por sua recepção e por me ensinar a plantar e comer *papas de verdad!* Yupauchani Mashikuna!

Agradeço a Fernando pelos passeios e ensinamentos sobre a Canasta e Riobamba!

Agradeço a Steve, Myriam, Sra Carmen e Nina por me receberem em La Merced possibilitando uma incrível experiência de vida e a um aprimoramento da tese! À Myriam, um agradecimento em especial pela em um momento difícil, entre um colo e uma poda me deste a força que eu precisava para seguir.

Agradeço a Ross, Pedro a equipe da Ekorural pelo empurrão à realidade, os questionamentos, a seriedade com que fazem seu trabalho e pela hospedagem em Riobamba.

Aos paulistanos do MICC fica o meu agradecimento pela confiança e disponibilidade, em especial: Enoc, Josefa, Santana, Zanon, Elza, Carmo, Mariana e Toninho.

Agradeço a família Aninha, Zeca e Guri por me receberem na capital possibilitando meu campo com boa musica e papos intensos.

Agradeço à Carina e sua mãe, Adriana e sua família pela hospedagem e apoio na pesquisa! É muito bom saber que os projetos acabam, mas as amizades permanecem!

Aos espanhóis Lorena, Richi, Saraí e Nello agradeço por me receberem, partilharem seus espaços e percepções.

Agradeço imensamente a família Fernanda, Jordi, Nicole e Natália pela hospedagem, pelas caronas, pelo apoio e incentivo ao longo da pesquisa! Muchas gracias!

Em Roma, agradeço a Maria Fonte e a Giacomo pela ponte e articulação com os GAS. O apoio de vocês foi essencial, minha gratidão e admiração pelo trabalho que fazem.

Agradeço a Rose, Alberto e Carlo, “mio amico pirate”, pela calorosa acolhida!

Na Holanda, agradeço a Ati por me oferecer uma casa aconchegante e charmosa que me permitiu mergulhar na tese com tranquilidade e intensidade!

Agradeço a Petra por me dar uma horta para trabalhar, muitas vagas e conversas enriquecedoras sobre a academia e as escolhas de vida.

Agradeço aos participantes do *De Groene Schuur* por me permitirem estar e aprender com vocês, em especial a Gabrielle, Gertrude, Rinnie, Krispain!

Agradeço aos Professores Han e Alberto por terem me acolhido na Universidade de Wageningen durante meu doutorado sanduíche e por terem trazidos importantes críticas e aportes para a tese.

Agradeço a Professora Flávia que acolheu meu projeto e me orientou desde o início da pesquisa apontando caminhos, trazendo questionamentos e contribuindo para o melhoramento da tese.

Agradeço as duas instituições que viabilizaram as condições financeiras para que a pesquisa pudesse ser realizada: ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq que me possibilitou uma bolsa de estudos ao longo do doutorado e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que viabilizou a realização de meu doutorado sanduíche na Universidade de Wageningen.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR por ter me acolhido e possibilitado anos de aprendizagem e qualificação profissional. Mais do que uma instituição, este espaço tem sido uma segunda casa a qual agradeço imensamente a todos que a ela dão vida.

Agradeço à Dona Marlene por durante anos nos receber e acolher com um grande sorriso, bom humor e muito carinho. Sua presença no PGDR e em nossas vidas é permanente!

Agradeço à Dioneia, Gilberto e Vanderlei pela recepção e constante disponibilidade em auxiliar.

Agradeço a Secretaria do Programa, em especial, à Macarena por manter nossa história registrada, e por levar processos burocráticos com leveza e alegria, dando apoio à cada estudante.

Agradeço à Eliane e Laura pelo apoio nos primeiros anos do doutorado.

Agradeço à Danielle pela amorosidade e gentileza com que acolhe cada aluno, trazendo um alento nos momentos difíceis para que possamos seguir com fé e perseverança.

No nome da Prof.^a Gabriela, agradeço a todo o corpo docente com quem tive o prazer de conviver dentro e fora da sala de aula, que com comprometimento e seriedade qualificam o Programa.

Agradeço ao Professor Sérgio pelos aprendizados nas disciplinas, o comprometimento com a construção do conhecimento científico e o exemplo dentro e fora de sala de aula. Ao amigo Sérgio agradeço pela forma generosa com que me oferece oportunidades, pela paciência e orientações em tempos de desespero, pelas inúmeras comidas que colhe para mim e pela espontaneidade e bom humor com que leva os projetos. De coração, obrigada!

Agradeço aos meus colegas de turma e Programa que em pequenos momentos cotidianos trazem um auxílio de forma espontânea fomentando debates e trocando experiências, seja em sala de aula, nos churrascos ou nos bares. Apesar da produção da tese ser um caminho que percorremos sós, o encontro com os colegas sempre nos ajuda a lembrar que não estamos sozinhos. Em especial, agradeço a Vivi, Ale, Rafa, Ana Matei, Amália, Judith, Fernanda e Miriam. Obrigada meninas!

Agradeço ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural – GEPAD e todos seus participantes pelo rico espaço de troca, aprendizagem e aprimoramento!

A querida equipe executiva da III Conferência Agricultura e Alimentação em Sociedades Urbanizadas, agradeço a disponibilidade, a entrega e as trocas constantes!

À grande rede de afetos de dentro e fora da academia que contribuíram com a tese, a saúde e a sanidade da autora!

Ale, minha colega, parceira e amiga! Tem sido uma alegria percorrer contigo essa estrada! Te agradeço, primeiro de tudo, pelo ombro amigo, pela força e incentivo constante! Também sou grata pelas leituras, correções e críticas. Que a nossa caminhada juntas seja longa!

À Judith pelas conversas, confidências, críticas, debates e pelo feminismo na prática! Gracias mujer!

À Andressa, agradeço pela dedicação e atenção na correção dos textos, pelos cafés e pela amizade que segue, sempre!

À minha irmã Julia por escutar, por falar, por contemplar a vida comigo em silêncio, me dar colo, por me trazer leveza e serenidade para seguir firme mesmo quando o chão é movediço.

Ao Adri, por me tirar da tese nos fins de tarde e me levar de volta a vida, trazendo a descontração que eu precisava!

Agradeço à toda a egrégora das Tendas e Clãs do Sul pelas rodas, pelas rezas, pela vibração amorosa e as bençãos renovadoras. Agradeço em especial as “abuelitas” Vera, Adri, Cleo, Eliete, Van, Sonia, Cilulia, Claudia e Lisi!

Lucia, eternamente te agradeço por abrir caminho e ser uma fonte de força e inspiração para que sejamos impecáveis e fiés a nós mesmas!

Cléo querida, agradeço tua energia, tua força e cuidado gentil em reenergizar e realinhar!

Eliete, minha sacerdotisa, sou profundamente grata as tuas visões, teu poder de cura e tua disponibilidade generosa para cuidar do meu corpo, da minha mente e da minha alma! Se chego inteira ao final desse processo é muito pelo teu apoio constante e generoso!

Soninha querida, agradeço por me ajudar a escutar meu coração, reconhecer meus limites e valor, a lembrar de respirar e me conectar com o que há de maior e melhor na vida!

Agradeço à família Bendente, Boca, Lucia, Jonhatan, David e Dandara pelo trabalho e esforço com que plantam e colhem cada semente e fruto, por terem me proporcionado uma experiência de vida transformadora sem a qual essa tese nunca existiria. Muito obrigada!

Agradeço aos companheiros e companheiras do GIA pela perseverança e colaboração constante! Em especial, a Ana, Maíra e Alessandra!

E como sempre gosto de deixar o que é melhor para o final, agradeço à minha família pelo incentivo, pela paciência e pelo apoio constante! Agradeço à minha mãe por me incentivar a percorrer o mundo e sempre conhecer mais pessoas, mais coisas. Agradeço ao meu pai por me ensinar a gostar de ler e investigar! Agradeço à Pati por sempre estar presente e disposta a ajudar!

Agradeço à Leonela por ter chegado para bagunçar meu cotidiano, nos trazendo alegria e muito afeto.

Cleber, meu companheiro de vida, tem tanta coisa a agradecer! Agradeço por me permitir viver um grande amor sem ter que abrir mão de realizar as aventuras que desejo! Agradeço pelo teu cuidado constante, pelo incentivo para concretizar cada sonho, pela dedicação em me nutrir de diversas formas, pelas gentilezas do cotidiano, pela paciência e generosidade de trilhar a vida comigo! Te amo!

Agradeço aos seres e paisagens que me acompanharam: ao Universo, aos astros, ao sol, à lua, à impactante cordilheira dos Andes e todos seus vulcões, à metrópole paulistana com todas suas fadas e gnomos, à história que respira viva nas rochas de Roma, aos campos de Valência, às matas e córregos da Holanda, aos cisnes, às sementes, às flores e à vida que transborda e nos perpassa trazendo fé e força!

A tudo aquilo, aqueles e aquelas que não dei visibilidade aqui, mas que de alguma forma também contribuíram para este processo. Obrigada!

RESUMO

A presente tese aborda um tipo específico de abastecimento alimentar em que produtores e consumidores se aliam e trabalham de forma colaborativa para o funcionamento da dinâmica. O objetivo central da pesquisa foi compreender como a dinâmica de abastecimento alimentar emerge e se materializa em diferentes locais, evidenciando as práticas sociais envolvidas, bem como a interação cotidiana entre atores, materialidades e subjetividades. A análise é baseada em um estudo em perspectiva internacional, que envolve sete casos localizados em cinco países distintos, a saber: Associação de Integração Campo Cidade, em São Paulo (Brasil); *Canasta Comunitaria Utopía*, em Riobamba (Ecuador); *GAS Testaccio Meticcio* e *GASPER*, ambos em Roma (Italia); na cidade de Valência duas iniciativas, *Grupo de Consumo Vera* e *Grupo de Consumo de Russafa* (Espanha) e *De Groene Schuur* em Zeist (Holanda). A metodologia utilizada foi a abordagem etnográfica multi-localizada, sendo esta complementada por revisão de literatura, análise documental, entrevistas, notas de campo e registro fotográfico. Em termos teóricos, a Teoria das Assemblages foi utilizada como uma meta-teoria para explicar a formação das dinâmicas de abastecimento. Além disso, diferentes corpos de conhecimento foram mobilizados para a análise e interpretação das práticas sociais envolvidas em torno de processos organizacionais, relações interpessoais, construção do conhecimento e ativismo alimentar. Os resultados indicam que estas dinâmicas de abastecimento emergem de forma altamente contingencial em distintos países fomentando a emergência de Alianças Alimentares Colaborativas em que os atores trabalham em atividades diversas que vão além do comércio de alimentos e que ao fim buscam a materialização de uma sociedade e um sistema alimentar distinto. Há um forte fluxo e interação entre elementos materiais e subjetivos no surgimento de representações, valores e desejos que são incorporados pelos participantes e coletivos, afetando o cotidiano dos atores e a identidade das dinâmicas de abastecimento.

Palavras-chave: Abastecimento alimentar. Práticas sociais. Relação produção consumo.

ABSTRACT

The present thesis addresses a specific type of food supply in which producers and consumers work together in a collaborative way for the functioning of the dynamic. The central aim of the thesis research was to understand how the food supply emerge and materializes in different locations, highlighting the social practices involved and the everyday interaction between actors, materiality and subjectivity. The analysis is based on a international study involving seven cases located in five different countries, namely: Associação de Integração Campo Cidade, in São Paulo (Brazil); Canasta Comunitaria Utopía, in Riobamba (Ecuador); GAS Testaccio Meticcio and GASPER, both in Rome (Italy); in Valencia two initiatives, Grupo de Consumo Vera and Grupo de Consumo de Russafa (Spain) and De Groene Schuur in Zeist (The Netherlands). The methodology used was a multi-sited ethnographic approach that was complemented by literature review, document analysis, interviews, field notes and photographic register. In theoretical terms, The Assemblage Theory was used as a meta-theory to explain the formation of the supply dynamics. Additionally, different bodies of knowledge were mobilized for the analysis and interpretation of the social practices involved in process of organization, interpersonal relationships, knowledge building and food activism. The results indicate that these supply dynamics emerge in highly contingent ways in different countries promoting the emergence of Food Alliances Collaborative in which actors work in various activities that go beyond food, seeking to materialize a particular model of society and a different food system. There is a strong flow and interaction between material and subjective elements contributing to the emergence of representations, values and desires that are incorporated by participants and collectives, affecting the daily lives of the actors and the identity of the supply dynamics.

Keywords: Food supply. Social practices. Production consumption relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Minha sala de estar se tornando um “centro de distribuição e logística de alimentos”	22
Figura 2 – Localização das 46 iniciativas identificadas em território brasileiro.....	49
Figura 3 – Segundo encontro da Rede de Grupos de Consumo Responsável, São Paulo, 2015	51
Figura 4 – Localização dos casos analisados	59
Figura 5 – Cadeia de abastecimento do MICC.....	71
Figura 6 – Responsáveis pelo núcleo de Gestão em frente ao entreposto do MICC no pátio da Igreja da Vila Alpina (a); Um ponto de distribuição em uma residência (b).....	72
Figura 7 – Cadeia de abastecimento da <i>Canasta Comunitaria Utopía</i>	76
Figura 8 – Os agricultores da comunidade indígena de Tzimbuto preparando couve-flor para levar para a <i>Canasta Comunitária Utopía</i> (a); Consumidores organizando os alimentos em um dia de entrega (b).....	77
Figura 9 – Dois consumidores com uma caixa com seus produtos (a), Os consumidores separando os pedidos em um dia de entrega (b).....	80
Figura 10 — Cadeia de abastecimento do GAS Testaccio Meticcio.....	80
Figura 11 – Cadeia de Abastecimento do GASPER	83
Figura 12 – Consumidores organizando os pedidos de cada família (a); o jantar coletivo no final da noite de entrega (b)	84
Figura 13 – Cadeia de abastecimento do <i>Grupo de Consumo Vera</i>	86
Figura 14 – Caixas com pedidos por unidade familiar (a); consumidores degustando os produtos de um possível novo fornecedor de pães (b).....	87
Figura 15 – Cadeia de abastecimento <i>Grupo de Consumo de Russafa</i>	90
Figura 16 – Consumidores socializando e organizando os pedidos (a); caixas com produtos (b).....	90
Figura 17 – Caixas com as encomendas familiares (a); consumidores organizando as encomendas no pátio de Gabrielle (b).....	93
Figura 18 – Cadeia de abastecimento do <i>De Groene Schuur</i>	94
Figura 19 – Gonzalito carregando compras no mercado <i>Mayorista</i> às 5h30 da manhã (a); Gonzalito dançando durante as entregas da <i>Canasta Comunitaria Utopía</i> (b). 110	

Figura 20 – Zanon em um acampamento do MST nos anos 80 (a); Zanon com um agricultor e um casal de consumidores da Igreja Ipiranga (b).....	113
Figura 21 – As cestas sendo entregues na casa de Carmo (a); Carmo realizando o pagamento das compras a Enoc (b)	115
Figura 22 – Saraí conversando com outras consumidoras em uma noite de entrega no <i>Grupo de Consumo de Russafa</i>	119
Figura 23 – Gabrielle recebendo pagamentos (a); Gabrielle em seu quintal separando os pedidos (b).....	121
Figura 24 – Gertrude e demais participantes descarregando as caixas de vegetais do caminhão (a); Gertrude auxiliando a separar os pedidos no Parque Dieptetuin	122
Figura 25 – Fernando fatiando os <i>zapallos</i> para distribuir entre as famílias (a); entregando os alimentos para os consumidores (b).....	124
Figura 26 – Charito lanchando em um dia de entregas e conversando com Elena, uma agricultora de Tzimbuto (a); Charito ajudando a separar os produtos para a entrega (b).....	125
Figura 27 – Valeria e seu pai Luigi com Alfredo, o fundador do <i>GAS Testaccio Meticcio</i>	126
Figura 28 – César em sua propriedade em Guamote, Equador (a); César em um dia de entrega da <i>Canasta Comunitaria Utopía</i> , provando as amoras de Charito (b)...	130
Figura 29 – Diferentes momentos durante o dia de Elena: colheita de batatas; ajudando uma vaca doente; colheita de forragem para os animais; fazendo o jantar	134
Figura 30 – (a) Santana, um dos fundadores, buscando bananas em uma Aldeia Guarani no interior de São Paulo; (b) colheita de mandioca em um assentamento do MST.....	145
Figura 31 – Bandeira do MST na parede da sede da <i>Fundación Utopía</i>	152
Figura 32 – (a; b) Charito em sua banca no mercado Mayorista.....	154
Figura 33 – (a) Suleman, um dos fundadores da Barikamà entregando iogurtes no GAS Testaccio Meticcio; (b) Suleman trabalhando no campo em La Nuova Arca; o iogurte Barikamà (c).	158
Figura 34 – (a) Cartaz afixado na janela da sede das entregas do Grupo de Consumo Vera promovendo a ação “Entregas na rua” de 2015; (b) Grupo de Consumo Vera realizando sua ação “Entregas na rua” na UPV	166

Figura 35 – Krispijn “jogando” 6 mil quilos de batatas na Praça Dam, em Amsterdã (Holanda).....	167
Figura 36 – Os alimentos que compunham a cesta comprada na Canasta Comunitaria Utopía	183
Figura 37 – As variedades “arco-íris” oferecidas no <i>De Groene Schuur</i> . (a) cenouras; (b) beterrabas; (c) batatas.....	193
Figura 38 – Diferentes tipos de batatas e mashua disponíveis na <i>Canasta Comunitaria Utopía</i> : (a) <i>papa mami</i> ; (B) <i>papa cacho</i> ; (c) <i>mijoco mashua</i>	194
Figura 39 – Cartaz de divulgação do curso de Alimentação Natural oferecido pelo MICC (esquerda) e o livreto de receitas distribuído pela <i>Canasta Comunitaria Utopía</i> (direita)	196
Figura 40 – (a) Merci no desjejum na Canasta Comunitaria Utopía, Morita ao fundo da imagem serve os pratos; (b) Merci e outras senhoras fazendo a separação e organização dos alimentos (c) Merci levando suas compras para casa	197
Figura 41 – Elena caminhando entre as <i>chackras</i>	205
Figura 42 – Suleiman e seus sócios produzindo yougurte	209
Figura 43 – (a) Trator trabalhando a terra; (b e c) o equipamento de processamento para limpeza e classificados vegetais	210

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Campos analíticos heurísticos do Movimento de Integração Campo Cidade	68
Quadro 2 – Campos analíticos heurísticos da <i>Canasta Comunitaria Utopía</i>	73
Quadro 3 – Campos analíticos heurísticos do <i>GAS Testaccio Meticcio</i>	78
Quadro 4 – Campos analíticos heurísticos do GASPER	81
Quadro 5 – Campos analíticos heurísticos do <i>Grupo de Consumo Vera</i>	85
Quadro 6 – Campos analíticos heurísticos do <i>Grupo de Consumo de Russafa</i>	88
Quadro 7 – Campos analíticos heurísticos do <i>De Groene Schuur</i>	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAP	– <i>Association Pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne</i>
CCA	– Cadeias Curtas de Abastecimento
CEB	– Comunidade Eclesial de Base
CSA	– Comunidade que Sustenta a Agricultura
EUA	– Estados Unidos
FAO	– Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FLACSO	– Faculdade de Ciências Sociais
GIA	– Grupo de Integração Agroecológica
GAS	– <i>Gruppi di Acquisto Solidari</i>
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEC	– Instituto Brasileiro de Proteção ao Consumidor
MICC	– Associação de Integração Campor Cidade
MST	– Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OCNI	– Objetos Comestíveis Não Identificados
PAA	– Programa de Aquisição de Alimentos
PGDR	– Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
PNAE	– Programa Nacional de Alimentação Escolar
RETEGAS	– Rede Nacional de Grupos de Aquisição Solidaria
SAL	– Sistemas Alimentares Locais
SEL	– <i>Sinistra Ecologia Libertà</i>
UFRGS	– Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UPV	– Universidade Politécnica de Valência (UPV)

SUMÁRIO

1	DELINEANDO A MOTIVAÇÃO, O PROBLEMA, OS OBJETIVOS E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	19
1.1	CONTAMINAÇÕES ENTRE O PESSOAL E O ACADÊMICO	20
1.2	DELINEANDO O PROBLEMA	25
1.2.1	Estudos alimentares: desenvolvimento, globalização e alimentação	26
1.2.2	Efeitos e afetos dos alimentos no sistema alimentar	29
1.2.3	Alternativas, movimentos e tendências alimentares.....	31
1.2.4	Iniciativas de compra direta de alimentos	37
1.3	OBJETIVOS	40
1.3.1	Objetivos específicos.....	41
1.4	OS EMBASAMENTOS TEÓRICOS	41
1.4.1	Teoria das Assemblages	42
1.4.2	Práticas sociais	44
1.5	A ORGANIZAÇÃO DA TESE	45
2	O PERCURSO METODOLÓGICO	47
2.1	MAPEANDO A REALIDADE BRASILEIRA	47
2.2	A DEFINIÇÃO DOS ESTUDOS DE CASOS	52
2.2.1	Os casos Latino-Americanos	52
2.2.2	Ampliando o caráter internacional da pesquisa	54
2.3	DEFININDO A METODOLOGIA: A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA MULTILOCALIZADA.....	60
2.4	SOBRE AS TÉCNICAS UTILIZADAS	62
3	OS CASOS: DESCRIÇÃO, CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.....	65
3.1	O QUADRO HEURÍSTICO PARA EXPLORAR PROJETOS ALIMENTARES	65
3.2	OS CASOS ANALISADOS.....	68
3.2.1	Movimento de integração Campo Cidade (São Paulo, Brasil).....	68
3.2.2	Canasta Comunitaria Utopía (Riobamba, Equador)	73
3.2.3	Gruppo d'Acquisto Solidale Testaccio Meticcio (Roma, Itália)	78
3.2.4	GASPER (Roma, Itália).....	81
3.2.5	Grupo de Consumo Vera (Valencia, Espanha)	85
3.2.6	Grupo de Consumo de Russafa (Valencia, Espanha)	88
3.2.7	De Groene Schuur (Zeist, Holanda)	91

3.3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.....	95
3.3.1 Localização	95
3.3.2 Origem.....	95
3.3.3 Cadeia de abastecimento	96
3.3.4 Métodos de produção de alimentos	97
3.3.5 Forma de encomenda	97
3.3.6 Forma de entrega	98
3.3.7 Consumidores	98
3.3.8 Governança.....	100
3.3.9 Entidade legal	101
3.3.10 Interação produtor-consumidor.....	101
3.3.11 Rede de atuação.....	102
3.4 ALIANÇAS ALIMENTARES COLABORATIVAS	102
4 TORNANDO-SE FAMÍLIA, TORNANDO-SE COMUNIDADE	104
4.1 O SOCIAL NA PRODUÇÃO, NO COMÉRCIO E NO CONSUMO DE ALIMENTOS	105
4.2 EMERGÊNCIAS AFETIVAS.....	108
4.3 REDES DE CUIDADO.....	122
4.4 A NUTRIÇÃO DE RELAÇÕES ATRAVÉS DA COMIDA.....	135
5 O ATIVISMO POLÍTICO COMO PRÁTICA DO COTIDIANO	140
5.1 PERSPECTIVAS SOBRE POLÍTICA E ATIVISMO ALIMENTAR	141
5.2 A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA ATRAVÉS DOS CASOS	144
5.2.1 A política cristã.....	144
5.2.2 A política comunitária.....	149
5.2.3 A política sem partidos	155
5.2.4 A política incendiária	159
5.2.5 É político?	166
5.3 FAZER POLÍTICA É CONSTRUIR INTERESSES COLETIVOS.....	171
5.3.1 O papel da mobilização política no surgimento das dinâmicas.....	171
5.3.3 Resultados desejados.....	177
6 O CONHECIMENTO INCORPORADO DOS ALIMENTOS	182
6.1 CONHECIMENTO INCORPORADO	184
6.2 ETAPAS DA DINÂMICA DE ABASTECIMENTO	187
6.2.1 Sintonizando como consumidor.....	189

6.2.1 Sintonizando como produtor	202
6.3 APRENDER FAZENDO	211
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS.....	227
APÊNDICE A – LISTAGEM DAS PERGUNTAS QUE COMPUSERAM O QUESTIONÁRIO ON-LINE	237

1 DELINEANDO A MOTIVAÇÃO, O PROBLEMA, OS OBJETIVOS E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A tese aqui em questão tem como foco de análise dinâmicas de abastecimento com compra direta em que há uma relação de confiança entre produtores e consumidores. Porém, uma tese é feita por mais do que teorias, metodologias e conceitos, é acima de tudo construída por pessoas, afetos e escolhas. As coisas que nos intrigam como pessoas ou cientistas, nem sempre emergem somente da academia, mas também de nossas próprias vidas. Se a defesa de uma tese é algo necessário para que alguém se torne um Doutor, também é imprescindível que as questões que nos afetam se tornem uma pesquisa. Muitas teses começam com um quadro teórico que leva a um problema de pesquisa, então uma hipótese é levantada, e um objeto de estudo é escolhido para estabelecer se a hipótese em jogo é apropriada ou não. No entanto, esta tese surge de forma diferente.

O tema em questão é uma combinação de uma trajetória acadêmica e profissional, que se inicia com a formação da autora como bióloga e se estende a sua entrada nos estudos sociais, combinada com uma experiência pessoal como consumidora de alimentos orgânicos. Assim, antes de chegarmos à tese propriamente dita, trazemos alguns esclarecimentos sobre os eventos que motivaram a elaboração desta tese em termos pessoais e profissionais, bem como as principais afetações que envolveram o processo de pesquisa.

As questões problemáticas são precedidas de uma revisão da literatura sobre o tema central da pesquisa. Iniciamos com algumas breves considerações sobre a emergência dos estudos alimentares, em especial traçando as conexões entre o desenvolvimento, a globalização e a alimentação. Seguimos descrevendo como a criação de um sistema alimentar globalizado acaba por gerar distintos efeitos e afetos em termos sociais, econômicos e ambientais que provocam o interesse de acadêmicos e a reação de diferentes atores. Trazemos então uma revisão dos quadros teóricos que têm sido utilizados para interpretar a emergência de alternativas, movimentos e tendências alimentares, para então sim, abordar as iniciativas de compra direta de alimentos, categoria em que as dinâmicas que nos interessam se inserem.

Os problemas centrais que guiam esta tese são apresentados, seguidos pela

descrição dos objetivos que norteiam nossa pesquisa. Por fim, são apresentados os embasamentos teóricos que foram utilizados de forma geral neste estudo e a estrutura geral da tese.

1.1 CONTAMINAÇÕES ENTRE O PESSOAL E O ACADÊMICO

Durante minha graduação em biologia¹, experimentei um pouco dos diferentes campos de trabalho que a “ciência da vida” envolve: da botânica aos insetos, dos fungos a paleontologia. Para insatisfação dos meus professores, sempre quis entender como animais, plantas e ambientes afetavam a vida das pessoas e vice-versa. Muitas vezes fui acusada de “me preocupar muito com os humanos”, criando uma fama de focar demais nas questões sociais.

Quando chegou o momento de desenvolver meu trabalho de conclusão (2004), quis pesquisar o que mobilizava pessoas a se abastecerem através da Feira Dos Agricultores Ecologistas De Porto Alegre. Tive dificuldade de encontrar uma orientação, dado um tema considerado muito incomum para estudantes de biologia. Por fim, fui acolhida pelo professor do departamento de educação ambiental, Prof. Paulo Saul. A perspectiva teórica hoje me parece bastante superficial porque pouco diferenciava consumo de consumismo, algo visto como causa central dos problemas ambientais. Assim, o consumo de produtos locais e orgânicos era visto como uma prática ambientalmente mais sustentável, que auxiliava a diminuir a nossa “carga” planetária como espécie. No final da pesquisa, estava convencida de que havia pessoas que queriam consumir produtos “limpos”, mas a produção ainda era um problema, não era suficiente e a comercialização era um desafio.

Após anos trabalhando em diferentes projetos, em 2010 senti a necessidade de voltar a estudar e começar uma pós-graduação. Encontrei no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) um curso multidisciplinar que me aceitou como bióloga e me ajudou a refletir sobre o social que há muito me afligia. Para minha dissertação de mestrado escolhi trabalhar com agricultores familiares vinculados ao Movimento Sem Terra, residentes do Assentamento Filhos de Sepé, em Viamão- RS.

¹ Considerando que esta seção se dedica a apresentar o local de fala da autora, bem como as experiências pessoais e profissionais que lhe motivaram a escolher o tema da pesquisa aqui apresentada, o texto é redigido na primeira pessoa do singular. O restante da tese está redigida na primeira pessoa do plural.

Eu estava interessada em entender como eles realizavam um percurso de transição, passando de produtores de arroz com intenso uso de pesticidas para produtores agroecológicos. Pessoalmente, era um movimento complementar a tese de graduação, no sentido de que neste caso trabalhei com a ponta do abastecimento que antes me pareceu problemática. Embora essa transição não tenha sido um processo fácil, o maior desafio que os agricultores enfrentavam, naquele momento, era o acesso a mercados e aos consumidores.

Então, ficou bastante claro que, para minha tese de doutorado, eu deveria buscar uma perspectiva mais integral, de modo que a produção e o consumo pudessem ser percebidos de forma dialógica. Talvez, ainda que um pouco inconsciente, essa tenha sido a primeira escolha em relação à tese que aqui apresento. Foi no ano final do meu mestrado (2012), que algo aconteceu na minha vida pessoal e me levou ao que eventualmente se tornou o objeto deste estudo. Tudo começou em uma amizade com um agricultor, Boca. Tínhamos nos conhecido no Assentamento Filhos de Sepé e era com ele que eu estava me abastecendo através de uma Feira. Mais de uma vez, tive dificuldade para ir à feira dentro do horário, ficando sem alimentos para a semana.

Sabendo que outras pessoas potencialmente poderiam ter a mesma dificuldade que eu, conversei com o Boca sobre a possibilidade de ele entregar seus produtos a um grupo de pessoas, em um dia determinado. A ideia era criar algo semelhante aos esquemas de Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA, que eu havia conhecido no norte da Escócia, em 2005. Ele estava disposto, então precisávamos apenas encontrar as pessoas e fazer alguns arranjos básicos. Parecia uma ideia simples, para resolver um problema banal.

Escrevi uma mensagem para o meu círculo de amigos perguntando quem estava interessado em comprar alimentos diretamente desses produtores. Após a resposta de cerca de 50 pessoas e algumas conversas por e-mail sobre como o sistema iria funcionar, decidimos iniciar uma experiência. Boca me passaria uma lista com os produtos que ele e seus vizinhos tinham disponíveis, eu passaria a lista aos meus amigos por e-mail e eles responderiam com sua lista pessoal de compras. Alguns dias depois, os alimentos seriam entregues em minha casa e as pessoas viriam buscá-los. Tudo parecia realmente muito simples, fácil e prático. Doce ilusão!

A experiência de tal sistema acaba envolvendo uma quantidade incrível de pequenas ações e etapas que nunca antes me passaram pela cabeça. A que horas

os produtos devem ser colhidos para serem entregues em boas condições na noite de quinta-feira? Qual é a melhor sequência para colocar os produtos na sacola? O que pode ser colocado junto ou precisa ser separado? Qual a quantidade de comida que cada pessoa precisa por uma semana, de forma que não falte ou se torne demais e seja desperdiçada? Quais vegetais duram uma semana? Quanto espaço é necessário para armazenar as compras de 30 famílias?

Por mais prosaico que pareça, foi assim que eu aprendi que meu apartamento era muito pequeno para um “centro de distribuição e logística de alimentos” (Figura 1). Mas, com alguns ajustes, o encosto do sofá poderia se tornar uma boa prateleira para o pão. Também aprendi sobre o peso e a consistência de cada produto, o que me levou, a saber, que os ovos vão sempre embaixo dos morangos, os quais ficam embaixo das folhas. Com exceção do repolho, que é um tipo de folha, mas é sempre um dos primeiros itens a serem colocados na sacola. Era um processo de aprendizagem, tanto individual como coletivo. Estávamos aprendendo-fazendo e resolvendo as centenas de pequenos e grandes problemas que apareceram ao longo do processo.

Figura 1 – Minha sala de estar se tornando um “centro de distribuição e logística de alimentos”



Fonte: Registros fotográficos da autora (2012).

De certa forma, eu tinha uma posição bastante privilegiada. Como articuladora desse coletivo cabia a mim gerenciar o processo dos pedidos e a entrega final, acompanhando em primeira mão os problemas envolvidos, mas também obtendo informações sobre as satisfações e insatisfações de ambos os lados, produtores e consumidores. No começo, eu havia estimado que o grupo envolvesse pouco mais de 3 horas por semana do meu tempo, basicamente à noite

em que eu receberia os produtos e depois entregaria aos consumidores. Na verdade, durante os primeiros meses, houve semanas em que estive envolvida por mais de 30 horas! Era o tempo entre cortar e colar listas de pedidos pessoais em um único arquivo do Excel para repassar aos produtores, pedalar até a feira para entregar a lista de pedidos aos produtores (na época, os agricultores não tinham internet), receber os produtos que sempre vinham pela manhã (apesar do acordo original), entregar aos consumidores que chegavam no horário à noite, encontrar espaço na minha geladeira para produtos daqueles que se esqueciam de retirar suas compras para entregar em diferentes momentos da semana e por fim, limpar o apartamento.

A experiência consumia meu tempo, era cansativa e deixava meu apartamento uma total bagunça. A solução mais lógica e racional seria acabar com tudo! No entanto, o sentimento que eu tinha no final daquelas noites de entrega era bastante semelhante ao que temos ao promover uma festa: os pés estão inchados e doloridos, a casa está um caos, mas você se sente feliz pelas pessoas que vieram as conversas que teve e apesar de tudo, mal pode esperar para que isso aconteça novamente. Eu não era a única, os produtores estavam felizes, apesar das reclamações de consumidores, a necessidade de revisarem seus procedimentos e alguns atrasos no pagamento. Os consumidores também estavam felizes, mesmo quando a metade de seus pedidos não vinha devido a uma tempestade, ataques de lesmas ou simplesmente porque, acidentalmente, os ovos tinham quebrado. A maioria queria se envolver mais e novos integrantes continuavam chegando. Era uma espécie de estado de insanidade!

Com o tempo, os encontros semanais nos levavam a refletir sobre a agricultura, conhecer novos alimentos e trocar receitas. As pessoas também aprendiam mais sobre a vida dos agricultores, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST e suas reivindicações políticas. Assim, foi surgindo uma espécie de compromisso. Mais de uma vez, consumidores me confessavam que ainda tinham comida da semana anterior, mas pediam mais e dariam aos vizinhos e familiares porque se sentiam pessoalmente comprometidos com os agricultores, já que sabiam que o dinheiro era importante para eles. Claramente, não era a lógica e a razão o que estava movendo essas pessoas, inclusive eu, é claro.

Então, após seis meses, ocorreram muitas mudanças. Nós nos denominamos Grupo de Integração Agroecológica - GIA e decidimos que o processo de

gerenciamento devia se tornar mais descentralizado e horizontal, por isso procuramos um lugar onde as entregas pudessem acontecer através de um revezamento entre os consumidores. O lugar que nos hospedou e ainda o faz até hoje, foi o Programa de Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. A experiência me intrigou desde o início, em especial pela maneira como as pessoas reagiam e se envolviam. De certa forma, a lógica do consumidor racional e o produtor capitalista não explicavam o que estamos vivendo. Havia algo mais que eu não conseguia explicar.

Com minha entrada no programa de doutorado em 2013, fiquei animada para saber como essas experiências de compra diretas e as relações entre consumidores e produtores estavam sendo interpretadas pelos pesquisadores. Para minha surpresa, essa questão raramente foi comentada em aula, me levando a questionar os professores sobre essas iniciativas. Nas respostas, havia certa suposição de que tais experiências não existiam no Brasil, mas era um fenômeno específico na Europa e na América do Norte relacionado à mudança nos parâmetros de qualidade e aos fenômenos de realocação alimentar. A literatura fornecida sobre tais experiências sempre era daqueles continentes.

As experiências brasileiras ou mesmo latino-americanas mencionadas mais próximas eram sobre feiras ou processos de certificação. Os professores que aceitavam a existência de tais iniciativas no Brasil acreditavam que eram muito poucas e, portanto, não eram dignas de estudo. Para mim, isso foi bastante frustrante. Além da minha experiência recente com a GIA, eu já havia participado alguns anos atrás em uma cooperativa que também envolveu compras diretas com agricultores e conheci outras experiências em outras cidades. Então, esse desconhecimento de tais iniciativas me pareceu muito estranho. De forma mais acadêmica, essa falta de conhecimento era justamente uma oportunidade para desenvolver um estudo sobre o tema.

Assim, outra pedra angular foi definida para a pesquisa, decidi que iria procurar as experiências brasileiras de forma a compará-las com as experiências que estavam sendo estudadas na literatura internacional como GAS, AMAPs, CSA. Minhas questões foram se aprofundando através da literatura e das disciplinas. O percurso da tese foi em si, sendo afetado por diferentes encontros e possibilidades. O primeiro foi à oportunidade de realizar trabalho de campo no Equador, em janeiro de 2015, facilitado pelo Prof. Stephen Sherwood (Universidade de Wageningen,

Holanda) e pela Profa. Myriam Paredes (Faculdade de Ciências Sociais - FLACSO, Equador). Esta foi a primeira possibilidade da pesquisa se ampliar para casos além do Brasil.

No mesmo ano, pude realizar um Estágio Sanduíche, por meio do Projeto CAPES/NUFFIC n. 020/2010, coordenado pelo Prof. Sérgio Schneider, visando a cooperação acadêmica entre PGDR e o Departamento de Sociologia Rural da Universidade de Wageningen na Holanda. Essa possibilidade, me permitiu que a coleta de dados fosse ampliada para países europeus. Dessa forma, a perspectiva inicial de colocar em diálogo as experiências brasileiras com experiências ativas em outros países deixou de ser apenas em termos teóricos, mas também empíricos.

O período na Universidade de Wageningen me possibilitou também acessar perspectivas teóricas distintas e trazer importantes aportes a tese. Nesse sentido, as contribuições dos Prof. Han Wiskerke e Alberto Arce devem ser reconhecidas. Foi nesse período que me aproximei da teoria das *Assemblages*, dos estudos sobre afeto e conhecimento incorporado.

Talvez, em última análise, seja sobre isso que se trata esta tese. Sobre processos contingenciais, afetações, encontros e desencontros. É sobre como certos alimentos e certos encontros afetaram as pessoas, catalisando práticas e reflexões sobre agricultura, alimentação e desenvolvimento. Talvez, eu pudesse ter substituído as últimas páginas pela frase “o ponto de enunciação da autora vem de dentro da pesquisa, pois ela teve um envolvimento ativo e interativo ao longo do processo”. Mas isso poderia ter sido interpretado de muitas maneiras. As histórias são importantes porque ajudam a compreender (pelo menos parcialmente) a experiência incorporada e o humano dentro das narrativas.

1.2 DELINEANDO O PROBLEMA

A seguir apresentamos o problema de pesquisa através da revisão da literatura, partindo de uma perspectiva mais ampla que considere a emergência dos estudos alimentares até chegarmos ao objeto de foco central desta tese: as iniciativas de compra direta de alimentos em que há uma colaboração entre produtores e consumidores.

1.2.1 Estudos alimentares: desenvolvimento, globalização e alimentação

É inegável que os programas de desenvolvimento promovidos após a II Guerra Mundial tiveram um papel primordial nas mudanças intensas que ocorrem na forma como os alimentos são produzidos, comercializados e consumidos (GOODMAN, 2009; ESCOBAR, 2007; CAROLAN, 2011). Embora existam diferenças na forma como esses programas foram interpretados e implementados em diferentes lugares, a principal estratégia foi à modernização da agricultura, combinada com o incentivo para o crescimento urbano e a produção industrial (ELLIS; BIGGS, 2001). A grande preocupação era ampliar a produção de alimentos e a solução proposta foi a modernização da agricultura através do desenvolvimento de sistemas de cultivo com uso intensivo de insumos e recursos, fazendo com que a indústria se tornasse um setor chave na produção de alimentos (GOODMAN; SORJ; WILKINSON, 2008).

As dinâmicas de abastecimento também mudaram, tornando os alimentos disponíveis através de longas cadeias de suprimentos, onde os supermercados passaram a ser um espaço comum ou até mesmo o principal para o abastecimento da população (GOODMAN, 2009). Houve ainda fortes transformações na própria materialidade e composição do alimento com a introdução de comida² industrializada e altamente processada (FISCHLER, 1993; CAROLAN, 2011). Com a intensificação da globalização, mais transformações fazem com que a produção e a comercialização dos alimentos passe e ser governadas por interesses privados sob a gestão de corporações multinacionais apoiadas por acordos multilaterais entre Estados (PHILLIP'S, 2006).

Tais alterações fizeram com que, no final do século XX, os alimentos tenham se tornado um objeto de desenvolvimento econômico e o foco de uma série de estudos e teorias que buscam explicar distintos fenômenos sociais, políticos, econômicos e ambientais, que vão desde a acumulação internacional do capital, regulamentações legais sobre a produção e a comercialização de produtos, êxodos e migrações, meios de subsistência comunitária, práticas agrícolas e questões ambientais e climáticas (GOODMAN; REDCLIFT, 1991). Tomados em conjunto, esse novo corpo de conhecimento é bastante multidisciplinar, pois agrega autores

² Estamos cientes de que alguns autores fazem uma diferenciação entre os termos alimento e comida, entendendo que a comida é o alimento transformado pela cultura (DA MATTA, 1987). Porém, para os fins desta tese, as terminologias estão sendo utilizadas como sinônimos.

de diferentes disciplinas como: sociologia, antropologia, economia, geografia, entre outros. Os diferentes olhares tendem a focar em perspectivas distintas, ora sendo focados mais nos processos produtivos, ora nas demandas dos consumidores, um alerta já mencionado por Goodman e Dupuis (2002) e Portilho (2010).

Assim, temos, por exemplo, a Teoria dos Regimes Alimentares Internacionais proposta por Friedmann e McMichael (1989), talvez uma das mais populares abordagens no tema, que utiliza a economia política agrária para identificar períodos de acumulação de capital associados a configurações particulares de poder geopolítico e formas de produção agrícola. Outra abordagem baseada na economia política é trazida por Goodman e Redcliffe (1991), que argumentam que o sistema agroalimentar moderno se desenvolveu como resultado da busca do capital industrial por controlar a natureza através da agricultura, somando-se aos interesses do Estado em implementar políticas públicas de fomento a alimentos baratos, levando a concentração político-econômica, degradação ambiental e disputas comerciais internacionais (GOODMAN; REDCLIFFE, 1991).

Estes autores sugerem ainda que houve a criação de uma nova dieta³ industrial e urbana como elemento fundamental para permitir a crescente separação entre as áreas rurais e as urbanas, provocando mudanças na produção e no consumo alimentar da população (GOODMAN; REDCLIFFE, 1991). A crescente distância entre o local de consumo e produção exigiu a elaboração de alimentos imperecíveis e facilmente preparados, permitindo que o consumo se tornasse independente do local ou estação (GOODMAN; REDCLIFFE, 1991)

Ambas as abordagens trazem importantíssimas contribuições para compreender as conexões entre Estado, indústria e desenvolvimento tecnológico no sistema agroalimentar. Outro olhar bastante crítico que vincula esta tríade é trazido por Escobar (2007), porém com um olhar pós-colonial analisa como a implementação dos programas de desenvolvimento para além dos “pacotes tecnológicos⁴” incluía a atuação de grupos de especialistas, tais como nutricionistas

³ Os autores se referem a uma “dieta Fordista”, em que os alimentos eram produzidos em escala massiva, tendo como base alimentar, grãos, carne bovina e açúcares de forma a especializar o tipo de produção agrícola assim como fornecer uma comida altamente calórica à população urbana (GOODMAN; REDCLIFFE, 1991).

⁴ O processo de modernização agrícola em boa parte teve como estratégia a transferência de tecnologia através de “pacotes” em que, muitas vezes, o Estado oferecia crédito subsidiado aos agricultores com termos que os induzia a comprar certos produtos, como variedades de grãos de alto rendimento, infraestrutura de irrigação, maquinarias agrícolas e fertilizantes. Dessa forma era criada uma dinâmica de dependência entre o crédito recebido, os insumos usados e a necessidade

e administradores que trabalharam juntos em programas para projetar estratégias para os desnutridos no Terceiro Mundo desde a década de 1950. Nesses programas havia uma tendência a diagnosticar os hábitos alimentares das populações locais como inadequados, propondo como solução o aumento do consumo de alimentos industrializados e nutricionalmente enriquecidos (ESCOBAR, 2007).

Um olhar bastante distinto, mas que também busca abordar as mudanças nos hábitos alimentares é trazido pelo antropólogo Claude Fischler (1993) que de forma provocativa denomina os alimentos industrializados de “objetos comestíveis não identificados - OCNI”. Fischler caracteriza em cinco itens este novo alimento que a indústria fornece e como ele altera relações socioculturais em relação ao comer, são eles:

- a) a identificação dos alimentos por sua característica básica (consistência, sabor, cheiro e textura) se torna de difícil a identificação, uma vez que os OCNI são altamente processados e oferecidos em embalagens que velam sua real aparência;
- b) saber o que realmente estamos comendo é cada dia mais difícil já que o avanço da tecnologia é constantemente sofisticado, possibilitando mascarar e imitar elementos, desde sabores artificiais até técnicas de preservação;
- c) o consumidor moderno tornou-se um “consumidor puro”, ou seja, a grande maioria das pessoas não sabe a procedência, a forma de produção, história ou origem daquilo que consome;
- d) a preparação dos alimentos é comumente feita longe do consumidor e realizada por estranhos (de restaurantes a fábricas);
- e) as questões econômicas e técnicas atuam de forma a criar uma erosão dos conhecimentos e práticas socioculturais que envolvem o sistema culinário transformando de forma intensa hábitos alimentares e estilos de vida. Essa abordagem contribui porque enfatiza o alimento como muito mais do que um objeto econômico, mas o re-situa como algo altamente relacional que envolve diferentes tipos de práticas sociais, simbolismos e culturas.

Uma possível ponte entre os fatores político-econômicos e sóciosoculturais que as abordagens anteriores trazem podem ser encontradas no trabalho de Phillip's (2006) que trata das conexões entre os alimentos e a globalização, argumentando que os alimentos são altamente mobilizados como *commodities* por instituições globais, no entanto, a própria noção de globalização é reforçada pelo imaginário e as práticas das pessoas. Ou seja, a autora contribui ao ressaltar que apesar dos alimentos terem se tornado um objeto utilizado por empresas multinacionais para melhorar seu capital, a maneira como a população recebe, interpreta e faz uso dessa comida é que permite que tal sistema seja mantido e ampliado.

Assim, ainda que haja poucos consensos na diversidade de abordagens, há sim uma percepção bastante generalizada de que esse sistema alimentar que se impõe de forma dominante tem gerado diversos impactos socioeconômicos e ambientais que precisam ser abordados e revertidos.

1.2.2 Efeitos e afetos dos alimentos no sistema alimentar

Diferentes fatores e elementos contribuem para a ideia de que este “modelo convencional” que se impõe de forma dominante de produção e abastecimento de alimentos está em crise. Após algumas décadas, a modernização da agricultura gerou um intenso aumento econômico e produtivo na agricultura. Chegamos a um ponto como sociedade em que temos produção de alimentos suficientes para sanar problemas antigos como a fome e a desnutrição, porém a maneira como estes são distribuídos faz com que estes problemas permaneçam uma fonte de preocupação paralela a emergência de novos desafios como as doenças relacionadas à má alimentação, a insatisfação de agricultores e consumidores (SCHNEIDER; GAZZOLA, 2017).

Portanto, o sistema alimentar desencadeou processos de transformação com efeitos nocivos. Tais questões são abordadas em relatórios internacionais contemporâneos como o “Estado da Alimentação e Agricultura 2014” e “O futuro da alimentação e da agricultura - Tendências e desafios”, ambos produzidos pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Os relatórios afirmam que o aumento da produção de alimentos não é suficiente para enfrentar os desafios do século 21, é necessário repensar a produção, a comercialização e o consumo de alimentos de forma que estes processos possam acontecer de formas

mais ecológicas e inclusivas. O desmatamento de florestas para produção de grãos, a escassez de água, a erosão e contaminação dos solos, os altos níveis de emissão de gases do efeito estufa estão entre os principais problemas ambientais associados aos sistemas agrícolas intensivos (LAURENTIIS; HUNT; ROGERNS, 2016; FAO, 2017).

Em termos sociais os efeitos são diversos. Os agricultores que não puderam ou quiseram se integrar a tal sistema acabaram sendo marginalizados dos processos produtivos e comerciais, entrando em um contexto de vulnerabilidade social (FLORA; FLORA, 1989; PLOEG, 2009). Ploeg (2009) explica que à medida que o mercado global passou a ordenar a produção agrícola, as corporações multinacionais passaram a exercer um crescente monopólio sobre a produção, o processamento e a distribuição de alimentos. Tal processo leva a inserção de uma série de intermediários na cadeia de abastecimento, criando uma situação de estrangulamento que distanciou as possíveis relações entre produtores e consumidores. Mais do que isso, de acordo com o Ploeg (2009), isso leva a um “aperto” na agricultura que afeta as duas pontas da cadeia, uma vez que a redistribuição de valores faz com que o agricultor tenha um baixo retorno econômico, enquanto os consumidores pagam preços elevados pelos produtos (Ploeg, 2009).

O distanciamento de produtores e consumidores não é apenas geográfico e social, é também cognitivo no sentido de que os processos e formas de produção se tornem velados a ambos os atores. Assim, há um crescente sentimento de desconfiança nos alimentos industrializados, potencializado pelo surgimento contínuo de “escândalos alimentares” (por exemplo, doença da vaca louca, gripe aviária, febre aftosa e adulterações de leite e carne), bem como o uso de alta tecnologia na produção de alimentos tais como os alimentos geneticamente modificados (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003; MONTIEL; COLLADO; 2010; MENASCHE, 2004). Isso leva os consumidores a questionar a qualidade dos alimentos e a segurança dos alimentos (MURDOCH et al., 2000, GOODMAN, 2003; RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003).

Há ainda um efeito corporal em reação a esses alimentos que também afeta a sociedade de formas mais subjetivas, desencadeando sentimentos não tão positivos. Renting, Marsden e Banks (2003) e Montiel e Collado (2010) identificam que desde o final da década de 1970 há um fenômeno social que se referem como um processo de “desafeição” alimentar, caracterizado por um sentimento de

desconfiança em relação aos alimentos industrializados que leva a uma série de questionamentos sobre a qualidade dos alimentos (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003). De forma complementar, Menasche (2010), ao investigar as percepções da população no sul do Brasil sobre os alimentos geneticamente modificados, revela a existência de uma “ansiedade urbana contemporânea” devido à presença do desconhecido na comida.

Em reação a desafeição e desconfiança, é gerado outro fenômeno que tem sido referenciado como a “virada da qualidade”⁵ (GOODMAN, 2003) ou “economias da qualidade”⁶ (CALLON et al., 2002), um processo em que há uma mudança na forma como consumidores tem valorizado e interpretado o que significa a qualidade dos alimentos, tornando-os mais reflexivos em considerar parâmetros que vão além dos preços ou aspectos nutricionais. Soma-se a tal questão as preocupação com o aumento alarmante nos problemas de saúde relacionados à dieta da população (de alergia a cânceres), em que o uso intenso de pesticidas e o consumo desmedido de alimentos ultra-processados é um elemento central (POPKIN; ADAIR; WENNG, 2012; MÉLARD; MORMONT, 2013).

Considerar diferentes contribuições sobre os possíveis efeitos da distância entre produtores e consumidores, bem como os efeitos e afetos múltiplos que os alimentos industrializados podem envolver se tornam relevante para a constituição do problema desta tese por dois motivos em especial. Primeiro, porque influenciam a abordagem do estudo, que se concentra em uma forma específica de abastecimento alimentar, entendendo que o alimento que circula nesses espaços é mais do que um objeto econômico, mas também é um objeto social, cultural e simbólico. Assim, ainda que envolva elementos materiais, os alimentos envolvem também uma dimensão subjetiva que catalisa reações e dinâmicas variadas, afetando pessoas e grupos de distintas formas. Segundo, porque justamente em reação a tais efeitos e processos é que diferentes atores se mobilizam para revalorizar ou criar diferentes modos de abastecimento alimentar.

1.2.3 Alternativas, movimentos e tendências alimentares

Nas últimas décadas, temos visto uma proliferação de dinâmicas de

⁵ Do original “*quality turn*”.

⁶ Do original “*economy of qualities*”.

abastecimento e tendências alimentares que tem buscado repensar a produção, o consumo e o comércio de alimentos de forma mais inclusiva, economicamente justa e ambientalmente sustentável. Entre essas diferentes formas podemos encontrar desde lojas especializadas, cooperativas de produção e de consumo, feiras livres, grupos organizados para fornecimento direto, entrega domiciliar de alimentos, hortas urbanas, entre outros (FEENSTRA, 1997; GOODMAN; GOODMAN, 2009; TREGGAR, 2011). Muitos desses esquemas caracterizam-se por processos de realocação alimentar em termos de que há uma valorização tanto da origem territorial quanto das identidades culturais envolvidas na produção dos alimentos, fomentando maior aproximação entre agricultores e consumidores (FONTE, 2008; 2010; CRUZ, 2012).

Essas dinâmicas têm sido descritas e analisadas na literatura científica internacional a partir de diferentes quadros conceituais. Os conceitos mais utilizados são: Sistemas Alimentares Locais⁷ - SAL (FEENSTRA, 1997), Cadeias Curtas de Abastecimento⁸ – CCA (MARSDEN; BANKS; BRISTOL, 2000), Redes Alimentares Alternativas⁹ - AFNs (GOODMAN, 2009; GOODMAN; GOODMAN, 2009), movimentos alimentares¹⁰ (HOLT-GIMÉNEZ, 2010; HOLT-GIMÉNEZ; SHATTUCK, 2011) e, mais recentemente, Redes Alimentares Cívicas¹¹ (RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012).

Tanto os Sistemas Alimentares Locais como as Cadeias Curtas de Abastecimento tem sido utilizadas para se referenciar a processos em que existe uma aproximação entre atores (consumidores e produtores) para estabelecer um comércio de alimentos localizados, em que os produtos provem de espaços geograficamente próximos (FEENSTRA, 1997; MARSDEN; BANKS; BRISTOL, 2000). Nesse sentido há aqui uma conexão entre produto, processo e local criando dinâmicas de abastecimento integradas a geografia, tanto no sentido do ambiente de onde originam como dos modos socialmente situados de fazer agricultura (ILBERY et al., 2005; GALLI; BRUNORI, 2013, SCHNEIDER; GAZOLLA, 2017).

⁷ Do original *Local Food Systems*.

⁸ Do original *Short Food Supply Chains*.

⁹ Do original *Alternative Food Networks*. O termo em português também é traduzido por Schneider e Gazzola (2017) como Redes Agroalimentares Alternativas.

¹⁰ Do original *Food movements*.

¹¹ Do original *Civic Food Networks*.

Já as AFN parecem ser uma das noções mais populares mobilizando o interesse de pesquisadores de distintas áreas. A origem exata do termo não é clara, mas a definição comumente referida é a proposta por Feenstra:

[...] enraizadas em lugares particulares, [AFNs] visam ser economicamente viável para agricultores e consumidores, usam práticas produtivas e de distribuição ecologicamente corretas, e melhoram a equidade social e a democracia para todos os membros da comunidade envolvida. (FEENSTRA, 1997, p. 28, tradução nossa).

Assim, as AFNs são vistas como espaços em que produtos são produzidos, processados e distribuídos através de novas formas institucionais, atuando de forma paralela aos canais “convencionais” de comercialização e em dinâmicas que permitem que a produção e o consumo de alimentos aconteçam através de circuitos curtos, gerando impactos benéficos em termos sociais, econômicos e ecológicos. O termo é usado por uma variedade de estudiosos com diferentes enfoques, conceitos e abordagens teóricas que, de forma sintética podem ser divididos em duas vertentes principais (TREGGAR, 2011).

Uma linha de estudos busca referencial na economia política e, portanto, mantém um forte vínculo com a Teoria dos Regimes Alimentares Internacionais, fazendo com que, de certa forma, todas as outras dinâmicas de produção, comércio e consumo que não se encaixam nessa teoria sejam consideradas alternativas. Esses estudos entendem que os impactos negativos do Regime em vigor levam a um novo nicho de mercado para produtos diferenciados (orgânicos, locais, territorializados, com características socioculturais próprias, etc.), facilitando a emergência de redes específicas (GOODMAN; GOODMAN, 2009). Nessa perspectiva há uma forte crítica em relação à escolha do consumidor como solução potencial, especialmente em termos de ser limitada a classe média e alta. Há também um forte ceticismo sobre as expressões de “solidariedade econômica” e as noções de “localismo reflexivo” (GOODMAN, 2004; DUPUIS; GOODMAN, 2005; DUPUIS et al., 2006; GOODMAN; GOODMAN, 2009, TREGGAR, 2011). Tendem ainda se concentrar em aspectos econômicos das redes, dando pouca atenção a práticas e significados socioculturais.

A segunda linha de estudos compreenderá as AFNs como construções sociais de membros das comunidades locais e os estudos tendem a abordar análises de micro e meso-nível, nas quais as interpretações sociológicas sobre

trajetórias, significados e agendas dos atores são destacadas (TREGGAR, 2011). Nesse sentido, conceitos como enraizamento social dos mercados, o papel das relações de confiança para a definição da qualidade, as redes de solidariedade, os processos inovativos para a produção e o consumo ajudam a explicar como os atores reagem às pressões de marginalização do sistema dominante (LAMINE, 2005; KNEAFSEY et al., 2008; KIRWAN, 2008; BRUNORI; ROSSI; MALANDRIN, 2010; TREGGER, 2011). Por exemplo, Marsden (1998) entende que há um espaço diferenciado de compras de alimentos porque há o cuidado com a execução de uma série de critérios socialmente construídos que ajudam a re-significar a qualidade dos alimentos através da aproximação de diferentes atores, opondo-se aos mercados de “massa anônima” que o sistema dominante propõe.

Mesmo que seu uso tenha se tornado bastante popular, as AFN têm recebido muitas críticas, especialmente porque mais do que uma teoria propriamente, tem sido uma noção utilizada de forma ampla e universal para abordar um conjunto heterogêneo de dinâmicas e práticas de abastecimento. A falta de uma definição clara, seja da noção ou do embasamento teórico a qual ela se vincula gera resultados confusos (TREGGAR, 2011; HOLLOWAY et al., 2007). Por exemplo, Goodman (2003) alerta para o fato de que há uma clara distinção nas abordagens das pesquisas, onde nos Estados Unidos (EUA) os estudos tendem a reunir diálogos de ativistas, acadêmicos e leigos, principalmente em torno das potenciais transformações sociopolíticas emergentes. Já as pesquisas europeias tendem a focar nos incrementos institucionais, sendo direcionadas implícita ou explicitamente a tomadores de decisão (GOODMAN, 2003). Para Kneafsey et al. (2008), os autores norte-americanos têm se referido ao “alternativo” enfatizando questões ambientais e justiça social, de forma distinta dos europeus que tendem a usar o mesmo termo, mas para abordar a produção em pequena escala, circuitos curtos de produção e consumo e valorização de mercados de nicho.

Star (2010), ao relatar o caso dos EUA, argumenta que as transformações sociopolíticas neste tema se articularam de forma gradual no país, em momentos distintos: um primeiro em que houve a nível nacional uma identidade na luta para a certificação de orgânicos tendo como foco a criação de redes que pudessem fornecer alimentos seguros; e o segundo através da emergência de um novo “tipo de qualidade” que envolve valores específicos como sazonalidade, regionalidade, o estabelecimento de relações entre agricultores e mercados específicos.

Outro elemento problemático é a polarização entre convencional e alternativo, em especial porque por um lado reforça uma suposição de que há certa “homogeneidade” e “pureza” em ambos os polos visto como antagônicos, por outro cria uma delimitação quase que romântica entre diferentes formas de abastecimento, que por fim tem pouca ressonância na realidade empírica (SONNINO; MARSDEN, 2006; TREGGAR, 2011; HOLLOWAY et al., 2007). Holloway et al. (2007), Fonte (2010), Treggear (2011), DuPuis e Goodman (2012) já afirmam em seus estudos que os chamados modelos “alternativos” e “convencionais” não estão exatamente em oposição, mas ocorrem em espaços contínuos e inter-relacionados, coexistindo um com o outro.

Outra leitura destas experiências é dada por Holt-Giménez (2010) e Holt-Giménez e Shattuck (2011), que propõem um quadro comparativo para diferentes tendências que envolvem o que os autores chamam de movimentos alimentares. Estes estudos contribuem ao considerar que tais experiências não envolvem apenas o comércio de alimentos, mas também envolvem práticas culturais e políticas propostas por distintos atores e em diferentes níveis, com discursos e modelos de abastecimento alimentar específicos. No entanto, pré-classificar as experiências como neoliberal, reformista, progressiva e radical limita o potencial político de experiências distintas e determina que o único cenário possível para alterar o regime convencional é através da implementação de um novo modelo que combine partes das iniciativas progressistas e radicais. Mais que isso, os critérios para a classificação dos diferentes movimentos não são claros, o que torna difícil de entender, por exemplo, por que organizações de trabalhadores rurais são consideradas progressivas, mas a Via Campesina um movimento radical, ou ainda que partes do *Slow Food* são progressivas e quais são radicais.

Já as Redes Alimentares Cívicas propostas por Renting, Schermer e Rossi (2012) enfatizam o papel ativo dos consumidores em termos de destacar os potenciais de governança social e ação cívica em torno do abastecimento alimentar. Conforme os autores, a noção é complementar a outras aqui já citadas (SAL, AFNs, CCA) e busca estabelecer as conexões entre possibilidades de ação e governança de dinâmicas de abastecimento entre Estado, mercados e sociedade civil organizada. Sem desmerecer as contribuições valiosas que todos estes estudos trazem, nos preocupa a forma como todas as perspectivas englobam e categorizam dinâmicas de abastecimento muito heterogêneas. Em especial porque, em termos

teóricos geram reflexões de ordem 'prática', pois a amplitude das abordagens e a falta de discriminação entre as distinções empíricas trazem um grande risco de tornar invisíveis ou irrelevantes possíveis diferenças não só das experiências em si, mas também das perspectivas propostas pelos atores envolvidos e as circunstâncias que os mobilizam.

Assim, ainda que os estudos acima citados tragam contribuições relevantes, para que possamos ter uma perspectiva inovadora em relação às questões sociais e materiais que envolvem a produção e o consumo de alimentos, é fundamental que possamos superar dicotomias como alternativo e convencional ou tradicional e moderno. É necessário ainda reconhecer que a produção artesanal de alimentos e agricultura sem o uso de produtos químicos que têm sido geralmente enquadradas como “alternativas” ou pertencentes a movimentos alimentares contemporâneos, são práticas ancestrais que, em diferentes medidas, nunca deixaram de existir, sendo mantidas ao longo do tempo, apesar da desqualificação que receberam da narrativa do sistema “convencional”.

Neste sentido os trabalhos de Fonte (2008; 2010) e Cruz (2012) são essenciais para exemplificar como há um resgate e valorização de modos de saber-fazer na produção de alimentos. É necessário ainda considerar como o sistema dominante mantém suas atividades, pelo menos parcialmente, absorvendo críticas e re-adaptando suas práticas. Um caso emblemático é a produção de alimentos sem o uso de pesticidas, que é absorvida pelo mercado convencional como uma demanda por alimentos mais saudáveis. Este processo faz com que conceitos antes utilizados alternadamente como orgânico e agroecológico, começam a ser disputados de maneiras diferentes e por distintos atores, fazendo com que “orgânico” se torne uma categoria mais utilizada para representar um produto sem químicos e “agroecológico” seja utilizado por movimentos sociais que reivindicam não só uma mudança técnica na produção, mas também uma transformação nas relações sociais e econômicas que envolvem a produção e o consumo.

Outro caso semelhante é o dos produtos de “comércio justo”, um movimento que se inicia com uma proposta de justiça social e apoio às comunidades rurais, mas que em muitos casos acabam sendo exportados para vários países sob-regras do comércio internacional, provocando alterações e descontinuidades nas dinâmicas sociais das comunidades locais (ARCE, 2009). Outro exemplo ainda é o caso do famoso queijo italiano *Parmigiano Reggiano*, um produto artesanal que foi um

símbolo para os processos de determinação da origem, em que a cozinha culturalmente enraizada é valorizada, agora é oferecido no sanduíche “*McParmigiano-Reggiano*”, vendido pela a cadeia de *fast food* *McDonalds* (NIEDERLE; CRUZ, 2010).

Portanto, alegar que o sistema dominante não é afetado por demandas sociais é bastante ingênuo e incorreto, ainda que suas práticas não se alterem de forma profunda e consistente, visto que transformam demandas sociais em mercados para produtos diferenciados. Assim, há uma simplificação do debate em torno do que está realmente sendo exigido ou criticado, fazendo com que as “alternativas” sejam assimiladas pelo “convencional” ao serem reduzidas a questões técnicas. Desta forma, são realizadas apenas pequenas mudanças que não afetam a lógica capitalista e neoliberal que fundamentam este sistema.

Assim, mais do que criar novas categorias amplas, nos parece que é necessário afunilar o escopo dos estudos, de forma que possamos ser mais profundos e consistentes com nossas análises. Para entender o que está em jogo nestas novas dinâmicas de abastecimento alimentar, nos parece essencial não só entender o que mobiliza e difere uma dinâmica da outra, mas olhar de forma atenta para os atores e os processos que envolvem cada dinâmica.

1.2.4 Iniciativas de compra direta de alimentos

Entre os diferentes tipos de fornecimento direto de alimentos (feiras, entregas em domicílio, compras na propriedade, experiências de “colha e pague” ou coletivos de compras), esta tese tem como foco as dinâmicas de abastecimento organizadas de forma coletiva entre agricultores e consumidores, em que consumidores têm um papel proeminente, dedicando tempo e trabalho para sua emergência e manutenção. Este tipo particular de abastecimento está presente e em desenvolvimento em diferentes países, embora as formas e identidades organizacionais possam (ligeiramente) diferir entre os locais. No Reino Unido e América do Norte, o termo *Community Supported Agriculture*¹² - CSA é frequentemente usado (FLORA; BREGENDAHL, 2012; HOLLOWAY et al., 2007); Na

¹² Embora hoje as experiências deste tipo possam ser encontradas no mundo todo, sobre o outro de acordo com a Rede Internacional de Agricultura Comum apoiada em <<http://urgenci.net>> a redação do termo tem origem anglo-saxônica. No Brasil tem sido traduzido para Comunidade que Sustenta a Agricultura.

França, eles são conhecidos como *Association Pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne - AMAP*¹³ (LAMINE, 2005; 2008; DAROLT, 2011; LAMINE; DAROLT; BRANDENBURG, 2012); na Itália como *Gruppi di Acquisto Solidari - GAS*¹⁴ (BRUNORI; ROSSI; MANDANDIN, 2010; BRUNORI; ROSSI; GUIDI, 2011; FONTE, 2016); na Espanha como *Grupos de Consumo*¹⁵ (SOLER et al., 2010; JIMÉNEZ-RUIZ, 2010); no Equador como *Canastas Comunitarias*¹⁶ (KIRWAN, 2008; GARCÉS; KIRWAN, 2009; BEKKERING, 2011); e no Brasil como Grupos de Consumo Responsável (PREISS; CHARÃO-MARQUES, 2015). Iniciativas similares também são relatadas em outros países, especialmente se considerarmos a literatura cinza¹⁷.

Os estudiosos referem-se ao surgimento de tais esquemas de diferentes maneiras. Mascarenhas (2007); Picolotto (2008); Mascarenhas; Gonçalves e Bensadon (2014) argumentam que existe uma conexão com as cooperativas de consumidores do início do século XIX na Europa, inspiradas pelos socialistas utópicos como Robert Owen. Star (2010), por outro lado, os credita aos movimentos que emergiram na Alemanha, Suíça e Japão no final da década de 1960, reivindicando uma “Agricultura com um rosto”¹⁸. De qualquer forma, é crescente o número dessas iniciativas em diferentes partes do mundo.

Em um artigo de Claire Lamine de 2005, a autora declara que, até 2004, uma em cada quatro família japonesa pertencia a grupos de compras coletivas (Teikei); nos Estados Unidos e Canadá cerca de 1400 iniciativas de CSA haviam sido identificadas e, na França, cerca de 15 mil famílias pertenciam a AMAPs (LAMINE, 2005). Na Itália, são encontradas atualmente cerca de 900 GAS (FONTE, 2016). Para a América Latina, a citação mais expressiva é a da *Red Tierra y Canasta* no Equador, envolvendo cerca de 1.500 consumidores e 600 famílias de agricultores agroecológicos organizados em grupos por todo o país (KIRWAN, 2008).

Esses esquemas referem-se às dinâmicas de fornecimento de alimentos em que os grupos organizados estabelecem relações diretas entre consumidores e produtores para o fornecimento de produtos alimentares, a fim de criar uma relação de lealdade e solidariedade entre os que produzem e os que consomem. Para fazer

¹³ A tradução seria “Associações para a manutenção da agricultura camponesa”.

¹⁴ Significa em italiano “Grupos de Aquisição Solidária”.

¹⁵ A tradução equivale a “Grupos Consumo”.

¹⁶ Significa em espanhol “Cestas Comunitárias”.

¹⁷ As publicações e materiais produzidos por distintas organizações e autores, mas sem fins acadêmicos ou científicos.

¹⁸ Do original “*Agriculture with a face on*”.

isso, acordos específicos são estabelecidos de maneira que articulam diferentes arranjos, dinâmicas organizacionais e até processos inovadores na produção e no consumo.

A maioria dos estudos abordará esses suprimentos de alimentos como uma nova tendência econômica, onde há um processo de “enraizamento” social de mercados, em que os agricultores (geralmente marginalizados pelo sistema alimentar dominante) encontram um mercado mais inclusivo e consumidores obtêm produtos diferenciados como alimentos sazonais, frescos, locais, orgânicos e artesanais (HINRICHS, 2000; WINTER, 2003; RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003; ILBERY; MAYE, 2005; KIRWAN, 2004; 2006; HALLOWAY et al., 2007; JAROSZ, 2008; KNEFSEY et al., 2010; RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012; TREAGER, 2011; KNEFSEY et al., 2013; SCHENEIDER; GAZZOLA, 2017). Todos os estudos mencionados acima analisam o fornecimento direto de alimentos que estamos interessados em conjunto com outras formas de abastecimento não dominantes, tais como feiras, comercialização de produtos territorialmente certificados, redes de agroecologia, etc.

No entanto, há estudos que se concentram nestas formas específicas de abastecimento, sendo a maioria sobre experiências ativas na Europa ou na América do Norte, especialmente CSA, AMAPS e GAS (CONE; MYHRE, 2000; LAMINE, 2005; BROWN; MILLER, 2008; HARRIS, 2009; BRUNORI; ROSSI; MALANDRIN, 2010; JAROSZ, 2011; CAROLAN, 2011; BRUNORI; ROSSI; GUIDI, 2011; FONTE, 2013; D'AMICO, 2015; FONTE; CUCCO, 2017). Embora a dimensão econômica dessas dinâmicas seja a mais analisada, os estudos mostram que elas envolvem também: expressões de cidadania, onde é promovido um novo tipo de democracia alimentar (BRUNORI; ROSSI; GUIDI, 2011; RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012; CUCCO; FONTE, 2016), promovem diferentes tipos de conhecimento (CAROLAN, 2011) e são locais de forte socialização (KNEFSEY et al., 2008; MONTAGNINI; REGGIANI, 2010). Poucos estudos (KNEFSEY et al., 2008; CAROLAN, 2011) abordaram a experiência vivida de consumidores e produtores.

Em termos latino-americanos, os estudos de maior expressão são encontrados no Equador, com enfoques sobre: segurança e soberania alimentar (KIRWAN, 2008; GARCÉS; KIRWAN, 2009; HERVAS, 2012; ONGEVAL, 2012) e como expressões de movimentos cidadão-consumidor (SHERWOOD et al., 2013). Dois estudos recentes foram encontrados abordando as experiências brasileiras

como expressões de politização do consumo (CARNEIRO, 2012; MASCARENHAS; GONÇALVES; BENSADON, 2014). Um estudo muito recente sobre a Cooperativa *La Manzana* no Chile é apresentado por Blanco, Van Gastel e Lagarrigue (2017).

Poucos estudos estabeleceram uma relação entre as dinâmicas de suprimento ativas em diferentes lugares. Renting, Schermer e Rossi (2012) propõem que os GAS, AMAPS e *Grupo de Consumo* sejam uma forma particular de fornecimento direto de alimentos, onde o aspecto consumidor-cidadão é relevante. Darolt (2011) e Lamine, Darolt e Brandenburg (2012) estabelecem uma conexão entre as AMAPs na França e experiências brasileiras de feiras, Programa Nacional de Alimentação Escolar e cooperativas, mas não incluem de forma empírica os Grupos de Consumidores Responsáveis em suas análises. Em resumo, há uma abundância de estudos amplos que incluem estas experiências juntamente com outras dinâmicas heterogêneas. Esse tipo particular de dinâmica de abastecimento é sub-pesquisado, especialmente em termos das experiências latino-americanas. Não há estudos encontrados que tenham estabelecido uma conexão empírica entre as experiências ativas na Europa e na América Latina. Além das dimensões econômicas, não está claro o que leva consumidores e produtores a se aliarem para formar essas diferentes dinâmicas de abastecimento.

Mais do que isso, por mais que nos aprofundássemos na literatura, muitas questões permaneceriam em aberto: Como essas iniciativas se expressam no Brasil? Quão próximos ou distantes são dos casos europeus e norte-americanos? Existem outras iniciativas na América Latina? Como se materializam? O que motiva os atores a se envolverem? Existem relações com o Estado? Qual o papel que os produtores desempenham? Qual o papel que os consumidores desempenham? Como a experiência diária vivida pode ser afetada pelo engajamento na dinâmica? Quais são os valores e significados envolvidos? Existe uma ação articulada entre diferentes iniciativas? Essas são questões que a pesquisa apresentada nesta tese pretende responder.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como um tipo particular de abastecimento alimentar emerge e se materializa em diferentes locais, evidenciando as práticas sociais envolvidas, bem como a interação cotidiana entre atores,

materialidades e subjetividades.

1.3.1 Objetivos específicos

- a) Descrever e analisar como sete dinâmicas de abastecimento de compra direta de alimentos emergem e se materializam em diferentes locais e países;
- b) Analisar as práticas sociais envolvidas nos casos estudados e de que forma estas afetam a experiência dos atores;
- c) Investigar as potenciais continuidades e discontinuidades que os casos possam apresentar, abordando práticas, valores, representações e desejos;
- d) Compreender em que medida as dinâmicas de abastecimento contribuem para um sistema agroalimentar sustentável e socialmente inclusivo.

1.4 OS EMBASAMENTOS TEÓRICOS

Antes de apresentar os embasamentos teóricos que nos auxiliaram nesta pesquisa, nos parece relevante ressaltar as perspectivas epistemológicas em que nos alinhamos e que influenciaram a escolha teórica. Em primeiro lugar, entendemos que a comida não se restringe a uma necessidade biológica ou uma espécie de campo estratégico para o desenvolvimento econômico, mas é acima de tudo, um elemento altamente relacional, imerso e influenciável pelas relações sociais daqueles que a manipulam, produzem e consomem.

Assim, quando falamos sobre produção, comércio e consumo de alimentos falamos da circulação de aspectos, representações e práticas que integram elementos físicos e materiais, mas também subjetivos e emocionais. Tomando as palavras de Mintz e De Bois (2002, p 102, tradução nossa) *“Junto a respirar, comer é talvez a mais essencial de todas as atividades humanas, e com a qual grande parte da vida social está entrelaçada”*. Assim, insatisfeitas com a visão generalista e dicotômica das abordagens aqui já apresentadas, buscamos abordagens que pudessem nos auxiliar a trazer a luz o que realmente há de “social” nestas experiências. Indo além das dimensões econômicas, mas dando destaque as

heterogeneidades e multiplicidades de atores, das materialidades envolvidas e da sutileza da experiência cotidiana.

1.4.1 Teoria das Assemblages

A Teoria da Assemblages¹⁹ proposta por Manuel De Landa (2006), busca superar as oposições binárias que dominaram o pensamento científico social no século passado. Para o autor há uma disputa de poder contraproducente entre diferentes grupos de atores que competem por superioridade e acabam por tender a um processo de reducionismo teórico, seja reduzindo o todo ao indivíduo (micro-reducionismo) ou reduzindo o particular ao estrutural (macro-reducionismo). Para o autor o pensamento social tem sido fragmentado em diferentes níveis: o primeiro, o micro, seria aquele em que se considera a racionalidade do indivíduo como determinante da experiência pessoal, é o construtivismo social; o segundo foca nas estruturas, em um nível macro em que o social é estruturado ou determinado por forças mais amplas que sua individualidade (LEMOS, 2013).

O que De Landa (2006) propõe é que não há uma “sociedade como um todo”, ele recusa a ideia de um “organismo social” que atua de forma orgânica ou previsível. Para o autor, as relações sociais devem ser vistas como uma composição de agenciamentos, em que não há determinismos ou essencialismo comportamentais, mas sim encontros e desencontros contingenciais.

Essa perspectiva tem como referencial o trabalho de Deleuze e Guattari que considera as *assemblages* como espaços caracterizados por relações de exterioridade, onde a heterogeneidade e a contingência são características importantes. De certa forma, estes autores trazem uma contundente crítica ao pensamento social determinista, como linear e vertical, quer ele priorize indivíduos ou estruturas. Assim, buscam na botânica inspiração para subverter esse pensamento dogmático que procede por hierarquizações e categorias (identidade, consciência, poder) para fundar uma concepção de pensamento fluida a partir da

¹⁹ *Assemblage* é um termo originalmente francês que tem sido usado no Brasil como um estrangeirismo. Conceitualmente se refere a um composto de elementos ou fragmentos, tais como uma colagem tridimensional ou ainda a composição de um vinho que inclui diferentes cultivares. O uso do termo tem sido usado no Brasil em diferentes áreas do meio artístico filosófico as ciências sociais. Entre as traduções utilizadas estão “agenciamentos” e “montagem” (LEMOS, 2013) ou ainda “bricolagens” (MEYER, 2015). Considerando que apesar de sua origem estrangeira, a palavra já usada no português e citada pelo Portal da Língua Portuguesa, para os fins desta tese, optamos por manter a grafia adaptada *assemblage*.

metáfora do rizoma:

[...] [um rizoma] não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades não lineares a inúmeras dimensões, sem sujeito nem objeto [...] O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Refere-se a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. É unicamente definido por uma circulação de estados de todo tipo de 'devires'. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

É com essa inspiração, que os autores propõem uma ruptura com a tradição do pensamento lógico e desenvolvem uma filosofia do acontecimento, em que a experiência vivida é valorizada bem como a criação das subjetividades (SOARES; MIRANDA, 2009). Assim, a Teoria das Assemblages contribui com uma ontologia relacional do social que reconhece a relevância da multiplicidade e a indeterminação das circunstâncias que influenciam a vida social, por isso busca romper com as dicotomias entre social/material, estrutura/agência (ANDERSON; MCFARLANE, 2011). De forma bastante simplista, o que o autor está propondo é que os acontecimentos, os processos sociais, não são determinados exclusivamente pelos desejos individuais, tampouco pelas circunstâncias sociais em que o indivíduo se encontra, são na verdade o resultado de uma interação entre ambos.

As assemblages são definidas ao longo de duas dimensões: um eixo que define os papéis que seus componentes podem desempenhar variando de material a expressivo; O segundo eixo da dimensão está relacionado com a forma como os seus componentes interagem para a identidade da assemblage, seja aumentando seu grau de fronteira ou estabilidade - territorialização ou a reduzindo sua atuação e desestabilizando - a desterritorialização. De Landa (2006) ressalta que a manutenção de uma assemblage requer o esforço constante de seus componentes ou atores, de certa forma requer certa nutrição ou retroalimentação para que a assemblage possa se manter por muito tempo ou ainda para que consiga criar associações maiores.

Esse pensamento considera uma mudança de paradigma sobre a experiência vivida em que o conceito de humano é questionado, fazendo com que entidades não humanas se tornem parte das análises de maneira iminente e não linear, reconhecendo a diversidade das relações humanas e não humanas que fazem parte da experiência vivida (FISHER; ARCE; COPADO, 2017). Portanto, valoriza os

componentes subjetivos em jogo nas interações sociais e seu potencial poder para atuar como um catalisador que afeta práticas e percepções através de processos não lineares, percebendo os emaranhados que envolvem materialidades e subjetividades.

A Teoria das Assemblages é utilizada nesta tese como uma meta-teoria que nos auxilia a explicar a forma como as dinâmicas de abastecimento se materializam e atuam. O mesmo referencial já foi utilizado por Blanco, Van Gastel e Lagarrigue (2017) para fins similares, tendo como objeto de análise justamente uma dinâmica de abastecimento ativa no Sul do Chile, *La Manzana*. Ao longo da tese vamos mostrar como a materialização destas dinâmicas de abastecimento se dão em circunstâncias distintas e contingenciais, de forma a juntar fragmentos de associações de moradores, movimentos políticos, experiências de aprendizagem coletiva e grupos de amizade. Vamos demonstrar também como os valores, representações e práticas em vigor afetam a própria identidade das assemblage, catalisando processos distintos que contribuem para a territorialização e desterritorialização da dinâmica.

1.4.2 Práticas sociais

Entre os objetivos centrais da tese está a identificação e análise das práticas sociais envolvidas nestas dinâmicas de abastecimento alimentar. Por práticas sociais utilizamos a definição proposta por Schatzki (2015, p. 1) de que são “nexos da atividade humana, conjuntos abertos de ditos e feitos organizados por compreensões, regras e teleoafetividades”. Inerentemente um fenômeno espacial, as práticas são realizadas por seres humanos de forma incorporada na relação cotidiana com entidades materiais, criando arranjos que vinculam pessoas, organismos, artefatos e coisas (SCHATZKI, 2015).

A relação entre as práticas e os materiais é muito íntima, o que conduz Schatzki a utilizar o termo “um feixe de práticas e arranjos” para se referir à maneira como as práticas afetam e criam significado sobre a matéria, enquanto estes por sua vez facilitam as práticas. Assim, estas também podem ser interpretadas como performances corporais em que atividades são entrelaçadas no tempo e espaço (SCHATZKI, 2010). Para o autor, todos os fenômenos sociais consistem em fatias ou constelações de práticas, onde a ação de desempenho dá sentido aos ditos e

feitos.

Ainda que desde o início do projeto houvesse um interesse nas práticas que envolviam as dinâmicas de abastecimento, foi somente após o início do trabalho de campo que fomos capazes de identificar quatro constelações de práticas ativas nestas experiências, são elas: práticas organizacionais, relações interpessoais, a aprendizagem e construção do conhecimento e ativismo alimentar. Todas estas práticas fazem com que as dinâmicas se mantenham atuantes e em funcionamento, tornando-se parte de suas identidades. Estas práticas se estabelecem de forma entrelaçada, afetando uma a outra e tornando difícil de separar.

Assim, a maneira como esta tese está composta, é a partir de cortes transversais nestas constelações de práticas, dedicando um capítulo para apresentar e detalhar cada uma delas. Para a análise das representações e simbolismos que cada prática envolve, foi necessário recorrer a referenciais teóricos específicos que são apresentados no início de cada capítulo.

1.5 A ORGANIZAÇÃO DA TESE

A tese envolve ao todo 7 Capítulos. O Capítulo 2 traz o percurso metodológico, detalhando como se deram as inserções no campo, as metodologias e ferramentas que auxiliaram na coleta de dados. A seguir os dados começam a ser apresentados e analisados. Importante ressaltar que não há uma divisão explícita nos capítulos conforme os objetivos específicos, mas sim de acordo com as práticas sociais identificadas e analisadas. Assim, o Capítulo 3 trata mais especificamente do objetivo 1 pois descreve e analisa os sete casos que compõem essa pesquisa, buscando inspiração no quadro heurístico para explorar projetos alimentares propostos por Holloway e colegas. Apresentamos ainda uma noção central a essa Tese que se refere a como através das dinâmicas de abastecimento são criadas Alianças Alimentares Colaborativas. Porém, o Capítulo também possibilita um primeiro vislumbre para as outras práticas e representações que serão abordadas nos capítulos posteriores.

Os Capítulos 4, 5 e 6 trazem uma espécie de corte transversal nas práticas identificadas e portanto trazem de forma paralela as respostas aos objetivos 2, 3 e 4. O Capítulo 4 apresenta e analisa as práticas inter-relacionais demonstrando como estas dinâmicas emergem em um processo altamente contingencial em que afetos e

subjetividades desempenham um papel central. As relações estabelecidas levam a formação de redes de cuidados que acabam influenciando não só a identidade das iniciativas, mas também influenciam o engajamento e as expectativas das pessoas em relação a elas.

O capítulo 5 mostra como a política é percebida e praticada de forma cotidiana pelos tores envolvidos. A partir das Alianças que emergem, novos valores e materialidades são criados e fomentados em torno da produção e consumo de alimentos. Através de suas práticas políticas, os atores procuram construir as novas formas de democracia e cidadania, distanciando-se da mentalidade neoliberal. O Capítulo 6 discute como o envolvimento nestas dinâmicas de abastecimento leva os produtores e os consumidores a um processo material e sensorial de aprendizado, que ajuda a reformular a maneira como eles pensam e se relacionam com alimentos, agricultura e culinária. A prática recorrente de novos conhecimentos e habilidades acabam por se tornar um conhecimento incorporado sobre alimentos. Por fim, o Capítulo 7 apresenta as conclusões e considerações finais, trazendo uma síntese de como os objetivos foram alcançados, quais são as potenciais contribuições para a literatura e indicativos para pesquisas futuras sobre temas a serem explorados.

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo descreveremos a abordagem metodológica utilizada para a produção da tese. Inicia com os primeiros passos na exploração de realidade empírica brasileira com um mapeamento das iniciativas brasileiras ativas no país. Na sequência, apresentamos a seleção dos casos, começando por dois casos latino-americanos e depois adicionando cinco casos europeus. A abordagem metodológica é então apresentada, bem como um detalhamento dos métodos de coleta de dados utilizados. Ressaltamos que o caminho metodológico foi um processo relacional entre levantamento de dados empíricos e confrontos com a literatura. Além disso, a experiência da autora como consumidora engajada em uma dinâmica de abastecimento e o mapeamento inicial das iniciativas brasileiras também influenciaram a definição metodológica da pesquisa. Em especial, porque o mapeamento indicou possíveis semelhanças entre as dinâmicas de abastecimento ativas no Brasil e outras experiências latino-americanas e europeias. A possibilidade de realização de trabalho de campo em distintos locais levou a consolidação de uma pesquisa em perspectiva internacional

2.1 MAPEANDO A REALIDADE BRASILEIRA

Considerando a escassez de estudos brasileiros sobre este tipo de dinâmica de abastecimento, iniciamos uma busca sistemática de informações através da revisão de publicações acadêmicas e literatura cinza. Inicialmente, em termos acadêmicos, encontramos duas dissertações de mestrado: a primeira focada na experiência da Rede Ecológica do Rio de Janeiro produzida por Camila Batista Martins Carneiro (2012); a segunda, uma análise sobre circuitos curtos em Campinas, em que foram incluídos alguns aspectos da iniciativa Trocas Verdes, trabalho de autoria de Maria Elisa Von Zuben Tassi (2011). Após o início do trabalho de campo, também tivemos acesso a um terceiro estudo. Novamente, uma dissertação de mestrado sobre Redes alternativas de produção e consumo de alimentos, tendo o MICC como objeto de análise. Essa dissertação é de autoria de Isis Leite Ferreira e foi publicada em setembro de 2015.

Também, há alguns artigos e capítulos de livros tais como: Portilho (2008; 2009; 2010) e Mascarenhas, Gonçalves e Bensadon (2014). Para Portilho (2009), a

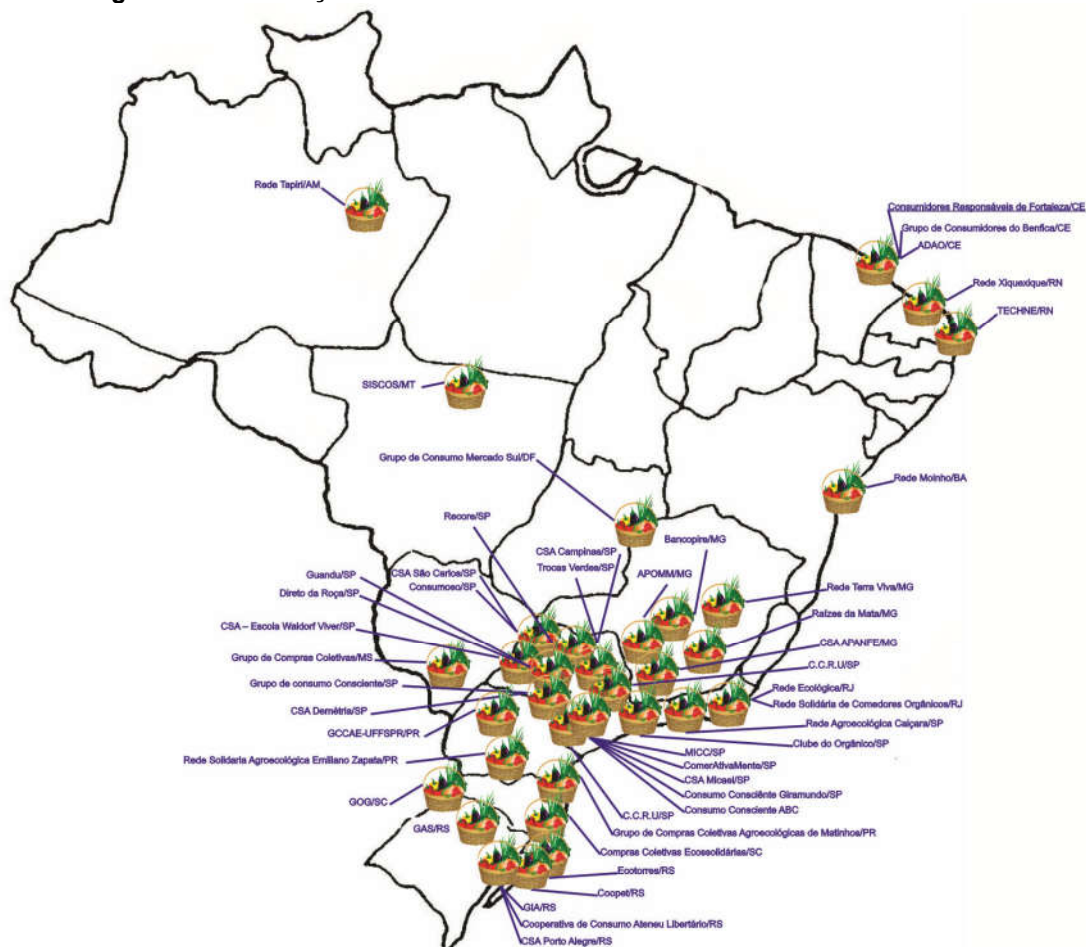
escassez de pesquisas brasileiras nas Ciências Sociais com foco em movimentos de consumidores se insere em um contexto mais amplo, de ausência também de estudos sobre o fenômeno do consumo no país, o que pode ser explicado pelo predomínio do viés produtivista no campo sociológico, além de uma tendência de interpretação do consumo sob uma ótica moralista e moralizante.

No entanto, a maioria dos materiais encontrados foi produzida por organizações da sociedade civil, principalmente ONGs ou movimentos sociais ligados à agroecologia ou economia solidária, apresentando um caráter mais informativo e educacional. No que se refere às instituições, os dados apresentados por duas ONGs, o Instituto Kairós e o Instituto Brasileiro de Proteção ao Consumidor - IDEC, foram um importante ponto de partida na busca de informações. Entre esses materiais, havia um livro intitulado “Caminhos para práticas de consumo responsável: Organização de Grupos de Consumo Responsáveis”, produzido pelo Instituto Kairós, no qual uma pesquisa realizada em 2009 identificava 17 experiências de compra direta entre consumidores e produtores (INSTITUTO KAIRÓS, 2011). A publicação também revelou aspectos do funcionamento destas experiências e a existência de grupos em diferentes partes do Brasil. Com base nas informações deste material, começamos a estabelecer contato com as experiências descritas e buscar outras através de redes sociais, ferramentas on-line, envio de e-mail e telefonemas para diferentes organizações. Conseguimos mapear 34 dinâmicas de abastecimento de alimentos, em que havia compra direta com produtores e uma participação ativa dos consumidores na entrega e manutenção da experiência.

A fim de atualizar e sistematizar informações que poderiam delinear um perfil básico e o funcionamento das experiências, realizamos uma pesquisa através de um questionário on-line, composto por 29 perguntas (APÊNDICE A). O formulário foi enviado a 34 contatos, via email em setembro de 2014, informando-os sobre o objetivo da pesquisa e solicitando colaboração. Os resultados foram apresentados e analisados em um artigo publicado na Revista Tessituras, intitulado “Tendências no movimento de re-localização alimentar brasileiro: uma análise de Iniciativas Colaborativas de Compras” (PREISS; CHARÃO-MARQUES, 2015). No entanto, algumas das descobertas nos parecem relevantes de serem mencionadas aqui, uma vez que desempenharam um papel importante na construção metodológica da pesquisa. A primeira foi à desconstrução do mito de que tais iniciativas não faziam

parte da realidade brasileira. No final do mês de outubro de 2014, já tínhamos identificado 46 iniciativas localizadas em 33 cidades brasileiras (Figura 2).

Figura 2 – Localização das 46 iniciativas identificadas em território brasileiro



Fonte: Elaboração própria (2015).

As duas primeiras iniciativas no país datam de 1978, com as experiências da Cooperativa Ecológica – Coolmeia, em Porto Alegre (RS), e a Cooperativa de Consumidores Naturais do Rio – Coonatura, no Rio de Janeiro (RJ). Ambas surgem em um contexto em que o acesso a alimentos orgânicos era difícil, mobilizando grupos de consumidores engajados no movimento ecológico, preocupados com o uso intensivo de aditivos químicos na produção dos alimentos (PREISS, 2004; CARNEIRO, 2012). Ainda que ambas as iniciativas já não estejam mais ativas, parece relevante citá-las primeiramente em um contexto de resgate histórico de tais experiências no Brasil, mas também porque inspiraram outras dinâmicas de circuitos curtos de comercialização que seguem ativas, como é o caso da Feira de

Agricultores Agroecológicos que atua há 25 anos em Porto Alegre como um desdobramento da Coolmeia, e a Feira Orgânica da Glória e a Rede Ecológica, que decorrem da Coonatura (PREISS, 2004; CARNEIRO, 2012). Além disso, demonstram que a emergência de tais dinâmicas no país não é tão recente, na verdade surgem em época contemporânea a experiências similares na Europa e Estados Unidos conforme dados de Star (2010).

Em contraste com os casos descritos na literatura internacional em que existia uma identidade nacional clara (GAS, AMAP, CSA, etc.), as experiências brasileiras apresentavam uma diversidade de denominações - rede, coletivo, grupo, sistema, CSA, entre outros. Havia também a expressão de diferentes valores ou princípios em seus nomes, como solidariedade, agroecologia, ecologia e consumo responsável. Nos últimos anos, tem havido uma busca por articular as diferentes iniciativas em uma única rede, levando à criação da Rede Brasileira de Grupos de Consumo Responsáveis.

A Rede foi criada com o objetivo de fortalecer relacionamentos e ações, facilitando o intercâmbio de conhecimentos e experiências e a construção conjunta de práticas de comercialização e consumo responsável de alimentos. Este processo aconteceu durante uma reunião realizada em agosto de 2011 em Parelheiros (SP), organizada pelo Instituto Kairós como parte das ações de um projeto chamado “Promoção do Consumo Responsável em Territórios Rurais”, financiado pela antiga Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT / MDA). Importante notar que o termo “consumo responsável” aparentemente não surgiu organicamente das experiências, mas parece ter sido uma influência da terminologia utilizada pelo Instituto Kairós. Porém, está ajudando a promover uma identidade nacional para este tipo de dinâmica de abastecimento. Um segundo encontro da Rede foi realizado no interior de São Paulo em 2015 (Figura 3).

Figura 3 – Segundo encontro da Rede de Grupos de Consumo Responsável, São Paulo, 2015



Fonte: Arquivo MICC (2015).

Em 2014, também foi criada a rede CSA Brasil, como uma associação sem fins lucrativos que visa ajudar na criação de novos projetos de Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA, bem como articular e auxiliar os projetos já existentes. Na época faziam parte desta rede apenas cinco projetos em todo o país, atualmente (novembro de 2017) o registro é de 90 experiências para todo o país demonstrando um crescimento impressionante no número de grupos (CSA BRASIL, 2017).

Fora a questão da identidade, o mapeamento indicava haver características em comum entre experiências brasileiras e os dados relatados pela literatura europeia e norte-americana. Por exemplo, a tendência de ter agricultores familiares ou de pequena escala como fornecedores; a preferência por alimentos produzidos localmente e sem pesticidas (orgânicos, agroecológicos, biodinâmicos); o uso de ferramentas on-line para realizar as encomendas; e a possibilidade de ter uma relação mais próxima entre consumidores e produtores como uma motivação central. Além disso, o engajamento dos consumidores se justifica por preocupações com a saúde e pelo desejo de se contribuir para um sistema alimentar diferente.

O mapeamento brasileiro também demonstrou que além da compra de alimentos, havia uma preocupação em promover outras atividades entre os participantes tais como: momentos de socialização (compartilhar refeições, visitar os agricultores e celebrar ocasiões especiais), promoção de conhecimento sobre alimentos e práticas culinárias (oficinas de culinária, palestras sobre o consumo e produção), e promoção de debates sobre temas agroalimentares e econômicos. A maioria dessas experiências também estava envolvidas em redes e parcerias com

uma variedade de instituições, como escolas, universidades, institutos de pesquisa, igrejas, organizações não governamentais, movimentos sociais e fundações.

Assim, os dados encontrados no mapeamento exploratório influenciaram a definição metodológica da tese, nos levando a focar nas práticas envolvidas no cotidiano dos atores. Também parecia um caminho para encontrar o que a experiência com o GIA tinha indicado, havia “algo mais” do que a troca de mercadorias nestas dinâmicas. De forma não planejada, durante o mapeamento, acabamos acessando experiências ativas em outros países latino-americanos, tais como: *La Cooperativa de Consumo Responsable La Manzana*, em Valdivia no Chile; *La Canasta Solidaria*, em Bogotá, Colômbia; para a Argentina três experiências, a *Ayni - Cooperativa de Consumo em La Plata* e em Córdoba, o *Consumo Consciente Serrano* e *La Feria Agroecológica*. Encontramos ainda diversas iniciativas de *Canastas Comunitarias* no Equador.

Assim, o mapeamento realizado permitiu desenhar um primeiro panorama, indicando aspectos que podiam e deveriam ser aprofundados no trabalho de campo, fazendo-se necessário a realização do estudo empírico.

2.2 A DEFINIÇÃO DOS ESTUDOS DE CASOS

A seguir, apresentamos o processo de definição dos estudos de caso.

2.2.1 Os casos Latino-Americanos

Levando em consideração a pesquisa exploratória e os resultados da análise das iniciativas brasileiras, realizar um estudo internacional que pudesse colocar as duas experiências latino-americanas em diálogo nos parecia uma forma interessante de prosseguir, porque contribuiria a uma importante área de estudo bastante incipiente. A oportunidade de realizar trabalho de campo no Equador através do auxílio dos Prof. Stephen Sherwood (Universidade de Wageningen, Holanda) e da Profa. Myriam Paredes (Faculdade de Ciências Sociais - FLACSO, Equador) foi essencial para que a pesquisa se ampliasse para além do Brasil.

Os casos escolhidos foram, no Brasil, o Movimento de Integração Campo Cidade - MICC e, no Equador, a *Canasta Comunitaria Utopia*. Localizado na cidade de São Paulo, sudeste do Brasil, o MICC está fornecendo comida em uma das

maiores cidades do mundo desde 1985. A cidade tem 12 milhões de habitantes e o Estado onde está localizada tem 44 milhões de habitantes, é a mais populosa do país, representando cerca de 22% da população brasileira e sendo considerada a terceira unidade política mais populosa da América do Sul. É ainda uma metrópole inserida na zona mais industrializada do país, e poderíamos supor que a logística de abastecimento da cidade é no mínimo complexa.

Outra consideração importante, o MICC é a iniciativa ativa mais antiga do país, operando desde meados da década de 1980 a partir de uma colaboração entre trabalhadores metalúrgicos urbanos e camponeses assentados nas áreas rurais de São Paulo. A parceria foi articulada por padres envolvidos no Movimento da Teologia da Libertação que atuavam em ambos os territórios. Sua dinâmica de distribuição envolve 23 pontos de entrega de alimentos. É, portanto, a maior iniciativa no Brasil, pois beneficia mais de 800 unidades familiares de consumidores, principalmente pessoas de baixa renda, residentes da zona leste da cidade, considerada como uma área de alta vulnerabilidade social. O surgimento do MICC sob estas circunstâncias parecia intrigante e até o momento não sabíamos de nenhum estudo realizado com esta experiência.

Já a *Canasta Comunitaria Utopia* está localizada na cidade de Riobamba, na área central da Cordilheira dos Andes equatorianos e também surgiu em meados da década de 1980. A cidade é a mais antiga do Equador, fundada por espanhóis em 1534. Em 1797, a cidade foi devastada por um terremoto, precisando ser totalmente reconstruída, uma conquista que faz com que seus moradores sejam orgulhosos sobreviventes até hoje. Atualmente, a população é de cerca de 156 mil pessoas e desempenha um papel econômico importante no país, em termos de agricultura, comércio de gado e artesanato indígena.

A *Canasta Comunitaria Utopia* surgiu primeiramente por uma mobilização de trabalhadores residentes de um mesmo bairro e participantes ativos de uma Comunidade Eclesial de Base – CEB. Após um tempo é resgatada e potencializada por um Coletivo de estudantes de agronomia e passa a ter um crescimento exponencial que atinge 300 famílias em 2002, quando se tornou legalmente uma associação de consumidores. Os seus beneficiários também são prioritariamente pessoas de baixa renda. A *Canasta Comunitaria Utopia* envolve múltiplos fornecedores que variam de agricultores familiares, comunidades indígenas, cooperativas e até mesmo compras em uma central de distribuição regional

chamada de mercado *Mayorista*. Esta iniciativa foi precursora no país e deu inspiração para o surgimento de outras experiências que eventualmente formaram uma rede nacional “Red Tierra y Canasta”. A *Canasta Comunitaria Utopia* já havia sido objeto de estudo de diferentes pesquisadores, em especial citamos Sherwood et al. (2013) que foi o primeiro a ser acessado, nos levando a encontrar também Kirwan, (2008), Garcés e Kirwan (2009) e Bekkering (2011).

Mais uma vez, pareceu um caso interessante por si só. No entanto, a partir da literatura, encontramos uma série de coincidências com o MICC que a tornavam ainda mais instigante. Ambos os casos surgiram após o fim das ditaduras nacionais, onde os países viviam uma crise econômica paralela ao florescimento dos movimentos sociais. Ambos emergem a partir de relações com movimentos sociais e a Teologia da Libertação. Este último, era um movimento progressivo dentro da Igreja Católica bastante ativo no continente na época, trabalhando com populações de baixa renda em áreas rurais, (movimentos de camponeses no Brasil e comunidades indígenas no Equador), bem como nas periferias urbanas de Riobamba e São Paulo.

Colocar as duas experiências em diálogo parecia uma excelente oportunidade para entender como cada caso, com base em suas próprias circunstâncias e contingências, havia construído sua trajetória como uma dinâmica inovadora de abastecimento de alimentos. Além disso, ambos os casos abriam a possibilidade de refletir sobre uma suposição um tanto generalizada de que o perfil do público envolvido com as compras diretas de alimentos orgânicos é limitado a grupos mais afluentes.

2.2.2 Ampliando o caráter internacional da pesquisa

Como mencionado na introdução da tese, um importante ponto de partida para o projeto de pesquisa era a suposta inexistência deste tipo de dinâmica de abastecimento no Brasil, caracterizando-se apenas como um fenômeno Europeu e Norte Americano. Portanto, havia desde o início uma intenção de colocar a realidade brasileira (estendida a Latino Americana com a inserção empírica da *Canasta Comunitaria Utopia*) em diálogo com as experiências ativas no Hemisfério Norte, relatadas através da literatura. Especialmente porque um trabalho de campo na Europa envolveria recursos que não eram disponíveis na época.

No entanto, no primeiro semestre de 2015 surgiu uma oportunidade de realizar um estágio de doutorado com o Grupo de Sociologia Rural (RSO) na Universidade de Wageningen (WUR), na Holanda. Este estágio possibilitou que o trabalho de campo fosse estendido a experiências europeias, uma possibilidade importante para qualificar os resultados da tese, uma vez que olhar as realidades empíricas a nível internacional poderia dar uma análise mais rica e precisa. Além disso, a ampliação do caráter internacional da análise poderia trazer uma melhor compreensão de especificidades ou particularidades de cada caso, as potenciais semelhanças e diferenças em termos de funcionamento das dinâmicas, padrões de desenvolvimento, motivações, práticas e representações envolvidas. Ou seja, incluir casos europeus na pesquisa traria a oportunidade de explorar empiricamente as continuidades e discontinuidades que envolvem tais dinâmicas de abastecimento a nível internacional.

Em termos práticos, a exploração de potenciais casos europeus a serem incluídos na pesquisa se deu novamente através da revisão da literatura, pesquisas na internet e em ferramentas on-line, o estabelecimento de contatos via e-mail e ligações telefônicas. Dois elementos, de alguma forma, limitavam nossas escolhas. Primeiro, as possibilidades logísticas para realizar o trabalho de campo dentro dos recursos disponíveis (a própria bolsa de doutorado Sanduíche viabilizada pela CAPES). Em segundo lugar, as possibilidades de comunicação com participantes locais, que precisava ser restrito a idiomas em que pudéssemos dialogar. De forma objetiva, locais em que o idioma fosse Português, Inglês ou Espanhol e com algum esforço, Italiano.

Considerando a literatura internacional em sociologia da alimentação, os *Gruppi di Acquisto Solidari* - GAS parecem ser as dinâmicas mais populares nos estudos. Ativos na Itália desde os anos 1990, os GAS surgem junto a movimentos antiglobalização que buscavam questionar os resultados de políticas neoliberais implementadas a nível global, provocando uma crise energética, a intensificação das mudanças climáticas e outros impactos ambientais do sistema alimentar dominante somado as intensas disparidades sociais (FONTE, 2016).

Estes grupos são reconhecidos como uma entidade jurídica na legislação italiana desde 2007 e tem apresentado um crescimento exponencial ao longo dos últimos anos. De acordo com RETEGAS (2016), a Rede Nacional de Grupos de Aquisição Solidaria fundada em 1997, existem atualmente 900 GAS no país, dos

quais 10% deles estão ativos na capital Roma. Assim, ainda que a questão do idioma não fosse a mais confortável, a relevância que os GAS adquiriram em termos de presença na literatura, mas também em uma impressionante expressão quantitativa, faz com que buscássemos a inclusão de algum caso italiano na pesquisa. Damos preferência pelas experiências ativas em Roma devido à porcentagem acima citada. A partir dos casos que pudemos acessar, dois se destacaram: o *GAS Testaccio Meticcio* e GASPER.

O primeiro está localizado em um bairro operário tradicional da cidade, reunindo cerca de 35 famílias que trabalham ou vivem nas proximidades. Duas características em particular nos levaram a incluir este caso. Primeiro, embora o número de consumidores não seja tão grande, eles têm um número relativamente grande de fornecedores, dezessete no total, fornecendo desde legumes frescos até alimentos processados, como carne e produtos lácteos. Isso dá aos participantes a chance de abastecer suas necessidades alimentares quase que exclusivamente a partir do GAS, evitando fortemente outros canais de comercialização. Em segundo lugar, as entregas acontecem dentro da sede de um partido político de orientação “esquerda ambientalista”, o *Sinistra Ecologia Libertà – SEL*, tornando curioso entender as potenciais relações e influência do SEL em relação ao GAS.

O GASPER por outro lado, realiza suas entregas no *Come-se*, uma galeria de arquitetura que também funciona como um restaurante vegano à noite, dando a possibilidade de que todos os dias de entrega sejam finalizados com um jantar coletivo entre os membros do GAS. De certa forma, esta é uma maneira que os participantes encontraram para pôr em prática a noção de que a alimentação não é apenas algo a ser comprado, mas socialmente compartilhado e experimentado. O GASPER também possui vários fornecedores e envolve um processo complexo de pedidos, pois diferentes produtos devem ser solicitados em diferentes momentos, exigindo um alto nível de organização de seus participantes.

Procurando por potenciais casos na Espanha pudemos encontrar apenas dois artigos acadêmicos sobre circuitos curtos e agroecologia e redes de soberania alimentar, respectivamente Montiel e Collado (2010) e Jiménez-Ruiz (2010). No entanto, de forma semelhante ao Brasil, havia uma variedade de experiências citadas na literatura cinza. Por exemplo, de acordo com a plataforma *Grupo de Grupo*, 185 *Grupos de Consumo Agroecológico* estão ativos na Espanha, mobilizando 593 produtores e 4312 consumidores. Além disso, algumas das

dinâmicas de abastecimento pareciam manter relações com os movimentos sociais mais amplos, uma característica interessante a ser estudada.

Embora a região da capital madrilena seja a com maior número de grupos (83), o País Valenciano também possui uma quantidade relativamente considerável em seu território, 24 grupos. Valencia está localizada na costa leste da Espanha, também é uma capital regional e a terceira maior cidade do país com uma população estimada em 1.6 milhões de pessoas. Possui o maior porto da costa ocidental do Mediterrâneo e um tráfego considerável de exportações, principalmente de alimentos e bebidas que trafegam para países do mundo todo. A cidade também está cercada por pequenos povoados localizadas em áreas rurais, muitos delas tradicionalmente focados na produção agrícola que costumavam render um montante financeiro importante para a região e o país. No entanto, desde os anos 1960, a população urbana começou a crescer rapidamente levando a um processo de urbanização acelerada e a uma especulação imobiliária intensa nas regiões rurais. O revés é uma crescente degradação ambiental, a diminuição das atividades agrícolas e da produção local de alimentos, levando o abastecimento da cidade ser altamente baseado em alimentos oriundos de outros locais e regiões. Assim, nos parecia frutífero verificar quais eram as circunstâncias e motivações para a criação de *Grupos de Consumo* em tal contexto.

Apesar da existência de alguns exemplos mais antigos de dinâmicas de abastecimento com compra direta de alimentos, houve um florescimento recente dos *Grupos de Consumo* na cidade. Este foi influenciado pelo movimento anti-austeridade que começou em 15 de maio de 2011, na Espanha, onde as pessoas começaram a ocupar espaços públicos para protestar pacificamente contra a crise econômica. Aparentemente, o movimento contribuiu para recuperar a confiança das pessoas no poder das ações comunitárias e da participação popular.

Após alguns contatos, novamente duas experiências foram especialmente notáveis. Primeiro, o *Grupo de Consumo Vera* que opera dentro da Universidade Politécnica de Valência (UPV), uma instituição educacional focada em ciência e tecnologia com uma vasta gama de programas de graduação e pós-graduação. Iniciado por estudantes e professores envolvidos no campo da agricultura, visa fornecer as pessoas vinculadas a Universidade. Portanto, a conexão compartilhada por seus participantes, não é o lugar onde vivem ou mesmo a cultura, e sim a vida acadêmica. O segundo foi o *Grupo de Consumo de Russafa*, que envolve moradores

do bairro de Russafa, um bairro popular e tradicional que reúne muitos trabalhadores e uma vida cultural ativa. Nos últimos anos está passando por um processo de gentrificação e aumento do turismo, pressionando a população local e as pequenas empresas. Isso levou a comunidade local a se mobilizar e criar a *Plataforma Per Russafa*, uma associação comunitária que visa promover a participação direta da população nas decisões que afetam o bairro. Entre eles, algumas pessoas decidiram iniciar um *Grupo de Consumo de Russafa*.

Incluir duas iniciativas da mesma cidade e país poderia dar a oportunidade de investigar se as semelhanças em cultura e local podem afetar a forma como os grupos desenvolvem suas dinâmicas, práticas e representações e quais as implicações que isso poderia ter em termos da criação ou não de heterogeneidades. Então, esses 4 casos foram incluídos na pesquisa. Adicionando aos dois casos latino-americanos, já tínhamos seis estudos de caso o que já era suficiente para estabelecer a perspectiva internacional que almejávamos.

No entanto, descobrimos que muito recentemente havia surgido iniciativas de abastecimento do mesmo tipo na Holanda. Em menos de três anos, quinze dinâmicas de abastecimentos surgiram em resposta a um protesto realizado em 2012 por um jovem agricultor, membro do Movimento *Slow Food*, que queria chamar a atenção para as dificuldades que produtores holandeses enfrentavam. Entre as quinze iniciativas ativas, encontramos o *De Groene Schuur*, na pequena cidade de Zeist.

Com uma população de apenas 62 mil pessoas, Zeist está localizada a cerca de 50 km a sudeste de Amsterdã. Além de ser conhecida pelas áreas de floresta que cercam a cidade, ela realmente não apresenta nenhuma característica marcante em termos de desenvolvimento econômico, cultural ou turístico. É uma típica e simples cidade interiorana. O *De Groene Schuur* iniciou suas atividades em 2013, mas cresce rapidamente e tinha recentemente se dividido em dois subgrupos para atender a demanda dos consumidores interessados. Hoje, eles têm 108 famílias que são fornecidas por um coletivo de agricultores chamado *Bioromeo*, agricultores vizinhos que criaram um acordo que lhes permite compartilhar equipamentos e materiais, bem como acessar os mercados com uma oferta mais ampla de produtos.

Essas características, tanto do lugar como do grupo, de certa forma pareciam bastante diferentes de todos os outros casos que já tínhamos até então. Nenhuma menção dessas experiências foi encontrada na literatura acadêmica e o rápido

crescimento do grupo sugeriu a possibilidade de analisar um caso ainda recente e em pleno processo de florescimento. Além disso, existem fortes distinções sociais e culturais em relação à Holanda e os demais países já inclusos no estudo. Em suma, foi irresistível incluí-lo! Assim, a pesquisa se baseou na análise empírica de sete casos localizados em cinco países, conforme ilustrado na Figura 4.

Figura 4 – Localização dos casos analisados



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A ideia de um estudo de tamanha proporção não estava nos planos originais da pesquisa, porém colocar as realidades empíricas em diálogo poderia potencialmente permitir um estudo mais qualificado. Além disso, não encontramos na literatura nenhum estudo que já tivesse realizado tal análise considerando casos em tantos países diferentes. Assim, embora desafiadora, a análise combinada entre casos de cinco países diferentes parecia uma contribuição importante que esta tese poderia trazer à literatura. Obviamente, isso exigiria uma metodologia apropriada.

2.3 DEFININDO A METODOLOGIA: A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA MULTILocalIZADA

Compreender como a relação entre produtores e consumidores se materializa e que práticas e representações estão envolvidas nas dinâmicas de abastecimento requer uma abordagem que permita ao pesquisador acessar os afetos, significados, ações, materialidades e subjetividades em jogo. São elementos que podem ser expressados não apenas por palavras, mas também através de atos, reações e movimentos corporais. Assim, era necessária uma metodologia que permitisse a observação dos diferentes atores em cotidianos e circunstâncias diversas, de forma que sua experiência vivida pudesse ser revelada. Ao mesmo tempo, a metodologia deveria ser adequada para a coleta de dados que permitissem um diálogo entre os distintos casos.

Para captar a perspectiva dos agricultores e dos consumidores também seria necessário realizar um trabalho de campo que não fosse restrito a um único local, pois isso envolveria estar com ambos os atores em seus “espaços”. Ciente de que os dias de entrega são um importante espaço de interação dos atores envolvidos nestas dinâmicas de abastecimento, o local das entregas seria um “terceiro espaço”. A metodologia requeria, portanto, o deslocamento ente diferentes espaços, rural e urbano, fazendas e residências, diferentes cidades e países.

Assim, optamos por trabalhar com a abordagem etnográfica multilocalizada proposta por Marcus (1995), adequada para estudos em que pretendem analisar questões que não podem ser capturados pela imersão em um único local. É uma abordagem etnográfica móvel que pretende seguir trajetórias inesperadas de atores e a circulação de significados, práticas, objetos e identidades em um difuso tempo-espaço (MARCUS, 1995). Este tipo de etnografia é recomendado para pesquisas que buscam evidenciar mudanças contemporâneas situadas em espaços múltiplos, exigindo que o pesquisador faça conexões entre experiências geograficamente dispersas (MARCUS, 1998). Exemplos de objetos de estudo são processos de migração através de fronteiras transnacionais, a circulação de objetos ou técnicas entre diferentes espaços e atores, relações estabelecidas entre comunidades ou redes dispersas, estudos que envolvem os avanços tecnológicos e as relações virtuais (MARCUS, 1998).

Assim, embora esta etnografia não requeira uma longa imersão em um único local, ela propõe que o campo empírico seja abordado da mesma forma etnográfica em termos de focar a observação na experiência vivida pelas pessoas em sua vida cotidiana. Vossoughi e Gutiérrez (2014, p. 623) se referem ao desenvolvimento e aplicação de uma “sensibilidade multilocalizada” que visa permitir ao etnógrafo aprender através do movimento “dando a mesma atenção às práticas e formas em que a ingenuidade humana se revela dentro e através de conexões/tensões/contradições em espaços diversos e atividades variadas”. Para tanto, é necessário estar atento às macro e micro manifestações de deslocamentos, hibridez e subjetividades que podem emergir dando continuidade ou ruptura nas relações sociais (VOSSOUGH; GUTIÉRREZ, 2014).

Assim, a etnografia multilocalizada é uma abordagem metodológica inspirada na essência da etnografia em termos de fazer uma minuciosa observação e interação com a vida cotidiana dos participantes, mas considerando os distintos ambientes em que o objeto de análise está circulando. Levando em consideração que a base desta metodologia é seguir pessoas, conexões, associações e relações através do espaço e tempo, em cada estudo de caso seguimos a comida como o elemento que circula e transpassa por todos os atores e locais.

Falzon (2009) indica três razões principais que influenciaram distintos pesquisadores a repensar as formas de produção etnográfica. Primeiro, a emergência de estudos mais contemporâneos que entendem o espaço como algo não definido pela geografia, mas socialmente produzido, através da inter-relação contínua entre pessoas e lugares. Em segundo, a percepção de que a imersão em um único local seria inadequada para estudos que envolvem pessoas, informações ou bens que são deslocados, em movimento ou mesmo transnacionais, exigindo que as pesquisas se movam junto ao objeto de foco. O terceiro motivo é mais pragmático, considera a realidade contemporânea dos pesquisadores que nem sempre tem o tempo ou recursos para ficarem imersos em campo durante longos períodos de tempo como a etnografia clássica sugere.

Como qualquer metodologia, a abordagem etnográfica multilocalizada tem limitações e recebe críticas variadas. A “falta de profundidade” é uma das questões mais mencionadas, especialmente considerando que a etnografia tem como uma das suas principais características as “descrições densas”. Falzon (2009) argumenta que esta crítica é baseada na ideia de que, para alcançar a profundidade, a

observação participante tem que acontecer de forma gradual até que o pesquisador “entenda” determinado assunto. Assim, a redução do tempo de envolvimento carrega o risco de uma falta de profundidade nos dados. Para evitar estes resultados indesejados, a literatura, recomenda duas possibilidades de curso de ação. A primeira seria realizar um trabalho de campo mais intenso no primeiro local, tomando-o como central para o delineamento de perguntas e ao percorrer os demais espaços buscar espelhar as mesmas questões e resultados. A segunda recomendação é considerar que o tempo total gasto em todos os locais investigados possa criar o efeito acumulativo de uma imersão longa em um único local (MARCUS, 1998; FALZON, 2009).

Ambas as recomendações foram tomadas para evitar o risco da superficialidade nos dados. O trabalho de campo no Equador foi o primeiro realizado, e envolveu uma imersão mais intensiva, todas as observações foram retomadas e ecoaram nos campos seguintes. No que diz respeito ao tempo de trabalho de campo, embora não tenha sido contínuo, envolveu no total 12 meses. Somado a isso há o tempo investido em estudar os casos por meio de revisão de documentos e materiais produzidos sobre e pelas dinâmicas de abastecimento, desde declarações, manifestos, páginas web, livros de cozinha, vídeos, entre outros. A análise destes materiais ajudou a complementar a observação e as análises.

Além disso, como Falzon (2009) argumenta, devemos considerar que não é apenas o tempo que dá profundidade ao trabalho, mas também o espaço, fazendo o tempo e o espaço intercambiáveis, especialmente quando se considera objetos espacialmente dispersos que requerem que o etnógrafo se torna uma espécie de “circumambulista” que tem na observação participante a sua principal ferramenta.

2.4 SOBRE AS TÉCNICAS UTILIZADAS

O trabalho de campo foi realizado entre janeiro e dezembro de 2015. A observação participante, essencial à abordagem etnográfica multilocalizada, foi complementada por uma série de técnicas como a revisão de literatura, análise documental, entrevistas, notas de campo, gravações de áudio e registro fotográfico.

Conforme proposto por Gil (1999), a observação participante é um método que propõe a participação do pesquisador na vida da comunidade de estudo de forma que possa auxiliar no acesso aos contextos vividos e permitir que as práticas

cotidianas sejam captadas. A observação foi uma dinâmica plenamente ativa e interativa, tendo envolvido a participação em plantios, colheitas, compras de alimentos, organização das cestas, preparo da comida, etc. Portanto, houve um engajamento corporal e um olhar sensível para a circulação dos alimentos e experiências diárias das pessoas. Em todos os casos, a participação nos dias de entrega foi entendida como um espaço etnográfico essencial e relevante para a coleta de dados, uma vez que são um momento importante de integração para os membros do grupo, e uma oportunidade de ter conversas com muitos deles. Além destes momentos, outros encontros foram importantes para interagir com as pessoas envolvidas em tais como reuniões e refeições partilhadas (almoços ou jantares).

O processo de revisão de literatura já foi informado no capítulo anterior e neste. A análise documental aconteceu durante o período de campo em cada local e posteriormente para materiais em que pudemos receber cópias. O tempo despendido em cada experiência e o número de entrevistas variaram de acordo com cada caso. No total, foram realizadas 48 entrevistas individuais, que vão desde agricultores, consumidores, voluntários e trabalhadores. A maioria das entrevistas só ocorreram após algum contato inicial, na qual as pessoas foram observadas em situações de rotina, tais como o dia de entrega, em que a comida é entregue pelos agricultores e levada pelos consumidores após separarem as cestas individuais. Assim, embora houvesse algumas perguntas básicas sobre a vida pessoal de cada ator ou como a pessoa se envolveu com o fornecimento de alimentos, a observação anterior sempre ajudou a enriquecer a conversa para além de um roteiro padronizado de entrevistas.

Foi utilizado ainda o registro constante no diário de campo auxiliando as demais observações realizadas. O diário de campo é um dos métodos mais básicos de pesquisa, refere-se à escrita diária como forma de registro das observações e reflexões do pesquisador (ROESE et al., 2006). Para a toda a coleta de dados e registro, os participantes foram informados dos objetivos e usos dos dados, sendo destes apenas coletados após a autorização dos interlocutores, inclusive as fotografias que compõe o trabalho.

No caso dos registros de áudio, as entrevistas foram transcritas e analisadas. Os trechos utilizados ao longo da tese que haviam sido originalmente expressos em idiomas estrangeiros (inglês, espanhol, italiano) foram todos traduzidos pela autora.

Algumas palavras são mantidas no original, buscando manter a essência das falas. Neste caso, uma tradução equivalente é sempre apresentada no texto ou em notas de rodapé. Considerando que recebemos a autorização dos interlocutores para coleta de seus dados e imagem, os nomes utilizados ao longo do manuscrito são todos reais. Acreditamos que não há potenciais danos visto que a pesquisa em questão não traz informações que coloquem os participantes em situação de risco. Manter os nomes reais é uma forma de também manter a autoria e valorizar os participantes em suas trajetórias.

3 OS CASOS: DESCRIÇÃO, CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Este capítulo apresenta a descrição das sete dinâmicas de abastecimento que compõem esta tese: MICC, em São Paulo (Brazil); *Canasta Comunitaria Utopía*, em Riobamba (Ecuador); GAS *Testaccio Meticcio* e GASPER, ambos em Roma (Italia); na cidade de Valência *Grupo de Consumo Vera* e *Grupo de Consumo de Russafa* (Espanha) e *De Groene Schuur* em Zeist (Holanda).

Em todos os casos, produtores e consumidores se unem e colaboram para concretizar acordos específicos entre si e em torno da produção e consumo de alimentos. Para cada experiência vamos apresentar sua origem, dinâmica de funcionamento, práticas e forma de atuação. Embora sejam heterogêneos, envolvendo diferentes circunstâncias, culturas e lugares, é possível identificar elementos comuns. A apresentação de dados é inspirada no quadro heurístico para explorar projetos alimentares propostos por Holloway e colegas (2007) que serão descritos em uma seção a seguir. Depois de apresentar cada um dos casos discutimos os resultados, ressaltando os pontos de convergência e divergência, em especial em termos de funcionamento e práticas envolvidas.

3.1 O QUADRO HEURÍSTICO PARA EXPLORAR PROJETOS ALIMENTARES

Propostos por Holloway e colegas (2007), o quadro heurístico para explorar projetos alimentares é indicado para abordar o consumo e a produção de alimentos como campos inter-relacionados, permitindo analisar as circunstâncias, complexidades, significados e práticas multidimensionais envolvidas sem categorizações simplistas. A comparação auxilia a perceber como cada experiência contribui para estratégias de desenvolvimento e as potencialidades de inovação que trazem em termos de se repensar os sistemas de abastecimento de alimentos (HOLLOWAY et al., 2007).

Com base em uma análise de mais de 100 projetos no Reino Unido, os autores propõem uma série de campos heurísticos como uma ferramenta metodológica para descrever cada experiência, ajudando a entender como funcionam, quais são as especificidades e circunstâncias em que se situam. Os campos originalmente propostos são:

- a) local de produção;

- b) métodos de produção dos alimentos;
- c) cadeia de abastecimento;
- d) arenas de trocas;
- e) interações com consumidores;
- f) motivações para a participação;
- g) 7) constituição de identidades individuais e coletivas.

Esta proposta visa ir além do dualismo convencional-alternativo, considerando que consumidores são participantes ativos no abastecimento alimentar. Também reconhece os aspectos materiais e sociais da produção e do consumo de forma integrada e inter-relacionada. Porém, devido a diferenças de escopo e objeto, adaptamos os campos heurísticos ao nosso estudo, especialmente porque a estrutura original foi desenvolvida para comparar diferentes tipos de abastecimento de alimentos, ou seja, lojas, feiras, hortas comunitárias, sistemas de entrega domiciliar, coletivos de consumo, cooperativas, etc.

Considerando que estamos abordando um único tipo de dinâmica de abastecimento, utilizamos alguns campos da proposta original: cadeia de abastecimento, métodos de produção de alimentos e interação produtor-consumidor. Porém, adicionamos outros campos para que um maior aprofundamento das possíveis semelhanças e diferenças entre os casos pudesse ser revelado. Uma descrição detalhada de cada campo analítico heurístico usado é apresentada abaixo:

- a) Localização: Refere-se ao local onde o caso está ativo em termos geográficos;
- b) Origem: Refere-se à forma como cada dinâmica começou, não só em termos temporais, mas também quais foram às circunstâncias sócio-econômicas e as motivações que levaram os atores a se mobilizarem;
- c) Cadeia de abastecimento: Refere-se à forma como o alimento se move a partir do local de produção para o local de entrega onde os consumidores o retiram. Pode ser constituído por um único produtor ou múltiplos fornecedores, que variam de: comunidades indígenas; agricultores familiares (aqueles em que a propriedade e a força de trabalho agrícola é baseada nas relações familiares, geralmente um processo de gerações); pequenos agricultores (aqueles envolvidos com atividades agrícolas, mas

não restrito a força de trabalho familiar); Cooperativas sociais e pequenas empresas (agroindústrias ou comércios de pequeno porte como padarias, fábricas de massas caseiras, produtores de vinhos e sucos, produtos de higiene).

- d) Métodos de produção de alimentos: Aborda a forma como os alimentos são cultivados e processados. Existe, entre todos os casos, uma forte valorização dos métodos de produção sem pesticidas que são expressos de forma diferente para cada local (sem veneno, agroecológico, orgânico, bioinâmico). Para os alimentos que envolvem algum tipo de preparação, como pães ou queijos, as técnicas de produção artesanal e de pequena escala são as mais apreciadas.
- e) Forma de encomenda: Este campo refere-se à forma como o alimento é encomendado, o que pode acontecer através de interações interpessoais, como face a face e através de ligações telefônicas ou ainda através de ferramentas on-line como softwares especializados ou planilhas de Excel. Essa dinâmica afeta não só as interações entre produtores e consumidores, mas também a forma de governança.
- f) Forma de entrega: Refere-se à forma como a comida é entregue. Existem principalmente duas opções: cestas¹ fechadas ou pedidos conforme unidade familiar. O primeiro implica que os consumidores recebem uma cesta preparada por outra pessoa, seja os produtores ou um núcleo gerencial de consumidores. Então, os consumidores não escolhem o que receberão. Na segunda forma, os consumidores escolhem o que querem através de uma lista de produtos disponibilizada pelos fornecedores.
- g) Consumidores: este campo apresenta uma estimativa quantitativa sobre quantos consumidores estão envolvidos. A medida usada refere-se a unidades familiares, que podem ser um grupo familiar ou ainda grupos de pessoas que dividem uma mesma residência ou indivíduos que vivem sozinhos.
- h) Governança: traz a maneira como a dinâmica é governada, ou seja, como acontece a divisão de tarefas e os processos de tomada de decisão.

¹ A forma de acondicionamento da comida entregue varia caso a caso. Podem ser cestas, sacas, sacolas, caixas ou ainda bolsas de pano. Considerando que este elemento não afeta a análise dos dados, de forma a facilitar a apresentação, vamos nos referir a cestas.

- i) Entidade Legal: refere-se à existência ou não de uma entidade legal registrada conforme a legislação local. Este é um elemento importante porque aborda as possibilidades de reconhecimento jurídico para estas dinâmicas de abastecimento, podendo atuar de forma mais institucionalizada ou mais informal.
- j) Interação produtor-consumidor: este campo apresenta as diferentes formas e espaços em que os produtores e os consumidores interagem, podendo ser face a face ou através de tecnologias de comunicação. Também envolve espaços físicos distintos que variam de residências, espaços públicos e espaços privados, para fins também distintos: dias de entrega das cestas, visita a agricultores, refeições compartilhadas, atividades educacionais e culturais, ações políticas.
- k) Rede de atuação: Refere-se à rede mais ampla de organizações e coletivos com quem os produtores e consumidores estão diretamente envolvidos como uma ampla gama de movimentos sociais (indígenas, camponeses, pequenos agricultores, *Slow Food*, Agroecologia), ONGs, universidades e a Igreja Católica.

Acreditamos que, em conjunto, esses campos auxiliam a trazer uma visão clara de como estas dinâmicas de abastecimento funcionam. Também auxiliam a revelar como são estabelecidos vínculos urbanos e rurais em que dimensões ecológicas, sociais e econômicas do abastecimento alimentar são expressas de forma inter-relacionada. Para cada iniciativa, será apresentada uma tabela fornecendo uma síntese dos campos analíticos heurísticos, seguida de uma descrição mais detalhada.

3.2 OS CASOS ANALISADOS

A seguir, apresentamos cada um dos casos analisados

3.2.1 Movimento de integração Campo Cidade (São Paulo, Brasil)

Quadro 1 – Campos analíticos heurísticos do Movimento de Integração Campo Cidade	
Campos analíticos heurísticos	Movimento de Integração Campo Cidade
Localização	São Paulo, Brasil

Origem	Meados da década 1980, como colaboração política entre trabalhadores rurais e urbanos
Cadeia de abastecimento	1 único fornecedor: APRI - Associação dos Produtores Rurais de Ibiúna, cerca de 25 famílias.
Métodos de produção de alimentos	“Sem veneno”
Forma de encomenda	Presencialmente, telefone
Forma de entrega	Quinzenal, cestas fechadas
Consumidores	800 unidades familiares
Governança	Existe um grupo central de gerenciamento e uma rede de voluntários atuando em 23 pontos de distribuição.
Entidade legal	Associação sem fins lucrativos
Interação produtor-consumidor	Dias de entrega, visita aos agricultores, refeições compartilhadas, atividades educativas e culturais, ações políticas
Rede de atuação	Igreja Católica, Igreja Messiânica, escolas públicas, Unidades Básica de saúde, movimento de pequenos agricultores, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), comunidades indígenas, Rede Brasileira de Grupos de Consumo Responsável, Rede Escola Cidadã

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O Movimento de Integração Campo-Cidade - MICC, está localizado em São Paulo, uma metrópole com 12 milhões de habitantes, situada na zona mais industrializada do Brasil. Mais precisamente, atua na Zona leste da cidade, uma área de grande vulnerabilidade social. O MICC surgiu em meados da década de 1980, após o fim do regime ditatorial e no início do processo de redemocratização do país, tendo como marca temporal uma efervescência de movimentos sociais. Após uma série de crises econômicas associadas à inflação desenfreada e à estagnação do crescimento econômico, o país vivenciava uma difícil situação.

Por um lado, a modernização da agricultura promovida nas décadas anteriores, deixou muitos agricultores sem trabalho, levando essas pessoas a permanecer no campo em condições precárias ou a migrar para as cidades em busca de trabalho. Entre os trabalhadores rurais que ficaram, surgiram grupos organizados que lutavam pelo direito de viver como agricultores e pela democratização do acesso a terra. Uma das principais estratégias utilizadas era a ocupação de terras improdutivas, uma forma de pressionar pela reforma agrária, o que eles acreditavam que melhoraria suas condições de vida, permitindo-lhes ter moradia e terra para trabalhar. Esse movimento acabou depois se tornando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, atualmente considerado o maior movimento social da América Latina.

Por outro lado, as cidades ofereciam oportunidades de emprego na indústria, ainda que em muitos casos, em condições de trabalho um tanto precárias. Os

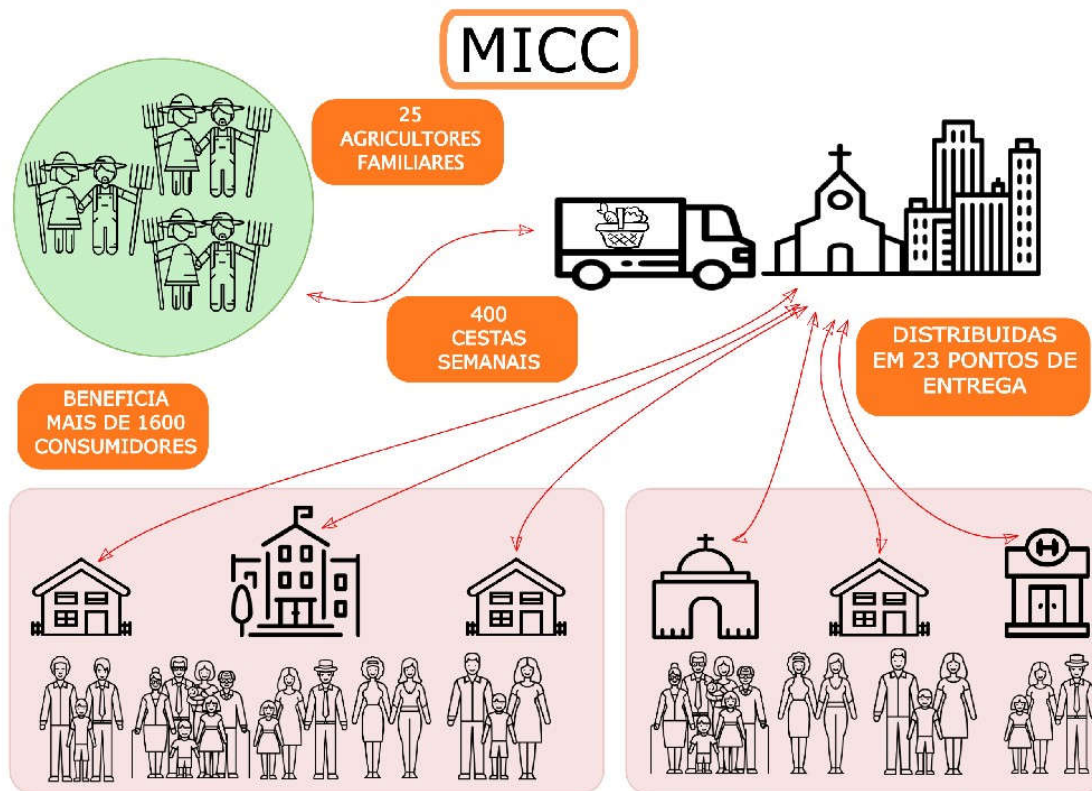
trabalhadores urbanos começaram a se organizar em busca da regulamentação do horário de trabalho, do salário mínimo e do direito de formar sindicatos que pudessem representá-los. Logo, as cidades se tornaram o cenário de grandes greves lideradas, especialmente, por trabalhadores metalúrgicos residentes na parte leste da cidade de São Paulo e região.

Havia ainda um terceiro grupo que na época era muito ativo tanto no campo como na cidade, a Teologia da Libertação, um movimento progressivo dentro da Igreja Católica na América Latina. Sua principal prática era encorajar uma atuação ativa das comunidades em busca de melhoria das condições de vida, entendida como uma conexão entre a ação política e atuação solidária e fraterna que o catolicismo propunha. Foi através do encontro e fusão entre esses três movimentos que o MICC surgiu, tendo como motivação inicial o apoio político entre os movimentos do campo e da cidade que lutavam por direitos humanos básicos. Facilitado pelos paroquianos das igrejas localizadas na zona Leste, os moradores da cidade apoiavam as ocupações do MST mobilizando recursos como dinheiro, comida e roupas.

A primeira compra de alimentos ocorre somente em 1985, em uma ação colaborativa entre paróquias e vizinhos que compraram uma colheita inteira de feijão, equivalente a 30 toneladas. A mobilização foi uma reação a uma ordem judicial de despejo de um acampamento, que além de deixar as famílias sem moradia ameaçava destruir a lavoura em questão. Após esta experiência, outras compras de alimentos foram realizadas, especialmente em épocas de colheita. Somente em 1993, após a aquisição de um veículo através de uma Campanha da Fraternidade, é que o MICC começou a oferecer as cestas semanais de vegetais, uma atividade que permanece em vigor até hoje.

Atualmente, as cestas têm cerca de oito a doze vegetais sazonais, fornecidos pela Associação de Pequenos Produtores Rurais de Ibiúna (APRI), uma associação de agricultores familiares, localizada na cidade de Ibiúna, ha cerca de 70 km de São Paulo. Conforme os participantes, os produtos oferecidos são “sem veneno”, uma maneira de dizer que eles são produzidos sem o uso de agroquímicos, no entanto, não possuem certificação de orgânico. A composição da cesta é escolhida pelos produtores de acordo com a disponibilidade semanal dos produtos.

Figura 5 – Cadeia de abastecimento do MICC



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

As entregas ocorrem sempre nas quartas-feiras para 23 pontos de distribuição localizados na zona leste de São Paulo. Os pontos de distribuição incluem lugares como residências, unidades básicas de saúde (UBS), creches, ginásios, centros pastorais, templos espirituais, igrejas católicas e messiânicas (Figura 6). Devido ao número de cestas a serem entregues que beneficiam cerca de 800 unidades familiares, os pontos de distribuição foram divididos em dois grupos, portanto, os consumidores recebem seus alimentos quinzenalmente, sendo cerca de 400 cestas entregues semanalmente.

Figura 6 – Responsáveis pelo núcleo de Gestão em frente ao entreposto do MICC no pátio da Igreja da Vila Alpina (a); Um ponto de distribuição em uma residência (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

As famílias que desejam receber a cesta se registram com o responsável pela entrega mais próxima de sua casa. Após o registro, a pessoa passa a receber a cesta quinzenalmente e no caso de haver algum imprevisto que exija o cancelamento da entrega, isso é feito através de um telefonema ou encontro pessoal com o responsável do respectivo ponto. O custo de cada cesta é de R\$ 14,00, segundo os participantes, o montante pago é aproximadamente um terço do que eles pagariam pela mesma quantidade de produtos convencionais em feiras livres ou nos mercados de bairro local. É importante mencionar que os consumidores pertencem principalmente a classes sociais de baixa e média renda.

A governança envolve um núcleo central responsável por supervisionar todo o processo e estabelecer a comunicação com os produtores. Cada ponto de entrega tem uma dinâmica específica, alguns envolvem um pequeno número de cestas (10-30), portanto, podem ser controlados por apenas uma pessoa que recebe os vegetais em sua própria casa e redistribui para os vizinhos. Outros, como a Igreja Vila Ipiranga ou a Igreja Vila Formosa, recebem mais de 100 cestas, de modo que pequenos grupos de pessoas são responsáveis pelo recebimento, distribuição e entrega das cestas. Tudo funciona através de consumidores voluntários, a cobrança de qualquer tipo de taxa ou retorno financeiro, é totalmente proibida. Em 2008, o MICC foi legalmente registrado como uma Associação² sem Fins Lucrativos, visando

² Ainda que tenha se tornado uma Associação, a sigla MICC já era bastante conhecida e por isso foi mantida apesar da nova pessoa jurídica.

facilitar a aquisição dos alimentos e a possibilidade de fornecimento de nota fiscal quando necessário.

Além das cestas, o MICC mantém um pequeno entreposto no pátio da Igreja Vila Alpina, onde são oferecidos produtos excedentes das cestas e produtos específicos de comunidades indígenas e quilombolas com que o MICC colabora. São ainda comercializadas farinhas, temperos e cereais, que são comprados a granel na zona cerealista de São Paulo e fracionados em pequenas embalagens. Os produtos são vendidos a preço de custo. Também podem ser encontrados produtos preparados por um grupo de senhoras voluntárias do MICC, tais como a farinha multimistura, pomadas, vinagres caseiros, tinturas, entre outros.

O MICC promove atividades de educação, palestras e oficinas culinárias. Em especial, promove frequentemente o Curso de Alimentação Natural e Pães, uma formação de quatro meses que fornece orientações teóricas e práticas de “como se alimentar de forma saudável e econômica”, incluindo receitas de aproveitamento integral dos alimentos. Também colabora com a Rede Escola e Cidadania, que oferece cursos para escolas da região esclarecendo aspectos legais dos direitos básicos e fornecendo orientações de como os cidadãos podem demandar melhorias comunitárias ao Estado. As visitas aos produtores e as celebrações também são realizadas frequentemente criando um espaço de encontro e socialização entre consumidores e produtores. Considerando o cenário brasileiro para tais experiências, o MICC se destaca como o maior e mais antigo Grupo de Consumo Responsável

3.2.2 Canasta Comunitaria Utopía (Riobamba, Equador)

Quadro 2 – Campos analíticos heurísticos da *Canasta Comunitaria Utopía*

Campos analíticos heurísticos	CANASTA COMUNITARIA UTOPIÁ
Localização	Riobamba, Equador
Origem	1987, através de famílias de um bairro operário que decidiram comprar alimentos de forma coletiva
Cadeia de abastecimento	Múltiplos fornecedores: comunidades indígenas, agricultores familiares, associações de processamento de Alimentos, <i>Mercado Mayorista</i>
Métodos de produção de alimentos	Variados: convencional (uso de agroquímicos), com baixo uso de agroquímicos e agroecológica.
Forma de encomenda	Presencialmente, telefone
Forma de entrega	Quinzenal, cestas fechadas
Consumidores	60 unidades familiares
Governança	Equipe de gerenciamento, um núcleo executivo e revezamento

	entre os consumidores para as entregas.
Entidade legal	Associação de Consumidores
Interação produtor-consumidor	Dias de entrega, visitas aos agricultores, refeições compartilhadas, atividades educativas e culturais, atividades políticas
Rede de atuação	Igreja Católica, <i>Red Canastas Comunitárias y Solidárias</i> , <i>Movimiento de Economía Social y Solidaria del Ecuador</i> - Messe, <i>Colectivo Agroecológico</i> , <i>Fundación Ekorural</i> , movimento agroecológico, movimento indígena

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A *Canasta Comunitaria Utopía*³ atua na cidade de Riobamba, a capital da província de Chimborazo, na região da central do Equador, a 2.750m acima do nível do mar. É uma das maiores e mais antigas cidades do país. A origem do que hoje é chamado de *Canasta Utopía* remonta a 1987, com uma iniciativa criada por um grupo de famílias de baixa renda que moravam no Bairro *Primera Constituinte*. Estas famílias vizinhas pertenciam à mesma paróquia de uma Igreja católica que era liderada pelo Bispo Leonidas Proaño, um dos principais líderes do movimento da Teologia da Libertação no país. Inspirados pelos ensinamentos de fraternidade e ação coletiva, as famílias começaram a fazer suas compras de alimentos de forma conjunta no *Mercado de San Alfonso*, permitindo-lhes comprar alimentos a granel. Após as compras, o grupo se encontrava na casa de uma das senhoras para rezar, socializar e dividir a comida entre as famílias.

O grupo que se autodenominou de *Grupo Solidaridad* seguiu esta prática por dez anos, quando acabou se desmobilizando. No entanto, pouco tempo depois, em 1998, algumas famílias participantes do *Grupo Solidaridad* se juntaram a um coletivo em formação que reunia estudantes de agronomia interessados em apoiar as comunidades indígenas através de assistência técnica – o *Colectivo Utopía*. A prática de compra foi resgatada, ampliando a participação de uma comunidade mais ampla, que em 2002 chegou a envolver 300 famílias de consumidores. Nessa época, decidiram formalizar sua atuação através de uma associação de consumidores chamada *Fundación Utopía*.

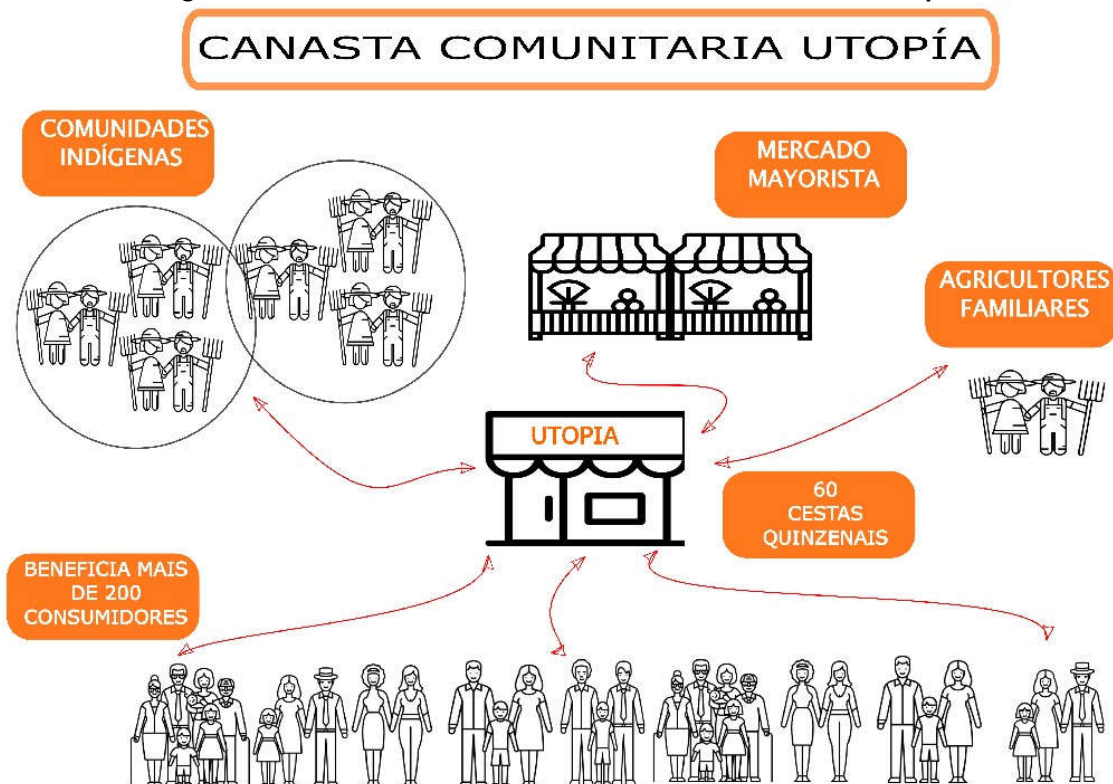
A compra coletiva de alimentos segue acontecendo. Há uma preocupação em montar uma espécie de cesta básica, que inclua os alimentos considerados essenciais para a dieta local. A estratégia acaba por envolver múltiplos fornecedores. Parte dos alimentos é comprada em acordos diretos com produtores e envolve duas Comunidades Indígenas (Tzimbuto e Basquitay Quillincocha),

³ A tradução literal seria “Cesta Comunitária Utopia”

agricultores familiares e uma Associação de Processamento de Alimentos - ACT. A cesta é complementada com compras no *Mercado Mayorista*, um centro de abastecimento regional. A prioridade é dada aos produtos agroecológicos, especialmente considerando a compra direta com os produtores, mas produtos convencionais também são adquiridos em especial na compra com o *Mercado Mayorista*.

As cestas são entregues de forma bissemanal na rua em frente à sede da *Fundación Utopía* e contém alimentos suficientes para uma família de quatro a cinco pessoas por duas semanas. As cestas estão fechadas, ou seja, a escolha dos produtos que serão entregues a cada semana é feita pela equipe de gerenciamento que procura equilibrar os produtos disponíveis de forma a ter uma variedade de vegetais, frutas, farinhas e grãos. Ao final, entre 20 e 23 itens alimentares são fornecidos ao preço de US\$ 12,00⁴. Desse valor total US\$ 0,50 é usado para a manutenção da sede e US\$ 1,00 para um fundo coletivo. As encomendas acontecem através de uma ligação telefônica ou encontro presencial. Embora exista apenas um ponto de distribuição, a *Canasta* atualmente beneficia cerca de 60 unidades familiares. Os consumidores organizam-se em um sistema de rodízio para auxiliar na preparação e entrega das cestas. A Figura 7 ilustra a cadeia de abastecimento.

⁴ O dólar (US) é a moeda corrente no Equador, e ainda que convertido em reais o valor possa parecer elevado é um valor bastante acessível para as circunstâncias locais.

Figura 7 – Cadeia de abastecimento da *Canasta Comunitaria Utopía*

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

No que diz respeito à governança, há um grupo de três pessoas que compõem a equipe da *Fundación Utopía*, sendo responsáveis por supervisionar o processo, comprando alimentos e mantendo o contato entre os consumidores. Além disso, há um núcleo de consumidores chamado *Grupo Zero*, cuja função é apoiar decisões logísticas e administrativas. Este grupo é eleito em assembleia, um evento que ocorre uma vez por ano. Todo o trabalho dos consumidores ocorre de forma voluntária.

Os dias de entrega são longos, começam às 6h da manhã e se estendem até o meio dia. Durante esse tempo, os produtores chegam com produtos e grupos de consumidores orientados pela equipe separam e pesam os alimentos preparando-os para a entrega. Ao longo da manhã dois lanches são compartilhados, além de muitos diálogos e danças ao som da música regional (Figura 8). Portanto, é um momento altamente social. Visitas aos agricultores são organizadas, bem como oficinas e palestras sobre alimentação saudável, segurança alimentar e economia solidária.

Figura 8 – Os agricultores da comunidade indígena de Tzimbuto preparando couve-flor para levar para a *Canasta Comunitária Utopía* (a); Consumidores organizando os alimentos em um dia de entrega (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

A *Canasta Comunitária Utopía* desempenha um papel importante no país, é a mais antiga iniciativa deste tipo e inspirou a emergência de outras experiências semelhantes que em 2004 formaram uma rede nacional - *Red Canastas Comunitárias y Solidárias*. Esta rede permitiu o enriquecimento das experiências pelo intercâmbio de práticas e valores no repertório dos grupos, como soberania alimentar, economia solidária e agroecologia. A atuação da Rede envolveu um grande reconhecimento político, resultando em um convite aos membros da *Canasta Comunitária Utopía* a participarem de forma ativa na redação da nova Constituição do país, lançada em 2007, especialmente no que diz respeito às leis sobre soberania alimentar e agroecologia.

Atualmente, esta Rede não existe mais, porém a maioria de seus membros ainda está ativa e trabalhando nas mesmas causas (segurança e soberania alimentar, economia solidária, agroecologia) e outras mais, porém através de outra rede chamada *Colectivo Agroecológico*. Este coletivo é bastante ativo em todo o país e trabalha para promover o consumo de alimentos locais, sustentáveis e socialmente justos. A *Canasta Utopía* segue atuando em colaboração com movimentos sociais, especialmente o *Movimiento de Economía Social y Solidária del Ecuador - Messe*, o movimento agroecológico e do movimento indígena, bem como com uma ONG que trabalha com o desenvolvimento rural, a *Fundacion Ekorural*.

3.2.3 Gruppo d'Acquisto Solidale Testaccio Meticcio (Roma, Itália)

Quadro 3 – Campos analíticos heurísticos do GAS Testaccio Meticcio

Campos analíticos heurísticos	GAS TESTACCIO METICCIO
Localização	Roma, Itália
Origem	2011, por iniciativa de uma pessoa que mobilizou outros moradores locais
Cadeia de abastecimento	Fornecedores múltiplos: agricultores familiares; pequenos agricultores, cooperativas sociais e pequenas empresas.
Métodos de produção de alimentos	Orgânico, artesanal e de pequena escala
Forma de encomenda	Software on-line
Forma de entrega	Semanal, pedido conforme unidade familiar
Consumidores	35 unidades familiares
Governança	Autogestão horizontal, com rodízio da tarefa-chave entre os membros
Entidade legal	<i>Gruppo d' Acquisto Solidale</i>
Interação produtor-consumidor	Dias de entrega, visita aos agricultores, refeições compartilhadas, atividades educativas e culturais, atividades políticas
Rede de atuação	<i>Sinistra Ecologia Libertà - SEL, Rete GAS, Movimento Slow Food, Rete di Economie Solidali</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O *Gruppo d' Acquisto Solidale Testaccio Meticcio*⁵ atua na cidade de Roma, Itália. Tradicionalmente, Testaccio é um bairro da classe trabalhadora, mas nos últimos anos está se tornando um lugar popular para o turismo, em especial como espaço representativo da gastronomia e da cultura italiana.

Este GAS começou em 2011, por iniciativa de Alfredo, um jovem do setor de Tecnologia da Informação e que já havia participado de outro GAS desde 2009. Ele não estava satisfeito com o grupo, em especial porque o sistema de governança envolvia uma dinâmica centralizada, então ele decidiu criar um novo grupo. Alfredo colocou anúncios nas ruas do bairro e na internet em busca de interessados em formar um GAS na região de Testaccio. No início, dez pessoas responderam e logo se juntaram para definir suas diretrizes e forma de funcionamento. Hoje, o grupo envolve cerca de trinta e cinco famílias de consumidores, principalmente de classe média com distintas áreas de atuação profissional. Todos os consumidores vivem ou trabalham a uma caminhada de distância ou um pequeno passeio de bicicleta do ponto de entrega.

⁵ Testaccio é uma das regiões da cidade de Roma e Meticcio significa mestiço, uma analogia para a diversidade do grupo.

As entregas acontecem na “*Casa de la Sinistra*”, a sede de um partido político, a *Sinistra Ecologia Libertà - SEL*. Importante mencionar que existe apenas uma pessoa deste partido que participa no GAS e que a parceria é restrita ao uso do espaço. Portanto, não há um direcionamento político sobre o grupo, que realmente afirma fazer “*Política sem partidos*”. A governança do grupo segue uma estrutura horizontal de autogestão, com rotação de tarefas essenciais para o funcionamento do GAS, tais como: coordenação (papel de porta-voz e supervisão), contabilidade, relação com fornecedores, promoção de eventos, comunicações. Cada participante deve se envolver em algumas dessas tarefas, além de se revezar para montar os pedidos e realizar as entregas. A divisão de tarefas é definida mensalmente nas reuniões do grupo. Além disso, os participantes frequentemente realizam visitas aos agricultores, jantares, festas ou debates.

A entrega de alimentos ocorre semanalmente nas noites de quinta-feira, tendo uma grande variedade de produtos: legumes frescos, frutas, mel, geleias, iogurte, cereais, massa artesanal, biscoitos, bolos, carne e queijo (Figura 9). Eles também compram produtos de higiene e artesanato. Isso é possível devido a um grupo de aproximadamente dezessete fornecedores entre: agricultores familiares, pequenos agricultores, cooperativas sociais⁶ e pequenas empresas. As encomendas são feitas através de um software desenvolvido para este fim e cada consumidor escolhe o que deseja para a semana de acordo com os produtos disponíveis. O processo é ilustrado pela Figura 10.

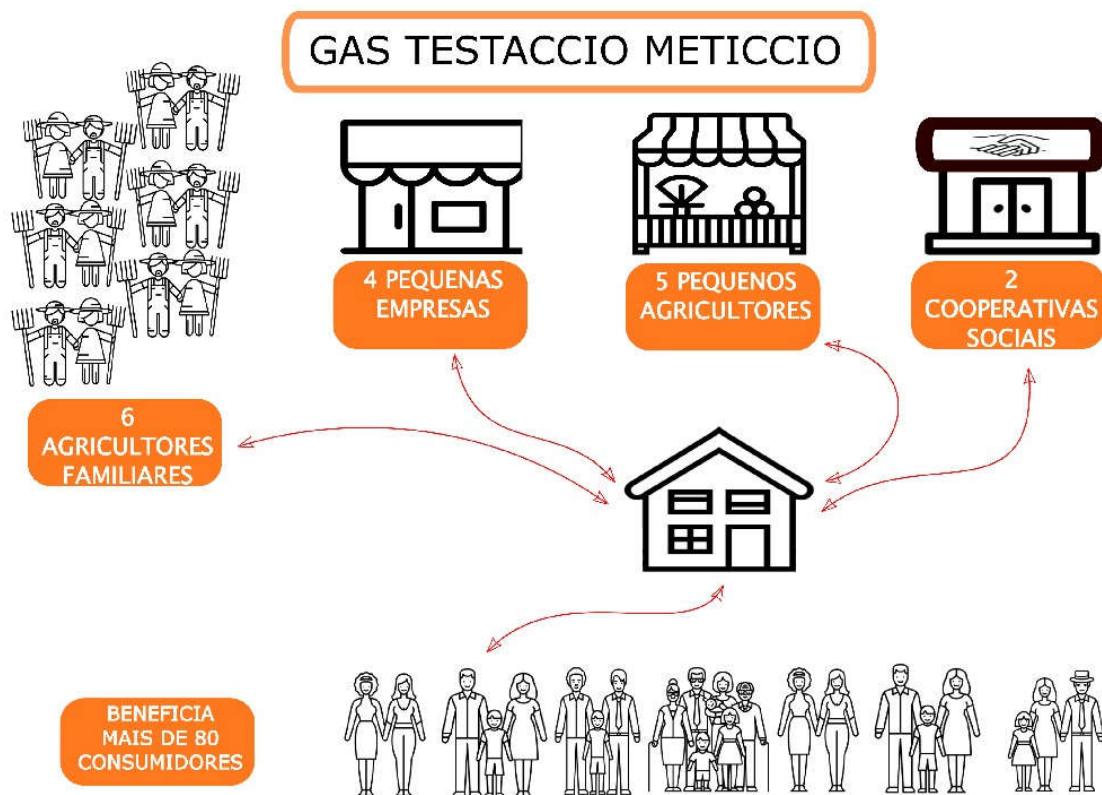
⁶ Cooperativas sociais são uma entidade legal na Itália, desde 1991, conforme a Lei 381/91, que tem como objetivo a inserção e o apoio às pessoas em desvantagem social. As cooperativas podem se dedicar a atividades de gestão de serviços sócio-sanitários e educativos (tipo A) ou a atividades em diversas áreas, inclusive a agrícola, com a finalidade de inserir no mercado de trabalho pessoas em desvantagem social (tipo B).

Figura 9 – Dois consumidores com uma caixa com seus produtos (a), Os consumidores separando os pedidos em um dia de entrega (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Figura 10 — Cadeia de abastecimento do GAS Testaccio Meticcio



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Existem quatro critérios principais para a escolha dos fornecedores: 1. Localização, o grupo busca ser o mais “Quilômetro Zero” possível, para tanto, fazem parcerias com pequenas empresas ou agricultores localizados na área rural próxima

a Roma; 2. Genuinidade, todos os produtos devem ser cultivados com métodos biológicos e naturais e, quando os produtos envolvem processamento, há preferência pela produção artesanal; 3. Eco-Compatibilidade, favorecimento de produtos sem embalagem ou que utilizam materiais recicláveis; 4. Solidariedade, é entendido como o compromisso social dos fornecedores em termos de contribuir para combater a exploração, a pobreza ou outras desigualdades sociais. Ou seja, buscam se associar a iniciativas que tenham um impacto social mais amplo.

Os GAS são reconhecidos legalmente pela lei italiana desde dezembro de 2007, conforme Fonte (2013, p. 6) é descrito como “uma associação sem fins lucrativos criadas para realizar compras coletivas e distribuição de bens para fins de sustentabilidade ambiental, ética, social e solidária”. Este é um elemento importante, pois além de Itália, o único outro país que reconhece este tipo de abastecimento como uma entidade legal é a França, onde são chamadas de AMAP's. O GAS *Testaccio Meticcio* está engajado na *Rete Nazionale Dei Gruppi D'acquisto - Rete GAS*⁷ fundada em 1997. A *Rete GAS* desempenha um papel importante em articular e fomentar essas experiências, além de promover reuniões para refletir e intercambiar práticas, atua como uma frente política que representa os grupos existentes no país. Ainda, seu site oferece uma ferramenta de busca para localizar GAS em todo o país, bem como modelos de documentos para a criação de novos grupos. Eles também atuam em colaboração com o Movimento *Slow Food* e a rede nacional de economia solidária.

3.2.4 GASPER (Roma, Itália)

Quadro 4 – Campos analíticos heurísticos do GASPER

Campos analíticos heurísticos	GASPER
Localização	Roma, Itália
Origem	2008, através de um grupo de vizinhos interessados em comprar diretamente de produtores locais
Cadeia de abastecimento	Múltiplos Fornecedores: agricultores familiares; pequenos agricultores, cooperativas sociais, agroindústrias e pequenas empresas
Métodos de produção de alimentos	Orgânico, artesanal e de pequena escala
Forma de encomenda	Software on-line
Forma de entrega	Semanal, pedido conforme unidade familiar
Consumidores	50 unidades familiares

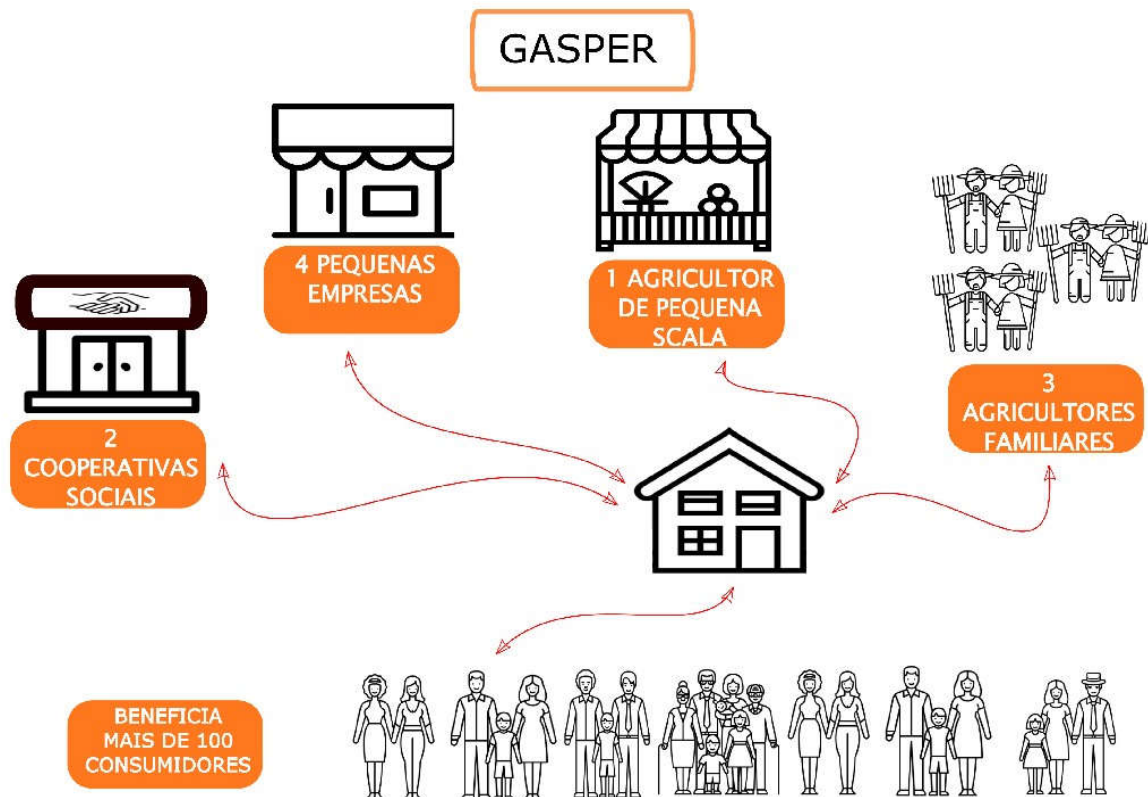
⁷Significa Rede Nacional de Grupo de Compras Solidárias.

Governança	Autogestão horizontal, com rotação da tarefa-chave entre os membros
Entidade legal	GAS
Interação produtor-consumidor	Dias de entrega, visita aos agricultores, refeições compartilhadas, atividades educativas e culturais, atividades políticas
Rede de atuação	<i>GAS Rete</i> , Movimento <i>Slow Food</i> , <i>Rete di Economie solidali - RES</i> , organizações ligadas certificação participativa, a soberania alimentar.

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O GASPER também está localizado em Roma, Itália, mas fornece pessoas residentes em San Lorenzo, um bairro que remonta ao século XIX para abrigar os trabalhadores que vinham para a cidade então em expansão. A experiência iniciou em 2008 por um pequeno grupo de vizinhos interessados em comprar diretamente de produtores locais. Este grupo buscou produtores em sintonia com uma agricultura ecológica e ética, envolvidos com uma economia justa e solidária. O GASPER tem aproximadamente cinquenta unidades familiares de consumidores que compram alimentos de múltiplos fornecedores que variam de agricultores familiares; pequenos agricultores, cooperativas sociais e pequenas empresas (Figura 11). As entregas acontecem semanalmente, sempre na sexta-feira à noite, conforme a escolha dos consumidores. O processo é feito através de um software on-line.

Figura 11 – Cadeia de Abastecimento do GASPER



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Há uma grande variedade de produtos que são entregues com diferentes frequências, o que torna o processo de encomendas um tanto complexo visto que diferentes produtos têm diferentes prazos para serem solicitados, exigindo tempo do e uma boa organização dos consumidor. Por exemplo, legumes frescos são entregues semanalmente, quinzenalmente chegam ovos e massas frescas, uma vez ao mês são produtos menos perecíveis, tais como: óleo, azeitonas, picles, farinhas, compotas, massas, queijos, iogurtes, carnes, vinho, frutas secas, mel, cereais, licores, pães e doces. Outros produtos ainda são entregues conforme a disponibilidade, especialmente frutas sazonais. A grande variedade de produtos permite que as famílias possam suprir sua demanda de alimentos basicamente através do GASPER, evitando assim de comprar em outros locais, especialmente supermercados.

Para cada dia de entrega, três consumidores se voluntariam para organizar os pedidos e entregar aos demais participantes, desde o controle dos produtos que chegam, a separação por família e o recebimento do pagamento (Figura 12).

Interessados em participar do grupo pagam uma taxa de € 50,00 para entrar e € 2,00 por mês para pagar o aluguel do local. A governança do grupo segue uma estrutura horizontal de autogestão, com a divisão das tarefas mais importantes entre os membros, são elas: contabilidade, pedidos, relação com fornecedores e comunicações.

Para os participantes do GASPER, o alimento é visto como algo que deve ser compartilhado e vivido de forma muito agradável, assim, cada entrega encerra com um jantar em que todos são convidados a participar. O fato das entregas acontecerem no *Come se*, uma galeria de arquitetura que também funciona como um restaurante vegano à noite, auxilia em muito essa prática.

Figura 12 – Consumidores organizando os pedidos de cada família (a); o jantar coletivo no final da noite de entrega (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Visitar agricultores é uma prática comum entre o GASPER que também frequentemente pré-financia colheitas de produtos que serão repassados ao grupo. Para a escolha dos fornecedores, há o mesmo tipo de preocupação do GAS *Testaccio Meticcio* no sentido de que se busca proporcionar um impacto social mais amplo. O grupo ressalta que seu maior critério é trabalhar com os “verdadeiros agricultores”, aqueles que vivem da terra e para a terra. Eles compartilham alguns dos fornecedores do GAS *Testaccio Meticcio*, em especial: o *Barikamà* que fornece iogurte; *Liberovo* agricultores familiares que oferecem ovos, *Amor di Pasta*, produtor artesanal de massas; e a *Fattoria Il Papavero*, um produtor de frutas.

O GASPER também atua de forma ativa na *Rete GAS* da província de Lazio, além de participar em outras redes e movimentos tais como o Movimento *Slow Food*,

a rede nacional de economia solidária, bem como em organizações que atuam com certificação participativa de alimentos orgânicos e em prol da soberania alimentar.

3.2.5 Grupo de Consumo Vera (Valencia, Espanha)

Quadro 5 – Campos analíticos heurísticos do Grupo de Consumo Vera

Campos analíticos heurísticos	GRUPO DE CONSUMO VERA
Localização	Valência, Espanha
Origem	2012, por um grupo de pessoas da UPV interessado em comprar alimentos diretamente de produtores rurais
Cadeia de abastecimento	2 fornecedores principais (agricultores familiares), duas empresas de pequeno porte
Métodos de produção de alimentos	Orgânico, artesanal e de pequena escala
Forma de encomenda	Via planilhas de Excel
Forma de entrega	Semanal, pedido conforme unidade familiar
Consumidores	50 unidades familiares
Governança	Autogestão horizontal, com comissões responsáveis por tarefas específicas
Entidade legal	Cooperativa
Interação produtor-consumidor	Dias de entrega, visita a agricultores, refeições partilhadas, atividades educacionais e culturais, atividades políticas
Rede de atuação	Universidade Politécnica de Valência, <i>Fundación CEDAT</i> , <i>Grupo a Grupo</i> , <i>La Plataforma per la Sobirania Alimentaria</i>

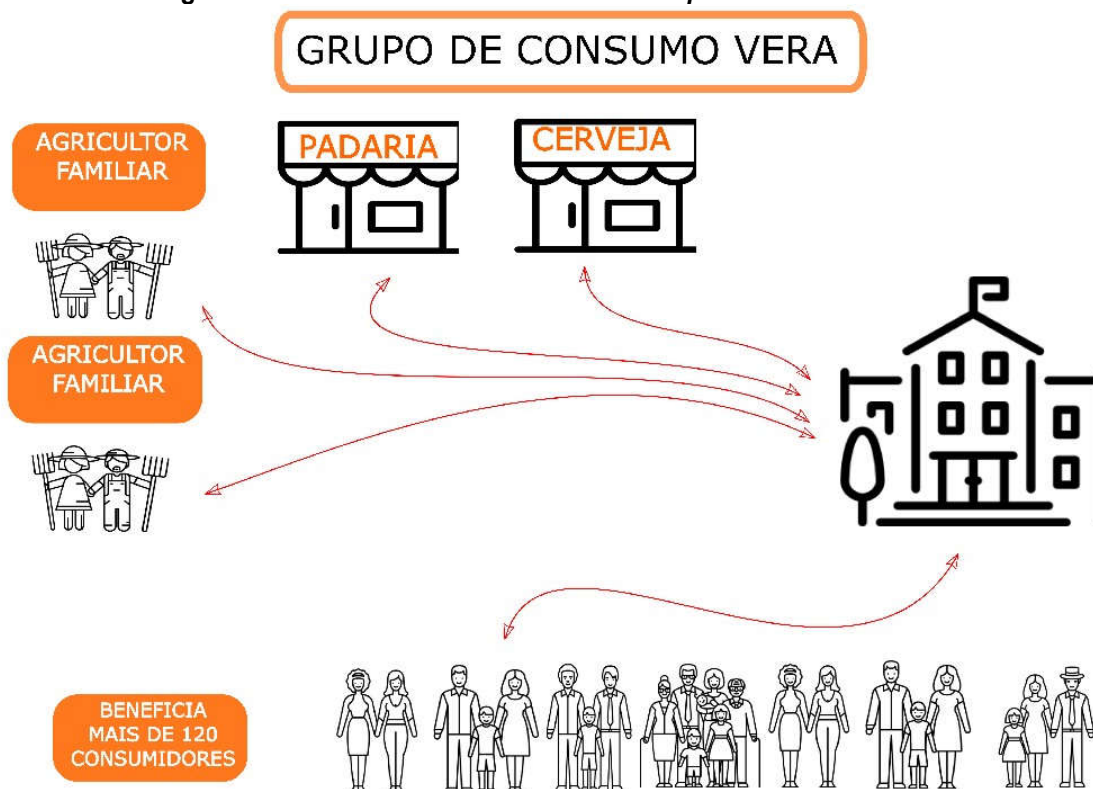
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O *Grupo de Consumo Vera* está localizado em Valência, na costa do Mediterrâneo espanhol; é a capital da província homônima e considerada a terceira cidade mais populosa do país. Mais especificamente, o grupo opera dentro da Universidade Politécnica de Valência - UPV, uma instituição de ensino focada no desenvolvimento científico e tecnológico, com uma vasta gama de programas de graduação e pós-graduação.

Tudo começou em 2012 com um grupo de pessoas da UPV que estavam interessados em comprar alimentos frescos e orgânicos, diretamente de produtores locais. Basicamente, um e-mail foi enviado para um grupo de pessoas da Universidade indicando uma data em que os interessados poderiam se encontrar. Cerca de 30 pessoas compareceram e iniciaram as discussões de como seria a dinâmica de funcionamento do grupo. Hoje, existem cerca de cinquenta unidades familiares de consumidores, das quais cerca de trinta realizam pedidos semanais. Para participar, é importante que os consumidores tenham alguma ligação com a Universidade, ou seja, devem ser professores, alunos, funcionários ou trabalhadores no campus.

Eles têm quatro fornecedores, dois agricultores familiares que oferecem produtos como legumes, frutas, iogurte, queijo, ovos e duas pequenas empresas locais que fornecem pão e cerveja artesanal (Figura 13). A distribuição de alimentos ocorre semanalmente nas tardes de quarta-feira. As encomendas são feitas através de uma planilha de Excel conforme os produtos disponíveis. A cada semana, três consumidores são responsáveis por receber os produtos, separando as encomendas e distribuindo entre os membros (Figura 14). A entrega de alimentos ocorre em um armazém do Centro Especial de Emprego da Universidade Politécnica de Valência - *Fundación CEDAT*, que trabalha para a integração social das pessoas com deficiência.

Figura 13 – Cadeia de abastecimento do Grupo de Consumo Vera.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Figura 14 – Caixas com pedidos por unidade familiar (a); consumidores degustando os produtos de um possível novo fornecedor de pães (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

A governança é baseada em uma estrutura horizontal de autogestão, tendo comissões responsáveis por tarefas específicas: logística, relação com os produtores, recepção de novos membros, contabilidade e “*incendiária*”, uma comissão voltada para a realização de atividades e ações políticas. Cada participante deve se juntar a uma das comissões, além de se comprometer em colaborar com as entregas a cada dois meses. As decisões do grupo são tomadas em assembleias a cada três meses. Além disso, eles têm uma conta bancária conjunta que utilizam para fazer pagamentos aos produtores no final de cada mês.

Vale ressaltar que o funcionamento do grupo ocorre de uma forma muito informal. Um exemplo é a escolha de um novo fornecedor, que, apesar da necessidade de cumprir os critérios do grupo, ocorre de uma maneira muito relaxada que se parece mais com um piquenique, onde os produtos são provados em uma roda de conversa. Eles também organizam visitas aos agricultores, se reúnem para refeições compartilhadas, bem como promovem atividades educativas e culturais relacionadas à alimentação e à situação dos agricultores locais. Nesse sentido, eles ressaltam que o grupo tem também o propósito de ajudar a dignificar os agricultores que vivem na área rural de Valência.

O *Grupo* é legalmente registrado como uma cooperativa, mas trazem uma reclamação de que este tipo de abastecimento deveria ser reconhecido pela lei espanhola, tais como é o caso dos GAS e AMAP's. Seus membros entendem que ao estar neste contexto de “ilegalidade” eles tem seu desempenho limitado porque tem dificuldade de acessar certos produtos que gostariam, como peixes e outras carnes que demandam uma estrutura de armazenamento refrigerado. Também se torna

mais difícil de emitir notas e adquirir apólices de seguro para seus membros, inclusive os produtores que podem sofrer algum acidente durante o transporte das encomendas.

O *Grupo de Consumo Vera* atua em parceria com a CEDAT para organizar uma cesta de vegetais com produtos locais que é entregue a funcionários da universidade que tem interesse. A cesta é organizada por pessoas com deficiência que estão vinculadas aos projetos do CEDAT que visam proporcionar renda e inclusão social. Os produtos são entregues pelos mesmos dois agricultores familiares que fornecem verduras ao *Grupo*.

Eles estão envolvidos em uma rede com outros atores locais envolvidos em práticas de consumo sustentável e soberania alimentar. Um deles é o *Grupo a Grupo*, uma rede que reúne grupos de consumo para trocar experiências e promover ações conjuntas. Eles desenvolveram uma página web onde é possível encontrar informações sobre o funcionamento dos grupos e um software livre para facilitar os pedidos, bem como um mapa dos grupos ativos no país e seus fornecedores. Eles também pertencem a *Plataforma per la Sobirania Alimentaria del País Valencià* (A Plataforma para a Soberania Alimentar na Comunidade Valenciana), um fórum político que envolve experiências diversas e visa promover a ação coletiva em prol da soberania alimentar.

3.2.6 *Grupo de Consumo de Russafa* (Valencia, Espanha)

Quadro 6 – Campos analíticos heurísticos do *Grupo de Consumo de Russafa*

Campos de análise heurística	GRUPO DE CONSUMO DE RUSSAFA
Localização	Valência, Espanha
Origem	2011, por vizinhos ligados à <i>Plataforma Per Russafa</i>
Cadeia de abastecimento	1 fornecedor principal
Métodos de produção de alimentos	Orgânico, artesanal e de pequena escala
Forma de encomenda	Planilha de Excel
Forma de entrega	Semanal, pedido conforme unidade familiar
Consumidores	20 unidades familiares
Governança	Horizontal, autogestão com comissões responsáveis por tarefas específicas
Entidade legal	Nenhuma entidade jurídica
Interação produtor-consumidor	Dias de entrega, visita aos agricultores, refeições partilhadas, atividades educacionais e culturais, atividades políticas
Rede de atuação	<i>Plataforma Per Russafa, Fundación CEDAT, Grupo a Grupo, La Plataforma per la Sobirania Alimentaria</i>

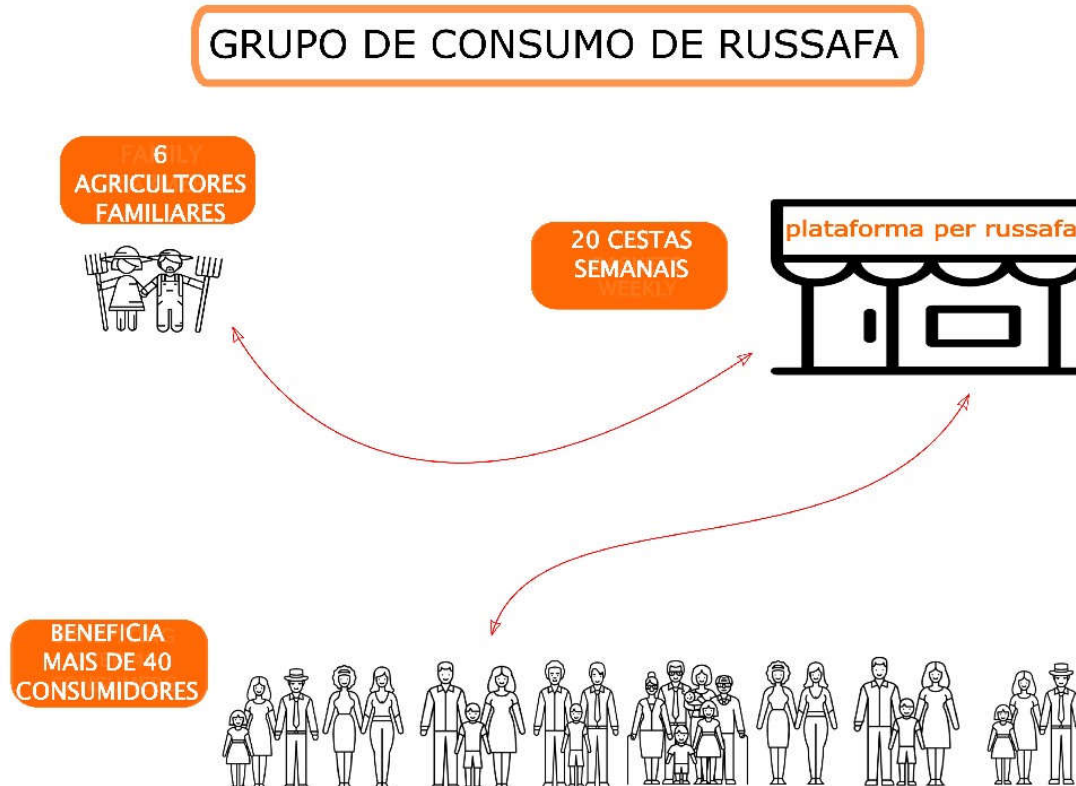
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O *Grupo de Consumo de Russafa* também está localizado em Valência, Espanha. O bairro é conhecido como um espaço popular e tradicional que reúne muitos trabalhadores e uma vida cultural ativa. Porém nos últimos anos tem passado por um processo de gentrificação e um considerável aumento do turismo, colocando pressão sobre a população local e as pequenas empresas. O grupo nasceu no auge do movimento anti-austeridade na Espanha - 15M. Esse movimento teve início em 15 de Maio de 2011, mobilizado pelas redes sociais virtuais, milhares de pessoas ocuparam espaços públicos em todo país clamando por *Democracia real YA*.

Ainda durante este processo, em julho de 2011, algumas pessoas começaram a se reunir na *Plataforma Per Russafa*, uma associação comunitária que visa promover a participação direta da população nas decisões que afetam o bairro de Russafa. Alguns dos envolvidos decidiram iniciar um *Grupo de Consumo* para as pessoas que vivem nas proximidades. Atualmente cerca de 20 unidades familiares são beneficiadas pelo grupo.

Os produtos são entregues a cada quarta-feira, na sede da *Plataforma Per Russafa*. As frutas e legumes são fornecidos por um pequeno agricultor da zona rural ao sul da cidade (Figura 15; 16). Ocasionalmente, outras encomendas são feitas para produtos como cereais, farinha, carne, mel, açúcar e óleo. Os produtos são todos orgânicos, porém nem todos são certificados. O grupo entende que a sua relação pessoal com os produtores é um elemento importante na qualidade dos alimentos, podendo esta ser mais eficiente do que selos institucionais.

Figura 15 – Cadeia de abastecimento *Grupo de Consumo de Russafa*



Fonte: elaborado pela autora (2017).

Figura 16 – Consumidores socializando e organizando os pedidos (a); caixas com produtos (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

O sistema de governança é fortemente influenciado pelo 15M. Basicamente, há uma autogestão com relações horizontais, em que tarefas específicas ficam a cargo das comissões: encomendas, distribuição, comunicação interna e externa, eventos, gestão do site e prestação de contas. Todas as decisões devem ser discutidas e aprovadas nas assembleias de grupo. Além do compromisso na

participação da Comissão e as entregas, os membros contribuem com €20 quando se inserem e repassam €1,00 mensalmente para um fundo coletivo.

Os participantes ressaltam que para além de abastecimento alimentar, o *Grupo de Consumo de Russafa* auxilia na luta pela sobrevivência das zonas rurais e dos agricultores familiares na cidade. Valencia costumava ser totalmente cercada por propriedades rurais, porém vem enfrentando um processo de degradação destes espaços desde os anos 60, fazendo com que o rural seja “destruído” pela expansão urbana e a especulação imobiliária. Este processo torna difícil a condição dos agricultores. O *Grupo* resalta ainda que entende o rural não só como um espaço produtivo, mas como uma área de relevância social e ambiental em que há um processo de preservação das culturas locais e o fomento a ambientes mais ecologicamente equilibrados.

Eles organizam atividades culturais e sociais, como visitas a fazendas orgânicas, palestras e jantares. A maioria dos membros do *Grupo* tem participação ativa na *Plataforma Per Russafa*, lutando por causas como a preservação de áreas de interesse social, cultural e ambiental. Também realizam ações em prol da melhoria do sistema educacional local e da estrutura urbana, além de promover atividades de integração e socialização entre vizinhos. Assim como o *Grupo de Consumo Vera*, eles têm atuação ativa no *Grupo a Grupo* e na *Plataforma per la Sobirania Alimentaria del País Valencià*.

3.2.7 De Groene Schuur (Zeist, Holanda)

Quadro 7 – Campos analíticos heurísticos do *De Groene Schuur*

Campos de análise heurística	DE GROENE SCHUUR
Localização	Zeist, Holanda
Origem	2013, por iniciativa de uma consumidora
Cadeia de abastecimento	Um fornecedor principal - Coletivo de agricultores <i>Bioromeo</i>
Métodos de produção de alimentos	Orgânico, biodinâmico, artesanal
Forma de encomenda	Software on-line
Forma de entrega	Semanal, pedido conforme unidade familiar
Consumidores	108 unidades familiares
Governança	Há um núcleo de gestão e todos membros colaboram para a montagem e entrega de alimentos.
Entidade legal	Nenhuma entidade jurídica
Interação produtor-consumidor	Visita aos agricultores
Rede de atuação	Há alguma ligação com outras iniciativas similares no país e Slow Food internacional.

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

*De Groene Schuur*⁸ está localizado em Zeist, uma pequena cidade na Holanda, a cerca de 50 km ao sul de Amsterdã. A iniciativa foi mobilizada por Gabrielle que ficou sabendo sobre a dificuldade que os agricultores holandeses têm para vender seus produtos durante uma viagem de férias. A informação veio através de uma amiga que estava envolvida em uma experiência de compra direta chamada *Groenteclub*⁹. Assim, ambas as experiências são uma decorrência de um protesto realizado em 2012 por um jovem agricultor que joga seis mil quilos de batatas na Praça Dam, um lugar turístico no centro histórico de Amsterdã.

O agricultor era Krispijn van den Dries, envolvido no movimento *Youth Food Movement*¹⁰, e a ação visava chamar a atenção para as pressões que os agricultores sofrem para comercializar seus produtos nos supermercados Holandeses. Nos últimos anos, os supermercados intensificaram a importação de produtos alimentícios de países do Hemisfério Sul, colocando os agricultores holandeses em um processo de marginalização. O protesto recebeu muita atenção da mídia, chamando a atenção de Barbara Bolt, que após visitar a propriedade de Krispijn, começou a persuadir seus vizinhos para comprarem produtos diretamente dele. Com o tempo, a iniciativa se tornou o *Groenteclub*. É inspirada por esta experiência que cerca de um ano depois, em 2013, Gabrielle mobiliza uma experiência semelhante em sua cidade.

Hoje *De Groene Schuur* é composto por dois grupos. O primeiro e mais antigo, envolve cerca de setenta unidades familiares que toda quarta-feira se reúnem no quintal da casa de Gabrielle para pegar suas encomendas. O segundo é mais recente, se formou em 2015 e atende 38 unidades familiares no *De Dieptetuin*, um parque localizado no lado oposto da cidade. A governança é composta por um grupo de cinco pessoas que cuidam das principais tarefas de gestão: encomendas, site, relação com os produtores e pagamentos. Todos os outros membros se revezam para colaborar na montagem e entrega dos alimentos. Assim, em cada dia de entrega um grupo de oito voluntários chega às 8h para receber os produtos, descarregar as caixas e começar a separar as encomendas de cada família. A dinâmica dura até por volta das 12h, quando os demais consumidores chegam para pegar suas caixas.

⁸ Significa em Holandês "Celeiro verde".

⁹ Significa em Holandês "Clube dos Vegetais".

¹⁰ Refere-se ao braço de atuação jovem do Movimento *Slow Food*.

Figura 17 – Caixas com as encomendas familiares (a); consumidores organizando as encomendas no pátio de Gabrielle (b)

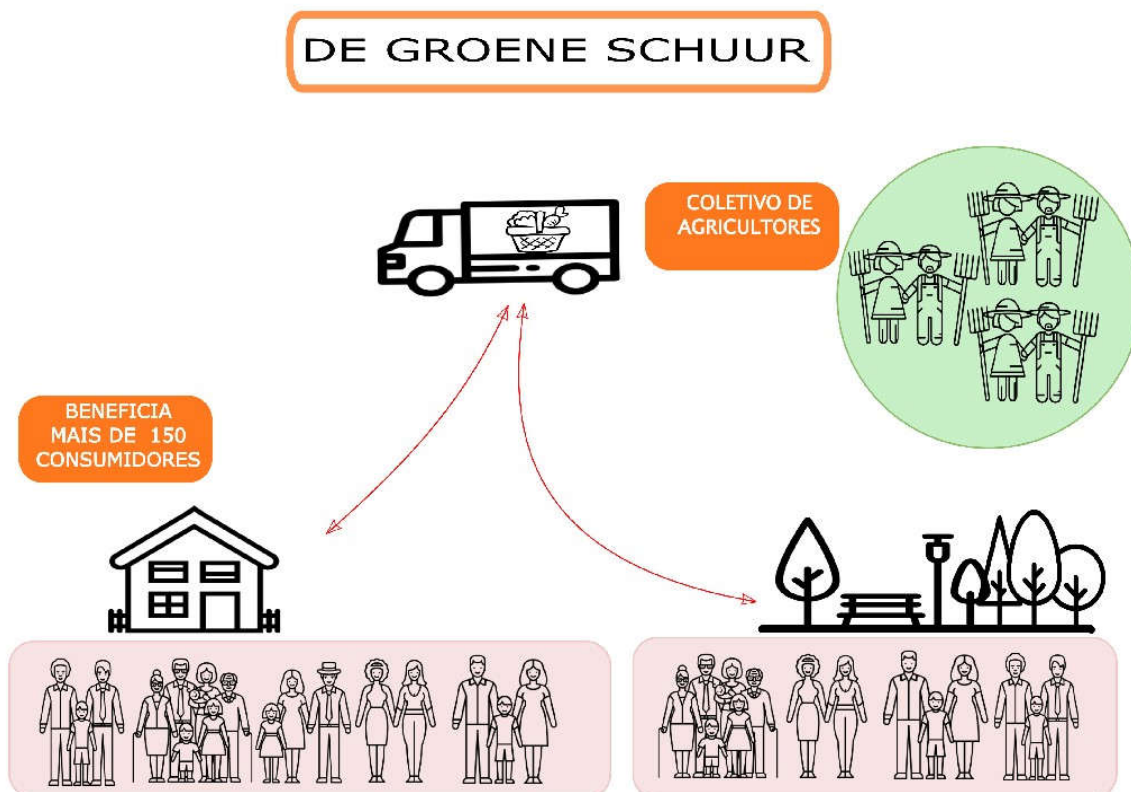


Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Os participantes pagam uma taxa de 20% sobre cada compra, para cobrir o custo de transporte e pequenos itens necessários para a dinâmica do grupo, tais como sacos, balanças, café, etc. Não há nenhuma entidade jurídica registrada. Com exceção do pão que vem de uma padaria orgânica local, todos os outros produtos vêm de um coletivo de agricultores chamado *BioRomeo* (Figura 18). De certa forma, estes agricultores são todos vizinhos de Krispijn, em uma localidade chamada Noordoostpolder, na província de Flevoland¹¹, uma hora de carro de Zeist. Todos trabalham com produção orgânica e biodinâmica, e a estratégia de organização coletiva permite que cada propriedade possa se concentrar na produção de variedades específicas, algo que além de facilitar seu trabalho evita à concorrência dentro da comunidade. Os consumidores se beneficiam ao receber uma ampla gama de produtos. Atualmente, o *Bioromeo* fornece para outras quinze iniciativas deste tipo, o que eles chamam de “cooperações entre consumidores”¹².

¹¹ Essa província foi criada apenas em 1986 e a maior parte do seu território é formada por aterros, construídos a partir de solo marítimo durante as décadas de 1950 e 1960.

¹² No original *consumer's cooperation*

Figura 18 – Cadeia de abastecimento do *De Groene Schuur*

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Além dos dias de entregas, há visitas anuais aos agricultores e algumas refeições partilhadas. Embora o processo de criação e a dinâmica de funcionamento se assemelham as outras iniciativas apresentadas anteriormente, de certa forma, o caso holandês traz contrastes que precisam ser mencionados. A maioria dos consumidores entrevistados não tem envolvimento com outros movimentos sociais ou grupos organizados. Embora os agricultores se sintam pressionados e marginalizados pelo sistema agroalimentar dominante, assim como os outros agricultores envolvidos nos casos que compõem esta pesquisa, o contexto e a forma de trabalho dos agricultores holandeses é muito diferente de todas as outras experiências analisadas. Por exemplo, de certa forma, poderíamos considerar Krispijn um agricultor familiar, no sentido de que ele pertence à terceira geração em uma família de agricultores trabalhando na mesma propriedade.

Após a 2ª Guerra Mundial, o governo holandês começou a distribuir terras na região de Noordoostpolder para aqueles que estavam interessados em trabalhar na terra. O avô de Krispijn foi um dos primeiros a se candidatar e começar a sua produção. Anos mais tarde, na década de 1990, seu filho Digni, assumiu o trabalho

da família e decidiu fazer uma transição nos métodos de produção, deixando de utilizar agrotóxicos para basear seu método produtivo em orgânico e biodinâmico. Quando chegou sua vez de assumir a propriedade, Krispijn decidiu modernizar a produção, inserindo uma série de maquinários para a produção e processamento dos produtos. Conforme o agricultor, era uma necessidade para poder se manter vivendo da terra, porém podendo oferecer uma produção em maior escala. Assim, além do uso de tratores e colheitadeiras, a propriedade é equipada com maquinários que auxiliam na limpeza, separação por tamanho e encaixotamento dos produtos. Além de Krispijn e seu pai, há cerca de oito funcionários contratados para trabalhar na fazenda, algo comum para a realidade Holandesa. Além disso, a área total de cinquenta hectares é considerada razoável para um produtor de pequeno a médio porte no país, porém muito maior do que a maioria dos agricultores dos demais casos apresentados.

3.3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Os sete casos apresentam diferentes características que compõem práticas e discursos complexos e heterogêneos. No entanto, muitos pontos de convergência são encontrados conforme vamos analisar nas páginas a seguir.

3.3.1 Localização

No que diz respeito à localização, estas dinâmicas de abastecimento de alimentos são encontradas tanto em grandes centros urbanos como São Paulo e Roma, como em cidades de médio a pequeno porte, como é o caso de Riobamba e Zeist. É importante ressaltar que todos os casos intencionalmente criam vínculos entre as áreas urbanas e rurais circundantes através das dinâmicas de abastecimento, uma forma de não só apreciar os produtos locais, mas também de valorizar as culturas e os ambientes que ali estão.

3.3.2 Origem

Em todos os casos, o passo inicial é dado por consumidores. Fora isso, a origem de cada caso parece ser contingente, embora afetada pela localização e as

circunstâncias sociopolíticas e econômicas em que os atores estavam inseridos. Os dois casos latino-americanos, *Canasta Comunitaria Utopia* e MICC, apresentam convergências interessantes em termos de tempo e circunstâncias, uma vez que ambos aparecem em meados da década de 1980, quando os países passaram por períodos pós-ditadura, quando crises econômicas estavam em vigor paralelamente ao florescimento de movimentos sociais. Além disso, eles nasceram sob a forte influência da Teologia da Libertação e atuam desde então com populações de média e baixa renda. Os outros casos começaram mais recentemente, mas mesmo com trajetórias diferentes, procuram consolidar um tipo de abastecimento alimentar mais socialmente inclusivo.

3.3.3 Cadeia de abastecimento

Mesmo que a cadeia de abastecimento seja muito específica para cada caso, todos são focados na oferta local, em que a comida vem de áreas rurais próximas, dentro do município ou de pequenos negócios em áreas urbanas, como padarias, cervejarias, etc. Economicamente, os recursos investidos na compra desses produtos acabam alimentando as economias locais e contribuindo para a reprodução dos atores envolvidos.

Os dados corroboram o trabalho de Brunori et al. (2010), que afirmam que os GAS trazem benefícios mútuos a produtores e consumidores ao eliminarem intermediários, bem como atividades e materiais desnecessários (por exemplo, longos períodos de armazenagem, embalagem, rótulos, entre outros). Acreditamos que o mesmo argumento pode ser feito para todos os outros casos. Em termos ecológicos, a proximidade da cadeia de abastecimento significa que os produtos viajam curtas distâncias entre produção e consumo, em média, menos de 100 km em todos os casos.

Em termos sociais a preferência por produtos locais, entregue por produtores de pequena escala não só cria um canal de comercialização para os produtores, mas também valoriza, protege e preserva o conhecimento local, as culturas alimentares e biodiversidade regional como indicado por Fonte (2010). Ainda que saibamos do alerta de Brunori et al. (2016) que indicam que dinâmicas de abastecimento localizados e em cadeias curtas não devem, a priori, ser equiparados a sistemas alimentares sustentáveis, acreditamos que os casos aqui analisados

têm um esforço de evitar que alimentos percorram longas distâncias e do ponto de vista do impacto ecológico, este elemento não pode ser descartado.

Além disso, todos os legumes são frescos e as frutas são entregues em caixas que evitam o uso de embalagens. Assim, os dados empíricos indicam que ainda há um claro esforço de todos os casos em criar estratégias para alcançar a sustentabilidade em termos de uma relação mais equitativa e harmônica em relação às dimensões econômicas, sociais e ambientais da produção de alimentos e consumo.

3.3.4 Métodos de produção de alimentos

Os métodos de produção utilizados são principalmente de baixo impacto ambiental, como manejo orgânico, agroecológico ou biodinâmico. A *Canasta Comunitaria Utopia* é o único caso que compra produtos em que há o uso de agroquímicos, em particular nos produtos que adquire no mercado *Mayorista*, mas ao longo dos anos tem aumentado à aquisição dos produtos agroecológicos. Também é importante considerar que a produção ecológica para alguns é um processo que envolve o aprendizado e uma mudança de práticas dos agricultores, o que requer tempo. Nesse sentido, é importante mencionar que a *Canasta Comunitaria Utopia* teve e ainda tem um papel essencial para auxiliar no processo de transição agroecológica dos agricultores locais, especialmente no caso das Comunidades Indígenas de Tzimbuto e Basquitay. Em todos os casos há preferência por produtos processados de forma artesanal, fomentando saberes locais e pequenos empreendimentos.

3.3.5 Forma de encomenda

A forma de encomenda tende a ser reflexo do tipo de tecnologia que os atores têm acesso. Todas as iniciativas européias trabalham com algum tipo de sistema que envolve utilização de softwares, o que significa que agricultores, produtores e consumidores não só devem ter acesso a esta tecnologia, mas também o conhecimento e a habilidade para gerenciá-la. Este desafio também foi mencionado por Brunori, Rossi e Malandrini (2012), que argumentam que para ser capaz de fornecer a um GAS os agricultores podem precisar desenvolver conhecimentos e

habilidades que vão além das necessárias a produção e comercialização dos alimentos.

É interessante ver que as duas experiências latino-americanas mais uma vez convergem já que suas encomendas acontecem através de interações face a face ou telefonemas. Embora o uso da internet seja comum em ambos os países, os grupos de gestão de ambos os casos, *Canasta Comunitaria Utopia* e *MICC*, acreditam que a mudança para pedidos com um software on-line tornaria o processo mais prático, mas poderia limitar a participação dos consumidores e agricultores que no momento estão envolvidos e não tem acesso ou conhecimento para utilizar tais tecnologias. Assim, preferem manter a dinâmica de interação pessoal.

3.3.6 Forma de entrega

Basicamente acontece semanalmente ou quinzenalmente, essa periodicidade vai implicar na rotina dos participantes. Para os agricultores envolve organizar suas colheitas e a logística de entrega. Para os consumidores requer que saibam encomendar a quantidade de alimento que precisam para o período e que o possam armazenar de forma que ele dure o tempo necessário. Essa discussão será feita em profundidade no Capítulo 6.

A forma de entrega influencia nas relações sociais já que para todos os casos consumidores se revezam para organizar e entregar os alimentos. Esta estratégia não é apenas um meio para economizar custos, mas um espaço de encontro e interação. Para a maioria dos consumidores é vista como uma tarefa agradável, que lhes permite conviver uns com os outros e com os agricultores. Por sua vez, os produtores podem receber um retorno sobre seu trabalho e também partilhar os possíveis problemas que eles tiveram durante a colheita. Assim, mais do que justificar por que a encomenda pode não ser exatamente o que os consumidores esperavam, isso mantém os consumidores atentos à situação que os agricultores vivem no campo, tornando-se um espaço de diálogo e troca de experiências da vida cotidiana.

3.3.7 Consumidores

Do ponto de vista de gênero, idade e formação profissional, há uma grande

variedade entre os casos tornando impossível criar um perfil uniforme dos consumidores. Em termos quantitativos há também uma grande variedade, sendo o menor caso o *Grupo de Consumo de Russafa* com 20 unidades familiares e o maior o MICC com 400 unidades familiares. Assim o tamanho do Grupo vai influenciar em muito sua dinâmica de funcionamento e a capacidade dos atores de organizarem uma logística que dê conta do processo como um todo.

No que diz respeito ao nível de renda, há uma tendência a supor que os atores envolvidos na compra direta de produtos saudáveis e ecológicos são oriundos de classes mais afluentes que teriam condições de pagar valores mais elevados. Primeiramente, tanto MICC como a *Canasta Comunitaria Utopia*, que desde o início atuam com comunidade de média e baixa renda, demonstram que esta suposição pode nem sempre ser correta. De forma complementar, dois estudos sobre valores praticados nestas dinâmicas e em outros espaços de comercialização auxiliam a questionar esta suposição.

O primeiro é um estudo realizado em Roma por Crisci (2014), que comparou oito canais de comercialização: *GAS Testaccio Meticcio*, dois supermercados, duas lojas orgânicas especializadas, um mercado de desconto¹³ e duas mercearias de bairro. Na comparação os dados revelaram que os preços praticados no GAS eram mais baixos para a maioria das categorias de produtos orgânicos e quando comparados com os preços médios dos produtos convencionais, apenas o mercado de desconto teve preços realmente mais baixos do que o GAS (CRISCI, 2014). Para todos os canais de comercialização, os preços médios foram maiores ou semelhantes aos encontrados no GAS e os valores de produtos como massa, farinha, vegetais, frutas, mel e molho de tomate eram de 15% a 23% menores quando comprados no GAS (CRISCI, 2014).

A segunda pesquisa foi realizada pelo Instituto Kairós (2016) em cinco cidades diferentes no Brasil, onde os preços de vinte e dois produtos foram comparados para quatro canais de comercialização diferentes: supermercado, Feira livre com alimentos de produção “convencional” (com uso de agroquímicos), feira de produtos orgânicos e Grupos de Consumo Responsável, entre os quais estava o MICC. Os dados levam à conclusão de que, para produtos orgânicos, os canais curtos (Feiras orgânicas e Grupos de Consumo Responsáveis) tendem a ter preços

¹³ Seria algo semelhante ao que no Brasil chamamos de “sacolão”.

mais baixos em comparação com os supermercados e a feira “convencional” (INSTITUTO KAIRÓS, 2016). Enquanto uma cesta com dezessete produtos orgânicos custa R\$ 144,00 no supermercado, a mesma cesta poderia ser adquirida através de Grupo de Consumidor Responsável por R\$ 69,0, portanto, menos da metade do preço do supermercado (INSTITUTO KAIRÓS, 2016). A pesquisa também revelou que os produtos orgânicos comprados em supermercados podem ser até quatro vezes mais caros do que os valores praticados pelos Grupos de Consumo Responsável (INSTITUTO KAIRÓS, 2016).

Estes dados confirmam as afirmações feitas pelos atores envolvidos que argumentam que as dinâmicas de abastecimento aqui estudadas oferecem preços mais econômicos para os consumidores, bem como pagamentos mais elevados para os agricultores. E mesmo quando os produtos fornecidos não são mais baratos, eles são pelo menos competitivos com outros canais de comercialização. Tais resultados dão margem a questionarmos a ideia de que os alimentos orgânicos são sempre mais caros e, portanto, restritos a uma elite ou nicho de mercado.

As informações também indicam que talvez não seja o método de produção, mas o canal de comercialização o responsável pela diferença de preços. Além disso, é importante levar em consideração que, embora os produtos estejam livres de pesticidas, nem todos são organicamente certificados. O tipo de sistema de certificação tem influência sobre os preços finais, pois diferentes certificadores envolvem diferentes custos. Como mencionado, entre os casos aqui analisados, os que possuem certificação tendem a utilizar sistemas de certificação participativa. Outros dispensam a certificação completamente, entendendo que a relação pessoal estabelecida entre agricultores e consumidores é suficiente para atestar a qualidade dos produtos.

3.3.8 Governança

A forma de governança tem relação direta com o tamanho do grupo. Os casos com um grande número de consumidores e fornecedores acabam tendo algum tipo de gestão central. Independentemente do número de participantes, todos requerem um alto grau de participação dos consumidores que precisam pelo menos se revezar para organizar e entregar os alimentos. E ainda que os casos maiores tenham estrutura mais hierarquizada com núcleo de gestão, há para todas as experiências a

estruturação de espaços para que as decisões relevantes sobre novos fornecedores, produtos ou alterações no funcionamento da dinâmica de abastecimento sejam tomadas de forma participativa. Os casos menores (italianos e espanhóis) têm um sistema de governança altamente horizontalizado que requer participação intensa de todos os membros. Portanto, nos parece que ainda que haja variações, há de forma geral a busca por processos mais democráticos e participativos. Esta discussão será retomada e aprofundada no Capítulo 5.

3.3.9 Entidade legal

A questão do registro legal traz a discussão da potencial relevância de uma formalização ou institucionalização para estas dinâmicas de abastecimento. Neste sentido, os casos italianos são os que mais se destacam visto que são os únicos com a possibilidade de se registrar realmente como um GAS, algo que os consumidores do *Grupo de Consumo Vera* almejam.

A maioria dos casos opera em um ambiente mais informal e mesmo quando são legalmente registrados, isto se dá como algum tipo de associação comunitária sem fins lucrativos. Isso pode indicar a dificuldade de novas dinâmicas de abastecimento alimentar serem legalmente reconhecidas. Um estudo mais aprofundado sobre este tema seria essencial para podermos explorar a necessidade de formalização e como isso influencia a dinâmica em termos de criar potencialidades ou restrições.

3.3.10 Interação produtor-consumidor

Os dias de entrega em combinação com outros espaços em que os produtores e consumidores interagem, contribui para o fortalecimento de relação entre os mundos urbano e rural, pois permite aos consumidores saber o que está acontecendo com os produtores e se seus produtos são afetados por diferentes circunstâncias. As visitas aos agricultores desempenham um papel fundamental nesta questão, não só porque as amizades são estabelecidas e aprofundadas, mas também porque os consumidores têm a oportunidade de ver o modo de vida dos agricultores em primeira mão e compreender as condições em que vivem e trabalham. É importante observar como todas as dinâmicas convergem em torno da

preocupação em apoiar produtores que são, até certo ponto, vulneráveis, dando preferência a produtores familiares, de pequena escala ou em situação de marginalização social. Em todos os casos, há um cuidado em promover espaços de socialização, fazendo com que os consumidores se refiram as relações sociais como suas principais motivações para estar engajados nestas dinâmicas. As práticas de relação interpessoal envolvidas serão detalhadas a seguir, no Capítulo 4.

3.3.11 Rede de atuação

Analisando as redes de atuação e colaboração em que as dinâmicas estão imersas, é interessante ver que não há nenhuma menção ao Estado ou de algum tipo de instituição governamental. Os movimentos sociais e as ONGs são as organizações parceiras mais frequentes para todas as iniciativas, principalmente aquelas que trabalham com o desenvolvimento rural, alimentação e agricultura.

O tipo de movimento social com o qual as experiências estão conectadas afeta sua identidade e suas práticas, por exemplo: o grande número de pontos de entrega do MICC associado a igrejas ou centros religiosos, pode ser considerada uma marca de sua ligação com o Movimento da Teologia da Libertação. A forma de gestão em assembleia que os casos espanhóis herdaram do 15M ou a prática dos italianos em associar a compra de alimentos com jantares, algo característico do movimento *Slow Food*, também são indicativos da influência das redes de atuação em que estão ativos. Há a identificação clara de uma prática de ativismo alimentar e uma associação de que o engajamento nestas dinâmicas tem um potencial político, discussão que será feita em profundidade no Capítulo 5.

3.4 ALIANÇAS ALIMENTARES COLABORATIVAS

Considerando os resultados apresentados anteriormente, torna-se claro que as atividades e a atuação dos atores envolvidos nestas dinâmicas de abastecimento alimentar vão além de ser um espaço de comércio de alimentos. Cada caso reúne fragmentos de associações de moradores, movimentos políticos, experiências de aprendizagem coletiva, laços de amizade, simbolismos variados em torno do alimento e o desejo de construção de uma sociedade e um sistema alimentar diferente.

A emergência de cada caso envolve circunstâncias distintas e contingenciais que faz com que pessoas, lugares e alimentos se aliem e colaborem para materializar a dinâmica de abastecimento, mas também muitos outros projetos e desejos. Em última análise, esta materialização envolve uma assemblage, a criação de uma composição que mistura elementos materiais e subjetivos, humanos e não humanos (alimentos, lugares, práticas, etc.). E a partir desta assemblage, vão surgindo distintas alianças em torno da dinâmica de abastecimento de alimentos: entre distintas pessoas (consumidores e produtores), entre pessoas e “coisas” (comidas, lugares, organizações), entre espaços (rural e urbano), entre diferentes movimentos sociais (indígena, camponês, sindicalistas, movimentos religiosos, *slow food*) e entre organizações variadas (Igreja, Universidades, movimentos sociais, empresas, associações, agroindústrias). São estas alianças que caracterizam e embasam as atividades e práticas que vão além do comércio de alimentos. Mais do que o estabelecimento de parcerias, há envolvimento físico e corporal dos atores envolvidos, criando literalmente uma dinâmica de *co-labore* (trabalho colaborativo). Assim as denominamos de Alianças Alimentares Colaborativas - AAC.

Essas alianças são envoltas por uma multiplicidade de interpretações e práticas que vão compor e influenciar a identidade das dinâmicas de abastecimento. Além das práticas organizacionais descritas nas páginas anteriores, identificamos pelo menos três outros tipos de práticas: relações interpessoais, processos de aprendizagem e ativismo político. Essas práticas acontecem de forma paralela e emaranhada na experiência cotidiana dos atores e do funcionamento de cada um dos casos, afetando indivíduos e coletivos de diferentes maneiras. Além de comporem a identidade de cada caso, estas práticas alimentam as alianças e atuam como gatilhos para que esta se torne mais ou menos estável (processo de territorialização ou desterritorialização da assemblage). A descrição e análise destas práticas e multiplicidade de interpretações que envolvem é o conteúdo que compõe os capítulos seguintes.

4 TORNANDO-SE FAMÍLIA, TORNANDO-SE COMUNIDADE

Sentimentos como o amor, prazer, empatia, cuidado, dificilmente são o primeiro pensamento que vem a nossa mente quando pensamos em produção, comércio e consumo de alimentos, mesmo quando falamos de comida, algo que invariavelmente provoca nossos sentidos físicos e emocionais. Talvez, poucos argumentariam que comer não é um ato altamente sensorial e prazeroso. Mas, quais são os sentimentos que são mobilizados antes que um determinado alimento chegue a nossa boca? O que está por trás das decisões sobre o que plantar, o que comprar ou o que comer? Ou ainda, de onde e com quem plantar, comprar, comer?

Essas questões podem até parecer estranhas. Em especial, porque por muito tempo fomos ensinados a ver o sistema econômico, a produção, os mercados e o consumo como um jogo de características racionais e objetivas. Um jogo geralmente dominado por homens de sucesso! As mulheres tendem a ser mais lembradas como consumidoras, ou ainda, consumistas compulsivas, cujo auge de realização é colocar as mãos no cartão de crédito do marido. Ainda que de forma bastante estereotipada, esses clichês ainda povoam a mídia contemporânea, e talvez, de maneira não tão acentuada, dominam o pensamento econômico, especialmente a vertente neoliberal.

Mas, existem diferentes perspectivas. Certamente existem outras maneiras de produzir, comercializar e consumir bens e alimentos. É sobre tais questões que este capítulo se dedica. Para além de ser uma necessidade biológica, os alimentos sempre foram fortemente ligados a determinados lugares e culturas, sendo transpassados por relações sociais. A discussão sobre como as relações sociais influenciam os mercados não é nova, em muitos estudos é abordada através da noção de “enraizamento” social. Há também um importante conjunto de estudos antropológicos que vão analisar como as relações envolvidas em dinâmicas de produção e consumo são permeadas pela criação e negociação de valores, significados e símbolos. Mais recentemente, os estudos sobre afeto e subjetividade vão contribuir para a discussão de como a experiência humana, os relacionamentos e a formação de identidades não são apenas pautadas pela razão, mas sim afetados por distintos processos e elementos materiais, emotivos e subjetivos.

Este capítulo descreverá como as relações pessoais são estabelecidas nos sete casos e como estas irão influenciar a materialização e a manutenção dessas

dinâmicas de abastecimento e as alianças que delas emergem. Primeiro, traremos uma apresentação das perspectivas teóricas que embasam a análise. A seguir os dados são apresentados em duas seções: primeiro, apresentamos a memória das experiências vividas pelos atores sobre a emergência das dinâmicas e as circunstâncias de seu envolvimento. Em segundo lugar, descrevemos como as relações sociais são um elemento-chave na manutenção dessas dinâmicas, tornando-se uma prática de cuidados inter-relacionais. Finalmente, uma seção é dedicada à discussão dos resultados.

4.1 O SOCIAL NA PRODUÇÃO, NO COMÉRCIO E NO CONSUMO DE ALIMENTOS

Em termos econômicos, a discussão sobre como as relações sociais se dão nas dinâmicas de mercados é fortemente influenciada pelo trabalho de Karl Polanyi, com o livro “A Grande Transformação” lançado originalmente em 1944. Para Polanyi (1980), a sociedade moderna seria caracterizada pelo fenômeno de desconexão ou desenraizamento social dos mercados, ao contrário das sociedades tradicionais em que havia uma alta conexão entre as relações sociais e econômicas. A partir da década de 1970, seu trabalho dá inspiração para Granovetter (2009), que o usa para explorar a dinâmica do mercado como extrapolação de redes sociais. Granovetter (2009) entende que as redes sociais (parentesco, amizades, confiança) explicam a ação dos indivíduos nas relações de intercâmbio e sustentam as relações econômicas e institucionais, criando assim um processo de “enraizamento”¹ social.

Assim, entende-se que “contratos” são estabelecidos, de forma explícita ou implícita, nos quais indivíduos racionais procuram desenvolver ações inteligentes como forma de buscar benefícios individuais e coletivos (GRANOVETTER, 2009). Ainda que não seja a abordagem teórica que vamos utilizar, ela deve ser mencionada porque é esta abordagem e o conceito que mais têm sido utilizado por diferentes autores que tentam explicar as relações sociais envolvidas nas dinâmicas de compra direta de alimentos, por exemplo, Hinrichs (2000), Sage (2003), Goodman (2003), Selfa e Qazi (2004), Feagan e Morris (2009) e Fonte (2015).

¹ Do original *embeddedness*.

Conforme anunciado, são os estudos que vão além de fatores racionais que dão base e referência para as análises deste capítulo. Por um lado, bebemos na fonte de um importante conjunto de estudos antropológicos que argumentam que além de ser uma necessidade biológica e um objeto de troca comercial, o alimento sempre está fortemente ligado a lugares e culturas. Assim, os aspectos sociais da produção, comercialização e consumo de alimentos envolvem também relações em que diferentes valores, significados e símbolos são criados e negociados. Douglas e Isherwood (2004, p. 36) sugerem que “os bens são neutros, seus usos são sociais, podem ser usados como cercas ou como pontes”. A autora enfatiza ainda que o consumo não deve ser visto como uma manifestação de escolhas individuais, mas como uma profusão de escolhas sobre quais relacionamentos queremos manter e promover, repelir ou detestar, fazendo com que para além de ser bom para comer, vestir e abrigar, os objetos sejam bons para pensar (DOUGLAS, 2007).

O trabalho de Appadurai (2008) nos ajuda a refletir não só no consumo, mas também na produção e comercialização, considerando o ciclo total de vida de um objeto ou uma “coisa”. O autor argumenta que o valor dos objetos não é inerente a ele, mas sim construído de forma subjetiva e objetiva através dos relacionamentos nos quais este está inserido, envolvendo, portanto, desejos, demandas, sacrifícios, conhecimento, entre outros elementos (APPADURAI, 2008). A este respeito, Appadurai (2008) insiste que devemos dar mais importância às coisas que são trocadas do que às formas e funções da troca. O trabalho de Miller (2009) torna-se complementar para argumentar que, através de nossas escolhas, materializamos nossos valores, fazendo com que os simbolismos e representações que os objetos adquirem se tornem de importância primordial para aqueles que os produzem e consomem.

O que todos esses estudos têm em comum é um olhar crítico para a perspectiva utilitarista e racionalista da economia que ignora o social envolvido na produção, comercialização e consumo. Há nesta perspectiva econômica uma racionalidade determinista que tende a criar uma visão de que os mercados são uma entidade impulsionada por forças invisíveis que equilibram o comportamento entre consumidores em busca de bens baratos e produtores ansiosos por lucros. Essa visão não só ignora a complexidade das circunstâncias e dos laços sociais que criam e mantêm os mercados, mas também desconsidera a forma como as pessoas agem

e reagem de formas nem sempre tão lineares e racionais, mas também emocionais e altamente subjetivas.

É neste contexto que um terceiro corpo de conhecimento traz contribuições essenciais. São os estudos sobre afeto e subjetividade que começam a ser desenvolvidos, em especial a partir da década de 1970. Conforme Blackman et al. (2008) os três principais fatores que dão impulso a estes estudos são: 1. A ineficiência dos conceitos de ideologia para explicar os acontecimentos pós “Maio de 68” quando a classe trabalhadora não apoia as revoltas estudantis, levando ao desenvolvimento de estudos culturais contemporâneos por Stuart Hall e colegas; 2. O surgimento de estudos centrados na experiência vivida como elemento catalisador de identidades e culturas, contexto no qual o conceito de subjetividade emerge através de Foucault (1984) como a experiência vivida pela multiplicidade de posicionamentos; 3. Os estudos feministas que discutem as conexões entre as questões pessoais e políticas, colocando o corpo como esfera central da experiência humana, em que pensamento, sentimentos, afetos, imaginação e desejo se mesclam e se reorganizam na formação dos sujeitos.

Esse novo conjunto de estudos e perspectivas busca superar a separação da mente e do corpo dando centralidade aos afetos, a subjetividade e as experiências viscerais. Conforme proposto por Hardt (2007), o desafio é entender a mente / corpo como uma síntese que envolve tanto a razão como a paixão. A causalidade é vista como um processo dinâmico e complexo que envolve tanto o poder de afetar o mundo que nos rodeia, como o poder de ser afetado por ele, considerando ainda as afeições que podem emergir do relacionamento gerado por esses dois poderes (HARDT, 2007).

Para Massumi (1996), a afetação é uma experiência mais ou menos organizada que está registrada no nível de encontros e não necessariamente pode ser entendida em termos linguísticos. Também pode levar a uma experiência de empoderamento ou desvalorização onde os órgãos e o corpo criam conexões relacionais à medida que se movem e sentem no mundo (MASSUMI, 1996; BLACKMAN et al., 2008). Nesse sentido, o corpo não é mais percebido como um material passivo em que os regimes discursivos e representacionais atuam, mas é entendido como um agente ativo nas ações e relações sociais (HAYNES-CONROY; MARTIN, 2010). Portanto, como propõe Clough (2007), o efeito aqui considerado não se restringe apenas aos processos emocionais, mas também nas capacidades

corporais para afetar e ser afetado, a capacidade de atuar, se engajar e se conectar com algo ou alguém.

Esse processo tem relações intrínsecas com a subjetividade, que pode ser produzida por todo e qualquer sujeito ou coletivo humanos ao longo de sua trajetória com / no mundo, mas os elementos não humanos desempenham um papel essencial porque auxiliam a promover o desenvolvimento da subjetividade em sua heterogênesse (SOARES; MIRANDA, 2009). Assim, conforme propõe Soares e Miranda (2009, p. 416), a subjetividade é “tudo aquilo que concorre para a produção de um “si”, um modo de existir, um estilo de existência”. Neste sentido, outro conceito que nos parece importante de esclarecer é a noção de desejo que é proposta por Deleuze e Guattari (2000) como o propulsor ou construtor de agenciamentos:

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como auto-produção do inconsciente (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 43).

Entendemos que as representações que envolvem o alimento são construídas pelas relações sociais que o permeiam. Os grupos sociais são altamente relacionais, o que significa que eles afetam e são afetados pelas interações que estabelecem com os outros humanos e não humanos, sendo o alimento um elemento essencial nesta tese. Essas interações não são racionalmente provocadas, mas altamente contingentes e experienciadas no desenrolar de encontros e circunstâncias da vida. Isso pode levar a resultados inesperados onde diferentes emoções e reações podem surgir, criando conexões, amizades, desejos e práticas.

4.2 EMERGÊNCIAS AFETIVAS

Gonzalito é um professor de educação física, atualmente aposentado. É casado e tem dois filhos, um menino e uma menina. Na década de 1980 ele vivia com sua família no bairro Primeira Constituinte, na cidade de Riobamba. De maneira geral, os habitantes do bairro eram trabalhadores que partilhavam um contexto econômico um tanto difícil. As famílias ali residentes frequentavam a mesma Igreja, que era conduzida pelo Bispo Leonidas Proaño, um líder nacional do movimento

Teologia da Libertação. Inspirado por seus ensinamentos, as famílias se encontravam para conversar sobre problemas pessoais e comunitários, praticando a solidariedade e ajudando uns aos outros. Lembrando-se do início do que hoje é chamado de *Canasta Comunitaria Utopía*, Gonzalito compartilha a seguinte memória.

Nós conversávamos muito tentando descobrir como praticar os ensinamentos de solidariedade do Bispo Proaño na nossa comunidade. Um dia percebemos que os *wawas*², na sua inocência de brincar já estavam fazendo isso! Nós conhecíamos todos os vizinhos e os *wawas*, os pequenos vizinhos, tornaram-se amigos. Eles saiam de casa para brincar carregando uma cebola, algumas batatas, tomates... Levavam tudo para a cancha no parque e lá criavam uma cozinha no chão. Nós vimos isso, eu e minha velha. Os outros vizinhos viram também. As mulheres disseram: “os *wawas* têm essa facilidade para se tornar amigos e fazer uma “*ollita comunitaria*”³. Eles comiam brincando de uma forma tão linda! Haviam *wawas* que viviam nas ruas, famintos! Eles se aproximavam e nossos *wawas* generosos compartilhavam sua comida! Então, olhando para a capacidade dos *wawas* é que a ideia de comprar alimentos juntos começou. O dinheiro que recebíamos mal dava para comprar o que precisávamos, sabíamos que os vizinhos tinham o mesmo problema. Então começamos! Primeiro acho que foram umas três famílias, colocamos 2-3 suques⁴ cada um e fomos para o mercado de San Alfonso. Os *wawas* foram juntos e ajudaram a cuidar das sacolas enquanto fazíamos as compras (Gonzalito, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

Com o tempo, o grupo de famílias que faziam suas compras coletivamente cresceu e eles começaram a se chamar de *Grupo Solidaridad*. As compras eram sempre realizadas aos sábados no Mercado de *San Alfonso*, onde podiam comprar alimentos a granel e de forma mais econômica. Depois das compras, o *Grupo* se reunia na casa de uma das senhoras para dividir a comida entre as famílias, mas também para partilhar refeições, rezar e conversar sobre suas vidas e problemas. Portanto, o que estava envolvido era muito mais do que apenas comprar comida barata, mas principalmente praticar compaixão e solidariedade, conforme conta Gonzalito:

Às vezes, conseguíamos economizar dinheiro porque ao invés de contratar um carregador, carregávamos nós mesmos os sacos. Haviam sempre algumas famílias que não tinham o dinheiro suficiente para contribuir com a compra. Nós perguntávamos qual era o problema, conversávamos para entender os problemas de cada família, as dificuldades que passavam...

²Wawa significa criança em Kichwa, a expressão é comumente utilizada pela população local equatoriana.

³ *Ollita comunitaria* é uma expressão que significa literalmente “panela comunitária”, é uma forma de se referir a momentos em que uma refeição é preparada para ser partilhada em um grupo.

⁴ Sucre era a moeda corrente no país na época.

Geralmente eram as mulheres que diziam que naquela semana não poderiam participar da compra porque não tinham dinheiro suficiente. Então nós usávamos o dinheiro que economizávamos por não contratar carregadores e garantíamos o alimento daquelas famílias. Era assim que nós fazíamos, nós compartilhávamos e nos ajudávamos uns aos outros (Gonzalito, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

O grupo seguiu esta prática por dez anos quando se desmobilizaram pela influência de diferentes elementos, desde a crise econômica no País, moradores que saíram do bairro até a morte do Bispo Leonidas Proaño. Mas pouco tempo depois, a prática foi resgatada por um grupo de estudantes de agronomia que estavam interessados em criar projetos de assistência técnica a comunidades indígenas, o *Colectivo Utopía*. A iniciativa de compras passou a se chamar *Canasta Comunitaria Utopía* e cresceu rapidamente.

Gonzalito viveu todo esse processo. Hoje, com os filhos já crescidos e com sua esposa ainda trabalhando, prefere fazer suas refeições fora de casa. Porém, segue comprando três cestas por semana, uma para cada um de seus filhos e a terceira para sua irmã. Mas seu compromisso com a *Canasta* vai muito além disso, ele está constantemente na sede da *Fundación Utopía* para resolver problemas, em toda semana de entrega, vai na sexta-feira às 5h da manhã para ajudar a fazer as compras no *Mercado Mayorista*. Ele é um dos primeiros a chegar em dias de entrega, e enquanto as pessoas trabalham na separação e pesagem dos vegetais ao som vibrante de música equatoriana, Gonzalito convida as pessoas para dançar e grita “*Viva la Canasta*” (Figura 19).

Figura 19 – Gonzalito carregando compras no mercado *Mayorista* às 5h30 da manhã (a); Gonzalito dançando durante as entregas da *Canasta Comunitaria Utopía* (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

É impossível se manter triste ou mal-humorado! Ele não recebe nenhum tipo de retorno financeiro, inclusive paga pelos alimentos que adquire para redistribuir. Então, fica claro que o que faz Gonzalito se envolver nesse processo é mais do que preço barato ou a qualidade da comida. Mesmo que, no início, o alimento resolvesse uma necessidade básica de forma econômica, as memórias que ele compartilha estão cheias de emoções e subjetividades. A racionalidade que supostamente conduz os consumidores para sempre buscar um benefício individual, é difícil de ser percebida aqui.

De forma um tanto sincrônica, a mesma “solidariedade entre vizinhos” e “prática de fé cristã” tão presente na história de Gonzalito e na *Canasta Comunitaria Utopía*, também estão presentes em outra iniciativa que surge em meados dos anos 80, dessa vez em São Paulo, Brasil. A origem do Movimento de Integração Campo Cidade - MICC remonta a um grupo de vizinhos residentes próximos a Igreja da Vila Alpina, na zona leste de São Paulo, até hoje uma das áreas mais subdesenvolvidas da cidade. Muitas famílias trabalhavam na indústria metalúrgica e estiveram fortemente envolvidas com o movimento sindicalista, especialmente as grandes greves em busca de direitos trabalhistas. Ao mesmo tempo, no campo, grupos de camponeses se organizavam em movimentos de luta por acesso a terra e uma vida melhor.

A Igreja Católica, presente em ambas as frentes, também atuava sob a forte influência da Teologia da Libertação. Por influência das informações trazidas pelos padres, um grupo de fiéis decide começar a apoiar os movimentos camponeses emergentes. A história é contada por Santana e Zanon, dois amigos que até hoje dedicam boa parte de sua rotina semanal para o funcionamento do MICC.

As pessoas aqui estavam envolvidas no movimento trabalhista, nos sindicatos, nas grandes greves, sabe? Tudo isso sempre foi apoiado pela Igreja. Mais de uma vez, o padre tocou na minha casa às 4h da manhã, chamando para ocupar alguma fábrica! E tudo isso organizávamos na CEB, nós conversamos muito sobre a nossa situação no bairro, no trabalho, os problemas que enfrentávamos, fazíamos formações, tudo na Igreja! Porque afinal de contas esta é a verdadeira prática da religião! A Igreja somos nós e não o templo. Tinha um padre que costumava dizer: “a missa só começa quando você sai da porta da igreja”. O que ele queria dizer era que a verdadeira fé não é sentar e rezar no banco da igreja, a missão é sair! Sair lá fora e transformar a sociedade, dar a mão para o outro. Isto é o que Jesus ensinou! (Santana, MICC, São Paulo, Brasil).

As Comunidades Eclesiais de Base – CEB, mencionada por Santana, eram uma parte importante do movimento da Teologia da Libertação. As CEB basicamente buscavam reunir grupos de pessoas, geralmente por proximidade de onde viviam, promovendo atividades comunitárias em que a interpretação dos preceitos católicos era relacionada com a vivência cotidiana das pessoas. A comunidade era incentivada a se mobilizar em busca de uma melhor condição política e social. Zanon conta que houveram algumas experiências de compras coletivas de alimentos, mas isso não teve muito sucesso em um primeiro momento.

Sabe, houve um tempo quando o bairro começou a se reunir e comprar comida. As pessoas iam ao CEASA⁵ para comprar alimentos em quantidade, porque era muito mais barato as coisas como feijão, arroz, caixas de legumes... Mas não havia preocupação sobre quem estava vendendo; era apenas pelo preço. Era uma maneira das pessoas comprarem comida mais barata! Mas isso realmente não pegou, você sabe? Não durou muito... (Zanon, MICC, São Paulo, Brasil)

Portanto, é interessante ver que o fator econômico somente não era suficiente para mobilizar as pessoas. Em 1986, após uma reunião na Igreja São João Batista para articular lutas do campo e da cidade, as pessoas começaram a organizar visitas aos acampamentos do emergente Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST no interior no Estado. Além das visitas, também começaram a apoiar os acampamentos, levantando dinheiro, doações de alimentos, roupas e outros itens. Alguns ainda decidiram expressar o seu apoio juntando-se as ocupações, “fomos ver o que era viver debaixo da lona”, diz Santana. Essa fala é bastante significativa porque sugere que essas pessoas se sentiram tão afetadas pela situação dos agricultores, que de certa forma, decidiram se colocar no lugar do outro, em um forte exercício de empatia (Figura 20).

⁵ As Centrais de Abastecimento (CEASA), atual CEAGESP no caso de São Paulo, são mercados de comércio de hortigranjeiros em atacado, geralmente fornecidos pelos próprios produtores ou comerciantes. Estes centros de abastecimento são organizados pelo Estado e originalmente foram criados para centralizar e controlar o comércio de alimentos em todo o território nacional. De certa forma, esta é a experiência brasileira é o equivalente ao que no Equador são chamados os mercados *Mayoristas*.

Figura 20 – Zanon em um acampamento do MST nos anos 80 (a); Zanon com um agricultor e um casal de consumidores da Igreja Ipiranga (b)



Fonte: (a) acervo do MICC ([1982?]); (b) Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

A primeira compra de comida ocorreu no contexto da fazenda Pirituba (interior de São Paulo), uma propriedade que envolveu anos de processos de despejo e reocupação. Durante uma das ocupações, os agricultores plantaram uma lavoura de feijão que, quando estava pronta para a colheita, foi ameaçada de destruição por uma das ordens de despejo. A ideia de um campo de feijão, um dos alimentos base da dieta brasileira, ser completamente destruído por um trator, levou os participantes do MICC a uma ação. Mobilizados, começaram a ligar para os vizinhos e também para outras paróquias da região até que, em conjunto, conseguiram salvar a lavoura comprando 30 toneladas de feijão. A partir desse momento, começaram a fazer compras de alimentos conforme as colheitas. E somente em 1993, com a aquisição de um caminhão o processo amadurece e passa a funcionar de forma semanal.

É claro que em uma iniciativa tão grande como o MICC, que envolve cerca de 800 unidades familiares consumidoras, é de se esperar que as questões econômicas tenham uma forte influência na motivação de muitos participantes. Mas, é importante ressaltar que ao escutar as histórias de consumidores, há elementos subjetivos que parecem influenciar seu engajamento. Pode não ser sempre o motivo que os levou a fazer um primeiro contato, mas geralmente são os motivos que os mantêm ou os leva a intensificar o seu envolvimento. Podemos ver como isso se desenrola na história de Carmo, uma assistente social que durante muitos anos trabalhou pela promoção de políticas de saúde pública em São Paulo. Seguidora do espiritismo e há tempos residente da Vila Matilde, diz que sempre procurou ter um estilo de vida mais “natural”. Foi assim que encontrou o MICC.

Na década de 80, houve um movimento muito bom aqui na zona leste da cidade, com profissionais de saúde e eu fazia parte disso. Éramos estudantes, médicos e enfermeiros trabalhando na periferia para discutir e tentar mobilizar as pessoas para os problemas de saúde, sabe? Nós falávamos sobre as condições de vida das pessoas, não tinha água corrente, esgoto tratado, posto de saúde. Tudo isso afeta a saúde das pessoas e as pessoas tiveram que lutar para ter melhores condições de vida! Neste processo, encontrei uma freira, uma pessoa muito especial, chamada irmã Olga! Ela trabalhou no Centro Pastoral São José de Belém e dava cursos sobre alimentos, coisas sobre economia doméstica, como fazer a multimistura⁶, cozinhar comida vegetariana, baixo consumo de leite, essas coisas! Eu fiz alguns cursos com ela e a Irmã Olga sempre falou muito sobre o MICC, então eu acabei me envolvendo. (Carmo, MICC, São Paulo, Brasil).

Depois de já ser consumidora por sete anos, Carmo um dia foi participar em uma das visitas aos agricultores de Ibiúna. Esse momento se tornou um divisor de água em seu envolvimento com o MICC.

Eu fui assim feliz! Você sabe quando você está feliz em estar em um lugar? Nunca vou me esquecer! Eu me senti tão, tão feliz por estar lá! Naquele lugar, com aquelas pessoas! E eles foram mostrando o lugar para nós, a gente andando nas propriedades e daí teve um momento em que a gente chegou num lugar e tinha um campo de abobrinha! E daí eles (os agricultores) disseram “Amanhã o trator vai passar para misturar a abobrinha com a terra”. Abobrinha! Algo que aqui na cidade é difícil de encontrar, caro mesmo! Ah, mas por que você está passando o trator na abobrinha, eu pergunto a eles. Eles disseram: É porque elas não têm o tamanho que a CEASA quer, elas têm diferentes formas e são meio pequenas. Eu não podia acreditar nisso, parecia tão absurdo! Na cidade, ou você tem dinheiro para ir ao mercado para comprar comida ou você morre de fome! E eles estavam destruindo comida perfeitamente boa porque não podiam vender! Eu não podia acreditar! Então, foi nesse momento que comecei a ter uma leve ideia do que significa ser um agricultor (Carmo, MICC, São Paulo, Brasil).

Este episódio foi claramente um momento de afetação que provocou Carmo a reagir transformando sua casa em um ponto de distribuição, onde aproximadamente 40 cestas são entregues. Ela recebe as cestas geralmente às 8h da manhã. Embora continue trabalhando como terapeuta e professora de dança, Carmo organiza sua rotina de modo que sempre tenha tempo para manter o compromisso que estabeleceu com o MICC (Figura 21).

⁶ A multimistura é uma espécie de farinha feita com cereais, sementes, folhas de mandioca tostadas, casca de ovo torradas, entre outros ingredientes. Tem uso generalizado no Brasil como um suplemento alimentar para combater a mortalidade infantil e desnutrição.

Figura 21 – As cestas sendo entregues na casa de Carmo (a); Carmo realizando o pagamento das compras a Enoc (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Outro ponto de distribuição acontece na Unidade Básica de Saúde - (UBS) Sinhá, uma instalação administrada pela prefeitura, onde a comunidade pode ter livre acesso a assistência médica. A pessoa responsável por entregar as cestas é Mariana, uma jovem que vive no bairro com seu marido e três filhos. Ela trabalha na UBS Sinhá como agente comunitária da saúde, um trabalho que busca promover a saúde na comunidade e exige que todos os dias ela caminhe de porta em porta na vizinhança para verificar as condições dos moradores. Mariana ficou sabendo sobre o MICC durante uma formação que ela fez há cerca de um ano e meio atrás, através do “Programa Ambientes Verdes Saudáveis” - PAVS⁷. Em uma das aulas, a professora convidou dois representantes do MICC para contar sobre a experiência - Josefa e Enoc. Mariana se interessou e decidiu fazer uma experiência.

A professora falou sobre a questão dos pesticidas, você conhece? Os venenos que eles colocam na comida... Isso é muito ruim para a saúde! Nossa, causa muito problema na pele, no estômago; até câncer pode dar! Eu tinha ouvido algumas coisas antes, mas nada tão claro. Quando a Josefa e o Enoc vieram e falaram sobre o MICC, parecia muito bom porque não tem veneno e eles disseram que era muito barato. Então, eu comecei a pegar a cesta e é verdade! E eu realmente gostei da qualidade, sabe? Aqui no bairro não tem nenhum lugar para comprar essas coisas, é tudo com veneno e verdura é muito caro! No mercadinho, uma alface é R\$ 2,00, às vezes R\$ 5 já teve! Na feira você pode encontrar mais acessível, mas não é a mesma qualidade! Não tem a mesma durabilidade, estraga logo porque não é de boa qualidade. E no MICC eu pago R\$ 14,50 uma cesta que tem de 8 a 12 verduras, por isso é muito mais acessível! E elas duram mais! (Mariana, MICC, São Paulo, Brasil).

⁷ O PAVS é um programa oferecido desde 2008 pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, incorporado na Estratégia Saúde da Família, que desenvolve ações de promoção de saúde no território através de uma agenda integrada Saúde e Meio Ambiente, construindo espaços saudáveis e sustentáveis.

Depois de algumas compras e satisfeita com a qualidade dos produtos, Mariana convenceu a gerente da UBS Sinhá a permitir que ela usasse uma sala para receber e distribuir as cestas para outros funcionários. São cerca de 30 cestas por semana que são distribuídas aos médicos, enfermeiros e outros trabalhadores comunitários.

Eu disse às pessoas que eu estava pegando a cesta, daí eles tudo começaram a querer pegar também! Precisava ter um lugar para entregar, porque na minha casa não tem como. Então, eu falei com a minha gerente e de qualquer forma todos que queriam eram de lá mesmo, por isso ela nos deixou usar uma sala. Isso é uma regra aqui, é só para funcionário. Alguns funcionários encomendam para parente, mas a responsabilidade é do funcionário! Porque eu não tenho muito tempo, sabe? A coisa tem que ser rápida! Quem pega sabe que na quarta-feira de manhã as cestas chegam cedo então tem que ir logo lá! É assim que funciona, porque eu tenho que trabalhar! E ao meio-dia eu preciso ir para casa para fazer o almoço para os meninos e à noite eu tenho que cozinhar a janta! (Mariana, MICC, São Paulo, Brasil).

Mariana contou ainda que há pessoas da comunidade interessadas em “pegar” as cestas do MICC e que para isso acontecer é necessário um espaço maior e um envolvimento de outras pessoas. Para tentar viabilizar o novo espaço de entrega, ela estava conversando com o Pastor de sua Igreja para que o local pudesse ser um novo ponto de distribuição.

Dois pontos parecem importantes de destacar aqui. Se tomarmos alguns dos participantes apresentados até aqui - Gonzalito de *Canasta Comunitária Utopía*, Santana e Zanon de MICC poderíamos dizer que eles compartilham muitas semelhanças. Além de uma história viva de ativismo político, todos eles são católicos e se encontram em um momento específico da vida, estão aposentados e, podemos pressupor que podem gerenciar seu tempo conforme seus interesses pessoais. Mas, este não é o caso de Carmo e Mariana, ambas trabalham, cuidam da família e ainda encontram tempo e energia para gerenciar um ponto de distribuição.

Em segundo lugar, Carmo é espiritualista, Mariana é evangélica, diferentemente dos outros que são católicos. Então, o que todos têm em comum, de certa forma, é que começaram como “simples consumidores”, mas em algum momento, isso deixou de ser suficiente. Acabaram se envolvendo de forma mais intensa, investindo não só dinheiro, mas também o seu tempo pessoal e energia em criar condições para que outras pessoas também possam participar da dinâmica de

abastecimento. Apesar das diferenças de religião e a rotina de vida, quando questionados sobre porque de tal engajamento, uma resposta muito semelhante surge: “prazer em ajudar os outros”, “compaixão”, “solidariedade”. Assim os aspectos subjetivos parecem emergir como propulsores chave, transformando as práticas destes consumidores.

Sim, são todos latino-americanos também! Mas, a solidariedade também tem mobilizado participantes de outros continentes. Ainda que em um processo bem particular, Alfredo, o iniciador do *Gruppo di Acquisto Solidale* - GAS Testaccio Meticcio também foi movido por um sentimento parecido, de preocupação não apenas com outras pessoas, mas também com o meio ambiente.

Eu me envolvi com o GAS por causa de um programa de TV. Tem um programa de jornalismo aqui (Itália) chamado *Reporto* e em um dos episódios, eles falaram sobre o custo real dos alimentos⁸. Não só o que você paga pela comida que compra, mas o custo real que está por trás de tudo, sabe? Que você vai pagar, de alguma forma, em algum momento. Então foi assim que eu me interessei porque eu descobri que tinha alguém ficando rico com o meu dinheiro! Ganhando com o que eu estava comprando e usando para destruir o planeta e fazer coisas muito ruins com meu dinheiro! Então, eu fiquei muito irritado! E no final do programa eles apresentaram algumas soluções, algumas alternativas para isso. Depois eu pesquisei mais na internet, e encontrei um GAS próximo à minha casa, fiz contato e me envolvi. Sempre estive muito envolvido, desde o início porque eu estava muito brabo, eu não queria mais só comprar coisas, eu queria estar realmente envolvido (Alfredo, *GAS Testaccio Meticcio*, Roma, Itália).

Depois de participar deste primeiro GAS por algum tempo, Alberto decide organizar um novo GAS.

Eu tive alguns problemas com o GAS anterior, então eu decidi tentar criar um novo. Alguns amigos tinham um espaço perto daqui, por isso era uma possibilidade para um lugar onde o GAS poderia funcionar. Mas eu não conhecia ninguém deste bairro e um GAS normalmente é algo muito local. Então, eu coloquei uns cartazes nas ruas e também fiz umas postagens na internet, as pessoas começaram a responder interessadas. Fizemos uma reunião e criamos o GAS. Tinha umas 10 pessoas no início e discutimos como queríamos que funcionasse. Eu já conhecia alguns produtores do outro GAS, outras pessoas conheciam outros agricultores, então começamos! (Alfredo, *GAS Testaccio Meticcio*, Roma, Itália).

⁸ A reportagem em questão foi produzida pela Emissora italiana Rai e transmitida no dia 13 de abril de 2008, tendo como título “Buon Appetito!” e pode ser visualizada no seguinte link: <<http://www.report.rai.it/dl/Report/puntata/ContentItem-059defe0-48f1-4b1c-9dd2-43a44c7f9f79.html>>

Os problemas que Alberto menciona com o primeiro GAS foram sobre a forma de governança, ele sentia que o processo era muito centralizado em algumas pessoas e ele desejava um processo mais horizontal, característica que se tornou um elemento central no GAS Testaccio Meticcio. Estes valores expressos por Alberto e tidos como relevantes para o GAS em geral – a solidariedade, a localidade e a consciência sobre os impactos dos sistemas alimentares também estão presentes no *Grupo de Consumo de Russafa*, em Valência, na costa leste da Espanha. A iniciativa nasceu no calor do 15M, em julho de 2011, quando algumas pessoas começam a se reunir no local da Plataforma *Per Russafa*, uma associação que visa promover a participação direta da população nas decisões que afetam o bairro de Russafa.

De acordo com os participantes, após os meses iniciais do movimento do 15M, as mobilizações geradas levaram a uma reflexão sobre o potencial de ação da sociedade civil organizada, especialmente a nível local. Assim, depois de meses de ocupações e grandes ações de ruas, em outubro de 2011, o movimento começa a migrar para a atuação em bairros. As pessoas começam a se reunir em assembleias comunitárias, procurando agir de forma coletiva em suas localidades para recuperar o uso de espaços públicos e promover melhorias na qualidade de vida. É desta forma que se forma a *Plataforma Per Russafa* e também de certa forma, o *Grupo de Consumo*.

Muito diferente de todos os outros casos em que havia uma pessoa de referência para com quem podíamos fazer um primeiro contato para conhecer a iniciativa, no *Grupo de Consumo de Russafa* “todos são responsáveis”. Saraí e Nello foram nossos interlocutores. Ambos trabalharam por um bom tempo com cooperação internacional e desenvolvimento em países da América Latina e Central, mas se estabeleceram em Valencia há cerca de 4 anos. Logo que se mudaram, se vincularam ao *Grupo* que encontraram através de uma rede de soberania alimentar. Para Saraí, atuar em um processo de organização coletiva e comunitária está entre suas principais motivações para participar:

Eu venho de um *pueblo*⁹, um lugar muito pequeno, no sul de Valência. E quando eu cheguei aqui (na cidade) eu tinha 18 anos, vim para estudar. Eu realmente sentia falta de um sentimento de pertencer a uma comunidade. Então, de certa forma este espaço [o Grupo] me permite estar em

⁹ *Pueblo* é um povoado, geralmente uma expressão utilizada para se referir as comunidades rurais em torno da cidade.

comunidade, porque a cidade individualiza as pessoas, separando os projetos pessoais e este é um projeto coletivo. Para mim, é importante ter um centro de bairro onde as redes sociais são construídas (Figura 22), portanto essa é para mim a principal motivação (Saraí, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha).

Figura 22 – Saraí conversando com outras consumidoras em uma noite de entrega no Grupo de Consumo de Russafa



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Nello, seu companheiro, também menciona a relevância da relação com o lugar e as pessoas, como algo que de certa forma “qualifica” a comida.

Cara, a comida em primeiro lugar! Ou seja, o grupo me oferece um produto de qualidade superior, um produto mais saudável, um produto orgânico, este é o mais importante para mim. Porque o que encontramos no supermercado hoje é de qualidade muito baixa e você não sabe o que está por trás dele. Você não sabe como ele foi produzido, se foi usado agrotóxico, pesticidas, sabe? Quem foi a pessoa que produziu e essa pessoa é bem paga? Ou tem um salário miserável, está em condições de escravidão? Você não sabe nada! Por isso, é importante para mim conhecer o produto, saber quem está vendendo as minhas verduras, a salada que eu como, o tomate que vou comer. E saber pessoalmente, porque nós fazemos visitas na propriedade, ficamos com ele (o agricultor), ele nos conta seus problemas, prepara uma *paella*! É diferente! É uma relação mais humana do que você tem no supermercado, sabe? Tu chega lá [no supermercado], corre para pegar as coisas, coloca em um carrinho, paga e vai para casa. Por isso é também uma comunidade de pessoas que compartilham valores e decidem comprar em conjunto de forma ética, responsável e sustentável (Nello, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha).

A insatisfação com as práticas dos supermercados, também mobilizou outras pessoas a se organizarem em uma dinâmica de abastecimento direta, desta vez, na

Holanda. A história começa com Gabrielle, que se mudou de Amsterdam para Zeist, uma pequena cidade no interior da Holanda há cerca de 8 anos. Ela resolveu deixar seu trabalho com recursos humanos em empresas para se dedicar a seus quatro filhos. Durante uma viagem de férias, ficou sabendo sobre a situação dos agricultores holandeses através de uma amiga.

Minha amiga, Ninke, estava no *Groenteclub* em Bussum¹⁰ que foi mobilizado pela Barbara Bolt um ano e meio antes de eu começar o *De Groene Schuur*. A Barbara viu um artigo no jornal sobre Krispijn van den Dries, um agricultor muito jovem que levou 6mil quilos de batatas e despejou tudo na Praça Dam¹¹. O problema é que os agricultores têm seus belos produtos, mas daí surge uma nova colheita em algum lugar do mundo e os supermercados preferem comprar de outros lugares para pagar mais barato. Então os agricultores aqui na Holanda não conseguem vender seus produtos por um bom preço. Foi por isso ele [Krispijn] queria chamar a atenção! Ele fez isso e saiu nos jornais todos. A Barbara Bolt viu e ficou tocada, foi conhecer o Krispijn e começou a comprar os produtos dele. Comprou algumas batatas, cebolas e cenouras dele, uns trinta quilos ou algo assim e voltou e falou com alguns vizinhos e alguns amigos para comprarem. Foi assim que tudo começou em Bussum. A Ninke me contou isso nas férias e quando eu ouvi a história, fiquei muito entusiasmada e pensei “uau” isso parece ótimo! Eu gosto de verduras, gosto de cozinhar, gosto desse movimento lento de realmente lidar com a comida, sabe? Então eu pensei deve haver um interesse para isso também em Zeist! No mesmo verão, fui visitar Krispijn e o *Groenteclub* em Bussum, para ver como funcionava e pensei “não é tão difícil, vou fazer!” Então, em novembro de 2013 eu organizei uma pequena festa na minha casa, convidei alguns amigos, vizinhos e pessoas que eu conhecia da escola. Veio também o Digni, o pai do Krispijn que também é agricultor. Nós conversamos, eu fiz a proposta para as pessoas e uma semana depois começamos! (Gabrielle, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Eles começaram com 10 famílias, e agora são 70 famílias de consumidores. As entregas acontecem no quintal de Gabrielle, mas a demanda aumentou e em novembro 2015, eles criaram um novo subgrupo, que agora fornece famílias no Parque Dieptetuin.

Eu gosto muito de que as entregas aconteçam na minha casa, porque isso é muito acolhedor e íntimo, sabe? As pessoas entram na minha casa e trabalham lá (Figura 23). Eu sempre estou ocupada fazendo coisas, mesmo depois que as pessoas saem tem coisas para organizar. Mas decidimos criar este novo grupo porque não queríamos crescer muito mais, porque senão o aspecto social fica um pouco rompido se o grupo fica muito grande, as pessoas não se conhecem mais e conhecer as pessoas com quem se

¹⁰ *Groenteclub* parece ser a primeira experiência deste tipo (compra direta com consumidores organizados e dedicando tempo para seu funcionamento) na Holanda, está localizada na cidade de Bussum.

¹¹ Uma praça localizado no centro histórico de Amsterdã, um dos principais pontos turísticos da cidade.

trabalha é um das coisas que o tornam o processo tão agradável! (Gabrielle, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Figura 23 – Gabrielle recebendo pagamentos (a); Gabrielle em seu quintal separando os pedidos (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Para alguns, essa parte social é o mais importante. Este é o caso de Gertrude, uma senhora de 81 anos, viúva com três filhos, das quais só duas permanecem vivas. Ela tem dois netos e vive em Zeist já há 40 anos. Ficou sabendo do *De Groene Schuur* através de sua vizinha Margriet. Ela logo se envolveu, mas diz que não é realmente pela comida, mas, principalmente, porque ela gosta de estar com as pessoas. O prazer que Gertrude sente em se envolver nas atividades é tanto, que ela não só auxilia nas entregas que acontecem na casa de Gabrielle que vive na mesma rua que ela, mas também cruza a cidade para ajudar no Parque Dieptetuin (Figura 24).

Na minha idade às vezes é bem solitário, sabe? Eu realmente não preciso dos legumes, porque sou sozinha e eu posso ir à loja sempre que preciso. O que eu gosto aqui é de estar com as pessoas, todos parecem tão jovens e idealistas! Este é um projeto que envolve pessoas que estão tentando cuidar de suas famílias de uma forma melhor e também cuidar do futuro da sociedade, e eu gosto disso! (Gertrude, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Figura 24 – Gertrude e demais participantes descarregando as caixas de vegetais do caminhão (a); Gertrude auxiliando a separar os pedidos no Parque Dieptetuin



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

As histórias aqui apresentadas revelam as memórias vividas das pessoas sobre a emergência das dinâmicas de abastecimento e seu envolvimento. Ainda que não pretendamos desconsiderar a intenção de tais experiências em fazer frente ao sistema alimentar globalizado, essas narrativas também revelam que em boa parte estes acontecimentos não se deram de forma causal, reflexiva, linear ou ainda estrategicamente concebida. Pelo contrário, emergiram através de processos e circunstâncias altamente contingenciais, a partir de processos de afetação e subjetividades. Assim, parece que esses episódios (e certamente muitos outros não descritos aqui), atuaram como catalisadores para a ação e reflexão de seus participantes. Também, desencadearam um processo de criação de afetos entre os envolvidos, fazendo com que sentimentos de cuidado e solidariedade passem a compor a identidade destas experiências, como veremos a seguir.

4.3 REDES DE CUIDADO

Uma pesquisa interna realizada na *Canasta Comunitária Utopia* pela Ekorural (2013) revelou que o principal motivo para a participação dos consumidores era a manutenção dos vínculos sociais. Esta relevância dada às pessoas, mais do que a comida também foi identificada em nosso trabalho de campo nos outros casos. Há um fluxo constante de emoções que podem levar a um certo tipo de intimidade e confiança que cria um senso de pertença, às vezes referido como família. Esta família certamente não diz respeito ao modelo tradicional, que entende-se por um casal de pais e filhos. É uma família em um sentido mais contemporâneo, em que

esta é percebida como um grupo de relações em que você pode ter um sistema de apoio e cuidado, independentemente de haverem laços sanguíneos. Para alguns, é um espaço em que encontram “coisas” que não tem em sua família biológica.

Este é o caso de Fernando, um homem de meia idade que se esforça para viver como ator em Riobamba. Ele conhece a *Canasta Comunitaria Utopía* há mais de 12 anos, desde quando militava no movimento estudantil. Nessa época conheceu o Bispo Leonidas Proaño e tocado por seus ensinamentos, Fernando começou a trabalhar em prol do movimento indígena – *Pachakutik* e a partir deste envolvimento acaba também descobrindo a *Canasta Comunitaria Utopía*. Ele começou a comprar os alimentos e levar para sua família, os pais e duas irmãs. Apesar de terem gostado, Fernando diz que não compartilharam do seu compromisso com a *Canasta*, ou seja, não se dispuseram em comprar as cestas de forma estável. Então ele compra os produtos apenas ocasionalmente, já que a quantidade de produtos é muito mais do que ele precisa para seu consumo individual.

No entanto, semanalmente Fernando ajuda na distribuição das cestas e trabalha ativamente na organização de eventos com a *Fundación Utopía* (Figura 25). Para ele, o envolvimento com a *Canasta* influenciou não só sua maneira de comer, mas também sua forma de ver o mundo, é mais do que apenas um lugar para a compra de alimentos.

Eu adoro estar aqui! Eu adoro, adoro estar com as pessoas, conversar, brincar... Além de buscar alimentos, as pessoas também vêm por esse afeto, esse sentimento que compartilhamos, sabe? Porque nós começamos a conversar, dançar, ouvimos um pouco de música do nosso país, da nossa região. E, por exemplo, uma senhora vem e me diz: Fernando, como você está, o que aconteceu? E eu digo a ela, bom dia Senhora, como você está? Como foi sua semana? E então ela diz, bem, você sabe essa coisa que aconteceu com tal pessoa? E quando você percebe, está falando coisas íntimas neste tempo onde os produtos ainda estão chegando. Algo mágico acontece! Além desses produtos que você está indo buscar para consumir, você também se envolve com a família, com os problemas, torna-se um psicólogo, um padre às vezes! Você ouve as pessoas, tenta explicar algumas coisas, fazer com que elas fiquem mais tranquilas, apenas escutar e falar com elas. Especialmente as mães! Mas também tem os homens que vem e falamos sobre política, o que o prefeito fez ou sobre futebol simplesmente! Então são relações lindas! É uma harmonia muito legal que às vezes você não encontra em sua própria casa e eu encontro aqui com eles! Eu aprendo com eles! É uma espécie de nutrição, eu me nutro, as pessoas se nutrem e no fim nos nutrimos a *Canasta*! É uma utopia que vivemos! E acho que é por isso que se mantém tanto tempo funcionando (Fernando, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

Figura 25 – Fernando fatiando os *zapallos* para distribuir entre as famílias (a); entregando os alimentos para os consumidores (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Esta menção da *Canasta* como uma família é compartilhada por muitos outros membros. Dona Luna viveu por 12 anos com sua família no conjunto habitacional *Monseñor Leonidas Proaño*. Orgulhosamente, fala como a conquista da casa própria foi uma luta difícil. Ela dedicou a vida para cuidar de famílias, a dela e de outros. Além de manter a casa e cuidar de seus netos, ela também cuida dos filhos dos vizinhos. Foi convidada para participar da *Canasta* por uma vizinha que mora do outro lado da rua, a Sra Norma. Diz que participar da *Canasta* lhes permite comer bem e com variedade, dentro do salário que recebem. Porém Dona Luna afirma que o que realmente a motiva a estar na *Canasta* é as pessoas.

Mais do que tudo, eu gosto desta união de ser família, de compartilhar coisas. Esta é a maneira que eu penso! Quando vamos lá, contamos piadas, fazemos brincadeiras, compartilhamos amizades e, pelo menos por alguns momentos você pode esquecer qualquer dificuldade, qualquer problema que você pode ter em sua casa. Quando estou na *Canasta* esqueço até minhas dúvidas! (Luna, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador)

Este não é apenas um sentimento vindo dos consumidores, mas de produtores também, como é o caso de Charito. Ainda quando criança, Charito foi levada para Quito para trabalhar como empregada na embaixada americana. Aos 22 anos, juntou suas economias e comprou um pedaço de terra em Publa, no vale do Vulcão Tunguraua. Seus pais e um irmão doente foram viver com ela e ajudar a trabalhar na terra. Por anos viveram da agricultura. Com o passar dos anos, seus pais e irmão morreram, deixando apenas ela e seu filho. Juntos, decidiram transformar a propriedade em uma hospedaria para turismo rural, mas depois de três

anos do trabalho e investimento, uma erupção do Vulcão Tunguraua fez com que perdessem tudo.

Nessa época, ela havia recém-conhecido a *Canasta Utopía* e estava fornecendo acelga, alface e brócolis. Com a perda da terra e da casa, ela passou por um período difícil, aguardando o processo de realocação pelo governo. Charito fala com emoção sobre como a *Canasta* deixou de ser um lugar para vender produtos e tornou-se um lugar de amigos que a apoiaram de muitas maneiras diferentes: “*Essa é a gratidão que tenho pela Canasta, eles se tornaram uma bela família para mim*”. Hoje, ela tem uma nova terra em Penipe e decidiu dedicar-se à produção de frutas vermelhas orgânicas. As frutas não fazem parte regular da *Canasta*, mas Charito participa das entregas e oferece seus produtos para possíveis interessados (Figura 26). Segundo ela, manter o vínculo com a *Canasta* é uma questão de saúde.

Minha saúde já não é muito boa, tenho muitos problemas e adoço com frequência. Por isso, às vezes eu não posso ir lá! Mas se eu perder mais de 2 semanas, fico ainda mais doente! Eles são a minha família, por isso sou mais feliz lá! (Charito, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador)

Figura 26 – Charito lanchando em um dia de entregas e conversando com Elena, uma agricultora de Tzimbuto (a); Charito ajudando a separar os produtos para a entrega (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Esse senso de família é forte e quase um ponto comum para os participantes da *Canasta*, mas não é uma exceção entre os casos. Algo similar é expresso por Valeria, uma produtora do GAS *Testaccio Mesticcio*, como uma forma de se referir como se sente confortável e entendida entre o grupo. Depois de viver alguns anos em Tenerife (Espanha) mudando de um trabalho a outro, ela decidiu voltar para Roma para ajudar seu pai, Luigi. Ele era um funcionário da Fabrica Olivetti e foi

demitido junto com um grande grupo de pessoas devido à crise econômica. Já tendo seus 50 anos, Luigi teve dificuldade para encontrar um novo emprego. Nesse meio tempo, começou a cultivar alguns legumes para o consumo próprio. Algum tempo depois, resolveu fazer tortas salgadas com seus vegetais e foi assim que acabou chegando ao GAS.

A relação com o grupo agora é bastante solidificada, hoje Luigi é o principal produtor de hortaliças deste GAS. Com problemas para encontrar trabalho e percebendo que o pai precisava de ajuda, Valeria decidiu se juntar a ele na agricultura. Apesar do trabalho duro que não permite tirar férias, ela afirma estar feliz com sua decisão, não só por ter uma fonte de renda e um trabalho que gosta, mas também por causa das relações que ela criou com o grupo (Figura 27).

Estar no GAS é como ir ao bar com os amigos, sabe? Porque são todas pessoas diferentes, com diferentes empregos, idades diferentes, mas no final é como uma família! As pessoas te apoiam: “Ah Valéria, como estão os tomates esta semana? Oh, maus? Não tem problema, talvez na próxima semana eles vão estar melhor!” Não é como ir a um supermercado, ver todas as coisas com a mesma aparência. Se eu fosse vender meus tomates no supermercado, eu não conseguiria entregar 10kg em um dia, eles (supermercados) não iriam querer comprar meus tomates, porque querem alguém que consegue ser muito estável em suas entregas. Aqui é mais pessoal! Eu posso dizer “olha, tivemos um problema com os tomates e eles ficaram desse jeito, então você pode me pagar menos ou algo assim”. Por isso, é pessoal, não é como ir a um mercado! Estamos aqui não só pelo dinheiro, mas pelas relações, porque as pessoas entendem nossa situação! São amigos e assim é muito melhor! (Valeria, GAS Testaccio Meticcio, Roma, Itália)

Figura 27 – Valeria e seu pai Luigi com Alfredo, o fundador do GAS Testaccio Meticcio



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

A mesma alusão é feita por Nello do *Grupo de Consumo de Russafa*.

Somos caóticos e muito informais, realmente *assemblearios*¹², sabe? Mas funciona! É como estar em um bar e conversar com os amigos! É a nossa forma de trabalhar, a forma que criamos para nós mesmos nestes anos! É como um organismo de auto-regulação, eu não sei como explicar, mas é lindo! (Nello, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha)

Já havíamos apresentado na seção anterior a relevância das relações sociais para Saraí, o que ela se refere um “sentimento de comunidade”. No entanto, em outro momento ela deixa claro como este sentimento é tão forte que, de certa pode afetar escolhas futuras sobre sua vida.

Eu realmente sinto falta de comunidade, a sensação de estar em uma comunidade. Eu acho que agora me custaria muito sair daqui desse bairro, porque é aqui que o *Grupo* funciona. Porque o *Grupo* gerou em mim um apego pessoal a estas pessoas, são pessoas com quem eu criei laços de confiança, de amizade (Saraí, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha).

Importante ressaltar que ela não está se referindo apenas aos seus vizinhos diretos no bairro Russafa, mas também com o produtor que na verdade mora na área rural da cidade.

De certa forma, Vicente, nosso produtor, é uma pessoa que chega na quarta-feira e nos entrega hortaliças. Mas, há também uma espécie de rede de cuidados entre ele e nós. Por exemplo, sabemos que sua esposa está fora porque está estudando em outra cidade e ele está sozinho, portanto, pode ter alguma dificuldade. É uma coisa muito importante cuidar do produtor: como você está? Você precisa de ajuda? Você deseja alterar a data das entregas? Devemos ir ajudá-lo com as ervas daninhas? O que você precisa? Isso parece importante porque cria relações que não são geradas em outros processos de mercado. É engraçado, mas eu nunca considerei fazer essas perguntas para a pessoa que me vende fruta em qualquer supermercado ou até mesmo perguntar sobre seus filhos, algo assim sabe? Mas aqui é diferente! Se alguém te chama e diz: “Preciso de ajuda para pintar a minha casa”, nós vamos pintar a casa. Ou eu preciso de um quarto ou o que seja! Aqui, se alguém ficar sem um lugar para viver ou trabalhar, algo qualquer, esta pessoa nunca ficaria desamparada! Ela nunca iria acabar na rua. Tenho certeza de que, se algum dia, por qualquer motivo, eu não puder comprar comida, eu teria aqui 25 pratos de comida (Saraí, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha).

¹² *Asemblearios* é uma referencia a sua forma de organização e gestão baseada na realização de assembleias.

Esses testemunhos indicam que as relações estabelecidas realmente parecem ir além da relação corriqueira vendedor-cliente; tornam-se um compromisso pessoal que humaniza o processo de produção e consumo. Quando analisamos o que poderia ser entendido como as atividades de socialização dos diferentes casos, os mais comuns são refeições partilhadas, cursos e visitas aos agricultores. Embora as três atividades contribuam para criar este senso de comunidade, as visitas aos produtores adquirem uma importância especial.

Respeitando os diferentes contextos e dinâmicas que cada grupo constrói, estas visitas parecem criar uma oportunidade única para que os consumidores possam entender o que significa viver no campo e da agricultura. Nessas ocasiões eles podem ver ou experimentar o que realmente está envolvido na produção de alimentos e por isso se tornam um momento em que os consumidores percebem a realidade dos agricultores. Gonzalito se lembra da primeira vez que foi visitar os agricultores.

Foi realmente bonito, porque nós tivemos a oportunidade de ver como eles vivem! Eles nos colocaram para trabalhar e então nos demos por conta do quanto custa para o companheiro indígena ganhar alguns centavos, sabe? O sacrifício que eles fazem! Começamos a trabalhar no campo, tinha um sol terrível! Não demorou muito já estávamos com fome, sede, cansados, sujos, tudo isso! A minha lombar estava me matando! Nós vimos isso, sentimos! De certa forma, pudemos apalpar a realidade deles! (Gonzalito, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

É interessante ver como o encontro com a realidade do outro pode provocar reflexões sobre nossa própria realidade, criando uma base para a colaboração. Este foi o caso da Sra Luna, que depois de uma destas visitas percebeu a importância da parceria com os agricultores.

É muito bom porque é um momento de partilha, nós caminhamos, podemos ver de onde os produtos vêm, como vivem as mulheres no campo. A vida da população do campo é difícil, é muito difícil! Para fazer crescer o alimento, elas têm que acordar muito cedo e trabalhar duro o dia todo, não é o mesmo que viver na cidade. Ainda que na cidade também é difícil porque precisamos trabalhar muito para ter dinheiro, porque sem dinheiro não podemos comer! É por isso que é importante trabalharmos juntos! (Luna, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador)

Esses encontros provocam reflexão e sentimentos de cuidado nos consumidores, mas também nos produtores. Krispijn, o agricultor que através de seu protesto deu início a um processo que levou a formação do *De Groene Schuur*, traz

sua perspectiva sobre a relevância das relações diretas e as visitas dos consumidores.

É muito importante porque então eu posso entender o que eles gostam, o que eles comem. Então eu posso mudar minhas variedades, o que eu produzo. Essa é a razão mais importante! Mas também eu gosto muito de estar em contato com os consumidores. Na maioria das vezes eles estão felizes com os produtos, eles estão felizes com os agricultores, com as entregas. Quando negocio com supermercados ou mercearias eles só me chamam quando há algo de errado com o produto. Então, há toda uma negatividade que é bastante diferente de quando faço negócios diretamente com os consumidores, o que é quase sempre positivo. Todos os anos temos um dia em que os coordenadores dos grupos vem à fazenda para trabalhar conosco e conversar uns com os outros. Eles também vão para outras fazendas. Os consumidores podem vir em dias abertos, todos os anos temos um ou dois dias abertos para que eles possam vir e escolher suas próprias batatas, seus próprios morangos, o que está disponível eles podem escolher. Então, esses momentos nos ajudam a estabelecer uma conexão, poder discutir coisas, fazer perguntas, manter as relações (Krispijn, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

No capítulo anterior, mencionamos que o contexto de trabalho dos agricultores holandeses é diferente dos outros casos analisados. Em especial, em termos de serem enquadrados em uma categorização de agricultores familiares. Mas quando questionado sobre isso, reconhece que a fazenda possui características bastante modernas, mas ressalta que há um senso de familiaridade nas relações.

Sim, somos como uma família, um dos proprietários desta fazenda não é parente de sangue, somos três proprietários: eu, meu pai e Peter. E ele não é nosso parente. Mas nós gostamos de trabalhar uns com os outros e com outros agricultores vizinhos. É uma espécie de fazenda familiar, apesar de não ser uma pequena fazenda artesanal (Krispijn, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Este prazer expresso por Krispijn em se relacionar com os consumidores e os agricultores também é expresso por outros produtores de outros casos. É o caso de César, que desde que era um menino, ele sempre quis ser um agricultor. Ele mora na área de Guamote (Equador), com sua esposa, duas filhas e mãe. Realizar o sonho de viver da terra foi fácil. Logo que casou, a maneira que encontrou de sustentar a família foi migrando para Quito para trabalhar em construções. Na década de 1990, a comunidade indígena a qual pertence conseguiu comprar a terra em que vivem do antigo proprietário. Ele continuou migrando por mais alguns anos

até poder terminar de pagar pela terra e poder iniciar seus plantios. César é o único da comunidade que vive da agricultura.

Depois de anos de trabalho, hoje ele não vende seus produtos nos mercados mais convencionais como o *Mayorista*, uma situação nada comum para a realidade Equatoriana. Além de fornecer para a Canasta, ele também leva seus produtos semanalmente a uma loja local, especializada em produtos naturais. Além disso, tem alguns compradores diretos. Para ele, ser um agricultor agroecológico e fornecer um “produto limpo” é mais importante do que receber grandes lucros.

Com a *Canasta* eu estou muito feliz! Nós nunca realmente falamos sobre como começou, então isso não é muito claro para mim agora. Eu acho que foi sobre ajudar as pessoas na cidade para se alimentarem melhor, não? Estou muito feliz com a própria Canasta e com as pessoas que fazem parte dela. Apesar de não poder dar tudo o que as famílias precisam para viver, o que nós lhes damos é um produto bom e limpo. E isso me faz feliz! (César, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

Figura 28 – César em sua propriedade em Guamote, Equador (a); César em um dia de entrega da *Canasta Comunitaria Utopía*, provando as amoras de Charito (b)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

De alguma forma, a declaração de César sugere que ao executar um bom trabalho e fornecer uma boa comida, ele busca retribuir o cuidado que recebe dos consumidores. O desejo de ser cuidado recebendo um bom produto também é expresso pelos consumidores, pelo menos, é assim que Nello refere-se a situações em que os produtos entregues não têm a qualidade esperada.

Às vezes, se eu não estou feliz com o produto, sei lá eu porque: a batata é muito verde, ou as bananas não estão maduras, o tomate veio quase podre, eu posso simplesmente dizer “Pô cara!” Então falo com ele [Vicente, o produtor] e digo que não estamos satisfeitos. Mas para mim o importante é a relação que temos com ele, a possibilidade de dizer “hey, cara! Cuida melhor da gente! A batata que você me trouxe não tá legal!”. Eu sei que na

próxima semana, ele vai ter mais cuidado, vai ser melhor. E para isso, eu não preciso de um selo! É algo mais humano o relacionamento que nós temos e é exatamente isso que me faz valorizar ele! Nós continuamos com ele por isso, porque temos um compromisso com ele, é um cara bacana, uma pessoa boa! (Nello, *Grupo de Consumo per Russafa*, Valência, Espanha).

É importante esclarecer que embora estas experiências possam ser permeadas por uma série de sentimentos “positivos” de alegria e solidariedade, elas são compostas por pessoas reais e obviamente existem conflitos. Tais processos não diminuem o mérito ou a importância das relações estabelecidas; pelo contrário, as tornam mais complexas. Talvez o exemplo mais intenso que tenha aparecido durante o trabalho de campo foi no Equador.

Desde a chegada, diferentes pessoas, indígenas e não indígenas, falavam sobre as dificuldades que indígenas enfrentam cotidianamente no convívio social. De certa forma, as informações eram de que há um tratamento estereotipado e preconceituoso, que os coloca em uma situação de suposta inferioridade e os faz vítimas de atos abusivos e desrespeitosos. Em especial, muitos contavam como o *Mercado Mayoristas* é um espaço de frequente maltrato, em que comerciantes tendem a desvalorizar os produtos levados pelos indígenas, alegando que estes não têm qualidade, são sujos e tem outras “características” que acabam por “justificar” um pagamento muito baixo aos produtos. Os maus tratos podem chegar à violência física, como são tão bem descrito por Matuk (2010), em seu trabalho etnográfico sobre as relações de poder no *Mercado Mayorista* de Riobamba.

Assim, a *Canasta* é referida como espaço diferencial no sentido de que as pessoas envolvidas tratam os indígenas com respeito e valorizam seu trabalho e produtos, além de pagarem preços justos aos produtores. Porém, em momentos diferentes, tanto consumidores como produtores relatavam problemas que acontecem devido à falta de comprometimento em relação aos acordos feitos. Parece-nos que a questão central se deve ao fato de que a *Canasta* faz parte de suas compras diretamente com produtores e em parte no *Mercado Mayorista*. Os gestores da *Canasta* justificam essa prática dizendo que buscam fornecer aos consumidores uma cesta o mais completa possível para que não precisem buscar alimentos em outros locais. Considerando que os produtores não conseguem suprir toda a variedade que os consumidores querem, complementar as cestas no *Mayorista* é visto como uma necessidade.

Além disso, os gestores alegam que apesar do acordo que estabelecem, quando os alimentos tornam-se escassos, os comerciantes do *Mayorista* pagam valores mais elevados e muitos produtores preferem vender seus produtos lá. Isso afeta os consumidores que, ou ficam sem os produtos ou acabam pagando preços altos comprando no *Mayorista*.

Os agricultores por sua vez têm duas queixas em particular. A primeira é de que a *Canasta* compra no *Mayorista* produtos que podem ser fornecidos pela rede de produtores já estabelecidos. Isso aconteceria especialmente quando *Mayorista* têm preços mais baixos. Em segundo lugar, apesar de terem uma rede de produtores fixos de quem eles compram, não há exatamente uma lealdade plena para os agricultores. A cada semana de entrega, os agricultores oferecem os produtos que tem disponível e supostamente até quinta-feira a facilitadora da *Canasta* deve retornar confirmando o que eles vão comprar e em que quantidade.

Assim, no caso da Comunidade Indígena de Tzimbuto, em que a *Canasta* é o único mercado para quem vendem além do *Mayorista*, essa forma de funcionamento traz incerteza para os agricultores que não podem ter garantia se suas colheitas serão sempre compradas. Verdade seja dita, durante o trabalho de campo vimos pessoalmente todas estas situações acontecerem. Acompanhando as compras no *Mayorista*, Ceci (a facilitadora da *Canasta*) comprou alfaces que poderiam ser fornecidos por Tzimbuto naquela semana. Em outra ocasião, após Tzimbuto ter confirmado que poderia fornecer couve-flor, Elena (da Tzimbuto Comunidade) ligou no dia anterior a entrega das cestas para dizer que eles não tinham mais couve-flor. Elena mais tarde justificou o episódio dizendo que o agricultor que tinha a couve-flor, preferiu levar a produção ao *Mayorista* porque receberia um valor melhor.

Em outro momento ainda, após a confirmação com Elena de que a *Canasta* iria comprar batatas de Tzimbuto, um senhor apareceu no escritório da Fundação Utopía dizendo que tinha batatas para oferecer. Ceci reduziu a demanda de produtos de Tzimbuto pela metade, para também comprar as batatas deste outro agricultor. A justificativa é de que a *Canasta* procura ajudar todos os produtores e, portanto, preferem ter um pouco de cada agricultor, em vez de permanecer totalmente fiéis a certos produtores. Além disso, o fato de os agricultores nem sempre serem “fiéis” a *Canasta*, faz com que ela se sinta com liberdade para também nem sempre ser fiel aos produtores.

No final, a situação parecia uma espécie de círculo vicioso em que a falha de um, supostamente justifica a falha do outro. Mais do que isso, o processo é cheio de ressentimento e como em muitos círculos viciosos, cada lado afirma que o outro está errado e fica preso em sua posição, resistindo a dar o primeiro passo para resolver a situação. Em particular, porque, neste caso, requer confiança que o outro vai cumprir sua parte do acordo, apesar de não ter feito isso antes. Pois, é justamente esse não cumprimento de acordos negociados, que é associado a uma falta de cuidado. E esta parece ser a razão pela qual, embora tenha havido muitas reuniões sobre o assunto e os acordos tenham sido reforçados, estas situações continuam acontecendo e tornando delicada a relação entre Tzimbuto e os gestores da *Canasta*. Isso ficou bastante claro em um episódio que testemunhamos durante o trabalho de campo em Tzimbuto, em uma quinta-feira, teoricamente o prazo para que a Comunidade recebesse a confirmação dos pedidos da *Canasta*, e, portanto, a quantidade exata de produtos a ser colhida.

A rotina de Elena começa às 5h da manhã, embora ela tenha sua própria casa, faz suas refeições na casa de seus pais, juntamente com o restante da família: irmãs, cunhados, sobrinhos, tias, etc. O dia começa com uma bebida quente e um ovo cozido. Após este desjejum, alguns vegetais são colhidos para preparar uma sopa. Depois de cozinhar e comer este “segundo café da manhã” que termina em torno das 8h, é hora de ir trabalhar. Hoje, fomos colher batatas. Entre três mulheres, levamos até o meio-dia para encher uma saca de boas batatas para serem vendidas a *Canasta*. A saca com cerca de 40kg foi levada por Elena morro acima que após chegar a casa, preparou o almoço para a família. Após a refeição fomos percorrer os lotes de diferentes pessoas da comunidade, avaliando que outros vegetais poderiam ser vendidos.... Levamos toda à tarde neste processo. Além de avaliar os vegetais que estavam maduros, colhemos vegetais para alimentar os animais e Elena foi chamada para ajudar com uma vaca que recentemente havia dado à luz, porém não conseguia produzir leite para alimentar seu filhote (Figura 29). Foi um dia agitado, subindo e descendo morros bastante íngremes. Durante todo o tempo, Elena fazia e recebia chamadas. Ela falou com Ceci umas 3 vezes. Na primeira ligação Ceci perguntou o que eles tinham para oferecer. Batatas e brócolis, respondeu Elena. Na segunda ligação, Elena é quem ligou para oferecer também espinafres. E na terceira chamada Ceci confirmou o interesse nas batatas, porém não passou quantidades. Embora Elena tenha sido educada em todas as ligações, sua expressão demonstrava frustração. Elena fez mais algumas chamadas que não foram atendidas até que depois do jantar Ceci atendeu, mas disse que só poderia confirmar a quantidade de batatas no dia seguinte. Elena desligou e desabafou o quanto estava incomodada. Ela resgatou todo o dia, as ligações, o trabalho e os acordos, mas que ao fim nem sempre acontecem conforme acordado. Elena não parava de dizer “você vê como nós sofremos?” É difícil não simpatizar com Elena, meu corpo dolorido de passar o dia indo e voltando na comunidade entende. (22/01/2015; Caderno de campo – Equador).

Figura 29 – Diferentes momentos durante o dia de Elena: colheita de batatas; ajudando uma vaca doente; colheita de forragem para os animais; fazendo o jantar



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Fora o tempo necessário para colher mais umas três ou quatro sacas que a *Canasta* potencialmente pode solicitar, após a colheita, elas precisavam organizar o transporte com alguém (não é fácil, já que carros e caminhões não são comuns na comunidade e precisam ser contratados) e garantir que as batatas cheguem ao amanhecer de sábado em Riobamba para a divisão entre as famílias. Realmente, era muita coisa para fazer em um único dia. Para Elena, esta situação não foi uma exceção.

Isto é o que acontece, eles não me respondem, então não posso saber o que colher. E eles só querem as batatas! Então eu soffro! Você viu o espinafre, é muito bom! Mas, ainda assim eles não querem, porque eles vão comprar de outro. É por isso que as pessoas ficam frustradas e não querem vender para a *Canasta*, eles não acreditam! Então, eles levam os produtos no *Mayorista*. Sim lá são maltratados, mas vendem o que tem. Este sofrimento com a *Canasta* também é um maltrato! (Elena, *Canasta Comunitaria Utopia*, Riobamba, Equador).

Esta declaração de Elena é muito forte! Ao comparar seu sofrimento pela dificuldade de organização da gestora da *Canasta* com o preconceito que eles passam no *Mayorista*, Elena não só questiona a intenção da *Canasta* de ser diferente, mas, também expressa que essa desorganização acaba sendo percebida como uma falta de cuidado. Talvez mais ainda, ela acaba sugerindo que para os agricultores de Tzimbuto, a escolha sobre em que lugar vender seus produtos ao fim também passa por escolher que tipo de sofrimento estão dispostos a suportar.

4.4 A NUTRIÇÃO DE RELAÇÕES ATRAVÉS DA COMIDA

As memórias compartilhadas pelos participantes revelam que, em termos gerais, essas dinâmicas de abastecimento alimentar não foram construídas de forma causal, reflexiva, linear ou forma estrategicamente concebida. Pelo contrário, são resultados inesperados e não planejados de afetações que se desdobram após encontros entre diferentes pessoas e diferentes alimentos. Esses encontros parecem agir como gatilhos para ações que acabaram se materializando na forma de diferentes dinâmicas de abastecimento alimentar.

Por exemplo, no caso da *Canasta Comunitaria Utopía*, adultos que estavam tentando descobrir como praticar a solidariedade encontram inspiração na brincadeira das crianças. Para participantes do MICC, são os encontros de trabalhadores rurais e urbanos buscando apoio mútuo para suas lutas. Em ambos os casos, o fornecimento de alimentos estava envolvido, mas não era o objetivo final ou central. Isso fica claro quando Gonzalito explica como eles economizavam carregando as próprias sacolas para poder ajudar as famílias que não tinham dinheiro suficiente para comprar comida. O mesmo acontece quando Zanon diz que muitos trabalhadores urbanos se juntaram às ocupações do MST como uma forma de experimentar a realidade dos trabalhadores rurais. Ambos afirmam que o resultado pretendido era a prática verdadeira da fé católica.

Para todos os outros casos, o alimento teve uma grande relevância desde o início. Mas é interessante ver as circunstâncias que os levam a desejar tais alimentos ou a se envolverem nesse tipo de dinâmica de abastecimento. Para Alfredo era a raiva que ele sentiu assistindo a um programa de TV sobre o sistema alimentar, que por fim levou a criação do GAS *Testaccio Meticcio*. E no caso do *De Groene Schuur* é uma história que Gabrielle escuta de uma amiga durante suas férias. Isso mostra uma forte contingência e casualidade, são elementos inesperados que afetam a realidade das pessoas e as impulsionam a ação.

É relevante destacar que o processo de criação destas dinâmicas de abastecimento não envolve a elaboração de um plano de negócios ou a elaboração estratégica de como receber ou distribuir alimentos. As dinâmicas foram se desenvolvendo a partir de afetações, necessidades e desejos, as questões que surgiram acabaram sendo resolvidas de uma maneira bastante experimental para todos os casos. De todos, a *Canasta Comunitaria Utopia* é possivelmente a dinâmica

melhor estruturada, uma vez que têm uma sua sede própria com equipamentos (telefones, computadores, etc.) disponíveis para organizar as cestas de alimentos. Ainda assim, as entregas acontecem na rua e os alimentos são colocados no chão, em cima de lonas para serem separados e pesados. Para todos os outros casos, as “instalações” de entrega são tão informais quanto. São sedes de organizações sociais (casos italianos e espanhóis), residências de consumidores (MICC e *De Groene Schuur*), unidades de saúde, ginásios e igrejas para no caso do MICC. Portanto, não há uma estrutura de armazenamento profissional ou preocupação em ser uma empresa comercial e lucrativa.

Talvez esta seja uma declaração óbvia, mas parece necessária, porque quando falamos sobre essas dinâmicas de abastecimento como alternativas aos mercados convencionais, pode haver uma impressão de que elas são induzidas para ser um mercado competitivo. Especialmente, se são analisadas lado a lado com negócios como lojas especializadas, sistemas de entrega a domicílio e ainda venda direta na propriedade. Esta não é a realidade de nenhum dos casos aqui apresentados (embora isso possa acontecer no futuro!). Essas experiências emergem e se materializam muito mais como projetos sociais do que modelos comerciais. Isso não só as diferencia de outras formas de compra direta de alimentos, mas mais do que isso, destaca como o componente social é um elemento primordial para a emergência e a existência dessas experiências.

Claro, não estamos negando que haja dimensões econômicas, isso faz parte da dinâmica, uma vez que os produtores recebem retorno econômico para seus produtos. Mas os testemunhos de agricultores como César, Charito, Vicente, Valéria e Krispijn indicam que eles não veem os consumidores como meros clientes, os laços sociais parecem ser tão relevante quanto ou até mais relevante do que o retorno econômico.

As maneiras como os consumidores se referem ao fornecimento também não é como um negócio, mas como algo mais pessoal e para o qual os aspectos sociais são o elemento principal. Por exemplo, Zanon comenta que algumas experiências de compras de alimentos a granel aconteceram ainda na década de 1980, mas não se mantiveram porque não “havia preocupação sobre quem estava vendendo; era apenas pelo preço”. Saraí fala sobre o *Grupo de Consumo de Russafa* como uma possibilidade de quebrar a individualização das pessoas e criar um projeto coletivo. Além disso, há pessoas envolvidas em diferentes casos que nem sequer compram a

comida ou se o fazem não é para o seu consumo pessoal. É o caso de Gonzalito, Fernando, Gertrude e Charito. Todos afirmam estar envolvidos por causa das pessoas, mais do que a própria comida. Assim, podemos entender que os laços sociais são mais valorizados do que o abastecimento alimentar em si, mas é a comida que atua como ponte conforme propõe Douglas (2007). Ou seja, a comida faz com que as pessoas se agreguem, unam, dialoguem e é nestes encontros e desencontros que afetos e subjetividades emergem.

Então, se aceitarmos o desafio de Appadurai (2008) de dar mais importância às coisas que são trocadas do que as formas de intercâmbio, podemos perceber que o que é trocado vai além de comida e dinheiro. As pessoas envolvidas nessas iniciativas estão trocando realidades, lutas, amizades, conhecimento, cuidados e, de certa maneira, uma forma de ser. Assim, as circulações dessas materialidades (comida e dinheiro) acabam incorporando afetos e subjetividades que nutrem um sentimento de família ou comunidade entre os membros. Assim, mais do que os mercados enraizados, acreditamos que as experiências aqui apresentadas são projetos sociais em que a comercialização de alimentos é uma das atividades.

Os resultados também corroboram o trabalho de Miller (2009) no sentido de que a comida materializa os simbolismos e representações das relações em que está inserida, mas também porque contribui para fortalecer os laços sociais existentes. Considerando o trabalho de Douglas (2007), argumentamos que as AAC que emergem do processo de abastecimento agem de forma dupla. Por um lado, promovem a escolha dos espaços de residência, fomentam comunidades, as relações rural-urbana, alimentos e culturas locais, ambientes específicos e certos círculos sociais. Por outro lado, também materializam uma repulsa às imposições e as relações estabelecidas pelo sistema alimentar dominante e pelo capitalismo. Isto é claramente mencionado por Alfredo, Nello, Saraí, Gabrielle, Valéria e Krispijn. Todos reivindicam que as dinâmicas em que estão inseridos são mais “humanas” porque tem como prática a preocupação e o cuidado com as relações sociais em ambos os fins, produção e consumo.

No entanto, não podemos concordar que os bens, neste caso, a comida é neutra em termos de não ser capaz de causar ou refletir reações, como Douglas e Isherwood (2004) afirmam. Em diferentes episódios, o alimento parece criar agenciamentos, afetando a percepção e a ação das pessoas. Isto se torna bastante evidente no caso do MICC quando uma lavoura de feijão mobilizou vizinhos e

paróquias para comprar 30 toneladas do grão ou quando a plantação de abobrinhas em risco de destruição provoca o aprofundamento do engajamento do Carmo. Esses episódios mostram como os alimentos provocam uma reação no corpo dos participantes, catalisando paralelamente reflexões, emoções e ações interligadas pela experiência vivida que, em última instância, afeta as dinâmicas de abastecimento e as AAC.

É como propõem Hayes-Conroy e Martin (2010), as relações humanas e não humanas podem catalisar uma força biossocial que afeta a experiência corporal em termos fisiológicos, emocionais e intelectuais. Enfatizamos que a manutenção das dinâmicas de abastecimento para todos os casos depende do envolvimento corporal de seus participantes seja para a colheita, o cuidado, o manuseio, o transporte, a pesagem, a embalagem, o preparo e a degustação da comida (mais sobre isso será abordado no Capítulo 6). Assim, ao extrapolarem as fronteiras da relação mecânica comprador-vendedor, as AAC firmam um compromisso que humaniza o processo de produção e consumo. Esses achados se conectam com os estudos de Kneafsey et al. (2008) que identificam uma ampla variedade de reflexões e emoções, de cuidado e prazer, de preocupação e ansiedade entre os produtores e consumidores envolvidos em redes de alimentos no Reino Unido. Neste caso, cuidado é entendido como uma disposição para a ação relacional, que pode ser para manter, apoiar, preservar ou ainda dar continuidade a algo ou alguém (TRONTO, 2013).

Diferentes estudiosos já identificaram uma forte dimensão de socialização nesse tipo de dinâmica de abastecimento, tais como Portilho (2009) que analisa experiências brasileiras e se refere às dimensões de socialização destas dinâmicas como espaços em que emoções podem ser compartilhadas, fortalecidas e materializadas. Fonte (2016) afirma que as relações simétricas estabelecidas entre produtores e consumidores nos GAS podem transformar consumidores em coprodutores¹³.

Os participantes expressam como eles se sentem cuidados, nutridos, como Fernando menciona. É essa nutrição e cuidado que levam a afirmação de se tornar família, se tornar uma comunidade que compartilha laços de amizade mais do que qualquer outra coisa. Assim, argumentamos que o cuidado não é apenas uma

¹³ Esta expressão tem sido utilizada em especial por iniciativas vinculadas as CSA e também pelo Movimento Slow Food como uma forma de indicar que, através de sua lealdade, consumidores se tornam corresponsáveis pela produção e pela experiência vivida pelos agricultores.

prática que os participantes destas dinâmicas promovem, mas também um desejo entre seus membros. Ou seja, o cuidado é um produtor de ações (desejo) e ao mesmo tempo ele é praticado, por isso o desejo e a prática não podem ser separados e por isso passam a fazer parte da identidade dos casos aqui analisados. Tal questão fica evidente nos episódios em que a baixa qualidade dos produtos é referida como uma falta de cuidado ou no relacionamento entre Ceci e Elena. Assim, a prática ou ausência do cuidado afeta as AAC, pois provoca processos de territorialização/desterritorialização que ao fim influenciam na estabilidade das alianças envolvidas.

Os afetos agem como catalisadores chave para a participação nas dinâmicas de abastecimento, porém também podem agir de forma a desmobilizar o interesse. Isso é outro elemento que o episódio entre Ceci e Elena sugere. Como já comentado, essas situações de conflito não desmerecem a relevância das experiências que aqui abordamos, mas as situam em um mundo real em que as relações humanas são acima de tudo complexas. Assim, é importante perceber que ao abordamos processos de aproximação entre produtores e consumidores possamos superar visões dicotômicas e simplistas que ora romantizam estes processos, ora demonizam. Criando assim uma espécie de análise dual que cria noções polarizadas de “relações justas e solidárias” *versus* “relações danosas e injustas”. Para além do que se almeja, a realidade empírica é muito mais complexa.

Por fim, acreditamos que os resultados indicam uma perspectiva crítica para o determinismo da racionalidade econômica, colocando luz nos aspectos culturais, emocionais e subjetivos que podem envolver a produção e o consumo. Também mostra a relevância da experiência vivida para a emergência deste tipo de dinâmica de abastecimento. A análise através do uso de perspectivas teóricas da antropologia da alimentação combinadas com estudos sobre afeto e subjetividade parecem contribuir para que o social efetivamente aflore para além das dinâmicas comerciais que cercam os mercados.

5 O ATIVISMO POLÍTICO COMO PRÁTICA DO COTIDIANO

No capítulo anterior, abordamos como as relações sociais têm um significado primordial para as dinâmicas de abastecimento e as Alianças Alimentares Colaborativas que surgem a partir delas. Neste capítulo, nos concentramos em outro elemento que parece também ser central para o envolvimento das pessoas - a prática política. Os participantes expressam diferentes insatisfações em relação aos alimentos e às práticas promovidas pelo sistema alimentar dominante. O poder altamente centralizado em grandes corporações, a produção intensiva e especializada, os parâmetros exigidos que os agricultores nem sempre conseguem cumprir, são algumas das questões que frequentemente são abordadas pelos participantes. Além disso, os impactos sociais e ambientais gerados trazem grande preocupação.

Há um sentimento de inquietude entre os participantes que para não serem complacentes com tais práticas e impactos, buscam as dinâmicas aqui apresentadas como uma forma de incentivar outra forma de abastecimento. Assim, para além de um canal de suprimento de alimentos, estas dinâmicas são percebidas como um espaço de ativismo político. Diferentes autores vão problematizar e elaborar esta forma de prática política cotidiana. Por um lado, há um corpo de estudos antropológicos que associam as representações políticas às potenciais significações e símbolos que são criados e negociados nas dinâmicas de produção, comércio e consumo de alimentos (DE CERTEAU, 1994; CANCLINI, 1997; APPADURAI, 2008; MILLER, 2009; PORTILHO, 2009).

Por outro lado, estudos sociológicos e políticos mais recentes também buscam problematizar como há uma diversidade de expressões políticas e/ou engajamento cívicos que mobilizam atores variados em distintas formas de ação para a crítica e a construção de distintos sistemas alimentares (HAYES-CONROY; MARTIN, 2010; RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012; SINISCALCHI; COUNIHAN, 2014; ESTEVE, 2015). É a combinação dessas duas vertentes que utilizaremos para analisar os dados aqui apresentados.

Iniciamos com uma revisão dos aportes teóricos que contribuem para este debate. Seguimos com a apresentação dos dados que revelam como o envolvimento nas dinâmicas de abastecimento é percebido pelos atores como uma forma de ativismo político que acontece através da vida cotidiana. Os resultados são

apresentados conforme os casos estudados e buscam destacar a relevância que diferentes movimentos políticos tiveram na materialização de cada caso, quais são os valores expressos e os resultados que as pessoas buscam com suas ações. Uma seção é dedicada à discussão dos resultados.

5.1 PERSPECTIVAS SOBRE POLÍTICA E ATIVISMO ALIMENTAR

Entre os estudos antropológicos que se centram nas dinâmicas de produção, comércio e consumo de alimentos, está o trabalho de De Certeau (1994). O autor argumenta que, longe de serem passivos, os consumidores criam significados através da apropriação e uso dos objetos, um processo que acontece através de práticas cotidianas que tacitamente são associadas a um contexto de politização (DE CERTEAU, 1994). Canclini (1997) por sua vez defende que uma característica importante do século XX (nos parece ainda atual ao século XXI) é a subordinação da cultura aos critérios de lucro corporativo, de forma que ha uma reorganização global em que o consumo é deslocado de seus conteúdos. Portanto, a definição de quais bens se tornarão disponíveis no mercado e de que forma fica sob o controle de uma elite da sociedade (CANCLINI, 1997). Neste sentido, o autor propõe que a perspectiva irracional e supérflua associada ao consumo só pode ser superada com estudos que abordem de forma integrada as práticas de consumo e cidadania, dando ao consumo uma dimensão cívica (CANCLINI, 1997). Com uma perspectiva bastante crítica em relação a abordagens que defendem um poder de manipulação a partir das empresas, o autor defende o potencial dos consumidores para desempenhar um papel ativo na interpretação de informações, podendo então reagir criativamente e transcendendo a visão legal e política da cidadania como um papel fomentado exclusivamente pelo Estado (CANCLINI, 1997). Conforme já apresentamos anteriormente, Appadurai (2008) argumenta que a produção e o consumo são mobilizados por elementos mais subjetivos e por isso a análise das dinâmicas de comércio deve ir além das materialidades trocadas, e se concentrar na relevância da troca para os envolvidos. De certa forma, o autor defende que o comércio econômico cria o valor dos objetos, mas o que o vínculo entre a troca e o valor é estabelecido pela política em que estas relações estão envoltas (APPADURAI, 2008). Miller (2009) por sua vez complementa tais argumentos ao entender o consumo como uma atividade diária em que tomamos decisões morais e

políticas que visam à materialização de nossos valores. Neste sentido, o consumo deixa de ser alienante caso seja embasado em decisões conscientes que reconhecem os fatores sociais envolvidos na produção do objeto em questão, bem como as potenciais responsabilidades e os impactos que seu consumo pode gerar (MILLER, 2009).

Portilho (2009) defende que produção e consumo sejam abordados como forças dialógicas, de forma que consumo possa ser interpretado de forma mais ampla, como uma potencial ferramenta de ação para afirmação de culturas e ideologias, quiçá de contestação política. Neste sentido, a autora traz uma minuciosa revisão de como os problemas ambientais têm sido, em boa medida, atribuídos a um estilo de vida consumista da sociedade, levando a uma ideia de que os indivíduos precisam desenvolver estilos de vida menos predatórios (PORTILHO, 2010). É essa a ideologia base por traz das noções de “consumo verde”, “consumo consciente”, “consumo sustentável” ou “consumo responsável” (PORTILHO, 2010). Este processo leva não só a uma mudança de foco de análise em que estudos passam a dar maior atenção ao consumo, como inauguram um debate de corresponsabilização dos consumidores pelos impactos gerados pelos produtos que adquirem.

Por outro lado, conforme apresentado anteriormente (Capítulo 1), estudos da sociologia da alimentação também se voltam para a análise de práticas de consumo, em especial ao perceber alterações no comportamento dos consumidores em decorrência dos fenômenos de “desafeição alimentar”, “virada da qualidade” e “re-localização alimentar”. Assim, há atualmente uma proliferação de noções e perspectivas que vão buscar interpretar o potencial político que determinadas práticas alimentares podem ter, tais como: movimentos de alimentares (HOLT-GIMÉNEZ, 2010; HOLT-GIMÉNEZ; SHATTUCK, 2011); Redes Alimentares Cívicas (RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012) ou ainda ativismo alimentar (COUNIHAN; SINISCALCHI, 2014; HAYES-CONROY; MARTIN, 2010).

Holt-Giménez (2010) e Holt-Giménez e Shattuck (2011) se inspiram na noção de “duplo movimento” do capitalismo proposto por Karl Polanyi para explicar diferentes processos de mobilização social em torno da produção e do consumo de alimentos. Essa perspectiva entende que o “Regime Alimentar” está em crise e que em reação, tanto as empresas que dominam o Regime como distintos atores sociais (movimentos sociais, agências governamentais e não governamentais) têm

impulsionado diferentes estratégias em disputa por um determinado modelo de sistema alimentar. Tais estratégias envolvem não só determinadas formas de produção e consumo, mas sistemas de distribuição, dinâmicas de abastecimento e promoção de políticas públicas. Relembramos que nosso posicionamento crítico em relação a esta abordagem (Capítulo 1) é de que o viés altamente estruturalista da análise, combinada com a falta de clareza para os critérios de categorização utilizados pouco contribui para relevar as distinções existentes em termos práticos entre os diferentes movimentos ou ainda dar voz as perspectivas dos atores envolvidos.

No entanto, nos parece que a grande contribuição que estes estudos trazem é o mapeamento da grande variedade de organização inter-setoriais atualmente envolvidas nos temas alimentares e a diversidade de estratégias e de conceitos-chave que têm sido promovidos, em especial: segurança alimentar, justiça alimentar¹ e soberania alimentar. Entre estes três conceitos, os dois mais utilizados pelos participantes dos casos analisados são segurança e soberania alimentar.

Conforme Belik (2003), o conceito de segurança alimentar surge após as Grandes Guerras, considerando uma Europa devastada e sem condições de produzir o seu próprio alimento, e por isso sempre buscou equacionar três aspectos: quantidade, qualidade e regularidade no acesso aos alimentos. Este conceito tem sido debatido em especial, em termos de direito civil e políticas públicas de Estado. Já a soberania alimentar é lançada pela Via Campesina na Cúpula Mundial da Alimentação em 1996, e tem sido debatido globalmente por diferentes movimentos sociais e acadêmicos. De certa forma, o conceito é um aprofundamento da ideia de segurança alimentar, uma vez que reivindica mais do que o acesso à alimentação, mas o direito de controle democrático sobre os alimentos e os recursos alimentares (PATEL, 2009).

As Redes Alimentares Cívicas propostas por Renting, Schermer e Rossi (2012) por sua vez vão justamente abordar dinâmicas de abastecimento contemporâneo em que os consumidores têm um papel ativo, buscando destacar

¹ O conceito de justiça alimentar, por sua vez, busca ampliar e problematizar o conceito anterior, de forma que as políticas e práticas alimentares possam também dar conta de resolver uma série de desigualdades sociais e econômicas que fazem com que determinados grupos sejam mais vulneráveis a outros, por isso propõem que nenhuma pessoa tenha negado seu acesso a uma alimentação de qualidade devido a restrições econômicas ou iniquidades sociais. Estudos nesta perspectiva incluem questões sobre desigualdades socioambientais, dietas de classes trabalhadoras, racismo e questões de gênero (HOLT-GIMÉNEZ; PATEL; SHATTUCK 2009).

justamente os potenciais em termos de governança e ação cívica em relação aos alimentos. A noção é colocada pelos autores como complementar a outras noções, tais como redes alimentares localizadas ou circuitos curtos e engloba além das iniciativas aqui analisadas, projetos de agricultura urbana, cooperativas, feiras livres, redes de agroecologia, sistemas de certificação e conselhos municipais (RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012). Assim, ainda que traga um debate interessante entre as conexões e possibilidades de ação e governança de dinâmicas de abastecimento entre Estado, mercados e sociedade civil organizada, é mais uma noção ampla que parece agrupar atores heterogêneos e dinâmicas com proposta e funcionamento muito distintos.

Assim, optamos por tomar como referência central para a nossa análise a noção de ativismo alimentar proposta por Siniscalchi e Counihan (2014), entendida como os esforços promovidos para mudar o sistema alimentar, transformando as formas de como os alimentos são produzidos, distribuídos e consumidos. Esta noção nos parece mais adequada porque centra seu olhar justamente na perspectiva dos atores (individuais ou coletivos) envolvidos. São mobilizações e ações ativas em nível global, em que uma larga gama de ações, estratégias e ideologias estão envolvidas (SINISCALCHI; COUNIHAN, 2014). É também um ativismo centrado na vida cotidiana, em que o engajamento é conduzido por uma ressonância corporal, um processo visceral de identificação e experiência (HAYES-CONROY; MARTIN, 2010). Portanto, também é uma perspectiva mais harmônica com as demais teorias que orientam e contribuem para esta tese.

5.2 A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA ATRAVÉS DOS CASOS

A seguir, apresentamos os resultados, caso a caso.

5.2.1 A política cristã

Desde o início, as questões políticas têm uma forte relevância para o MICC, já que sua formação acontece a partir do encontro entre dois movimentos sociais: os metalúrgicos sindicalistas residentes na capital paulista e os militantes do MST no interior do estado. Sem deixar de mencionar a influência crucial da Teologia da Libertação, que entre outras bases, sofreu fortes influências do marxismo ideológico.

Os consumidores do MICC também sempre buscaram se relacionar com outros grupos sociais a quem pretendiam apoiar, tais como comunidades indígenas e Quilombolas. Ainda em seus primórdios, estabeleceu relações com Aldeias Guarani localizadas no interior de São Paulo. A relação envolvia um escambo de produtos, o MICC buscava alimentos produzidos nas aldeias como banana, melancia e outras frutas, e pagava não em moeda, mas em produtos que os indígenas consideravam necessários como arroz, feijão, açúcar, café, farinha e chinelos *havaianas* (Figura 30).

Figura 30 – (a) Santana, um dos fundadores, buscando bananas em uma Aldeia Guarani no interior de São Paulo; (b) colheita de mandioca em um assentamento do MST



Fonte: acervo do MICC ([1982?]).

Quando questionados porque não compram mais seus alimentos de propriedades vinculados ao MST com quem se relacionavam no início de sua formação, os participantes do núcleo de gestão explicam que preferem comprar os alimentos de agricultores que precisam do apoio e que ainda estão buscando espaços para comercialização de seus produtos. Nesse sentido, indicam que assentamentos com que já tiveram relação, como o Assentamento Pirituba II, atualmente já tem uma situação bastante estável, com acesso a mercados, diferente da APRI que ainda envolve agricultores familiares que carecem de maior estabilidade econômica. Portanto, há um direcionamento na escolha dos fornecedores que envolve as condições socioeconômicas nas quais estes se encontram.

Essas parcerias começam de forma bastante experimental. Por exemplo, durante o trabalho de campo, Santana tinha recentemente trazido palmitos que comprou de uma comunidade quilombola no Vale do Ribeira com quem estava começando uma “conversa”. O produto ficou em oferta na lojinha do MICC e também

era levado por Enoc, motorista responsável pelas entregas, para os pontos de distribuição como uma forma de divulgação do novo produto e da nova parceria. Assim, ainda que o alimento barato seja um bom atrativo, a política continua a ser uma força forte no MICC e aparece na fala de seus participantes. Por exemplo, Josefa é a responsável pela administração geral dos pedidos de todos os pontos de distribuição e pela relação semanal com os agricultores. Ao falar sobre os motivos de seu envolvimento, ela destaca as questões políticas.

Eu acho que essa é uma colaboração que estou dando à sociedade. Não estou dizendo que estou fazendo um favor ou qualquer coisa do tipo. Mas acho que tenho a obrigação de fazer algo para a sociedade da qual sou parte. Eu vejo a desigualdade social como uma grande injustiça na humanidade e os pequenos produtores são oprimidos, porque não é fácil para eles venderem a sua colheita no mercado que está aí! É por isso que nós (MICC) fazemos isso e eu quis me juntar para ajudar. Eu acho que é uma ação política. Na verdade, é político-cristão! Jesus não defendeu os indefesos, os que não tinham nada? Na Igreja, as pessoas falam muito sobre compartilhar, mas o que é isso? Compartilhar para mim é compartilhar seu tempo, seu conhecimento, tudo o que você tem! Compartilhar para mim não é só dinheiro ou dar coisas materiais. Eu acho que isso é um tipo de compartilhamento, mas têm outros... (Josefa, MICC, São Paulo, Brasil).

Antes de se juntar ao MICC Josefa trabalhou com o movimento de luta pela moradia e esteve envolvida com as grandes greves da década de 1980 apoiando seu marido, que era metalúrgico e sindicalista. Segundo ela, a experiência anterior de ativismo político facilita a criação de solidariedade com os outros, porque facilita a relevância do movimento social organizado. Em suas palavras:

Foi com a pressão da sociedade organizada, das associações, dos movimentos que a vida do pequeno produtor melhorou! Antes eles estavam completamente isolados, eles não podiam sequer obter crédito financeiro para investir em seu trabalho. Foi através de movimentos pressionando o governo que essas coisas ficaram disponíveis a tal ponto que hoje podem vender seus produtos para escolas municipais. Então a organização é tudo, porque ela reduz o individualismo, o capitalismo nas pessoas. Se a gente é tudo pequeno e tá no mesmo barco, por que não se juntar? (Josefa, MICC, São Paulo, Brasil).

O comprometimento de Josefa com o MICC acontece há mais de 15 anos. Seu marido, Enoc, depois de se aposentar no seu trabalho na fábrica, tornou-se o principal motorista do MICC. É ele que ajuda semanalmente a levar as cestas aos pontos de distribuição. O filho do casal desenvolveu o site do MICC. Então, como afirmam com orgulho, é um compromisso familiar. Josefa também faz questão de

ênfatar que, embora o seu envolvimento tenha para ela signifições religiosas (político-cristão), não é uma ação de caridade, mas sim uma forma de promover uma melhoria na qualidade de vida das pessoas.

É importante saber de onde o produto vem e conhecer o agricultor porque ajuda a mudar a opinião das pessoas, não só sobre os alimentos, mas também a perspectiva política sobre os pequenos produtores e desenvolvimento no campo. Porque há pessoas que pensam que o produtor é apenas um pobre coitado! Não, eles não são! No começo eles eram muito precários, é verdade! Viviam em uns casebres, mas acredito que com a nossa ajuda, eles cresceram muito! Hoje cada um vive em uma casa que é digna, sabe? As crianças estão tudo na escola, eles vão para a faculdade e tudo. Dentro desta associação que trabalhamos agora tem um menino que é formado e ele continua a trabalhar no campo, o Rodrigo. Ele é o coordenador das cestas lá (no campo) e eu aqui (cidade). Ele tem faculdade de administração, mas vive e trabalha no campo, vende seus produtos na feira, como qualquer outra pessoa! Isto é o que a gente quer, que as pessoas tenham essa possibilidade! (Josefa, MICC, São Paulo, Brasil).

Outro testemunho vem do Carmo, que também destaca o potencial da organização social e que o fazer política é mais do que participar de um processo formal de eleições, mas algo que envolve uma ação prática cotidiana.

Fazer política é construir interesses coletivos e eu sinto que o MICC constrói interesses coletivos. Pensa, você pede a comida na segunda-feira, as pessoas (agricultores) vão à roça colher, se organizam para juntar tudo, colocam a comida num caminhão, vem para São Paulo, é quase 1500 cestas por mês! Eu acho que temos que respeitar essas pessoas! Se nós não os ajudarmos, quem vai ajudar? Eles dependem do sol, da chuva, de um monte de coisas, certo? Então eu entendo que isso é fazer política. Não é só votar em Fulano, Beltrano! Mas fazer política também é o meu marido colocar a barriga na pia e ir lavar verdura, porque tem homem que não faria isso jamais! E política, eu acho que é isso, é a gente construir as coisas juntos (Carmo, MICC, São Paulo, Brasil).

Carmo demonstra ter uma noção de que tipos de tarefas os agricultores precisam mobilizar para serem fornecedores do MICC. Essa compreensão da realidade dos agricultores também é expressa por outro participante, Toninho, ainda que neste caso sua percepção seja mais centrada nas relações de econômicas.

É política sabe! É política quando você quer mostrar que existem pessoas que produzem uma determinada coisa que precisa ter uma contrapartida financeira, especialmente para não vir ninguém se atravessar no meio da venda do produto. Porque o que acontece normalmente é mais ou menos assim: eu produzo uma alface e não há ninguém para me dar um apoio. Então eu vou levar a alface para um cara na CEASA que pode comprar de mim. Ele compra e me paga R\$ 0,10 para cada alface e esse cara vai repassar para alguém por R\$ 0,60. Então ele já ganhou R\$ 0,50, são cinco

vezes mais do que ele me pagou e os outros que compraram dele vão vender para o consumidor por R\$ 1,00! Então, a política é a gente socializar isso! (Toninho, MICC, São Paulo, Brasil).

Toninho é responsável por um ponto de distribuição na Igreja da Vila Formosa. Toda quarta-feira, ele e mais quatro companheiros chegam às 6h da manhã para receber os alimentos, separar em “cestas” e começar a entregar aos demais consumidores em torno das 8h30. Ao todo, são 130 cestas entregues por semana. A fala de Toninho releva uma boa compreensão de como o mercado funciona, em especial, o papel do intermediário e as divisões dos preços pagos entre os distintos atores na cadeia de abastecimento. Ele complementa a fala, destacando que a colaboração entre agricultores e consumidores tem um potencial transformador:

É também política porque eles estão se organizando em um coletivo, uma associação em que tudo que recebem é dividido de acordo com a contribuição de cada um. É como se a organização tomasse o lugar do intermediário! E na outra ponta, o consumo também é político porque nós também nos organizamos para receber este produto, por isso o Movimento (MICC) aparece precisamente para isso, para ser o ponto de venda! (Toninho, MICC, São Paulo, Brasil).

Muito mais do que o produto em si, o envolvimento é visto como uma forma de retribuição:

Não é apenas na quarta-feira, porque eu preciso preparar a lista de encomendas e eu também deposito o dinheiro dos pagamentos. Então, este trabalho toma algum tempo do meu dia a dia! Há algumas famílias que eu pego as cestas para elas, porque elas não podem vir aqui. Eu pego 12 cestas, mas isso é para o Movimento principalmente, não tanto para elas! Mas é também uma maneira de outras pessoas se beneficiarem! Eu faço tudo conscientemente, poderia fazer mais, mas eu iria ficar doente! Antes de eu ficar doente, eu costumava entregar 20 cestas [...] é uma maneira que eu tenho de ajudar! Ajuda em ambos os lados, ajuda quem consome a receber um produto limpo e ajuda quem tá produzindo. Porque quando eu precisei fui ajudado, então agora eu ajudo! (Toninho, MICC, São Paulo, Brasil).

A doença a que Toninho se refere foi um câncer que ele sofreu há alguns anos atrás, fazendo com que precisasse diminuir suas atividades.

Além das cestas de hortaliças, o MICC é um colaborador ativo na rede “Escola Cidadã”. Essa rede atua em toda a região leste de São Paulo, oferecendo cursos em que promovem uma atuação cidadã através do conhecimento e prática da legislação Brasileira e local. A participação do MICC se dá através do curso “Fé e Política”. A

formação segue o pilar “educação, oração e ação”, assegurando-se de não entrar em questões partidárias, o curso busca fornecer informações e ferramentas para mobilização e organização coletiva em busca do bem comum, fortalecendo laços de fraternidade e comunidade entre estudantes e residentes da mesma região. Após serem oferecidos durante três anos pela rede, atualmente os cursos são certificados como um programa de extensão da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Cada curso dura um ano, com aulas semanais.

Conforme comentado no Capítulo 1, o MICC tem um papel ativo na Rede Brasileira de Grupos de Consumo Responsáveis, tendo participado das reuniões, elaboração de pesquisas de preços e também servido de inspiração para outras iniciativas. Muito recentemente, diferentes dinâmicas de São Paulo iniciaram as tratativas para importar arroz agroecológico produzido pelos Assentamentos do MST na região Metropolitana de Porto Alegre.

5.2.2 A política comunitária

Como apresentado anteriormente, a *Canasta Comunitaria Utopía* tem na sua origem uma forte influência do movimento Teologia da Libertação. Para a primeira fase (como *Grupo Solidaridad*) foi provavelmente a principal influência. Quando toma forma a partir do Coletivo Utopía em 1998, também passa a receber influência do movimento indígena - Pachakutik como mencionado por Fernando no capítulo anterior.

Os indígenas são a principal força de trabalho rural, sendo historicamente responsáveis pela produção de alimentos. Assim, as mobilizações dos movimentos indígenas são, de certa forma, convergem com os movimentos dos trabalhadores rurais no Brasil. O movimento indígena organizado emerge no Equador após as duas reformas agrárias que ocorrem no país² e o final do período ditatorial em 1978. Assim como no caso do Brasil, os anos 1980 foram de efervescência social com o renascimento dos movimentos sociais tanto na cidade como no campo, em reação ao contexto de precariedade social e econômica generalizado entre a população.

² Até 1964, a produção agrícola no Equador envolveu uma espécie de sistema feudal chamado *huasipungos*, caracterizado por uma dinâmica em que a população indígena trocava a sua força de trabalho por terra para cultivo e residência. É após as primeiras descobertas de petróleo no país que esse sistema começa a se extinguir e dois processos de reforma agrária aconteceram. O primeiro em 1964 e o segundo em 1973, ambos com o objetivo de modernizar a agricultura e promover a industrialização no país.

É neste período que surge o *Movimiento de Unidad Plurinacional Pachakutik*, fundado para advogar pelos interesses dos povos indígenas. É também neste período que acontece uma proliferação de Comunidades Eclesiais de Base - CEB, em diferentes bairros fomentando processos de organização popular. Em parte, isso foi facilitado porque havia uma crescente urbanização e as classes trabalhadoras residiam em bairros recém-formados em que ainda não existiam serviços básicos. Lupita, esposa de Gonzalito, ambos fundadores da *Canasta Comunitaria Utopía* contam um pouco desse momento:

Vivíamos de uma forma muito simples, muitos serviços eram precários e os vizinhos eram todos trabalhadores como nós. Havia muitos professores e pessoas que recebiam salário mínimo, muitas vezes pagos com atraso. O que Monseñor Proaño nos ensinou foi que a fé católica era mais do que o engajamento na igreja, era a prática da revolução cidadã. O que estávamos tentando fazer era alertar as pessoas para a necessidade de se organizar e formar lideranças que poderiam levar as demandas populares adiante. Todos os bairros da época tinham um líder. Queríamos que as pessoas compreendessem que a pobreza que vivíamos não era uma vontade de Deus, mas uma construção da ganância do homem. (Lupita, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

Assim, mesmo que os participantes urbanos da *Canasta Comunitaria Utopía* não fossem envolvidos com o movimento sindical como os participantes do MICC, esta também era formada por classes trabalhadoras mobilizadas e organizadas nas CEBs. Lupita complementa dizendo que um dos objetivos do movimento era ocupar espaços públicos para promover atividades que poderiam beneficiar as comunidades locais

A ocupação da rua é extremamente política! O povo deve ocupar, tomar as ruas de todas as formas possíveis. No início, fomos incomodados pelo Prefeito porque ele não queria que usássemos a rua, ele alegou que estávamos perturbando um espaço público. Mas é precisamente porque este espaço é público que é nosso e devemos tomá-lo. Depois de um tempo, eles simplesmente desistiram de lutar. A verdade é que nunca lhes damos outra opção, nós ocupamos a rua! (Lupita, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

Por ter sido a primeira dinâmica de abastecimento deste tipo no país, a *Canasta Comunitaria Utopía* influenciou a emergência de muitos outras por todo o país. Esses grupos começam a se relacionar e, em 2004, realizam uma primeira reunião nacional, com a intenção de fortalecer sua atuação e trocar experiências. No total, reuniram-se vinte e um grupos de seis províncias, que ao todo mobilizavam

1500 famílias. Em um texto produzido logo após a reunião, Roberto Gotaire, outro fundador da *Canasta*, explica quais eram os objetivos do movimento:

A *Canasta Comunitaria* de Riobamba é um esforço de resistência dos habitantes da cidade, em face de um modelo de economia e de mercado que dificulta o acesso aos alimentos. Baseia-se nas práticas tradicionais de solidariedade de nossos povos e em um processo organizacional consciente. Em outras palavras, somos uma organização popular de consumidores urbanos e nosso eixo de construção é a segurança alimentar e a soberania e, finalmente, procuramos criar uma autêntica economia popular solidária, resgatando o ser humano fraterno e integral que todos somos (ROBERTO GORTAIRE, 2004, p. 2).

A partir desse momento, é que eles começam a se preocupar em fazer as compras diretamente com agricultores. Uma influência de outros grupos, especialmente aqueles no sul do país onde o movimento agroecológico era emergente. Além de agroecologia, a *Canasta* começa a associar sua prática à segurança e soberania alimentar.

Em nossa opinião, apenas uma agricultura familiar diversificada e agroecológica pode sustentar a vida permanentemente neste planeta. Não podemos perder a perspectiva de que o problema no campo é econômico, social e ecológico. Não podemos cair na ecologia romântica de “não usar produtos químicos, salvar as borboletas e as árvores”, devemos pensar sistematicamente, observar todas as dimensões; em outras palavras, exigimos uma aliança fraterna para articular a ação política para a mobilização social e cidadã dos trabalhadores rurais e urbanos para a agroecologia, para a soberania, para a nossa alimentação, para a vida de todos, antes tarde do que nunca! (ROBERTO GORTAIRE, 2004, p. 16).

Outro elemento interessante mencionado por Roberto é que, em 2006, ele teve a oportunidade de viajar para o Brasil para participar da Oitava Conferência das Partes (COP-8)³ e durante a sua permanência pode visitar um assentamento do MST e participar de uma marcha realizada pelo movimento em protesto a COP-8. Também conheceu a Articulação Brasileira de Agroecologia - ANA. Ambas as experiências o impressionaram e auxiliaram a identificar semelhanças nas “lutas” travadas pelos movimentos do Brasil e do Equador na época, incentivando que eles passem a reforçar as suas ações como movimento social (Figura 31). Também

³ A COP é o acrônimo da Conferência das Partes e se refere ao órgão supremo de decisão no âmbito da Convenção sobre Diversidade Biológica. Este é um grande encontro com a participação de delegações oficiais dos 188 membros da Convenção. Envolve uma ampla gama de exposições de países e organizações internacionais e nacionais, bem como extensas reuniões de consulta com líderes indígenas e organizações ambientais e governamentais, com vistas a tomar decisões que detalham a Convenção.

influenciou na organização de uma ação mobilizada pela *Canasta* alguns meses depois, exatamente em 1º de Maio, Dia Internacional do Trabalho. A ação foi uma marcha em que 4.000 pessoas de diferentes movimentos sociais locais (trabalhadores urbanos, sindicatos, grupos de professores, movimento indígena) marcharam até o centro da cidade, usando mascaradas e totalmente em silêncio. O protesto pretendia chamar a atenção para demandas trabalhistas e melhoria das condições de abastecimento alimentar da cidade. Como resultado, eles conseguiram criar uma Feira que funciona até hoje no pátio do Ministério da Agricultura, em Riobamba.

Figura 31 – Bandeira do MST na parede da sede da *Fundación Utopía*



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Após a eleição de Rafael Correa como presidente equatoriano, em 2006, houve um processo de assembleias populares para ajudar a construir a nova Constituição do país. A *Canasta Comunitaria Utopía* teve um papel ativo, especialmente na consolidação da soberania alimentar como um direito oficial dos cidadãos equatorianos. Eles também influenciaram a redação da Lei de Agroecologia e Sementes, que, entre outros elementos declara o Equador livre de transgênicos. Apesar dessas ações mais institucionais, a organização comunitária ainda é percebida como a principal forma de ação política, como comenta Patrício, um antigo consumidor.

A *Canasta* é uma ótima maneira de participar colaborativamente com a comunidade. Esse é o nosso poder político! A *Canasta* ajuda as pessoas da cidade com a economia familiar e apoia os camponeses em suas comunidades. E se engajar nessa participação, neste movimento comunitário apenas serve para trazer mais qualidade de vida a todos. (Patrício, *Canasta Comunitária Utopia*, Riobamba, Equador).

Fernando também concorda que a essência política da *Canasta* está na organização comunitária. No entanto, ele salienta que os resultados não são apenas para fornecer uma alimentação de qualidade, mas sim para sensibilizar as pessoas sobre as “armadilhas” que os supermercados constroem.

Quando você vai ao supermercado eles têm todas essas armadilhas para seduzir as pessoas. Você vê o produto bonito, com cores, em uma linda embalagem. Isso torna mais atraente, é lavado, ensacado e você pode ter certeza de que ele será bem pulverizado também! (Sugerindo que envolveu aplicação de pesticidas). Por outro lado, os produtos que vêm diretamente do campo vêm assim normalmente, lavados sim, mas não foram embalados ou rotulados com registro sanitário. Então isso às vezes faz as pessoas ficarem inseguras. Então, também trabalhamos para mudar a sociedade! Ajudar as pessoas a conhecer o alimento de verdade! A valorizar os produtos que são mais saudáveis e dar oportunidade para os agricultores envolvidos com uma agricultura mais ecológica (Fernando, *Canasta Comunitária Utopia*, Riobamba, Equador).

Fernando também traz a relevância que a *Canasta* tem em termos de apoiar os agricultores locais, especialmente às comunidades indígenas.

O trabalho que o agricultor faz é um trabalho muito sublime, muito tenaz, porque vivem e trabalham contra o vento, contra as marés, contra o vento e as marés! E não importa quanto trabalho eles investem, a colheita sempre pode ter problemas, é imprevisível! Então, depois de tudo isso, eles precisam chegar à cidade e lutar com os negociantes no *Mayorista*! Precisamos valorizar todo esse esforço que eles fazem, porque, finalmente, é para nós! Não podemos comer sem eles! Então, dependemos deles para continuar vivendo e eles devem poder confiar em nós para viver! (Fernando, *Canasta Comunitária Utopia*, Riobamba, Equador).

A necessidade de parceria também é mencionada por dois agricultores, Charito e Cesar. Recentemente, o mercado *Mayorista* alocou um de seus galpões para a venda exclusiva de produtos orgânicos. A orientação veio através do Ministério da Agricultura e Pecuária do Equador - MAGAP que acredita que esta é uma demanda dos consumidores, que também devem ser supridas pelo *Mayorista*. Charito está entre as produtoras agroecológicas que têm uma banca, ela divide o espaço com uma vizinha que também produz frutas. Paga um valor diário para o espaço, além de ter investido cerca de U\$ 150 pela banca. Embora o investimento

tenha sido pessoal, Charito muitas vezes oferece para vender ali produtos de outros agricultores como Cesar e a comunidade Tzimbuto. Para ela, é uma maneira de ajudar não só os amigos, mas mais do que isso, fortalecer o movimento agroecológico.

Venham, venham! Eu realmente quero que todos venham! Todos os companheiros de Tzimbuto, Elena, Cesita! Nós, no movimento agroecológico, sempre devemos estar juntos, apoiando-nos mutuamente. Fazendo a luta! Porque nós mesmos devemos nos apoiar, é juntos que podemos avançar! Precisamos ocupar esse espaço e mostrar que podemos alimentar o povo (Charito, Canasta Comunitária Utopia, Riobamba, Equador).

Figura 32 – (a; b) Charito em sua banca no mercado Mayorista



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Cesar, de certa forma, complementa falando também da necessidade de união e resistência, com uma analogia bem peculiar.

Então, estamos todos no mesmo planeta! Tudo o que nos rodeia é ser vivo que faz parte do planeta. E devemos entender isso. E por que nos metemos a lutar com armas químicas com os insetos? Eles não podem se defender de nós! Nós somos os grandes. [...] Não sei por que as pessoas lutam tanto com eles, coitados! Mas eles resistem! Eles resistem, não importa o que! É como a nossa resistência indígena aqui, quando chegou o Espanhol, eles não queriam que os povos indígenas existissem mais. Era como agora que as pessoas tentam matar os insetos com produtos químicos. Foi exterminação! Mas, no final, ainda estamos aqui! E agora estamos falando, andando, fazendo as coisas! Estamos unidos e podemos demonstrar que a nossa maneira de fazer as coisas é melhor, é mais saudável para nós e para o planeta! Não há necessidade de matar ninguém! É assim que estamos trabalhando no movimento agroecológico aqui no Equador, estamos criando união e colaboração (Cesar, *Canasta Comunitária Utopia*, Riobamba, Equador).

A Rede Nacional da *Canastas Comunitárias* não existe, mas, a maioria de seus membros atua ainda através do *Colectivo Agroecológico*. Esse Coletivo é bastante ativo em todo o país e promove uma campanha chamada “250 mil famílias que comem rico, saudável e de nossa terra” que visa promover uma mudança nos hábitos alimentares das populações para uma provisão local, sustentável e socialmente justa.

5.2.3 A política sem partidos

Os participantes dos dois casos italianos, *GAS Testaccio Meticcio* e *GASPER*, também trazem interessantes percepções sobre as implicações políticas de sua participação no GAS. No capítulo anterior, contamos como Alfredo fica sabendo dos GAS através de um programa de TV. Ao comentar essa memória, ele enfatiza que o programa lhe impacta porque o ajuda a perceber como que o dinheiro que ele pagava pela comida que comprava, de alguma forma, podia estar contribuindo para ações com a qual ele não concordava, tais como “destruir o planeta”. Nesse sentido, sua participação no GAS está associada a um entendimento de que através do grupo ele pode fomentar “coisas” com as quais concorda ou almeja.

O GAS pode te ajudar a entender muitas coisas, o GAS me ajuda a entender muito mais sobre comida. Tanto que eu me tornei vegano, o que para mim assim como estar no GAS, é também uma forma de fazer política! Não é a política dos partidos, é política porque tudo o que você escolhe fazer com a sua vida tem uma repercussão, muitas vezes as pessoas não têm consciência de que repercussão é essa... Mas se você faz uma coisa que sabe que é melhor para a sociedade, então você está consciente sobre o que está fazendo e o que isso significa para a sociedade. Isso é que é fazer política para mim! Eu acho que o que nós fazemos no GAS é a política de verdade! (Alfredo, GAS Testaccio Meticcio, Roma, Itália).

De certa forma a interpretação sobre a “política de verdade” proposta por Alfredo se contrapõe a política partidária, não só em concepção, mas talvez principalmente na sua forma de ação, como ele mesmo tenta explicar no trecho a seguir.

Nós fazemos as entregas dentro da sede de um partido político. É muito difícil para este partido entender o que estamos fazendo. Tivemos muitas reuniões onde eles nos chamam para falar sobre o que estamos fazendo. Nós dizemos “fazemos política sem partidos”, mas eles não gostam de ouvir isso! Não entendem! Eles queriam colaborar em alguns aspectos, fazer

mais do que oferecer o espaço, mas sempre com o partido, eles não querem colaborar como pessoas, então é difícil! (Alfredo, GAS Testaccio Meticcio, Roma, Itália).

Outro testemunho vem de Giacomo que se envolveu com o GAS por influência do seu pai. Além de ter uma participação muito ativa no GAS *Testaccio Meticcio*, os grupos foram o foco de pesquisa de sua dissertação de mestrado, em que ele analisa os preços praticados em relação a outros espaços de venda de alimentos. Ele também entende que ao se envolver no GAS ele está agindo politicamente através da promoção de uma agricultura local e de uma economia solidária. Em suas palavras:

Eu acredito que o GAS tem um forte impacto político, talvez não impacto exatamente, porque o impacto mesmo pode ser pequeno, mas significado é uma palavra melhor! Porque comprar local é um negócio relacionado à alimentação, mas também é um ato político, porque se você investir em coisas locais, vai melhorar o sistema econômico local. Porque o dinheiro que você gastar naquele lugar vai ficar naquela região, dando oportunidade de trabalho para as pessoas que estão lá, isso é política para mim! Eu acho que no futuro o GAS pode ou deve até ser uma maneira muito mais comum para as pessoas comprarem comida. De certa forma, eu acredito que os sistemas de cadeias curtas vão substituir os sistemas de cadeia longa, porque eles criam poucos empregos, mais ricos, mais pobres, e assim por diante. O nosso sistema é muito melhor, não há impactos ruins! (Giacomo, GAS Testaccio Meticcio, Roma, Itália).

Essa preocupação com o impacto que seu consumo vai gerar ou ainda que tipo de pessoas e lugares o dinheiro investido irá fomentar, é compartilhada pelos participantes do GASPER. É o que destaca Sílvia, uma socióloga aposentada e uma das fundadoras do grupo. Ela vem de uma família de agricultores e entende que estar no GAS é uma maneira de dar uma contribuição diária para o tipo de sociedade em que ela quer viver.

Faço parte deste GAS há 8 anos, acho que sou a mais velha aqui ... Eu queria fazer uma ação na minha vida, algo cotidiano que fosse realmente eficaz para beneficiar a minha saúde, dos meus filhos e amigos. Mas que também tivesse um significado político afetando a economia! E o que as indústrias produzem como alimento não é saudável, não é bom para você! É uma coisa terrível! Os supermercados estão sempre lá, agora em Milão estão abertos 24h todos os dias como em Nova York! Claro, isso sem aumentar o salário das pessoas que estão trabalhando lá... Este sistema é bárbaro! É parte do mercado, de uma mentalidade neoliberal! Por outro lado, estes produtos aqui (aponta para os produtos do GAS sendo distribuídos) são bons para minha saúde e provocam as pessoas a pensar na cadeia alimentar como um todo. Quais as sementes que estamos usando agora, transgênicas? Como está a água, a terra? Para onde essa semente vai? Como está crescendo? Que coisas estão sendo aplicadas nela? Aqui

you can visit the producers, meet who they are, say what you want and they tell you how they do things. Here we have trust! (Silvia, GASPER, Roma, Italy)

It is clear that Silvia has strong criticisms both for industrial food as well as for the form of commercialization through large chains of supermarkets. In this sense, the GAS is really understood as a counterpoint in which the social and economic relations of production and consumption of food can be not only thought, but practiced in a different way.

Prices are not as high as in organic boutiques. Because these stores are a way of the system robbing producers, the working class. It is like EATALY⁴ that is making prices go up, in restaurants and many products supposedly organic, but are very expensive! This is the way the conventional system thinks, but has nothing to do with our model [GAS], they call it green economy! When you hear this concept, you already know it has nothing to do with ecological and organic practices! Solidarity economy is not like market economy, prices are fair. The objective of our network is exactly to create a space for people who do not like this system that is out there (Silvia, Gasper, Roma, Italy).

One of the ways that GAS participants use to ensure their practices and impacts are different from the conventional system, is being selective with whom they establish relations and what products they offer. As a criterion they seek a relationship with "*il cibo vero, il contadini un vero*" ("the real food, the real farmer"). What the participants want to reinforce here is that it is not enough for food to be organic (without pesticides), but they also take into consideration the forms and the context of production, as well as the social relations involved.

An example of a provider that acts in both cases is *Barikamà*⁵, a social cooperative born in 2011. Its history begins with five young people from Sub-Saharan Africa who migrated to Italy in search of better living conditions. Right after they arrived in the country, they went to work in orange and tangerine plantations in Calabria, south of Italy. However, their working conditions were quite dehumanizing and they ended up being victims of a racist attack in the center of the city. Scared, they went to Rome and without knowing where to go, they spent some time "living" in the central Termini railway station. After some

⁴ eataly.com

⁵ *Barikamà* means resistance in the Bambara language, spoken in Mali, Senegal and Burkina Faso.

semanas, acabaram chamando a atenção de um jovem que os auxiliou a serem acolhidos por um centro social. Neste centro, começaram a produzir iogurte, de maneira muito informal para gerar algum dinheiro. Através do jovem que era consumidor de um GAS, o produto foi lentamente chegando a diferentes pessoas e grupos.

Como o produto era caseiro e artesanal, não tinham certificação orgânica e tão pouco inspeção sanitária, a comunidade do GAS encorajou-os não só a formalizarem seu negócio como uma cooperativa social, mas também arrecadaram e forneceram recursos para isso, uma espécie de fundo semente. Hoje *Barikamà* produz por semana 150L de iogurte orgânico certificado através de uma parceria com a *Casale di Martignano*, uma agroindústria de laticínios local (Figura 33). A cooperativa acolhe novos migrantes ajudando-os a gerar renda, criar novas relações sociais e aprender italiano de forma a facilitar sua integração local.

Figura 33 – (a) Suleman, um dos fundadores da Barikamà entregando iogurtes no GAS Testaccio Meticcio; (b) Suleman trabalhando no campo em La Nuova Arca; o iogurte Barikamà (c)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Mais recentemente, *Barikamà* estabeleceu uma nova parceria para trabalhar também com o cultivo de vegetais na *Nuova Arca*, outra cooperativa social que fornece aos GAS. Eles têm uma propriedade de dois hectares a 25 km de Roma dedicada à produção de vegetais orgânicos. A produção é cultivada por imigrantes desempregados e jovens infratores que são acolhidos na cooperativa para aprender um novo ofício. Além disso, a cooperativa mantém um projeto chamado “Tenda de Abraão” que tem como foco mães solteiras que precisam de um lugar para viver e uma forma de gerar renda em uma rotina flexível, que lhes permita combinar

trabalho com cuidados infantis. Neste caso, as mulheres aprendem a fazer produtos de higiene artesanal e organizam os produtos para abastecer trinta GAS na cidade.

Um terceiro exemplo ainda, é o *L'Orto Magico*, um projeto que envolve a inclusão social e produtiva de pessoas com síndrome de Down e outras deficiências através da produção de vegetais orgânicos. São apenas três exemplos, mas que de alguma forma ilustram o tipo de fornecedor que os grupos buscam: agricultores familiares, cooperativas sociais e pequenas agroindústrias. Os participantes também esclarecem que há um critério sobre com quem não se relacionar. Conforme ressalta Ermano (GASPER), “temos vários grupos, o que importa não é dar ao supermercado”. Interessante perceber também que muitos produtores fornecem para distintos GAS, demonstrando que ao invés de estabelecer uma relação de competição, há na verdade uma colaboração. Portanto, as trocas de fornecedores e ações conjuntas para pré-financiar colheitas são práticas comuns, conforme exemplificado no caso do *Barikamà*. Conforme Silvia explica, o intercâmbio de ações e a colaboração está no coração da atuação da rede.

É um projeto econômico e político! Nós trabalhamos para organizar uma rede de GAS, uma rede baseada em princípios comuns. A rede está no nível regional e também no nacional. Todos os anos fazemos um encontro de abrangência nacional. Há uma festa, nos encontramos, nos conhecemos e conversamos sobre temas importantes. Agora estamos preparando uma reunião regional, em 24 e 25 de outubro e essa reunião será fora de Roma porque geralmente todas as coisas boas são organizadas em Roma e isto não é democrático. Então, precisamos fazer coisas agradáveis fora daqui para outras pessoas poderem participar também. Será em uma pequena aldeia chamada Zagarolo, teremos uma festa de dois dias com todos os produtores, consumidores e quem mais tiver interesse neste modelo de consumo, mais saudável e verdadeiro! (Silvia, GASPER, Roma, Itália)

A rede que Silvia menciona em última análise, é um braço regional da *Rete Nazionale dei Gruppi D'acquisto - Rete GAS* (Rede Nacional de Grupos de Aquisição Solidária). A rede nacional foi fundada em 1997, e além de promover reuniões que ajudam as pessoas a trocarem experiências e refletir sobre seu processo, tem como uma das suas maiores realizações o reconhecimento do GAS como uma entidade jurídica na legislação italiana.

5.2.4 A política incendiária

Os casos espanhóis, *Grupo de Consumo Vera* e *Grupo de Consumo per Russafa*, surgem com intensas influências do movimento anti-austeridade “15M”. O movimento em boa parte mobilizado através das redes sociais, tem como sua primeira ação a ocupação da Plaza Puerta del Sol por cerca de 40 pessoas. Esse protesto pacífico buscava expressar o descontentamento social com as políticas de austeridade implementadas pelo Estado Espanhol para enfrentar a crise econômica e também como modelo bipartidário do sistema eleitoral espanhol. A partir dessa ação, outras ocupações foram tomando o país. Depois de meses de ocupação e manifestações, o Movimento acaba incentivando as pessoas a ter um papel mais ativo em suas próprias localidades, suas cidades e bairros.

Em certa medida, os participantes de ambos os casos participaram do 15M e trazem heranças em sua forma de organização e também de suas crenças. Em especial, a crença no potencial da organização social para criação de outras realidades. Além disso, a forma de organização e gestão é totalmente baseada na realização de assembleias em que as decisões são tomadas de forma coletiva. A preocupação com o fomento e divulgação do papel político dos grupos levou o *Grupo de Consumo Vera* a ter uma comissão de trabalho específica para este fim, a Comissão Incendiária.

Se chamava incidência política, mas resolvemos mudar para incendiária porque nos pareceu mais interessante. Eu entendo que os grupos de consumidores têm um propósito político muito claro. Eles não procuram, por exemplo, apenas saúde. Há um objetivo claro de apostar em produtos locais, sazonais, ecológicos, não necessariamente certificados, mas a maioria trabalha com sistemas participativos de certificação. Também são a favor de produtos do território, no sentido de que devem ser produzidos por pessoas daqui, com a menor quilometragem de distância possível. As pessoas que estão envolvidas, geralmente participam de algum outro tipo de atividade política ou coletivo (Lorena, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha).

Lorena é formada em Agronomia, trabalha na Universidade Politécnica de Valência – UPV terminando sua Tese de Doutorado sobre relações internacionais nos mercados de exportação. Ela vive no bairro de Russafa, mas é uma das fundadoras do *Grupo de Consumo Vera*, já que passa a maior parte do seu dia no trabalho. Ela pertence à Comissão Incendiária, o que lhe dá a oportunidade de estar em contato com outros grupos e experiências afins ativos na cidade, bem como conhecer a situação dos agricultores e do rural Valenciano.

Para nós, *el huerto*⁶ tem uma história e uma trajetória de grande luta, porque Valencia é uma cidade totalmente cercada por huertos, totalmente! Nós poderíamos nos abastecer como cidade somente com a produção que está ao nosso redor. Mas em boa parte, este território tem sido alvo da especulação imobiliária que quer transformar tudo em moradias. Esse é o interesse dos políticos locais... Então, desde os anos 60, 70 e 80 isso tem sido destruído, porque a cidade continua crescendo e crescendo, então a área rural vai ficando cada vez menor e menor. Com a crise, a cidade até parou de crescer e eles pararam de construir um pouco, por isso estamos conseguindo salvar um pouco os *huertos*. Então, há uma luta de pessoas que vivem lá e as pessoas conscientes que vivem na cidade que têm trabalhado para reafirmar a importância desses espaços. É por isso que estamos conectados, os cidadãos e produtores, porque é um território de luta constante! (Lorena, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha)

Assim, como outros participantes já afirmaram, Lorena ressalta que sua participação no Grupo de Consumo é uma espécie de política do cotidiano, em que ela pode materializar seus valores através de sua participação e de certa forma lutar contra aquilo que lhe desagrade na sociedade.

Para mim, o grupo de consumo é realmente a melhor arma da batalha. Você vê, eu trabalho na Universidade, estou envolvida em um sistema de certificação participativa, também atuo na Plataforma de Soberania Alimentar, são todos espaços muito transformadores. Mas quando eu vou dormir todos os dias, o que me faz sentir satisfeita é o meu ativismo e o espaço em que me sinto mais eficaz é o Grupo. Para mim, o Grupo de Consumo representa uma soma das coisas com as quais eu posso ser coerente com os meus valores. É como o máximo de minha ação! Porque para mim, no final do dia o que importa é o que eu estou comendo, onde eu estou investindo meu dinheiro, minhas ações, meu tempo... Então, se em algum momento eu sair desse grupo porque não tenho mais o envolvimento com a Universidade, eu iria procurar um bairro que tem um Grupo de Consumo e isso seria algo determinante para eu escolher onde viver. É algo que já faz parte da minha vida, a minha maneira de ser! (Lorena, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha).

Outra participante que se sente altamente impactada por sua participação no *Grupo de Consumo Vera* é Pepa, uma jovem produtora e artista que está fazendo mestrado na UPV. Ela entrou para o Grupo recentemente, há apenas 8 meses, mas já é bastante ativa. Pepa diz que há tempos se preocupa com os impactos do seu consumo, em especial em termos ambientais. Porém alega que após se engajar no *Grupo de Consumo*, se tornou mais capaz de entender o funcionamento do sistema alimentar, as implicações políticas de suas escolhas e como decisões tomadas na Europa, podem afetar outros lugares como a América Latina.

⁶ Significa “as hortas”, mas mais do que uma área de cultivo a expressão se refere à zona rural da cidade.

Esta é uma luta antiga que eu tenho, não só sobre a comida, mas o consumo de forma geral e a repercussão que ele tem sobre o meio ambiente! Eu estava procurando por pessoas que tivessem trabalhando a nível local e que me ajudassem a mudar hábitos porque consumir é realmente um ato político! Quando você faz algo, qualquer ação em sua vida tem repercussão não só nos teus círculos mais próximos, mas também pode chegar no outro lado do planeta, mesmo que você não esteja ciente ou não queira! Depois que entrei no Grupo comecei a entender por que é importante que o Parlamento Europeu decida, por exemplo, o que é feito com o leite em excesso que temos aqui! Tudo isso é regulado e conectado, podemos converter o leite excedente na Europa em leite em pó para enviar para o terceiro mundo, então há uma grande concorrência de preços! Mas isso pode fazer com que pessoas na Argentina, por exemplo, que tem uma vaca e querem vender seu leite para os vizinhos já não consigam, porque o leite em pó é mais barato e o custo de uma vaca é muito grande, então as pessoas não vão conseguir bancar... Antes eu não estava ciente da importância do ato de consumir, mas agora eu tento ser muito consistente! Por exemplo, por princípio, eu não coloco meus pés no Mercadona!⁷ Eu não quero parecer louca, mas eu quero viver minha vida de forma coerente e tentar informar às pessoas sobre o que eu sei! Com o Grupo eu sinto que nós estamos mudando a realidade (Pepa, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha).

O descontentamento com a rede local *Mercadona* mencionado por Pepa, também é expresso por Saraí:

Eu não estaria aqui se não tivesse um significado político! É mais do que comprar orgânico e gerar renda ao produtor, porque isso também poderia ser feito em outro lugar. Este grupo me permite me relacionar com as pessoas, falar sobre as coisas que estão acontecendo no nosso bairro, as atividades e os projetos que estão sendo desenvolvidos em torno de nós [...]. Então o eixo político desse Grupo faz com que ele gere ações que vão muito além do ato de consumir, é por muitas coisas, por respeito a nossos *huertos*, por respeito aos produtores que merecem ter uma vida decente... É no sentido de uma sociedade organizada, porque Mercadona é um supermercado que tem práticas muito antiéticas, então se eu vou lá eu não vou favorecer uma vida em comunidade e em harmonia como eu acredito! Eu vou gerar renda para uma pessoa que está fudendo com o meio ambiente, o tecido social urbano, o tecido social rural! Então, é por todas essas coisas, entende? Eu quero me sentir parte de uma comunidade que trabalha para o bem comum, com harmonia com o meio ambiente e aqui eu encontro isso! (Saraí, Grupo de Consumo de Russafa, Valencia, Espanha).

Como Saraí, Nello também associa o consumo com uma luta por materializar aquilo que é coerente com seus valores:

O consumo é totalmente político. Usamos uma metáfora de que o carrinho de compras é como um tanque de guerra! Quando você vai ao supermercado você está fazendo uma ação política, se você vai ao shopping você está fazendo uma ação política, você está financiando um determinado tipo de economia ou de outra. E estar no Grupo tem tudo a ver com isso! Uma das razões para se ter um relacionamento direto com o

⁷ *Mercadona* é a principal rede de supermercados de Valência.

produtor é ter a certeza que este produtor tem condições de viver, porque para a agricultura normal, este agricultor desaparece, ele não é importante para o sistema capitalista! Eu me sinto mais feliz comigo mesmo porque eu não estou alimentando um sistema que eu não gosto. Então eu me sinto em paz com a minha consciência, embora eu saiba que há muitas outras coisas que eu posso fazer para ser mais responsável (Nello, Grupo de Consumo de Russafa, Valencia, Espanha).

Essa invisibilidade do agricultor que Nello menciona, está em parte relacionada com a dificuldade que os pequenos agricultores têm de atender as exigências que o sistema alimentar convencional impõe aos agricultores. Isso já foi mencionado por Valéria no capítulo anterior, mas é reforçado por Vicente, o agricultor do *Grupo de Consumo de Russafa*.

Eu não me importaria de vender ao Mercadona, mas o Mercadona nunca vai trabalhar com um produtor pequeno como eu porque eles querem um produtor que sei lá, entregue espinafre orgânico e possa entregar um caminhão ou meio caminhão por semana para eles terem o espinafre em oferta no supermercado todo o dia. Isso eu não posso fazer (Vicente, Grupo de Consumo de Russafa, Valencia, Espanha).

Como este *Grupo* é pequeno, um fornecer de hortaliças é suficiente. Na verdade, o *Grupo* teve um papel fundamental para Vicente poder se tornar um agricultor agroecológico.

Como engenheiro agrônomo, acabei trabalhando com produção de alimentos por um longo tempo. A maior parte do tempo, com alimentos orgânicos, então eu me especializei nesta área. Quando a empresa me demitiu, eles me dispensaram, simplesmente! Só com um mês de salário! Eu fiquei desempregado por quase dois anos, é uma situação delicada em que você se pergunta "o que é que eu vou fazer?" Então, comecei a pensar que se não colocasse em prática o que eu realmente queria, nunca iria conseguir! Eu já tenho 40 anos de idade e se seguisse procurando emprego daquele jeito, provavelmente acabaria em outra empresa que trabalhasse com as exportações e não iria realizar o meu sonho. Então eu decidi me arriscar! Eu sabia as técnicas, eu sabia como fazer as coisas, o que eu precisava era encontrar terra, começar a produzir e vender. Mergulhei fundo nisso! Daí, fiquei sabendo que esse Grupo precisava de um fornecedor, essa parceria me deu uma estabilidade que eu precisava (Vicente, Grupo de Consumo de Russafa, Valencia, Espanha).

Quando questionado sobre sua atuação do *Grupo de Consumo*, Vicente destaca a relevância do envolvimento dos consumidores não só para o seu trabalho, mas também para um processo mais amplo sobre sensibilização social.

Ter o consumidor envolvido é importante porque além de comprar eles estão, de certa forma, contribuindo para a manutenção do próprio rural, há

aí uma postura ambiental também, sabe? Então, saber o que é produzido, onde e como, é parte da ideologia do Grupo. Então, eu gosto quando eles vêm me visitar, porque nós estabelecemos uma relação muito pessoal. E tudo tem um significado político. Mas, claro, vamos dizer que dentro da gama dos consumidores ecológicos e locais, os Grupos de Consumo envolvem muito mais. Eles ajudam a divulgar o que significa consumir de uma forma consciente, de forma a contribuir para coisas importantes. Por exemplo, eles organizam atividades relacionadas com a luta camponesa, e isso é totalmente político! Eles estão tentando influenciar a sociedade a mudar em certas direções e isso é fazer política! E para mim, o Grupo é muito importante porque além de ajudar na distribuição da venda, eles fazem este trabalho de alcançar as pessoas, eles são militantes de fato! Eu também poderia dizer que meu trabalho envolve um certo ativismo se você considerar que quando eu me propus a produzir as coisas de uma certa maneira, eu me coloquei contra a corrente. Apesar de sermos muitos agricultores orgânicos, não somos a maioria! Mas continuamos a fazer o nosso trabalho, conversando com os nossos vizinhos e o que também é uma maneira de influenciar as coisas. E, claro, eu me importo muito em alimentar as pessoas sem veneno. Talvez tem aí um pouco de ativismo meu, mas eu gostaria de poder fazer mais! (Vicente, Grupo de Consumo de Russafa, Valencia, Espanha)

A fala de Vicente traz novamente essa noção sobre o que significa fazer política através das ações do cotidiano, que envolve escolhas de vida e profissão, e não só de que tipo de objetos ou alimentos que compramos. Mais do que tudo aqui, política significa agir de forma consciente para influenciar a sociedade, seja naquilo que se trabalha, consome ou conversa com o vizinho. Essa preocupação maior também se vincula a uma reivindicação muito forte feita pelos grupos espanhóis que é de ter um reconhecimento legal dos Grupos na legislação espanhola, similar ao que os GAS e AMAPS têm em seus respectivos países. Por um lado, isso está relacionado com o potencial de popularização dos grupos.

O nosso sucesso não está em 30 famílias comerem orgânicos, sucesso teremos quando a maioria da população de Valencia que deseja consumir através dos Grupos puder fazer isso! E para que isso aconteça, estamos dispostos a fazer todas as mudanças necessárias para isso seja nos adaptar a normas, estruturar canais curtos de comercialização, ampliar mercados, ter locais adaptados com refrigeração e cumprir as normativas sanitárias desde que elas sejam reguladas a partir das nossas necessidades. Então não queremos ser apenas um grupo minoritário de pessoas! Também não queremos interferir de uma forma impositiva sobre o resto da sociedade. Mas queremos que a sociedade saiba que estamos aqui, que existimos e que tenham a possibilidade de se envolver caso queiram. (Lorena, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha).

Eu gostaria sim que o consumo ecológico fosse desse nível, ou seja, que nós tivéssemos as nossas próprias cadeias de distribuição, com pontos de venda para poder acessar toda a população. (Vicente, Grupo de Consumo de Russafa, Valencia, Espanha)

Outra questão trazida pelos participantes em termos de popularização se refere aos preços pagos, em especial no que diz respeito à suposição de que os alimentos orgânicos são sempre mais caros e, portanto, restritos a classes mais abastadas.

Eu estou convencida e acho que até certa medida o grupo todo também está, de que os Grupos de Consumo são uma maneira de demonstrar que os produtos orgânicos e sazonais não são excludentes, não são exclusividade de uma gente endinheirada. Porque o que fazemos é eliminar todos os intermediários, então não são produtos mais caros. E para além disso, se trata também de se pensar o que se está pagando. Ou seja, tu como pessoa, em que tipo de sociedade tu estás investindo? Eu sou uma pessoa que desconfia de preços baixos, sabe? Tipo, quando vejo algo que custa muito pouco dinheiro, eu não compro, porque acho que é capaz de ter ficado alguém morto pelo caminho (risos)! Entende? Então os preços que temos no Grupo não são baixos, são justos para permitir o acesso aos consumidores e uma vida digna ao produtor. (Lorena, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha).

Não podemos deixar de mencionar a atuação que acontece em colaboração entre os diferentes grupos ativos na cidade, em especial as redes “*Grupo a Grupo*”, e a *Plataforma per la Sobirania Alimentaria del País Valencià*. Lorena traz alguns exemplos das ações que realizam.

Há também atividades políticas que são feitas para incentivar a criação de novos grupos ou divulgar os existentes para que as pessoas possam se engajar. Temos feito isso de duas maneiras principais. A primeira é a participação na Feira Alternativa, um espaço do qual todos os Grupos participam. É uma feira que acontece uma vez por ano na cidade e em que temos uma banca em que oferecemos folhetos, damos informações ao público em geral e cada Grupo propõem uma programação. Normalmente, acontece na primeira semana de junho. É algo pequeno que fazemos de acordo com nossas capacidades, mas é muito bonito e nos dá a possibilidade de estar com diferentes coletivos de produtores, ONGs, grupos ambientais, um pouco de tudo. É um espaço muito legal! O outro, é também uma atividade linda que fazemos uma vez por ano, em 17 de Abril, que é o dia da luta camponesa por um massacre que aconteceu no Brasil, nós celebramos. Nós celebramos como um momento de revolta do campo que, embora tenha sido massacrado, provocou uma grande reflexão e também a união de toda a população do campo. Então, nesse dia, organizamos nossos pedidos e fazemos nossas entregas na rua, em um lugar público, então as pessoas que estão por ali passando podem ver. Todos os Grupos de Valencia fazem, mas em lugares diferentes da cidade. Fazemos alguns panfletos (figura 34) anunciando o local e a hora de cada grupo, é uma maneira de obter a atenção das pessoas. É algo que sempre gosto muito de fazer! (Lorena, Grupo de Consumo Vera, Valencia, Espanha)

Figura 34 – (a) Cartaz afixado na janela da sede das entregas do Grupo de Consumo Vera promovendo a ação “Entregas na rua” de 2015; (b) Grupo de Consumo Vera realizando sua ação “Entregas na rua” na UPV



Fonte: (a) Registro realizado durante pesquisa de campo (2015); (b) Universitat Politècnica de València (2015).

O episódio ao qual Lorena se refere é o dia 17 de abril, considerado o Dia Internacional da Luta Camponesa. A data foi escolhida em memória do massacre de Eldorado dos Carajás, quando dezenove camponeses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra foram mortos pela polícia, depois de ocupar uma terra improdutiva no estado do Sul do Pará, em 1996. Assim, a ação realizada anualmente pelos Grupos de consumo de Valência busca mostrar sua solidariedade não apenas com os agricultores de Valência, mas de alguma forma se conectar com uma luta mais ampla travada por agricultores camponeses do mundo todo.

5.2.5 É político?

Como mencionamos nos capítulos anteriores, o *De Groene Schuur* começa com um protesto político de um jovem agricultor - Krispijn.

Sou membro da Rede de Jovens do Slow Food. Estou no movimento holandês e junto com a rede organizamos esse protesto em que jogamos 6 mil quilos de batatas na Praça Dam. Foi no dia 1 de abril de 2012. Antes desse momento eu vi muitas batatas nos supermercados que não vieram da Holanda, vieram da África, de Israel, de outros países. Mas, eu sabia que os agricultores ainda tinham suas colheitas de batata e que seriam suficientes para abastecer a Holanda. Era uma situação estranha! Você tem muitas batatas na Holanda produzidas por agricultores holandeses, mas os supermercados só compram batatas de outros países. Isso é péssimo para os agricultores holandeses. As pessoas precisam ver o quão irracional este sistema alimentar é, por isso que fizemos esse protesto (Krispijn, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Figura 35 – Krispijn “jogando” 6 mil quilos de batatas na Praça Dam, em Amsterdã (Holanda)



Fonte: Future Farmers in the Spotlight (2012).

Esta ação de Krispijn, de certa forma é bem característica do Movimento Slow Food, que ao invés de estratégias de protesto mais clássicas como paralisações, eles escolhem um local turístico ou popular para chamar a atenção das pessoas usando comida. Um exemplo, é a ação que deu origem ao movimento, realizada em 1986, quando a rede McDonald planejava abrir uma franquia nas Escadarias da Praça da Espanha⁸. Em reação, o jornalista italiano Carlo Petrini e um grupo de amigos desceu os degraus com tigelas de massa penne oferecendo aos passantes com cartazes que diziam “Nós não queremos fast food, queremos slow food!”.

Em 1989, um manifesto fundador do movimento internacional Slow Food foi assinado em Paris, por representantes de 15 países, oficializando o Movimento. As ações do Movimento procuram promover alimentos locais e gastronomia tradicional, tendo uma oposição crítica às cadeias de fast food, à produção industrial de alimentos e à globalização. Krispijn explica como esse fomento da produção local é uma tentativa de enfrentar os danos do comércio mundial de alimentos em termos sociais e ambientais.

Quando transportamos nossas cebolas para o sul da África e compramos papaias do Equador, também é uma grande quantidade de gasolina gasta que não é bom para o meio ambiente. Também há razões políticas, se exportarmos cebolas para o Benim no sul da África, por exemplo, a produção de cebolas que existe ali pode se tornar desnecessária e os

⁸ A Escadaria da Praça da Espanha é um lugar altamente turístico em Roma, Itália, localizado entre a Piazza di Spagna e Piazza Trinità dei Monti. É uma escadaria monumental de 135 passos.

agricultores de lá não terão renda. Então, o sistema alimentar que temos agora, causa muitos problemas em todo o mundo. (Krispijn, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

O protesto de Krispijn criou uma reação em cadeia que resultou não só na formação do *De Groene Schuur*, mas também em outras 15 dinâmicas similares, todas abastecidas pelo coletivo de agricultores *Bioromeo*. Esse coletivo reúne cerca de 20 agricultores da Noordoostpolder, um município da província holandesa de Flevoland. A ideia do coletivo é criar uma aliança para promover o desenvolvimento local, de modo que os agricultores vizinhos não compitam entre si, mas criem uma relação de solidariedade e cooperação. Através desta organização, eles podem compartilhar o uso de equipamentos e oferecer uma composição mais ampla e diversificada de produtos ao mercado. A estrutura coletiva permite que eles acessem mercados que individualmente, não conseguiriam.

Isso ajuda a poder compartilhar maquinários que são caros com os outros agricultores e quando saímos para vender no mercado, vamos como um corpo de agricultores. É assim que podemos entregar mais de 50 variedades no verão, pela colaboração com outros agricultores. Então, para mercearias e supermercados se torna mais interessante fazer negócios conosco porque temos muitas variedades diferentes, mas eles fazem uma única encomenda (Krispijn, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Krispijn foi contatado por consumidores e mercados de regiões mais distantes de Noordoostpolder, interessado em comprar os seus produtos através de dinâmicas de abastecimento direto. Mas entende que o transporte para as áreas mais distantes acabaria por se tornar inconsistente com sua visão de comida local. Mas, tem tentando articular agricultores de outras regiões para se organizarem em coletivos para abastecer novas dinâmicas.

Nós queremos ter mais agricultores que trabalham em conjunto com os consumidores, porque nós descobrimos que esta é uma maneira muito agradável de trabalhar. É uma ótima maneira e estamos muito entusiasmados com isso! Então, queremos ajudar outros agricultores a fazer o mesmo, e queremos ajudar outros consumidores a fazer o mesmo. Eu quero mudar o sistema! (Risos). Hoje em dia você é independente e dependente no sistema. Você depende dos supermercados, dos preços que eles oferecem, dos produtos que eles querem e da qualidade que eles querem. Mas você não pode realmente entrar em contato com os consumidores, eles são independentes de você. Mas se você tem uma boa relação com os consumidores, como estamos construindo, você pode negociar por si mesmo “Eu posso entregar essa qualidade, está tudo bem para você, é bom o suficiente?” Sim, eles geralmente respondem. Portanto, é muito fácil trabalhar dessa maneira. E precisamos ouvir mais os

consumidores, o que eles querem, e não o que os supermercados querem, mas sim o que os consumidores querem! A utopia para mim é vender todos os produtos que estamos cultivando nesta fazenda diretamente aos consumidores. Esse é o meu objetivo! (Krispijn, De Groene Schuur, Zeist, Holanda).

Buscando a perspectiva dos consumidores, Gabrielle, a fundadora do *De Groene Schuur*, explica como para ela é relevante poder ajudar os agricultores locais e como a maioria dos consumidores não tem conhecimento de como o sistema alimentar funciona.

Apoiar o agricultor é importante para nós. E eu também acho que é importante que as pessoas saibam o que está acontecendo nos supermercados porque as pessoas geralmente não sabem! Eu não sabia! E quanto mais pessoas participam, mais conhecem a história sobre o porquê de nós fazermos isso e o que está acontecendo no mundo dos grandes supermercados, como eles tratam os agricultores e provavelmente não é apenas aqui na Holanda, mas em todos os lugares. Então, fazer isso também é uma maneira de as pessoas repensarem sobre o que fazem, como compram coisas baratas no supermercado e o que isso envolve. Não vendemos carne, mas quando as pessoas compram galinhas realmente baratas, é claro, não é possível dar aos agricultores um bom preço ou dar às galinhas uma boa vida, isso não é real! Então, ao fazer isso, as pessoas começam a pensar sobre o processo de produção e é importante que as pessoas possam aprender o que está acontecendo no mundo real. (Gabrielle, De Groene Schuur, Zeist, Holanda).

Comentando as possíveis implicações políticas que a participação na dinâmica de abastecimento pode ter, Gabrielle não tem certeza dos resultados concretos, mas espera gerar algum impacto.

Espero que isso possa ter um significado político sim. Estamos fazendo uma declaração de certa forma e eu realmente não sei se é político, mas há um movimento iniciado na Holanda. Eu acho que cinco anos atrás, isso não era uma realidade, não havia ninguém fazendo isso. Mas agora há quinze desses grupos trabalhando com produtos da Bioromeo. Mesmo nos supermercados você vê agora que os produtos locais são mais enfatizados e eles tentam fazer uma propaganda disso, com anúncios dizendo “é produzido localmente” e “esta variedade é especial”. Então eu acho que esse movimento no supermercado começou por causa de grupos como nós. (Gabrielle, De Groene Schuur, Zeist, Holanda).

É relevante esclarecer que, tal como Gabrielle, outros participantes com quem falamos não entendem claramente se o seu envolvimento é uma ação política. Por exemplo, Jessica, uma mãe de dois filhos que está apenas começando a abrir seu próprio negócio, mostra preocupação com as práticas dos supermercados, mas associa os possíveis significados políticos com a

prática alimentar mais sustentável promovida por algumas comunidades organizadas.

Gosto de saber de onde vem minha comida, e eu sei que isso é orgânico e é daqui da Holanda, é de qualidade! Eu acho que há muita porcaria na nossa comida nos dias atuais (risos) e eu tenho filhos, então eu gosto de dar a eles o melhor que posso. Eu costumava comprar orgânicos no supermercado, mas no final é muito caro e você realmente não sabe como ele é produzido. O significado político pode ser que quanto mais global o mundo se torna, mais as pessoas tentam encontrar suas próprias pequenas comunidades em que partilhem preocupações, inclusive com a comida e o mundo em geral. Portanto, há pessoas que começam a cultivar seu próprio alimento, fazendo suas próprias hortas, eles tentam viver de forma mais sustentável [...] Então nós somos uma pequena comunidade que está tentando controlar de onde vem a nossa comida (Jessica, De Groene Schuur, Zeist, Holanda).

Uma declaração um pouco semelhante é trazida por Patrick, um consultor de negócios que vive na mesma rua de Gabrielle.

O orgânico é importante porque melhora a qualidade do meio ambiente e para mim isso é muito mais importante do que a qualidade do alimento em si. Porque quando não é orgânico, pode haver produtos químicos na comida e, racionalmente, acho que não devemos ter isso, mas isso não é uma preocupação para mim. Eu acho que o mais importante é o impacto no meio ambiente. Isso precisa ser evitado. Quero dizer, a saúde é um bom benefício e também é importante, mas o mais importante para mim é o meio ambiente. As escolhas pessoais devem ser respeitadas, mas não podemos interferir nas chances das próximas gerações, isso é muito importante para mim! (Patrick, De Groene Schuur, Zeist, Holanda).

Patrick também reconhece que a dinâmica é benéfica tanto para os agricultores quanto para os consumidores, e que, no supermercado, o agricultor não teria as mesmas vantagens.

Comprar diretamente do produtor é importante no sentido de que pagamos menos porque o produto vem sem atravessador e o agricultor obtém um valor mais justo do que no sistema convencional. Perde-se muito dinheiro em toda a cadeia alimentar até chegar aos consumidores. E eu acho que é importante para o agricultor poder ganhar um preço justo pela comida, especialmente se for orgânica. (Patrick, De Groene Schuur, Zeist, Holanda).

Assim, o caso holandês se diferencia um tanto dos demais apresentados, porque não há uma clareza generalizada sobre o potencial político da dinâmica e das práticas que ela envolve. Porém, é importante ressaltar que os resultados desejados pelos participantes do *Groene Schuur* não são tão distantes do que os

almeçados pelos demais casos em termos de gerar benefícios sociais, econômicos e ambientais para uma sociedade mais ampla que eles mesmos.

5.3 FAZER POLÍTICA É CONSTRUIR INTERESSES COLETIVOS

Muitos elementos interessantes aparecem nos discursos dos participantes para explicar como sua participação nas dinâmicas de abastecimento é percebida e praticada como um ativismo político vinculado à experiência cotidiana. Essas questões serão retomadas aqui em diálogo com a literatura em três seções: o papel da mobilização política no surgimento dessas dinâmicas de abastecimento; ativismo alimentar e valores expressos; resultados desejados.

5.3.1 O papel da mobilização política no surgimento das dinâmicas

O ativismo político teve um papel chave na emergência da maioria das dinâmicas. Se considerarmos o MICC, o ativismo político estava no centro de seu surgimento. É interessante ver que a comida era um dos itens que os trabalhadores urbanos forneciam para apoiar os camponeses, um processo que é revertido quando os agricultores adquirem terra e eles começam a fornecer comida para os moradores da cidade. A ação de alguns participantes em se juntar aos acampamentos deixa claro que, no início, a intenção era muito mais criar uma aliança política e um contexto de apoio mútuo para ambos os movimentos do que qualquer outra coisa.

Importante mencionar que, no momento da emergência do MICC, nos anos 1980 no Brasil, a discussão em torno de alimentos era muito mais relacionada à segurança alimentar e encontrar maneiras para as pessoas terem um acesso mínimo à comida, do que qualquer discussão sobre o uso de pesticidas, produção orgânica, local, etc. Essas questões começaram a ser reivindicadas pelos movimentos sociais nos anos seguintes e tornaram-se importantes para o MICC com o tempo. O mesmo acontece com a *Canasta Comunitária Utopia* que começa com um foco claro na segurança alimentar, mas com o tempo agrega outras causas como a agroecologia, soberania alimentar e economia solidária.

Esta não é a única semelhança, ambos casos latino americanos surgem logo após processos de ditadura no início de 1980, um período conhecido como a na

América Latina “década perdida”, uma vez que foi caracterizado por uma estagnação econômica, altos níveis de desemprego e aumento da inflação. Assim, a atuação da Teologia da Libertação em ambos os espaços, rural e urbano, foi crucial para a mobilização social e o surgimento destas dinâmicas de abastecimento. Borja (2011) indica que o bispo Proaño influenciou o movimento político no Equador como um todo, tendo um papel fundamental em termos de agregar distintos movimentos sociais, auxiliando em uma construção de uma identidade coletiva nacional. Sua morte em 1988 não só afeta a *Canasta Comunitária Utopia* como outros movimentos também (BORJA, 2011).

No caso do Brasil, Stédile e Mançano (1996) também discutem o papel crucial que a Teologia da Libertação teve nos movimentos sociais brasileiros, criando espaços para a mobilização social dentro das igrejas a nível nacional. Os autores sugerem que muitos dos principais líderes da época tiveram uma formação progressiva nos seminários da Igreja, nos quais os conteúdos traziam uma simbiose de várias correntes doutrinárias como o cristianismo, o marxismo e os textos dos líderes revolucionários latino-americanos (STÉDILE; MANÇANO, 1996).

Outra característica que ambos os casos parecem ter herdado em sua forma de atuação é a estrutura organizacional hierárquica da Igreja Católica que tanto MICC e *Canasta Comunitária Utopia* têm. Isso é diferente de todos os outros casos europeus que chegam após os anos 2000, tendo estruturas organizacionais horizontais com influência de movimentos sociais contemporâneos como: anti-austeridade, soberania alimentar, slow food, ambientalista.

Para ambos os casos espanhóis, foi à mobilização de 15M e o incentivo para que as pessoas tenham um papel ativo em seus próprios bairros que incentivou a formação das dinâmicas, ainda que um grupo tenha se reunido em torno de seu bairro residencial e o outro pelo local de trabalho e estudo (UPV). Embora no *Grupo de Consumo Vera* a existência de professores e alunos envolvidos em agronomia possa ter facilitado a aproximação com os agricultores, os dois grupos começam a partir de uma atmosfera de reivindicação política e ação pela organização popular.

O mesmo pode ser dito para os casos italianos, onde os vizinhos e conhecidos se organizam para agir de forma cidadã. Talvez, a maior diferença aqui é que a comida e a criação de outra forma de abastecimento estão presentes para os italianos desde o início. No entanto, Fonte (2016) ao estudar a emergência dos GAS em Roma, também menciona a influência de diferentes movimentos sociais, entre os

quais ela cita os centros de assistência social (*Centri Sociali*) e as paróquias. A autora indica ainda que nos grupos formados pela influência das organizações cristãs, existe uma maior verticalidade nas estruturas organizacionais, embora o GAS tenha como princípio a participação coletiva como expressão da democracia (FONTE, 2016). Outra influência mencionada por Fonte (2016) é o Partido da Refundação Comunista (PRC) para um ramo mais popular dos GAS chamados Grupos de Compras Populares - GASP. Neste caso, a formação da dinâmica de abastecimento é centrada em classes de baixa renda buscando alimentos com preços baixos, sem desconsiderar as questões de qualidade e sustentabilidade ambiental (FONTE, 2016). Esta proposta se assemelha a formação original de ambos os casos latino-americanos, MICC e Canasta Comunitária Utopia.

Para o *De Groene Schuur* é claro que o Movimento Slow Food tem uma influência sobre a ação Krispijn. No entanto, esta influência não pode ser estendida a dinâmica como um todo, visto que, diferentemente de outros casos, os participantes não parecem estar envolvidos com nenhum movimento social.

5.3.2 Ativismo Alimentar e valores expressos

Em geral, as manifestações dos participantes demonstram que estes acreditam que por meio de sua ação e dedicação, eles estão contribuindo para materializar um tipo de sistema alimentar e a sociedade que eles desejam. É esta a interpretação ou a significação política que associam ao seu envolvimento com a dinâmica de abastecimento. Nos parece importante ressaltar aqui que a contribuição não se restringe a dar dinheiro através da compra, mas também envolve um envolvimento corporal porque as pessoas dedicam tempo e esforço físico para o funcionamento das dinâmicas de abastecimento.

As afetações que mobilizam cada participante são diferentes. Para Josefa é a fé que a leva a dizer que sua ação é “política-cristã” e para Saraí é o desejo de contribuir para a comunidade a qual pertence. No entanto, todos eles expressam descontentamento com questões sociais e econômicas, que os mobilizam a reagir, adotar uma atitude no seu cotidiano para criar uma realidade diferente. A prática cotidiana é central aqui e é direta ou indiretamente mencionada pelos participantes. Silvia fala que tinha uma necessidade de fazer uma contribuição diária para a sociedade (“Queria fazer uma ação na minha vida cotidiana para ser efetiva”),

Lorena expressa que seu envolvimento cotidiano lhe traz satisfação (“no final do dia, o que importa é o que estou comendo, onde estou investindo meu dinheiro, minhas ações, meu tempo”) e Toninho descreve sua rotina como uma maneira de mostrar que sua contribuição não se restringe aos dias de entrega.

É um processo complexo, subjetivo e contingente. Por exemplo, a história contada por Carmo no capítulo anterior, que apesar de ser consumidora do MICC há alguns anos, é a partir da potencial destruição de um campo de abobrinhas que aprofunda seu envolvimento também pode ser usada aqui. Ou o caso de Silvia, que vem de uma família de agricultores e demonstra um bom entendimento do sistema alimentar dominante e seus efeitos nocivos sobre a vida dos pequenos agricultores, a quem ela chama de o agricultor real. Ou mesmo o caso de Alfredo, que é influenciado por um programa de TV que “mostrou” como seu dinheiro poderia ser usado para promover coisas que ele não concorda.

Tais resultados referenciam a discussão trazida anteriormente de como as motivações dos consumidores para participar vão além do “desejo de comer alimentos limpos”, envolve elementos que não são facilmente mercantilizados. Há uma troca de valores que, de certa forma, são expressos na própria forma como as dinâmicas de autodenominam. Assim, no MICC, temos a “integração do campo e da cidade” mostrando o interesse em conectar esses dois mundos na vida e nas experiências italianas a “solidariedade” é quem ganha destaque. No entanto, considerando os testemunhos das pessoas, podemos dizer que esses dois elementos são valores relevantes para todas as experiências.

Todos trazem a preocupação de estar conectado ao meio rural, às pessoas e às culturas e a solidariedade, é expresso como um sentimento de comunhão e preocupação com o outro ainda que nem sempre a palavra “solidariedade” seja usada. Por exemplo, Josefa fala sobre “compartilhar” como uma maneira de as pessoas se doarem por algo que lhes é importante. Carmo menciona como uma forma de respeito à realidade que cada um vive e Saraí vai se referenciar a ao pertencimento a uma comunidade para a qual se contribui, valor também central para os participantes da *Canasta Comunitária Utopia*. Interessante ver que essa solidariedade não se restringe àqueles com quem há uma interação direta, mas pode ter um alcance mais amplo envolvendo pessoas, lugares ou lutas que ~eles valorizam. É isso que é afirmado no caso da luta camponesa que é celebrada pelos espanhóis, honrando os camponeses brasileiros mortos pela polícia em Eldorado

dos Carajás. Um tipo de conexão semelhante é feito por Roberto que após conhecer as mobilizações do MST e da ANA no Brasil, sente que havia uma conexão entre as ações destas organizações e da *Canasta Comunitária Utopia*, auxiliando para que percebessem a *Canasta* como parte de um movimento social.

A organização também é mencionada como um valor, no sentido da capacidade das pessoas para unir forças em busca de algo, o que acontece em três níveis: na vida cotidiana das pessoas ao se envolverem na dinâmica (comentaremos mais no próximo capítulo); entre as pessoas que se organizam para criar e manter a dinâmica de abastecimento e através da colisão com outras organizações e movimentos sociais com quem há afinidade. Os participantes também se referem a estas dinâmicas de abastecimento como mais “verdadeiras”, “honestas” e “humanas”, criando um contraponto em relação a sua percepção sobre o sistema alimentar dominante.

Os participantes constantemente comparam a dinâmica em que estão com outros espaços de comércio que associam ao sistema alimentar dominante, os supermercados, a CEASA ou o *Mercado Mayorista*. Em todos os casos estes são referidos como impessoais, desonestos e pouco éticos. Saraí ainda menciona que ela nunca pensa em perguntar a um empregado do supermercado como ele está, embora ela se preocupe com Vicente, o agricultor do *Grupo de Consumo de Russafa*. Fernando diz que os supermercados criam armadilhas para pessoas. Toninho fala como os intermediários atrapalham o trabalho dos agricultores. Portanto, parece que não há apenas um alto nível de desconfiança nas instituições as quais eles associam ao abastecimento dominante dos alimentos (supermercados, CEASA e *Mayorista*), mas há uma intersubjetividade social que os leva a ver as pessoas envolvidas com sua dinâmica de abastecimento com outros olhos, percebendo-os com uma empatia que não é estendida aqueles vinculados aos outros espaços de comércio e abastecimento.

Por fim, outro valor bastante presente é a preservação de ambientes e culturas abordados por muitos participantes. Neste sentido, Portilho (2005) chama atenção de que temos que ter um olhar crítico ao analisar as práticas de consumo que buscam exercer pressões no sistema de produção de forma a evitar efeitos ambientais e sociais nocivos, para que não sejamos ingênuos de super-responsabilizar as escolhas individuais como a única solução para problemas amplos e complexos. Em especial, porque os atores não podem ser desvinculados

de suas circunstâncias ou tampouco podemos isentar as responsabilidades de outros atores sociais relevantes, tais como o Estado e as empresas (PORTILHO, 2005). Mas é importante reconhecer que através do consumo há um potencial para a criação de novos projetos (tais como as dinâmicas de abastecimento aqui analisadas) e formas de ação política.

É importante ressaltar que mais do que os valores que são defendidos discursivamente, os resultados demonstram que estes são impressos nas práticas das pessoas e na identidade das dinâmicas de abastecimento. É neste sentido que Hayes-Conroy e Martin (2009) sugerem que o ativismo político em torno da comida é mais difuso do que o tradicional e centrado na vida cotidiana, pois ele envolve um engajamento corporal que provoca diferentes afetações. Os corpos se sentem satisfeitos ou não pelas ações em que se envolvem, expressando diferentes sentimentos e sensações (HAYES-CONROY; MARTIN, 2009).

Assim, ouvimos afirmações como “quando eu vou dormir todos os dias, me sinto satisfeita com o meu ativismo” (Lorena); “Eu também me sinto mais feliz comigo porque não estou alimentando um sistema que não gosto. Então eu fico bem com minha consciência “(Nello) e” Eu quero me sentir parte de uma comunidade que trabalha para o bem comum e a harmonia com o meio ambiente e aqui eu encontro isso” (Saraí). De certa forma, isso se vincula a noção de política que os atores parecer ter, que está relacionada à realização de ações para materializar uma determinada realidade, uma forma diferente de abastecimento alimentar e uma sociedade que lhes parece mais coerente. Em última análise, uma realidade onde eles se sentem melhores consigo mesmos e com a contribuição social que promovem.

Este alimento que circula carrega as representações que os agricultores e consumidores lhes associam. É por isso que consideramos que a multiplicidade de elementos físicos, políticos e afetivos que essas *assemblagens* carregam cria algo novo, um alimento engajado, onde todos os significados e representações que são trocados são incorporados nos alimentos. Como Fischler (1995) propõem, o alimento atravessa a fronteira entre o mundo e o nosso corpo, incorporando as propriedades reais e simbólicas do que está sendo comido, tornando-se parte da nossa própria identidade. Nos casos aqui analisados, o alimento incorpora as práticas tanto dos indivíduos como dos coletivos. Este alimento engajado também se torna uma força potencial de reflexão e afetação, influenciando a identidade das alianças e seus

processos de estabilização e desestabilização (territorialização / desterritorialização).

5.3.3 Resultados desejados

Em relação aos resultados que esperam alcançar, os participantes são bastante claros na ideia de promover um sistema alimentar que difere do dominante. Cada um traz críticas conforme a sua experiência vivida e as cinscutâncias em que está. Por exemplo, os espanhóis referem-se à cadeia de supermercados local, Mercadona como uma expressão do sistema alimentar dominante. Nello reclama sobre a qualidade dos alimentos oferecidos e a impossibilidade de saber mais sobre a origem e o processo de produção dizendo “você não sabe o que está por trás disso”. Ele também menciona preocupações com as condições de trabalho e Saraí afirma que este supermercado tem “práticas muito antiéticas”. Pepa é incisiva ao afirmar “por princípio, eu não coloco meus pés no Mercadona!”. Por outro lado, eles referem-se ao *Grupo de Consumo* como “um relacionamento mais humano” (Nello), em que eles podem se relacionar com outros com valores semelhantes e “vão muito além do ato de consumir” (Saraí). Também Lorena, Vicente e Saraí salientam como os *Grupos* ajudam a manter e promover *los huertos*, não só em termos de relevância ambiental, mas também sociocultural.

Esteve (2015) argumenta que apesar da rede *Mercadona* promover-se como uma grande geradora local de empregos, comprometida com a oferta de alimentos de qualidade, a rede sofre de uma série de reclamações e processos que contradizem tais alegações. Entre as denúncias feitas está o financiamento difuso de campanhas políticas, processos trabalhistas por abuso de funcionários, práticas anti-sindicais e ações judiciais movidas por organizações de agricultores por pagamentos abaixo dos valores de mercado (ESTEVE, 2015). Outras alegações trazidas são de que produtos anunciados como local, eram na verdade importados de outros países, acontecimento que quando descoberto levou o Mercadona a parar de comercializar determinados produtos (ESTEVE, 2015). Há ainda a menção de estudos que demonstram que a instalação das filiais da rede tem gerado impactos negativos em termos de desmantelamento de comércios locais.

Embora não tenhamos dados concretos sobre outras cadeias de supermercados, há a possibilidade de que tais problemas não sejam uma prática

exclusiva da empresa espanhola. Pelo menos, isso é o que os consumidores italianos envolvidos com os GAS reivindicam. Alfredo fala sobre os impactos do fornecimento de alimentos com o “custo real dos alimentos”, tendo práticas com as quais ele não está de acordo. Giacomo complementa dizendo que o sistema alimentar dominante contribui para a manutenção das desigualdades sociais e à concentração econômica; Silvia fala de um “sistema bárbaro” que fornece alimentos insalubres, desrespeita os direitos trabalhistas e cobra preços excessivos por alimentos “supostamente” orgânicos. Porém, os participantes afirmam que através do GAS, podem “entender mais sobre alimentos” (Alfredo), “investir em coisas locais”, (Giacomo) e estabelecer uma relação de confiança com os agricultores (Silvia). Isso se conecta aos argumentos de Gross (2014) de que o ativismo alimentar trabalha para reduzir a dependência dos mercados globais, formando comunidades de práticas em prol de sistemas alimentares mais benéficos.

Representações similares são trazidas pelos brasileiros em relação ao CEASA. Os testemunhos de Carmo e Toninho mencionam a imposição de parâmetros de qualidade em relação à forma dos legumes e a atuação dos intermediários como economicamente danosa aos agricultores. Como mencionado anteriormente, a criação do CEASA faz parte das políticas agrícolas do final da década de 1960, em que o governo Brasileiro busca ajuda da FAO para remediar uma situação de “estrangulamento” na comercialização de produtos hortícolas. Em última análise, foi uma ação do Estado brasileiro para organizar e controlar o mercado de alimentos e de certa forma contribuir para o desenvolvimento rural e urbano. Importante ressaltar que naquela época, ainda não havia a expansão de supermercados que há hoje e o CEASA sempre forneceu um lugar para que os pequenos agricultores comercializem seus produtos, embora com certas exigências.

Assim, considerando os casos aqui analisados os CEASAs se aproximam mais das circunstâncias e forma de atuação dos Mercados Mayoristas, do que exatamente dos supermercados. Porém é interessante perceber que, para ambos países (Brasil e Ecuador) apesar da intenção do Estado em criar estes centros de abastecimento para aliviar gargalos da comercialização, estes estão sendo percebidos pelos participantes aqui analisados como nocivos aos agricultores. Ainda que, tanto os consumidores do MICC como da *Canasta Comunitária Utopia* se abasteçam, pelo menos em parte nestes espaços. É importante ressaltar portanto, que apesar da crítica e a associação a um sistema alimentar nocivo, há uma

dependência destes espaços. Tal questão não nos parece invalidar as críticas trazidas pelos atores, mas sim demonstrar como a relação dicotômica entre os supostos sistemas “alternativo” e “convencional” é falha porque na prática estas relações e interações são complexas. Portanto, mais do que polarizar modelos, nos parece importante pensar como a crítica dos participantes aponta para pontos falhos que precisam ser qualificados e re-estruturados.

Ao abordar a questão do potencial impacto político do MICC, Toninho afirma que o este oferece não apenas o apoio financeiro que os agricultores precisam, mas o faz de forma a permitir que os recursos sejam compartilhados de forma mais equilibrada entre os agricultores e os consumidores, proporcionando aos produtores maiores rendimentos e preços baixos aos consumidores. De certa forma, sugere que o MICC promove um apoio aos agricultores que o Estado não oferece. Fora o reconhecimento jurídico que os GAS têm na legislação italiana, não fomos capazes de identificar para nenhum dos casos uma política estatal voltada para apoiar ou beneficiar este tipo de dinâmicas de abastecimento.

Porém, há sim políticas públicas que indiretamente beneficiam os agricultores que estão envolvidos nestas experiências. Por exemplo, no caso do Brasil pesquisas realizadas pelo Instituto Kairós (2010), Carneiro (2012) e reafirmadas por nossos dados demonstram que políticas públicas recentes, em especial PAA⁹ e PNAE¹⁰ são um mercado importante para os agricultores envolvidos nos Grupos de Consumo Responsável. A criação da Rede Brasileira teve apoio de projeto com recursos oriundos da SDT/MDA. Assim, devemos ser cautelosos em desconsiderar totalmente o papel do Estado. No caso de *Canasta Comunitária Utopia*, existe uma relação diferente no sentido de que eles influenciaram ações e legislações promovidas pelo Estado já que tiveram um papel ativo na nova Constituição. Este processo é analisado por Van Ongeval (2012), que argumenta que embora o debate de ideias sobre a soberania alimentar e as diferentes práticas de consumo seja um assunto global, sua implementação tem sido feita através da interação de diferentes atores localizados, criando trajetórias únicas. Sherwood et al. (2013) argumenta que as

⁹ Programa de Aquisição de Alimentos, um instrumento de política pública instituída em 2003, cujo objetivo é garantir o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade necessárias para populações em insegurança nutricional e promover a inclusão social do campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar (BRASIL, 2003).

¹⁰ Programa Nacional de Alimentação Escolar estabelece um mercado institucional para a agricultura familiar através do fornecimento de escolas públicas, de acordo com os princípios da alimentação e soberania alimentar adequada (BRASIL, 2009).

ações da *Canasta Comunitária Utopia e dinâmicas similares* ajudam a questionar o pensamento dominante sobre cidadania que negligência o potencial de ação das pessoas para a promoção de políticas. Demonstra ao fim que pessoas organizadas e ativas em suas comunidades podem romper com um posicionamento clientelista em relação à assistência dos governos, tornando-se agentes centrais da sua própria governança comunitária (SHERWOOD et al., 2013).

O reconhecimento do GAS na lei Italiana também nos parece ser um exemplo de consolidação da soberania alimentar. Assim, tanto os participantes italianos como os equatorianos conseguiram concretizar, ainda que em parte, resultados que almejavam. Porém, se pensarmos em termos mais específicos, podemos dizer que a participação nas dinâmicas de abastecimento em todos os casos possibilita a materialização da soberania alimentar, pois permite a estes atores determinar que tipo de alimento querem e controlar como este é produzido e comercializado.

Porém há uma busca de que suas práticas cotidianas possam repercutir em um contexto social mais amplo. Lorena diz “nosso sucesso será quando a maioria da população de Valencia que deseja consumir através deste sistema, possa”. Algo não tão distante do desejo de Krispijn sobre ter mais agricultores e consumidores envolvidos nestas dinâmicas. Nesse sentido, Fonte (2016) traz uma importante contribuição ao mencionar que há um debate polarizado sobre as possibilidades de se transformação do o sistema alimentar. Por um lado, há uma visão humanista que defende uma transformação cultural, por outro há quem defenda a necessidade de intervenções políticas e econômicas que afetam as “estruturas” da produção e do consumo (FONTE, 2016). Diríamos que os casos aqui apresentados estão trabalhando em ambas as direções, criando novas relações e materialidades que estabelecem uma cultura diferente na produção e no consumo. Mas, como muitos participantes destacam, eles também buscam incidir ou pelo menos afetar normativas e padrões estruturais.

Assim, a política praticada por estes atores não é institucionalizada. É, conforme propõe Miller (2009), uma atividade diária que visa materializar valores ao assumir para si a responsabilidade pelo que se produz ou consome. Como ressalta Portilho (2009), há a riação de uma ponte, em que o que geralmente é entendido como esfera privada (o que comemos, compramos, fazemos) se conecta com a esfera pública através de ações éticas e políticas que procuram assumir as consequências sociais, econômicas e ambientais de nossas escolhas. É uma noção

de política como uma ação de rompimento a algo que se rejeita. Como propõe Deleuze e Guattari (2000), é uma percepção de que ser revolucionário é investir tempo e esforço para romper com a normatização hegemônica do que se espera de um cidadão, de um consumidor, de um produtor.

É reagir a um sistema capitalista que tende a criar nichos em que os consumidores são incentivados a comprar algo apenas para se diferenciar ou aproximar de outros consumidores, criando um consumidor previsível que, continuamente, volta a comprar mais do mesmo agindo sob uma esteira de desejos homogêneos e previsivelmente (DELEUZE; GUATTARI, 2000). Canclini (1997) argumenta que a modernização procura homogeneizar e ocupar o “local” com aspectos globais, desterritorializando seus conteúdos e suas formas de consumo com uma reordenação global e cultural subordinada aos critérios comerciais de lucro. Cria-se um senso ilusório de “igualdade” e democracia fomentada pelo mercado que desloca os atos de cidadania para o consumo, transformando os consumidores em clientes (CANCLINI, 1997).

É o consumidor desejado pelo sistema capitalista neoliberal - distante, alienado e fadado a comprar produtos que algum especialista já escolheu por ele. Também pode ser estendido aos agricultores almejados pelo sistema agroalimentar corporativo, em que a definição de o que, como e quando plantar é feito por técnicos, cabendo ao produtor apenas executar etapas de uma cadeia. Tal é o caso dos reprodutores de bezerros que, depois de alguns meses, os entregam a uma empresa que os leva a engordar em outros lugares. Em ambos os casos, o que se busca é pessoas passivas e facilmente manipuláveis, que aceitam ser “peças” de uma engrenagem maior da qual tem pouco consciência.

É neste sentido que argumentamos que as dinâmicas de abastecimento aqui em análise apresentam uma lógica que difere da mentalidade neoliberal, pois suas práticas buscam desafiar, criar um novo tipo de democracia e cidadania. Tudo isso, de certa forma, é materializado neste alimento que circula, de modo que mais do que um objeto de nutrição se torna uma materialização do que se quer afirmar, promover ou rejeitar. Parafraseando Mary Douglas, os alimentos se tornam não apenas bons para comer, mas também para fazer política. Através de suas práticas e valores, estes atores reinserem o social na comida de forma dialógica, pois resistem e repelem a comida que associam a um sistema nocivo à medida que constroem outras formas de abastecimento alimentar, fomentando distintas realidades.

6 O CONHECIMENTO INCORPORADO DOS ALIMENTOS

Uma memória que carrego de minha infância era a quantidade surpreendente de nomes que meu pai usava para chamar alimentos que para mim pareciam basicamente a mesma coisa. Eu conhecia maçãs, mas para o meu pai havia a Fuji, a gala, a verde, a argentina, etc. O mesmo valia para bananas, peras, pêssegos, laranjas, bergamotas e muitas outras frutas ou vegetais. Ele geralmente tentava me alertar para algum elemento que faria um tipo diferente do outro, como “esta é mais doce” ou “aquela outra é mais arredondada”. Apesar de seu esforço, eu tinha dificuldade em memorizar as diferenças e os nomes. Era como se ele tivesse uma intimidade que eu não tinha, algo que lhe permitia diferenciar a comida quase como se fossem pessoas com personalidades e características diferentes. Na época, eu pensava que esse conhecimento era algo relacionado a ser um adulto, algo que viria naturalmente com o tempo e a idade, como cabelos brancos. Assim, eu saberia à medida que ficasse mais velha!

No entanto, não foi bem assim. Hoje, muito mais velha, sou capaz de diferenciar muitos alimentos, mas entendo agora que esse conhecimento não veio com a idade, mas sim com as experiências de vida que tive. Durante meu primeiro trabalho de campo (no Equador) para a realização desta pesquisa de tese, essas memórias de infância voltaram. Além de fazer entrevistas e me engajar com as pessoas no trabalho em dias de entrega, eu senti que seria importante experimentar a comida que a *Canasta Comunitaria Utopía* oferecia. Confesso que, por ser minha primeira vez no Equador, muitos produtos eram desconhecidos e havia também uma curiosidade pessoal envolvida. Os facilitadores da *Canasta Comunitaria Utopía* afirmam que a cesta que eles fornecem é suficiente para alimentar uma família de cerca de quatro pessoas por duas semanas, uma vez que tem cerca de vinte e dois tipos de alimentos (vegetais, frutas e farinhas) considerados básicos para a dieta equatoriana em Riobamba.

Eu comprei uma cesta, era realmente muita comida (Figura 36)! Como eu não tinha família lá e estava alojada em um escritório de uma ONG, a maneira de usar a comida foi preparando refeições para as poucas pessoas que lá trabalhavam e os participantes da *Canasta Comunitaria Utopía* que eu estava começando a conhecer.

Figura 36 – Os alimentos que compunham a cesta comprada na Canasta Comunitaria Utopía



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Após cerca de quatro dias e algumas refeições, muitos dos itens já estavam estragados. As bananas verdes já tinham ficado maduras. O feijão e as favas estavam apodrecendo, o mesmo com as folhas e a cebolinha. Então, eu passei a duvidar que os alimentos durassem realmente duas semanas. No mínimo, parecia um exagero. Decidi incluir essa questão nas entrevistas com consumidores esperando encontrar alguma inconsistência. Para minha surpresa, as pessoas continuavam reafirmando que os produtos duravam duas semanas, mas acrescentavam que era preciso saber fazê-los durar. Limpar, desgranar, ensacar, congelar eram algumas das estratégias utilizadas para que o alimento durasse ao longo do período.

Compreendi que minha falta de experiência e conhecimento para lidar com aqueles alimentos é que fez com que eles não durassem. Também, aprendi receitas diferentes para cozinhar alimentos que eu nunca tinha visto antes, por exemplo, o *zappalo*. Acompanhando os agricultores no trabalho em campo, também foi surpreendente ver a intimidade que os agricultores criam com as plantas que se tornarão alimentos, não só conhecendo os diferentes tipos, mas compreendendo suas necessidades e características de maneira que eu dificilmente conseguiria.

Esses são os episódios que deram origem ao capítulo que irá mostrar como o conhecimento que envolve os alimentos é incorporado e expresso pelos atores participantes dos diferentes casos. O referencial teórico baseia-se principalmente no trabalho de Michael S. Carolan (2011), que discute como o conhecimento de alimentos envolve um processo de aprendizagem material e sensorial, que através da experiência e prática se torna incorporado nos indivíduos.

O capítulo inicia com uma revisão das bases teóricas para a noção de

conhecimento incorporado. Dessa forma apresentamos na sequência as etapas que envolvem as dinâmicas de abastecimento, destacando que tipo de conhecimento ou habilidade cada momento envolve. Apresentamos então, o processo de sintonização dos participantes, primeiro do ponto de vista dos consumidores e depois dos produtores. Por fim, os resultados são analisados e discutidos a luz da literatura.

6.1 CONHECIMENTO INCORPORADO

O conhecimento incorporado é um tipo particular de saber que não é claramente explícito, consciente, mentalmente representativo ou articulado, é um conhecimento registrado e expresso através do corpo (CAROLAN, 2011). De forma bastante direta, podemos dizer que o corpo sabe como agir. Diferentes disciplinas e autores contribuem para o desenvolvimento de tal noção.

Filósofos fenomenologistas franceses, como Heidegger e Merleau-Ponty, tiveram um papel fundamental ao desenvolverem uma perspectiva ontológica sobre o “ser-no-mundo”, rompendo com o essencialismo racionalista. Estes autores se ancoram em uma abordagem relacional da realidade, em que nossos corpos são a fonte primária de envolvimento sensorial com o mundo. Nestas perspectivas, o pensamento acontece como uma reflexão sobre o mundo e as “coisas” que nos cercam. Portanto, são perspectivas opostas e críticas ao pensamento cartesiano, em que o conhecimento é considerado uma propriedade da mente (sujeito do conhecimento) tornando o corpo um mero objeto conhecido.

Para Heidegger (2000), a prática vem antes da teoria, porque o que somos como seres humanos não pode ser separado da complexa rede de práticas sociais que fazem do nosso mundo cotidiano, portanto o mundo que nos cerca faz parte de quem somos. Merleau-Ponty vai desenvolver suas teorias e propor que a percepção não é algo que ocorre através da causalidade linear de estímulo-resposta, mas ele está conectado a uma atitude corporal, onde a criação de um sentido se desdobra em relação ao que nos rodeia (NÓBREGA, 2008). Isso produzirá um tipo particular de conhecimento que não é claramente explícito, consciente, mentalmente representativo ou articulado, é “incorporado”. Merleau-Ponty (1999), a princípio, se refere a um “conhecimento que é produzido pela familiaridade”, indicando algo que só passa a nos ser conhecido após tornar-se familiar. Nas palavras do autor:

Pode-se saber datilografar sem saber indicar onde estão, no teclado, as letras que compõem as palavras. Portanto, saber datilografar não é conhecer a localização de cada letra no teclado, nem mesmo ter adquirido, para cada uma, um reflexo condicionado que ela desencadearia quando se apresenta ao nosso olhar. Se o hábito não é nem um conhecimento nem um automatismo, o que é então? Trata-se de um saber que está nas mãos, que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma designação objetiva. O sujeito sabe onde estão as letras no teclado, assim como sabemos onde está um de nossos membros, por um saber de familiaridade. (Merleau-Ponty, 1999, p. 199).

Polanyi (1966) também fornece uma perspectiva crítica em relação à visão distanciada da ciência tradicional e vai argumentar que há um limite para o conhecimento representacional, pois há uma dimensão tácita em todo o saber que em algum momento se torna pessoal. Esta dimensão diz respeito ao conhecimento que temos dificuldade de explicar ou transferir para os outros de forma escrita ou verbal, ou seja, é de difícil codificação (POLANYI, 1966). A habilidade de falar um idioma, tocar um instrumento, andar de bicicleta, são exemplos de ações que aprendemos e sabemos como fazer mas que requerem prática e envolvimento corporal para aprender. De certa forma, são conjuntos de movimentos e comandos que acontecem em nosso corpo de forma simultânea, tornando difícil fragmentá-lo em partes ou passos. Assim, o conhecimento não é algo totalmente consciente, articulado ou mentalmente representativo, é algo que acontece no corpo, pensamos com e através de nossos corpos (CAROLAN, 2011).

O conhecimento que temos sobre os alimentos não é diferente, ele vem de um envolvimento ativo com os alimentos que acessamos, manipulamos e comemos. Para cozinhar algo seguindo estritamente os passos de uma receita, precisamos conhecer os ingredientes, as medidas, os instrumentos de cozinha e as formas de manipular o alimento. É necessário ter alguma familiaridade com os objetos que serão utilizados, sejam os talheres, o forno ou mesmo os vegetais e frutas. Por exemplo, muitas receitas trazem orientações como “corte em fatias”, “pré-aqueça o forno a 350 graus” ou “bata os ovos”. Tais orientações só serão efetivas se a pessoa souber manipular uma faca de cozinha, usar o forno, como bater os ovos (seja a mão ou com um aparelho eletrônico). A receita não ensina esses movimentos, os aprendemos fazendo, tendo uma experiência prática e pessoal.

Carolan (2011) chama a atenção que entre as mudanças sociais impulsionadas pelo desenvolvimento da indústria de alimentos, está também uma mudança na forma como as pessoas conhecem os mesmos. Os alimentos

industrializados em algum ponto entraram no mundo das pessoas, em suas casas e seus corpos. Ainda que muito pouco se fale sobre isso, o consumo e preparo da comida que é fornecida pela indústria alimentar envolveu um processo de aprendizagem social. Carolan (2011) chama isso de “processo de sintonização”¹, é equivalente ao que Merleau-Ponty chama de se tornar familiarizar.

A adaptação social para reconhecer os alimentos industrializados como comida e aprender a utilizá-los, não foi um processo rápido, fácil, tampouco orgânico e automático. Pelo contrário, envolveu um longo processo de experimentação, adaptação, desenvolvimento de diferentes estratégias, desde campanhas publicitárias a identificação de potenciais públicos consumidores em que se pudessem induzir as pessoas a mudarem seus hábitos alimentares. Carolan (2011) fornece uma boa revisão de estudos dedicados a abordar esse processo e seus diferentes passos: o desenvolvimento de formas de preservar a comida no século XIX; o desenvolvimento de campanhas publicitárias e de propaganda dedicadas a construir confiança nos consumidores; a influência de profissionais de saúde para atestar a segurança e saudabilidade da comida industrial; a inserção de alimentos em públicos “controlados”, como soldados envolvidos nas Grandes Guerras e crianças em idade escolar, entre outros processos.

Não se tratou apenas de oferecer algo novo para ser degustado, pois o que se apresentava era completamente distinto ao que as pessoas eram capazes de reconhecer como alimento em termos de sabor, textura, aparência, cheiro, consistência. Esses atributos são realmente muito relevantes, porque é pelo toque, o cheiro, a visualização de cores, a sensação de peso e textura que podemos saber se uma fruta está madura, se um pedaço de carne é fresco. O que nos faz saber se um alimento está bom ou não, é o corpo e seus sentidos. A forma, a textura, o peso de alimentos oferecidos em latas, caixas, sacos plásticos, é diferente em relação aos alimentos frescos. Aí está a relevância dos rótulos, é necessário de alguma forma informar às pessoas o que aquela “coisa” contém, visto que seu conteúdo não pode ser visto, sentido ou tocado. É outra materialidade, com uma forma, cheiro, consistência e estética própria. Ainda hoje, grandes corporações do campo alimentar possuem profissionais que tem como função serem “formadores de gosto”, ou seja,

¹ Do original *process of tuning*.

garantir que a comida industrializada tenha um sabor mais palatável ao público em geral (CAROLAN, 2014).

Conforme comentado no Capítulo 1, a comida industrializada acabou por ser algo tão novo, que levou o antropólogo Claude Fischler (1988) a propor o termo “objetos comestíveis não identificados” como uma forma de referenciá-la. Carolan (2011) vai usar o termo “Comida global” como uma maneira de se referir não apenas ao alimento em si, mas reconhecendo que é um alimento fornecido por um determinado sistema alimentar que atua em escala global, através de longas cadeias de abastecimento. Assim, tomamos estes referenciais como ponto de partida e inspiração para analisar o engajamento dos atores (produtores e consumidores) nos diferentes casos, buscando entender quais são os processos de aprendizagem desencadeados pela relação com novos alimentos e com a própria dinâmica de abastecimento.

6.2 ETAPAS DA DINÂMICA DE ABASTECIMENTO

Em Capítulos anteriores, argumentamos que estas dinâmicas de abastecimento não são concebidas como empreendimentos comerciais e que o seu funcionamento depende da dedicação voluntária de seus participantes, em especial dos consumidores. Após seu engajamento, os participantes se encontram com diferentes elementos: procedimentos, tarefas, alimentos distintos e pessoas a quem não estavam familiarizados. Em última análise, a maneira como cada caso funciona consiste em um conjunto de procedimentos acordados entre seus participantes. Tais procedimentos são geralmente estabelecidos como forma de resolver problemas específicos e práticos.

As soluções encontradas envolvem uma mistura das trajetórias pessoais dos participantes bem como do *modus operandi* dos distintos grupos e organizações que contribuíram para a formação de cada caso (movimentos sociais, práticas culturais, religiosas e políticas, etc.). Sofrem ainda influência de acordo com a quantidade e origem dos fornecedores, a quantidade de unidades familiares consumidoras, o tipo de entrega e o destino final (diferenças apresentadas e discutidas no Capítulo 3). O que nos parece relevante de salientar aqui é que do campo a mesa, para todos os casos, há uma sequência de etapas que em última análise envolvem diferentes espaços de interações entre os atores e procedimentos distintos. Categorizamos

esse processo em 11 etapas:

- a) Produzir: escolher o que cultivar, plantar, como manejar, colher. Em alguns casos também pode envolver algum tipo de processamento (queijo, geleias, iogurte, macarrão, etc.);
- b) Anunciar: informar aos consumidores sobre os produtos disponíveis;
- c) Encomendar: consumidores informarem os produtores quais produtos (pedido conforme unidade familiar) ou quantas cestas querem (cestas fechadas) para a semana;
- d) Transportar: fazer com que produtos se desloquem do local de produção para o espaço de entrega;
- e) Montar as cestas: preparar a cesta a ser entregue, pode envolver a contagem, separação, pesagem, corte e embalagem dos alimentos;
- f) Entregar: entregar as cestas, geralmente após a verificação com o consumidor final;
- g) Pagar: pode acontecer antes ou após a entrega, através de interações face a face, por depósito bancário ou transferência;
- h) Administrar: certificar-se de que todas as etapas do processo ocorram de forma adequada, incluindo a satisfação dos produtores e dos consumidores. Também geralmente inclui acolher novos produtores e consumidores. Esta responsabilidade pode ser realizada por uma pessoa, um pequeno grupo de pessoas ou pelo grupo como um todo conforme descrito no Capítulo 3, nas questões referentes à governança;
- i) Armazenar: a armazenagem dos alimentos pelo consumidor em sua residência;
- j) Preparar: a limpeza, manipulação e o cozimento dos alimentos;
- k) Degustar: o ato de comer em si.

As duas primeiras etapas (produzir e anunciar) são realizadas pelos produtores, mas devem estar em sincronia com o que os consumidores estão dispostos a comprar. As etapas de três a oito geralmente envolvem um esforço combinado entre produtores e consumidores. As últimas três etapas (armazenar, preparar e degustar) são basicamente feitas pelos consumidores, mas são

influenciadas pela forma como a produção é feita e como os produtos são entregues.

Se considerarmos o sistema alimentar dominante, a tendência é que a primeira etapa (produzir) seja feita por produtores e indústrias. As etapas dois (anunciar) e quatro (transportar) geralmente são feitas por empresas ou profissionais especializados. As etapas três (encomendar) e cinco (montar as cestas) não existem ou pelo menos não nesses termos. As etapas seis a oito acontecem, mas de maneiras muito diferentes, envolvendo normalmente pessoas diferentes. Se considerarmos uma rede de supermercados, o gerente não é a mesma pessoa que pesa ou embala os produtos. Assim, no sistema alimentar dominante há uma grande quantidade e variedade distinta de atores que cuidam das diferentes etapas que são necessárias para que o alimento vá da propriedade de produção ao consumo. Neste sistema, o produtor não precisa interagir com o consumidor e a maioria destes procedimentos acontece de forma velada.

Assim, ao estarem envolvidos em diferentes etapas da dinâmica de abastecimento, tanto produtores como consumidores são provocados a aprender a lidar com diferentes materialidades e processos, gerando assim novos conhecimentos. Em cada uma das etapas, um tipo diferente de conhecimento pode estar envolvido conforme vamos apresentar nas páginas a seguir.

6.2.1 Sintonizando como consumidor

Como mencionado na introdução, a inspiração para este capítulo começa com a autora entendendo que as pessoas usam diferentes estratégias para fazer o alimento ofertado pela *Canasta Comunitaria Utopía* durar ao longo de duas semanas. Apresentamos aqui algumas das respostas dos participantes sobre este processo.

Sim, dura! Mas você precisa limpar tudo. Eu coloco em sacos e armazeno na geladeira para que as coisas durem até a próxima compra. *El verde*² você tem que usar rápido, eu costumo fazer uma sopa! Você também pode fazer *bolon*³ se você gosta! Posso te ensinar se quiser (Clara, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador).

² Bananas verdes, um item muito comum na dieta local.

³ Um prato equatoriano tradicional feito de purê de banana verde e recheado com queijo ou carne de porco, moldado em bolas redondas que são fritas.

Sim, a comida dura duas semanas, mas há coisas que têm de ser utilizadas mais rápido como o *zapallo*⁴, espinafre, acelga, porque eles estragam rápido. O resto, se você mantiver limpo na geladeira, também dura! (Luna, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador)

A pessoa precisa se organizar para usar os produtos. Por exemplo, grãos como ervilhas, feijões, fava, você tem que desgranar no dia em que pega a cesta. Se você deixar na vagem, apodrece logo. O melhor é cozinhar e deixar na geladeira em sacos, é mais prático e dura às duas semanas. Às vezes dura até mais tempo! (Merci, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador)

Basicamente, o que estas consumidoras estão explicando é que você precisa saber como lidar com os alimentos para que eles durem, dando a eles diferentes tratamentos. Os testemunhos mencionam distintas estratégias para se lidar com a comida: limpar, ensacar, congelar, cozinhar, desgranar. Além disso, as habilidades culinárias necessárias para preparar uma sopa de *verde*, em que basicamente a fruta deve ser fervida em água, são bastante diferentes das habilidades necessárias para fazer um *bolon* que envolve a produção de um purê com outros itens (leite, ovos, sal,), a moldagem, recheio e fritura. Elas também mencionam a necessidade de saber o tempo que duram diferentes alimentos, então alguns devem ser usados com mais agilidade do que outros. Entre as participantes do MICC (São Paulo), que também têm entregas quinzenais, dados muito semelhantes surgiram.

A comida dura quinze dias sim, mas quando você pega, você tem que cuidar das verduras no mesmo dia! O que dá mais trabalho são as folhas, porque você tem que cuidar delas no dia, então se vem almeirão, se vem catalonia, você tem que refogar! Mas não tem problema, às vezes é 6h -7h da noite e a gente está terminando, se vem muito. Se tem mandioca tem que descascar, colocar na água, cozinhar, congelar se não for comer na hora. Então a gente cuida no dia da entrega mesmo (Carmo, MICC, Brasil)

Carmo acrescenta duas maneiras diferentes de manipulação de alimentos: refogar e descascar mandioca. Todas essas estratégias, de certa forma, estão relacionadas a fazer o alimento durar mais tempo. Há também a questão do tempo que é dedicado para esta manipulação e preparo. Diferentemente de Luna e Clara que são respectivamente aposentadas e donas de casa, Carmo e Merci trabalham fora de casa e supõem-se tem maior dificuldade de se dedicar a estas tarefas. No entanto, ambas procuram estratégias para preparar os alimentos como pré-cozimento e congelamento. Merci é professora nas áreas rurais de Riobamba e

⁴ É um tipo de abóbora frequentemente entregue, é um vegetal muito grande, então eles costumam cortá-lo e colocar as fatias nas cestas.

partilhou que desenvolveu doenças de estômago por comer muito fora de casa. Após ingressar na *Canasta Comunitaria Utopía* ela passou a preparar a comida nos fins de semana e à noite, de forma a poder levar sua própria comida para o almoço. De acordo com ela, isso lhe dá uma melhor dieta e conseqüentemente melhores condições de saúde.

Outro elemento comum entre os consumidores da *Canasta Comunitaria Utopía* e do MICC é que, como ambos os casos têm uma dinâmica de fornecimento com cestas fechadas, os consumidores não escolhem os alimentos que vão receber. O resultado é que há um risco de receber alimentos que eles não conhecem, não gostam ou não sabem como preparar.

Coisas que eu nunca comia antes, agora eu como porque as verduras vêm! Se você vai ao supermercado, olha algumas coisas e pensa: “Eu não gosto disso, então não vou comprar!” Mas, com o MICC, se vem na cesta e você não quer que ele estrague, então você come! Eu não gosto de muitas coisas, então eu costumo misturar com outras coisas para poder comer. Por exemplo, nesta semana teve chicória e não gosto, então eu cortei bem miudinho e misturei com a alface na salada! Até os meninos comeram, nem viram o que era. Sei que no fim é bom para a nossa saúde! (Mariana, MICC, São Paulo, Brasil).

O MICC nos força a aprender coisas, por exemplo, jiló, você prepara da maneira que sua mãe te ensinou. Então você começa a ter jiló o tempo todo e não sabe o que fazer. Daí você sai e pergunta para os amigos, colegas, sua família, todo mundo “como você cozinha jiló?” E aí você aprende novas maneiras de fazer. Mesmo o repolho que é uma coisa mais comum! Um dia eu olhei para minha geladeira e tinha seis repolhos lá, eu pensei “Jesus, o que eu vou fazer com tanto repolho?” Eles eram enormes e eu só conhecia uma maneira de preparar. Então eu comecei a perguntar para as pessoas que vinham pegar suas cestas e elas me ensinaram novas receitas. Tem uma salada que você usa açúcar e vinagre e faz o repolho ganhar vida! Meus filhos adoram e eles não comiam repolho antes, porque eu simplesmente fazia da mesma forma que eu aprendi com minha mãe. Então o MICC obriga as pessoas a conversar! É muito bom nesse sentido. E eu recebo muitas coisas que eu nunca compraria, eu costumo comprar o que está no meu hábito, o que é mais fácil. Mas quando esta comida diferente vem, eu tenho o novo na minha frente! (Carmo, MICC, São Paulo, Brasil).

Uma coisa boa é que tinham produtos que não comíamos e agora comemos. Por exemplo, *zapallo*, abobrinha... Eu não estava acostumada a comprar isso e também não sabia como fazer. O alho poro eu não conhecia e aprendi a gostar! (Merci, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador)

Mariana, Carmo e Merci demonstram como não poder escolher os produtos que receberam as “força” a lidar com os alimentos que normalmente não comprariam ou comeriam. Este processo envolve não apenas conhecer novos alimentos e aprender novas receitas culinárias, mas também sobre o

desenvolvimento de gosto (paladar) por diferentes comidas. Neste sentido, a fala de Mariana indica que ainda que ela se disponha a receber alimentos diferentes, nem sempre ela consegue apreciá-los. Isto a leva a criar uma estratégia (cortar miudinho e misturar com outros vegetais) para superar o sabor da chicória que lhe desagradava. Carmo e Merci por sua vez indicam uma experiência diferente, elas parecem mais satisfeitas com novos alimentos que receberam, alegando que aprenderam a gostar dos novos sabores.

Esta possibilidade de aprender sobre novos alimentos não se restringe aos grupos latino-americanos, mas é uma menção comum para todos os casos. Neste sentido, há pelo menos duas categorias de “novos alimentos” que são mencionados pelos participantes: alimentos pouco comerciais e alimentos incomuns. Os alimentos pouco comerciais são aqueles que as pessoas já reconhecem como alimento, mas não têm o hábito de adquirir ou consumir. Este é o caso do almeirão, da catalonia e do jiló já mencionados pelos consumidores brasileiras. Embora não são tão comuns em estabelecimentos comerciais convencionais, esses itens podem ser encontrados em feiras e lojas especializadas, dependendo da região do país podem até mesmo ser encontrados em supermercados em determinadas épocas do ano. O mesmo se aplica aos consumidores equatorianos em relação ao *zapallo*, a abobrinha e o alho-poró. No caso do *De Groene Schuur* alguns dos alimentos mencionados são a chirívia, o aipo, e o *Schorseneren*⁵. Para os casos espanhóis, foram mencionados alimentos que fazem parte dos pratos tradicionais de Valência, mas que já não são fáceis de encontrar no comércio como *penca*⁶.

Uma coisa muito legal que aconteceu logo que eu entrei no *Grupo* foi que eu comprei *penca*, é uma comida tradicionalmente usada no *puchero Valenciano*⁷. Eu saí do *Grupo* e fui à casa da minha mãe, levando as compras junto. A minha mãe viu a *penca* e começou a cozinhar um arroz que ela nunca tinha feito antes. Um arroz com *penca* e feijão branco. Era um arroz muito simples na verdade, mas eu nunca tinha comido. Só que a minha mãe o preparou com tanta emoção, dizendo que era um prato típico de quando ela era pequena, que minha avó sempre fazia. E quando começamos a comer minha mãe começou a contar as histórias do que aquele sabor lembrava ela, coisas da família e de infância. E para mim foi muito interessante estar com minha mãe e minha irmã vivendo esse momento. Por causa disso, minha mãe acabou se envolvendo no *Grupo* também (Lorena, *Grupo de Consumo Vera*, Espanha).

⁵ *Scorzonera hispanica* L, é uma planta da família de girassóis nativa do centro e sul da Europa. A parte comestível é a raiz. É popularmente referido na Holanda como “aspargo de pobre”.

⁶ É um tipo de alcachofra, *Cynara cardunculus*.

⁷ Um tipo de ensopado tradicionalmente feito na região de Valência.

A história compartilhada por Lorena fala não só como estar no *Grupo de Consumo Vera* lhe permite acessar alimentos aos quais ela não estava acostumada a comprar, mas como também o encontro com um novo alimento a levou a conhecer também um prato e histórias de família que ela nunca tinha conhecido. Na *Canasta Comunitária Utopía* e no *De Groene Schuur* alguns destes alimentos são chamados de variedades antigas⁸ porque como Lorena também sugere, são variedades que eram mais comuns no passado, mas hoje em dia há pouca produção tornando-as escassas ou de difícil acesso.

Os agricultores também gostam de reintroduzir legumes que são antigos, então eles produzem coisas que não podemos encontrar nos supermercados e isso é bom, porque nos ajuda a aprender e acessar variedades diferentes. Por exemplo, as cenouras, as beterrabas e as batatas arco-íris (figura 37)! Eu acabei aprendendo que a cor diferente também significa nutrientes diferentes. (Gabrielle, *De Groene Schuur*, Holanda).

Figura 37 – As variedades “arco-íris” oferecidas no *De Groene Schuur*: (a) cenouras; (b) beterrabas; (c) batatas



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Eu gosto em especial das variedades antigas! As beterrabas coloridas eu até encontro em algumas lojas, mas em sacos de plástico, aqui elas são mais frescas. O *schorseneren* também é tão bom, tem um sabor tão suave! (Jessica, *De Groene Schuur*, Holanda).

As batatas são tão diferentes, pela cor eu posso ver que elas são diferentes das do mercado e eu adoro elas! (Merci, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador)

Adoro as batatas que os agricultores trazem, tantas cores e sabores diferentes! No mercado, nunca vi essa variedade. Há também el *mijoco mashua*⁹ e a *papa cacho*¹⁰ (Figura 38) (Fernando, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador).

⁸ Do original “*old fashion varieties*”.

⁹ *Tropaeolum tuberosum* é um tubérculo nativo dos Andes.

¹⁰ *Solanum tuberosum* é uma variedade de batata também nativas dos Andes.

Figura 38 – Diferentes tipos de batatas e mashua disponíveis na *Canasta Comunitaria Utopía*: (a) *papa mami*; (B) *papa cacho*; (c) *mijoco mashua*



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

O segundo tipo - alimentos incomuns referem-se a “coisas” que não eram percebidas como comida antes das pessoas se envolverem nestas dinâmicas de abastecimento. Um exemplo interessante é o nabo redondo que pode ser um vegetal comum e apreciado em muitos lugares, mas de acordo com as entrevistas realizadas com os consumidores da *Canasta Comunitaria Utopía*, ele não era considerado um alimento humano, mas sim para galinhas e porcos.

O nabo também é muito bom! Eu não sabia que as pessoas podiam comer! Agora eu uso para salada (Merci, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador).

No *Canasta*, encontrei o alho-poró que nunca tinha comido antes, também o nabo. Agora eu amo eles! Eu coloco até na sopa! (Clara, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador)

O nabo foi introduzido na *Canasta Comunitaria Utopía* por Cesar, um dos agricultores. Hoje é apreciado pelas pessoas, sendo um dos alimentos preferidos e mais citados entre os consumidores entrevistados. Em outros casos, o alimento incomum pode estar relacionado a utilizar uma parte diferente da planta que antes não era considerada comestível.

Tem coisas que eu não sabia que eu podia comer, agora eu como e acho saboroso! De verdade! Se não vier na cesta do MICC, eu mesma vou procurar na feira para comprar, tipo: folha de beterraba, caule e folha da couve-flor. Essas coisas as pessoas jogam fora porque não sabem que é comida! Na feira eles colocam tudo numa caixa e eu vou lá e digo “Moço, posso pegar? Eles pensam que eu sou louca, mas geralmente deixam. Eu faço muito isso! Meu marido morre de vergonha (risos) (Carmo, MICC, São Paulo, Brasil).

Nós usamos quase tudo! Por exemplo, a couve-flor, além da flor, usamos as folhas se a aparência for boa! O mesmo acontece com a beterraba e as cenouras. Minha esposa cozinha tudo, faz refogado, salada, é muito bom! (Toninho, MICC, São Paulo, Brasil).

No caso específico do MICC, conforme mencionamos brevemente no Capítulo 3, há um Curso de Alimentação Natural e Pães (Figura 38), que é oferecido a instituições ou grupos interessados, necessitando apenas de um espaço para as práticas de cozinha. O curso envolve aulas semanais durante quatro meses e custa R\$ 25,00 por mês. O currículo combina atividades teóricas e práticas sobre como comer de forma saudável e economicamente, receitas para o uso integral de alimentos como folhas e caules e diferentes técnicas de cocção de legumes. O curso é ministrado por Dona Elza, uma das fundadoras do MICC, que afirma que o público principal é geralmente formado por mulheres. Um manual foi desenvolvido e impresso com o apoio da Caritas, da Campanha da Fraternidade, da Conferência Episcopal Nacional do Brasil (CNBB), do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC) e da Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

Importante mencionar que a prática de compartilhar e trocar receitas não se restringe ao MICC, mas é comum para todos os casos. Na *Canasta Comunitaria Utopía* uma apostila com receitas foi dada a todos os participantes. Mais recentemente, eles estão distribuindo um livreto chamado “*Recetas por la Soberanía Alimentaria*” (Receitas para a Soberania Alimentar) produzido pelo *Movimiento de Economía Social y Solidaria del Ecuador* - MESSE com o apoio da *Fundación Utopía* e outras organizações. O livro faz parte da Campanha Nacional “Comer rico, saudável e de nossa terra” do *Colectivo Agroecológico* e traz como subtítulo a frase “Recuperemos nossos alimentos e celebremos a vida”.

Figura 39 – Cartaz de divulgação do curso de Alimentação Natural oferecido pelo MICC (esquerda) e o livreto de receitas distribuído pela Canasta Comunitaria Utopía (direita)



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Além disso, as trocas de receitas também acontecem de forma informal, através da interação entre os próprios participantes.

Aprendo muito sobre vegetais novos! E antes de fazer isso, eu também costumava comprar, sei lá ervilhas importadas do Quênia ou algum outro lugar distante. Agora eu realmente mudei meus hábitos, quase nunca compro vegetais no supermercado! Eu só uso os produtos que recebemos aqui. Eu realmente aprendo muito sobre coisas novas. Nós temos uma pessoa no grupo que é uma cozinheira muito boa, ela escreve as receitas e disponibiliza para os participantes no nosso site com uma foto do prato. Então, quando as pessoas não sabem o que fazer com um produto porque não é muito comum, sempre há uma receita para ajudar! (Gabrielle, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

Trocamos muito! Houve uma situação de uma senhora que sua mãe faleceu e ela não sabia nem o nome das coisas! Não sabia como preparar nada! Quem buscava a cesta era a mãe, mas acho que ela era muito austera e nunca deixava a filha se envolver com nada. Então com a morte da mãe ela estava perdida! Então eu peguei ela e a irmã, levei para a minha cozinha e dei uma aula: isso é couve, isso é alface, isso come cru, isso refoga, fiz uma vez, fiz duas. São professoras aposentadas, então não eram novas. E hoje elas já pegam 4 cestas, porque também levam para o irmão e a vizinha. Então é assim, você faz o convite e se a pessoa está aberta ela entra e ela aprende! Eu acho muito gostoso (Carmo, MICC, São Paulo, Brasil).

No dia da entrega a gente sempre aprende muito. Enquanto estamos ali pesando e organizando as cestas, conversamos com as companheiras e trocamos receitas. Também se aprende com os lanches. Eu também adoro a *machica*¹¹ para fazer *coladas*¹² e eu aprendi isso com a Morita! O arroz

¹¹ É farinha de cevada tostada, um alimento tradicionalmente consumido nas comunidades indígenas no Equador.

também foi ela que me ensinou a fazer (Merci, *Canasta Comunitaria Utopía*, Equador).

Os lanches que Merci menciona são refeições que são oferecidas ao longo do dia da entrega das cestas na *Canasta Comunitaria Utopía*. O processo todo é um tanto quanto longo, começa às 5h da manhã e vai até às 12h. Então, geralmente um primeiro lanche é oferecido no início da manhã, como uma espécie de desjejum, algo como uma bebida quente e um pão. Outra refeição mais substancial é oferecida às 10h30, como arroz com legumes ou batatas ensopadas com carne. Os momentos também são usados para dar informações ou fazer acordos necessários para o dia de trabalho. Morita, a senhora que Merci menciona, é geralmente a cozinheira (Figura 40).

Figura 40 – (a) Merci no desjejum na Canasta Comunitaria Utopía, Morita ao fundo da imagem serve os pratos; (b) Merci e outras senhoras fazendo a separação e organização dos alimentos (c) Merci levando suas compras para casa



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

Os participantes de todos os casos concordam que partilhar conhecimentos sobre os alimentos é uma prática comum nestas dinâmicas de abastecimento.

Saber cozinhar é também uma parte importante do processo, então estamos sempre trocando coisas. Outro dia, Vicente fez uma oficina de pão, nos ensinou a fazer até o fermento. Eu aprendi e agora faço meu próprio pão sempre que posso, estou também cultivando o meu fermento! Eu acho que no sistema convencional isso não acontece. O Vicente que nos fornece pão é também consumidor no *Grupo*, então ele podia ter tido uma atitude de não nos ensinar com medo de baixar as encomendas de pão no *Grupo*. Mas esta mentalidade competitiva não está em sintonia com a nossa proposta, as pessoas que estão nesse tipo de *Grupo* é porque gostam de compartilhar (Nello, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha).

Algumas pessoas só querem comprar coisas boas por um preço acessível, então as pessoas apenas se preocupam com a parte saudável da comida.

¹² É uma bebida típica equatoriana preparada com algum tipo de farinha que pode ser cevada, milho ou arroz, misturada com leite, água e frutas.

Isso até pode acontecer no começo, mas depois se você faz parte de um GAS, você aprende com outras pessoas também, então há muita contaminação entre nós. É por isso que é importante conhecer um ao outro. Não é bem visto alguém vir aqui, simplesmente pegar suas encomendas e ir embora sem trocar nada com outras pessoas. A pessoa tem que entender que parte do processo é conhecer outras pessoas e permitir que contribuam para sua vida de uma forma diferente. (Alfredo, *GAS Testaccio Meticcio*, Itália).

Ambos os testemunhos reforçam algo mencionado por Carmo anteriormente, que, de certa forma para participar destas dinâmicas de abastecimento é necessário ter um determinado perfil, ter disponibilidade para trocar informações, aprender e se permitir mudar. Esta disposição para aprendizagem não é apenas em relação a cozinhar ou manipular a comida. Como Alfredo explica, pode se referir a desenvolver um conhecimento mais profundo sobre a sazonalidade dos alimentos ou sobre a quantidade de comida que se precisa para o consumo pessoal por um determinado período.

Estar no GAS não só mudou a minha maneira de comer, mas também a forma de eu me organizar. Se você pertence a um GAS você tem que mudar a sua vida em alguns aspectos. Não é como os supermercados, onde você pode ir e comprar apenas uma pequena quantidade de coisas. Isso pode acontecer com as coisas frescas. Mas, para o restante das coisas, você precisa pensar em períodos de meses para organizar suas compras. Você tem que mudar sua vida se você quer estar em um GAS, caso contrário, será muito difícil permanecer. (Alfredo, *GAS Testaccio Meticcio*, Itália).

Ainda que cada dinâmica tenha sua própria especificidade em relação à frequência de determinados produtos, em todos os casos os consumidores precisam se organizar para receber alimentos, seja uma vez por semana ou períodos maiores de tempo.

Eu percebi que não tenho ideia de quais são os ciclos de produção no nível local, eu sou muito ignorante! Eu não sei nada sobre os ciclos autóctones, qual é a época de cada vegetal. Estou habituada a ir ao supermercado e comprar o que eu gosto a qualquer momento do ano, e agora estou um pouco perdida! Eu estou começando a aprender quais produtos estão disponíveis em cada estação. Há coisas que vêm em momentos específicos para comprar, então você tem que saber muito bem o que e quanto você precisa (Pepa, *Grupo de Consumo Vera*, Valência, Espanha).

No momento da entrevista, Pepa estava no *Grupo de Consumo Vera* há apenas oito meses, por isso podemos dizer que ela ainda estava em um período de adaptação. Uma situação bastante diferente de Alfredo, que tem uma boa vantagem

em termos de tempo e experiência vivida com o GAS. Mesmo que consideremos que as pessoas ainda têm a possibilidade de fazerem suas compras em outro local para qualquer produto alimentar que desejem, os dados revelam que há uma forte tendência de que estas dinâmicas de abastecimento se tornem o principal fornecedor principal, pelo menos para os produtos disponíveis.

A questão da independência de outros canais de marketing é especialmente forte nos GAS em que há uma grande variedade de produtores, tornando o fornecimento bastante complicado. Por exemplo, ambos GAS têm um principal fornecedor de verduras e um par de outros complementares que fazem entregas semanais. Outros produtos como iogurtes, grãos, massas, suco, vinho, farinhas, queijo, ovos, carne, podem vir com frequência quinzenal, mensal ou ainda eventualmente. Podem chegar a mais de vinte fornecedores ao longo do ano, como explicam Giacomo e Ermanno.

Por exemplo, temos um produtor para as nozes e fazemos esta encomenda uma vez por ano. A produtora nos liga e diz: “Eu estou indo para colher nozes, vocês querem? Então nós recolhemos os pedidos de quem tem interesse, encomendamos e recebemos as nozes. Temos vários produtores que funcionam desta forma (Giacomo, GAS *Testaccio Meticcio*, Itália).

Por exemplo, nós compramos queijo parmesão quando temos vontade! Não é uma coisa que precisa acontecer a cada mês, dois meses, não. Pode ser que alguém diz “Porque não compramos queijo parmesão?” Então outro responde “yeah”, outros também se manifestam e nós compramos! O mel tem que ser comprado uma vez por mês, mas só em Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro. Depois desta época, não temos mais nada porque não há mais produção depois desse período. Laranjas vão ficar disponíveis no próximo mês. É mais ou menos assim que funciona (Ermanno, GASPER, Roma, Itália).

Esses depoimentos demonstram também que embora envolvam uma organização pessoal e coletiva, há também certa contingência e espontaneidade na forma em que as encomendas são realizadas. Porém, para manter a relação com todos os produtores e estar ciente do momento certo para comprar cada produto, requer um conhecimento que se assemelha a administração de um negócio no sentido de que envolve: relacionamento com fornecedores, gestão dos pedidos dos consumidores, coleta de dinheiro de pessoas diferentes para pagar outros. Trata-se de um pensamento estratégico e logístico, que também envolve prestação de contas e habilidades de comunicação. Requer ainda conhecimentos de informática, em

especial nos casos em que as encomendas são feitas através de um software específico.

Ter um número menor de fornecedores pode tornar a logística da dinâmica mais simples, mas todos estes conhecimentos ainda são necessários. Por exemplo, o *De Groene Schuur* é abastecido pelo coletivo de produtores BioRomeo, a articulação e as encomendas são feitas com apenas um responsável pelos produtores, evitando a necessidade de falar com cada um dos agricultores como é o caso dos GAS. Porém, os consumidores ainda têm que participar da montagem das cestas e entregá-las. A gestão do pagamento é centralizada em um pequeno grupo de consumidores, duas pessoas para cada um dos pontos de entrega. No entanto, a forma como esta “administração” acontece é através da experiência vivida.

É aprender fazendo e isso é o que eu gosto. Começamos e houve coisas que mudaram porque descobrimos que era mais fácil de fazer de uma maneira diferente. Algumas coisas são apenas senso comum, como você colocar as batatas e depois as saladas no saco porque do contrário a salada vai se despedaçar. Mas nós aprendemos a cada semana! Até pouco tempo tínhamos uma lista muito longa com os preços e só na semana passada mudamos para uma nova forma. É bobagem de certa forma, mas nós estávamos trabalhando com uma lista muito longa com todos os produtos e muitos deles não estavam disponíveis neste momento. Agora percebemos que poderíamos fazer diferente, de uma forma muito mais prática. Você aprende fazendo e é divertido! (Gabrielle, *De Groene Schuur*, Zeist, Holanda).

O testemunho de Gabrielle exemplifica como os “procedimentos” são criados em uma atmosfera de “resolução de problemas”, mudando com o tempo e necessidade. A colocação de Gabrielle de que é “divertido” se conecta a falas de outros participantes, sugerindo que a necessidade de aprender não é percebida como um problema. Pelo contrário, os aprendizados são vistos como uma experiência agradável.

Uma organização tão auto-gerida não é muito fácil de encontrar, lidar com o grupo, a dinâmica de interação que temos, os conflitos que surgem... É um ambiente que me agrada e enriquece muito em um nível pessoal. E é uma experiência que eu não tinha tido em qualquer outro lugar na minha vida. É por isso que eu estou muito feliz! (Irene, *Grupo de Consumo Vera*, Valência, Espanha).

Eu aprendi muito sobre como agir em assembleias de forma horizontal, respeitando a outra pessoa, tendo empatia com o outro. Quer dizer, se eu não estivesse envolvida no *Grupo*, eu não teria aprendido a me relacionar com tantas pessoas. Além disso, estar no *Grupo* mudou a forma como eu percebo coisas. Antes eu ia ao mercado e eu não sabia o quanto um quilo

de tomates pesava. Agora eu sei o que um quilo de tomates pesa (segura a mão no ar mexendo de baixo para cima, como se estivesse realmente segurando os tomates em sua mão). Eu também sei identificar agora quando os tomates têm uma doença chamada *tuta*¹³, porque o produtor me ensinou. Eu sei que quando as folhas veem danificadas é por causa dos caracóis na estação chuvosa. Se eu for ao supermercado a senhora que está vendendo a fruta dificilmente vai explicar essas coisas para mim. (Saraí, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valência, Espanha)

Ambos os testemunhos de Irene e Saraí que participam nos casos espanhóis mostram que a governança participativa propostas pelos grupos também levam a novos conhecimentos. Para o *Grupo de Consumo de Russafa* especificamente, no momento da entrevista, um dos participantes do grupo que trabalha com gestão social estava compartilhando seu conhecimento através de oficinas sobre temas como resolução de conflitos, comunicação não violenta, como fazer reuniões mais curtas e eficientes. Importante destacar que Saraí não só respondeu com palavras à pergunta sobre o que tinha aprendido com o *Grupo*, mas também movendo seu corpo. Lorena também traz uma comparação interessante entre o conhecimento reflexivo que usa em seu trabalho acadêmico e o conhecimento corporal que exercita no *Grupo de Consumo Vera*.

O *Grupo* também é vital para mim, porque faz parte do meu lazer. Eu passo o dia trabalhando aqui na universidade, então é o dia todo na frente do computador. E quando eu saio eu preciso falar com pessoas, conversar. Então eu saio com meus amigos para uma cerveja, eu vou ao cinema, ao teatro. Mas na quarta-feira, o dia da entrega do *Grupo*, quando eu vou para casa eu me sinto super feliz e eu não preciso falar com mais pessoas. Me sinto satisfeita porque eu já tive isso na entrega. Eu tenho uma relação que é pessoal com as pessoas que participam, aprendi a admirar. As entregas sempre têm um ambiente leve, bacana! As pessoas não vão apenas fazer as coisas correndo para voltar para casa como em um supermercado. Vão também para estar lá, experimentar novos produtos, para conversar, não há pressa! Ter que separar as compras também me supre uma necessidade de fazer alguma coisa física, manual, que me relaxa, porque me dá algo diferente do trabalho acadêmico. (Lorena, *Grupo de Consumo Vera*, Valência, Espanha).

Esse testemunho não só destaca como as dinâmicas são percebidas como importantes locais de socialização como já discutido no Capítulo 4, mas também reforça a ideia de que o engajamento requer um envolvimento corporal. A comparação com a academia também sugere como este envolvimento implica um tipo diferente de conhecimento, onde o engajamento é menos intelectual e mais

¹³ *Tuta absoluta* é uma espécie de traça conhecida como uma perigosa "praga" nas culturas de tomate na Europa e na América do Sul.

sensorial e fisicamente exigente. É esse processo de aprender-fazendo que leva os participantes a após algum tempo de engajamento aprender a conhecer e manipular diferentes alimentos, cozinhar, encomendar, preparar as cestas. De certa forma, o envolvimento é construído através do tempo e da experiência. Mas isso não é privilégio para os consumidores, os produtores também precisam aprender a se adaptar de muitas maneiras diferentes, é o que veremos na próxima seção.

6.2.1 Sintonizando como produtor

Como mencionamos anteriormente, os produtores que fornecem alimentos para estas dinâmicas de abastecimento tendem a estar envolvidos com um processo de produção de pequena escala, manejos ecológicos (orgânicos, agroecológicos, biodinâmicos) e formas de processamento mais artesanais. No entanto, as circunstâncias que envolvem a produção podem ser algo muito diferentes de um local para outro, de um produtor para outro. O funcionamento da dinâmica em si, também provoca os produtores a desenvolverem conhecimentos e habilidades específicas.

Por exemplo, entre os produtores da *Canasta Comunitaria Utopía* está a *Asociación Nueva Generación* da Comunidade Indígena Tzimbutu. Esta parceria se iniciou em 2010 e apesar de Tzimbutu ter cerca de 150 famílias, apenas 52 atuam na *Asociación Nueva Generación*. Além de razões individuais específicas que certamente existem, uma justificativa generalizada para o não envolvimento e fornecimento para a *Canasta Comunitaria Utopía* é a como estes compram os produtos.

Alguns elementos devem ser esclarecidos aqui. A agricultura é a principal fonte de renda econômica das famílias de Tzimbutu, mas 80% da sua produção é usada diretamente para o consumo da família. Antes do estabelecimento da parceria com a *Canasta Comunitaria Utopía*, os 20% da produção que é comercializada era vendida aos comerciantes no Mercado *Mayorista*. O procedimento normal é que quando determinado cultivo¹⁴ está pronto para venda, o produto é colhido pela família proprietária da área e levado em sacas para o Mercado *Mayorista*. Mas, a

¹⁴ As principais produções de Tzimbutu são batatas, milho, cebolas, cenouras, ervilhas, alface, couve-flor, brócoli, couves e outras folhosas. No que diz respeito à produção animal, para venda, é a criação de porquinhos-da-Índia.

venda para *Mercado Mayorista* envolve consequências econômicas e sociais intensas (já abordamos no capítulo 4) no que diz respeito ao tratamento dos agricultores e valores finais pagos.

No caso da *Canasta Comunitaria Utopía* há uma relação mais respeitosa e os preços são negociados considerando valores máximos e mínimos, de forma que mesmo quando há flutuações nos preços de mercado, o valor recebido pelos produtores permanece sendo justo e acessível para os consumidores. Uma pesquisa interna realizada pela Ekorural, ONG que intermedia a parceria, revelou que mesmo que ocasionalmente os valores pagos pelo *Mercado Mayorista* sejam mais altos, em médio e longo prazo, a venda para a *Canasta* gera um rendimento maior e mais estável aos produtores. No entanto, nem todas as famílias estão dispostas a vender para a *Canasta Comunitaria Utopía*. Em última análise, nos parece que isso está relacionado com o fato de que fornecer alimentos para a *Canasta Comunitaria Utopía* envolve um processo de aprendizagem para que a produção e a venda aconteçam de uma forma diferente da qual os agricultores estão acostumados.

As famílias envolvidas na *Asociación Nueva Generación* precisam coordenar as suas ações, desde a escolha do que cultivar para que seja garantida uma variedade de ofertas e também uma produção constante. Isso também significa que, em vez de colher todo o cultivo uma vez e vendê-lo imediatamente, os agricultores devem colher apenas a quantidade necessária para as entregas da semana e, conseqüentemente, receber apenas o dinheiro para este montante. Isto pode parecer de menor relevância para um estranho, mas envolve outra forma de organização pessoal e coletiva, tanto em termos de trabalho e manipulação do plantio, como de gestão de recursos. Em termos de conhecimento, envolve saber trabalhar em cooperação com outros e aprender a cultivar diferentes variedades. Isto é o que Elena, a presidente da *Asociación Nueva Generación* explica:

Em geral, as pessoas querem vender para a *Canasta*, mas nem todos estão dispostos a participar nos processos organizativos ou se comprometer com produções específicas. Querem sempre é poder acessar o mercado. Assim, como Associação, hoje em dia até preferimos que as pessoas não se integram todas juntas de uma única vez. Preferimos que isso aconteça gradualmente, de forma que eles se sintam capazes de se comprometer e colaborar de forma efetiva. (Elena, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador)

Essa é uma forma bastante generalizada de explicar a situação. Um trecho extraído do caderno de campo em Tizimbuto pode ajudar a esclarecer o quão sutil e complexo isso pode ser em termos de conhecimento.

Após o café, Elena diz que precisa verificar a qualidade de algumas alfaces e espinafres e pergunta se eu quero ir com ela. Eu digo que sim, pego minha câmera e saímos. Andamos um pouco e Elena explica que uma senhora lhe comentou que tinha alfaces para oferecer para a *Canasta*, mas que ela gostaria de confirmar se eram de qualidade antes de oferecer. Saímos da estrada principal, tomamos uma trilha e em seguida estamos caminhando pelas *chakras*¹⁵. Pergunto se ela sempre verifica a qualidade dos produtos antes de oferecer. Elena me diz que esta senhora não está na Associação e só às vezes ela tem algo para vender, então alguém da Associação precisa verificar a qualidade. Pergunto se ela é a única que sempre faz essa verificação e ela responde que normalmente sim, mas há outros poucos outros membros da Associação que podem fazê-lo. As *chakras* são muito pequenas e bastante irregulares em termos de formato, mas eu estimaria que de forma geral há pelo menos dois produtos em cada uma. Elena chama minha atenção para isso, mostrando como as culturas de produção são sempre associadas. Chegamos no campo de alfaces, é o tipo que chamamos de alface americana no Brasil. Elena se abaixa e começa a apertar a cabeça das alfaces, faz isso várias vezes. Pergunto por que ela está fazendo isso, ela explica que a cabeça da alface deve ser dura no interior para estar madura para colheita, caso contrário significa que a alface tem apenas algumas folhas e ainda não está pronta. Era exatamente o caso daquelas alfaces, elas eram pequenas e macias, Elena disse que era um sinal de falta de composto. Conta que a agricultora em questão é um pouco descuidada, não coloca adubo suficiente. Por isso Elena não tem confiança em seus produtos e sempre tem que verificar. Elena diz que eles não são bons para a *Canasta* e que irá recomendar que a senhora cuide melhor das alfaces, usando mais composto. Elena aponta para a *chakra* ao lado e mostra que ao lado há as mesmas plantas - espinafre e alface, mas são muito mais vistosas, maiores. Elena diz que esse é o efeito do adubo. A diferença era realmente visível, as plantas estavam bonitas e grandes. O espinafre é de um tipo de variedade que eu não conheço, é um pequeno arbusto com folhas grandes com cerca de 15 cm de altura e cerca de 10 cm de comprimento, triangulares. Elena rapidamente diz que estes sim ela poderia oferecer a *Canasta*. Explica que a senhora que possui esta segunda *chakra* é uma agricultora mais cuidadosa, mais meticulosa e que sabe usar adubo. Portanto seus produtos têm qualidade e ela (Elena) raramente os verifica antes de oferecer para a *Canasta* (22/01/2015; Caderno de campo – Equador).

Este episódio mostra alguns dos diferentes conhecimentos necessários para o fornecimento efetivo dos produtos para a *Canasta Comunitaria Utopía*. Envolve à forma como o alimento é produzido, mas também sobre certo tipo de gestão que só Elena e alguns outros podem fazer em termos de verificação da qualidade dos produtos. Esta gestão é realmente próxima a habilidades de administração, pois envolve conhecer a comunidade e não só as técnicas. Como a Figura 41 ilustra, as

¹⁵ As *chakras* são os pequenos lotes de terra em que as famílias cultivam seus produtos.

chakras são muito pequenas e próximas umas das outras, não há cercas, sinais ou mesmo caminhos estruturados. Assim, para ser acessá-las é preciso caminhar entre as próprias *chakras* e saber exatamente qual pertence a quem.

Figura 41 – Elena caminhando entre as *chackras*



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

A maneira como Elena verifica a qualidade das alfaces apertando as cabeças demonstra que ela sabia que a aparência da planta por si só não era suficiente para garantir a qualidade. É tocando, apalpando que ela consegue perceber pela consistência a real situação de maturidade da planta. Para ser capaz de indicar que a “baixa qualidade” da alface era devido a falta de compostagem, também demonstra que ela própria precisa saber usar o composto, o que a leva a conseguir identificar o efeito que ele tem nas plantas. Este conhecimento combinado de agricultura e gestão é certamente algo que ela adquiriu com sua experiência.

Importante esclarecer também que as variedades cultivadas tradicionalmente na comunidade eram cultural e ambientalmente relacionadas ao seu consumo, ou seja, diferentes tipos de batata, milho, trigo e cevada. O cultivo de hortaliças, como alface, couve-flor, brócolis e outros são muito recentes e só aconteceram após a chegada na comunidade de água canalizada para irrigação¹⁶. Quando Elena diz que

¹⁶ Isso aconteceu apenas em 2010, quando um projeto de irrigação na área foi conduzido pela Central de Serviços de Agricultura do Equador (CESA). A implementação do sistema levou quase dezessete anos para ser concluída, sendo um acontecimento transformador para a comunidade. No

irá recomendar que a senhora cuide melhor das alfaces e use mais composto ela não esta só negando os produtos, mas, de alguma forma dá uma orientação de como eles podem se tornar melhores e adequados para a venda. Isso reforça o seu comentário anterior, de que prefere que as pessoas se envolvam gradualmente na *Asociación*, indicando que há também um processo de sintonização para participar da organização coletiva.

Outro fornecedor, Cesar, vive e produz em circunstâncias bastante distintas das pessoas de Tzimbuto e tem desafios diferentes para fornecer para a *Canasta Comunitaria Utopía*. Cesar é o único agricultor em sua comunidade. Ele tem um pequeno lote de cerca de 100m de comprimento e 40m de largura, em que na parte da frente está à casa da família e o restante da terra é dedicada à produção de hortaliças e porquinhos-da-índia. Depois de anos de trabalho, ele já não vende seus produtos para o *Mayorista*, uma situação incomum para a realidade Equatoriana. Além de suprir a *Canasta Comunitaria Utopía*, ele também vende seus produtos semanalmente para uma loja especializada no centro de Riobamba e tem alguns compradores diretos. Está condição é algo que foi construído ao longo de sua trajetória.

Eu não me coloco em concorrência com o mercado. Muitos têm dificuldade em vender os seus produtos, especialmente se dependem do *Mayorista*. Mas as dificuldades no mercado são também porque as pessoas cultivam tudo junto ao mesmo tempo! Todos plantam batatas hoje, então todo mundo acaba colhendo batata amanhã. Quando vão para o mercado, pensam que não vale a pena viver da agricultura, mas não entendem que eles criam uma abundância de produtos que acaba baixando os preços. As pessoas precisam planejar melhor para evitar isso e não ficar sujeito a flutuações de preços. Então eu aprendi que é melhor ter sempre diferentes coisas para vender, a única maneira que eu posso fazer isso é plantando pouco e sempre. Assim, se o mercado tem preços bons, eu levo lá e vendo. Mas senão, a produção vira alimento para nós [família] ou para os animais. É por isso que é importante ter uma *chackra* integrada com animais. Por exemplo, agora o preço do brócolis não está ruim, mas se eu não pudesse vendê-lo, eu daria para os porquinhos-da-índia (Cesar, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador)

Como tem uma propriedade pequena, Cesar não consegue produzir grandes quantidades, então ele tenta compensar através do cultivo de variedades que não são tão comuns comercialmente. Desta forma, mesmo tendo pouca quantidade de produtos garante suas vendas, oferecendo qualidades raras de encontrar no

entanto, as estruturas de tubulação são ainda muito precárias e irrigação ainda é um problema para a produção de alimentos. Também não há encanamentos para as residências da comunidade.

mercado. Para fazer isso, ele busca conhecer diferentes variedades e aprender como cultivá-los

Eu não conhecia a couve roxa, o brócolis romanesco e a acelga. Agora eu produzo todos eles! É uma pesquisa para saber o que você está fazendo, não é algo textual. E eu acho que todos os agricultores fazem isso em seus campos, você apenas experimenta, experimenta, experimenta, experimenta, experimenta [...] Mesmo quando não sabe bem o que fazer! Você experimenta plantando, experimenta comendo e é isso que vai te permitindo expandir um pouco as coisas (Cesar, *Canasta Comunitaria Utopía*, Riobamba, Equador).

Cesar foi quem ensinou os consumidores da *Canasta Comunitaria Utopía* a comer nabo, algo que eles consideravam um alimento para animais como apresentado na seção anterior. Cesar também chama a atenção que o fazer da agricultura é um processo que envolve tentativa e erro, não só em termos de produção, mas também de degustação. Ele destaca ainda que não é um conhecimento textual, não é teórico, mas totalmente prático. Em sua propriedade ele tem mais de quarenta variedades de plantas. E por isso consegue ter coisas diferentes para a colheita em momentos diferentes.

Essa estratégia funciona muito bem para a venda na loja especializada e com os compradores diretos. Mas nem sempre é tão simples com a *Canasta Comunitaria Utopía*, porque as vezes ele não consegue fornecer a quantidade necessária de um mesmo produto, por exemplo, sessenta brócolis na mesma semana. Neste sentido, Tzimbuto leva vantagem porque através da *Asociación*, consegue somar as colheitas de famílias diferentes para suprir a demanda. Assim, o processo de sintonização para se tornar um fornecedor neste tipo de dinâmica de abastecimento varia não só conforme cada país e caso, mas também de acordo com as circunstâncias vividas pelos agricultores tanto em termos pessoais como coletivos.

Para Valeria, a principal fornecedora de hortaliças do GAS *Testaccio Meticcio*, foi necessário aprender inclusive a ser agricultora. Nós já contamos como ela e seu pai (Luigi) se tornaram agricultores depois dele ficar desempregado no Capítulo 4. Valeria destaca como eles precisaram aprender tudo do zero.

Nós não sabíamos como trabalhar na terra, nenhum de nós. Eu não tinha ideia de como fazer muitas coisas [...] Há momentos em que você olha para a planta e você diz: o que devo fazer com você agora? Então você tenta algo, experimenta! Começa a entrar em contato com os amigos que sabem um pouco mais. A terra que alugamos agora pertence a uma cooperativa de vinho orgânico e há um monte de trabalhadores que também sabem como

trabalhar com a terra, eles também ajudavam! Então é assim que aprendemos! Quero dizer, é algo natural, até eu penso. Se você pode ir estudar pode ser mais fácil, mas também dá para aprender sem uma escola ou algo assim, apenas fazendo. (Valeria, GAS *Testaccio Meticcio*, Roma, Itália)

A fala de Valéria reconhece que seu processo para se tornar agricultora foi uma dinâmica de aprender-fazendo e reforça o que Cesar disse sobre a necessidade de experimentação e interação com os elementos materiais (plantas, solo, sol, água).

No fim, você depende da natureza, então precisa conhecer a natureza! E a natureza é a natureza, você não pode controlá-la! Se não há sol, não há água, nada sai! Isso é básico, universal! Especialmente se você é um pequeno agricultor (Valeria, GAS *Testaccio Meticcio*, Roma, Itália).

Assim como Cesar, Valeria e Luigi não tem uma grande propriedade para trabalhar, então eles buscam compensar a falta de quantidade com uma maior variedade de produtos. Outro fornecedor do GAS que precisou aprender seu ofício foram os fundadores da cooperativa social *Barikamà*. Já mencionamos sua história no capítulo anterior, como de imigrantes subsaarianos se tornaram produtores de iogurte para muitos GAS em Roma. Suleiman, um dos fundadores, conta como o processo de produção de iogurte na Itália é bastante diferente do que eles estavam acostumados em Mali.

Tivemos que aprender a fazer o iogurte aqui (Itália). Na África, geralmente nós simplesmente colocamos o leite dentro de uma casca de abóbora e deixamos descansar. Depois de algumas horas o iogurte já está pronto. Mas aqui é diferente, nós tentamos fazer desta forma e não funcionou! Aqui é mais complicado, provavelmente porque o clima é diferente da África. É muito mais frio, então o leite não coalha por si só. Uma senhora que nos ajudou, disse que precisávamos adicionar alguma coisa, um fermento natural para fazer o leite se transformar em iogurte. Então nós fizemos isso e começamos a trabalhar! É assim que fazemos agora, também é fácil de fazer, mas é diferente. Hoje em dia produzimos cerca de 200 litros de iogurte por semana (Figura 42) (Suleiman, GAS *Testaccio Meticcio*, Roma, Itália).

Figura 42 – Suleiman e seus sócios produzindo yougurte



Fonte: Barikamà (2015).

A história compartilhada por Suleiman mostra como as diferentes circunstâncias podem requerer distintas técnicas para processar a comida. Neste caso, o clima parece ser uma questão-chave nas diferentes técnicas para a produção de iogurte. Também mostra como a experimentação nem sempre traz resultados positivos, sendo necessário também, tempo de experiência e ajuda de terceiros. Valéria antes mencionou que ir a uma escola para aprender a se tornar um agricultor pode ser mais fácil, mas não é necessário. Em alguns aspectos, a escola aqui poderia ser interpretada como ter apoio de outros na aprendizagem. Mas se levarmos em conta que, dependendo, as escolas podem ser mais teóricas do que práticas, trazendo um conhecimento que é mais representativo, o sucesso como agricultor em algum ponto também dependerá do desenvolvimento da experiência prática.

De certa forma, isso é o que podemos perceber com a história de Vicente, o agricultor do *Grupo de Consumo de Russafa*. Graduado como engenheiro agrônomo, ele trabalhou por anos com controle de qualidade, mas só se tornou agricultor efetivamente após ficar desempregado por algum tempo “Eu pensei que se eu não colocasse em prática o que eu queria naquela hora, depois de tudo, já com 40 anos, eu nunca faria!”. Certamente, o conhecimento que ele recebeu em sua graduação o colocou em uma situação mais vantajosa do que Valéria e Luigi, que precisavam aprender a partir do zero sobre a agricultura. No entanto, ele destaca a necessidade de colocar esse conhecimento em prática, em especial porque tem que administrar a produção em áreas dispersas.

Não é fácil! Minhas áreas de plantio estão em Foios, norte de Valência. São pequenos pedaços de terra, não é uma propriedade porque a área rural de Valência é totalmente parcelada, os agricultores têm de procurar 3-4 diferentes campos pequenos e gerenciar a produção. As áreas são alugadas, porque a terra em Valência é muito cara e, portanto, os proprietários dificilmente vendem, preferem alugar (Vicente, *Grupo de Consumo de Russafa*, Valencia, Espanha).

Respeitando as devidas proporções, de certa maneira, esta gestão da área envolve um conhecimento semelhante ao já relatado no caso de Tzimbutu, em que os agricultores da *Associación* precisam lidar com plantações em diferentes áreas, às vezes muito afastadas umas das outras.

Como mencionado no Capítulo 3, os agricultores do *De Groene Schuur* se encontram em uma situação muito diferente de todos os outros produtores com quem tivemos contato nos outros casos. A terra que Krispijn van den Dries tem é muito maior, 50 hectares. Ele utiliza maquinários como tratores e equipamentos de processamento, onde os vegetais são lavados e classificados por tamanho (Figura 43). Assim, ele certamente não é um produtor artesanal como os anteriormente apresentados.

Figura 43 – (a) Trator trabalhando a terra; (b e c) o equipamento de processamento para limpeza e classificados vegetais



Fonte: Registro realizado durante pesquisa de campo (2015).

O uso de trator e colheitadeira já havia sido introduzido na fazenda pelo seu pai, Digni. Mas Krispijn achou importante introduzir os maquinários de processamento para poder ampliar a produção que fornece. Eles também têm uma situação econômica muito mais confortável do que todos os outros produtores, o que lhes permite ter tais equipamentos. No entanto, ele também salienta que o trabalho com a terra é um processo experimental.

Eu não diria que há dificuldade, é um trabalho de pioneirismo e eu gosto de ser um pioneiro, de fazer coisas novas. E fazer coisas novas, em certa medida sempre envolve enfrentar desafios, porque é aprender fazendo, isso é ser pioneiro! Acho que estamos na “ponta da lança” das mudanças do sistema alimentar. Então, nós somos um desses pioneiros e outros agricultores daqui estão começando a nos seguir lentamente, lentamente... (Krispijn, *De Groene Schuur, Zeist*, Holanda).

Krispijn é conhecido por desenvolver e vender as variedades antigas que apresentamos no início da sessão anterior e que são altamente apreciadas pelos consumidores.

É uma forma de ter algo novo para o mercado e as pessoas gostam disso. Quero dizer, quando as pessoas vão nos supermercados, elas só encontram batatas normais, brócolis normais, beterrabas normais. Em 2011, eu introduzi as batatas selvagens, por exemplo, que são realmente muito gostosas. Eu também introduzi as cenouras arco-íris, a beterraba selvagem, também de diferentes cores. Então, nós sempre tentamos ser pioneiros em cultivos! Este ano plantamos batata doce que é algo que não é comum na Holanda, porque é muito difícil de produzir fora de uma área tropical. Mas fizemos isso e foi um sucesso. Então, primeiro nós plantamos em um pequeno lote e experimentamos, se temos sucesso, ampliamos a escala! É também uma boa estratégia para a diversidade, porque ajuda a cuidar bem do solo, o que é muito importante para nós (Krispijn, *De Groene Schuur, Zeist*, Holanda).

Embora em circunstâncias totalmente diferentes, as maneiras que Krispijn experimenta com variedades é bastante semelhante às utilizadas por Cesar, o agricultor da *Canasta Comunitaria Utopía* também conhecido por introduzir diferentes variedades.

6.3 APRENDER FAZENDO

Após se envolverem na dinâmica de abastecimento, as pessoas enfrentam diferentes oportunidades de aprendizagem que se dão pela interação entre atores, alimentos e outras materialidades. Este é um processo altamente sensorial e experimental que será analisado agora à luz da literatura.

Os participantes demonstram em diferentes situações que encontros com um alimento inusitado provocam novos conhecimentos sobre como limpar, ensacar, congelar, cozinhar, descascar, etc. Isso fica evidente nos casos latino-americanos, que tem entregas quinzenais de alimentos basicamente não só frescos, mas *in natura*. Por exemplo, as favas vêm em vagens, necessitando que as pessoas reconheçam as distintas vagens e saibam desgraná-las. Como diz Carmo, que é um

alimento que “precisa de cuidados”. Esse cuidado envolve engajamento sensorial e conhecimento altamente corporal.

É uma experiência muito diferente do que acontece com o a “comida global”, que apresenta uma materialidade diferente e para ser interpretada requer um conhecimento não só reflexivo e representacional, mas em alguns casos técnico. Interpretar o rótulo de um produto alimentar requer conhecimento de códigos químicos e nutricionais, que nem sempre são de saber popular. Barbosa (2009) argumenta que há um processo de “cientificação” do comer, em que a ciência passa a ter uma influência cotidiana nas sociedades contemporâneas como parâmetro de qualidade e legitimação de determinados produtos ou alimentos.

Então, ao oferecer alimentos em suas condições naturais, essas dinâmicas de abastecimento provocam as pessoas a interagir com a comida de uma forma mais sensorial e direta. Neste sentido, dois elementos podem ser aprofundados: o manuseio dos alimentos e o desenvolvimento do gosto. Para manipular a comida, as pessoas precisam tanto de conhecimento como de tempo. Este conhecimento como a maioria dos participantes ressalta vem através da sua interação cotidiana com os alimentos. Importante dizer que as pessoas não só interagem com os alimentos que compram, mas ao terem que montar as cestas dos outros consumidores também manuseiam a comida que é encomendada por outras pessoas. Isto é bastante claro no depoimento de Saraí que diz “agora eu sei o que é um quilo de tomates”. Então os dias de entrega são para os consumidores um primeiro encontro com a comida e também um lugar para troca de conhecimento, onde aprendem sobre os alimentos diferentes, sobre possíveis doenças que podem estar afetando a produção, mas também diferentes receitas e maneiras de preparar a comida.

Isso acontece de forma espontânea, como é mencionado na história sobre as irmãs que não conheciam os alimentos e receberam uma aula de Carmo ou por testemunharem o preparo dos lanches na *Canasta Comunitaria Utopía*, conforme menciona Merci. Porém, pode acontecer de forma mais estruturada através demomentos ou estratégias específicas para isso, como os cursos e livros de receitas. O desenvolvimento de habilidades culinárias é relevante não só para a realização pessoal dos participantes, mas tem sido considerado um elemento-chave na manutenção de dietas mais saudáveis.

Lang e Caraher (2001) argumentam que, como sociedade, estamos vivendo uma 'transição culinária', no qual as habilidades para preparar alimentos estão

mudando. Há para estes autores uma erosão destes conhecimentos que afeta de forma negativa a saúde e o bem-estar das pessoas. Isso está relacionado não só as “facilidades” que a industrialização de alimentos traz e a ampla oferta de *fast foods*, mas também porque há um fenômeno contemporâneo em que as pessoas tendem a comer mais fora de suas casas (SCHUBERT; SCHNEIDER; MÉNDEZ, 2017). Lyon et al. (2011) também chama a atenção para o fato de que há um declínio intergeracional na transmissão de habilidades básicas de cozinha. Isto é justamente exemplificado no caso das irmãs que perderam a mãe. Além dos contextos domésticos, a escola que em muitos países teve um papel importante no ensino de habilidades básicas de cozinha, tem de forma geral retirado este tipo de atividade de seus currículos (STITT, 1996).

James (2008) estabelece conexões diretas entre o declínio de habilidades culinárias e o desenvolvimento de dietas de baixa qualidade nutricional e doenças relacionadas a hábitos alimentares. Em termos gerais, as pessoas afirmam que após se engajarem nas dinâmicas de abastecimento, suas habilidades de cozinha tendem a melhorar e elas passam a comer mais em casa. Diferentes participantes comparam a comida recebida com a que eles compravam em outros espaços como supermercados, alegando que a comida nas dinâmicas é melhor e de maior qualidade. Essas alegações são associadas a processos sensoriais: “pela cor eu posso ver que elas são diferentes das do mercado” (Merci); “Eu aprendi que diferentes cores também significam diferentes nutrientes” (Gabrielle); “Eu amo as batatas que eles trazem, muitas cores e sabores diferentes! No mercado nunca vi tanta variedade” (Fernando).

Hartmann, Dohle e Siegrist (2013) afirmam que desenvolver habilidades culinárias não apenas ajudam as pessoas a encontrar orientações nutricionais, mas também permitem que as pessoas façam escolhas alimentares mais saudáveis. Em parte, acreditamos que para cozinhar as pessoas precisam conhecer os alimentos de uma forma mais íntima e isso os leva a se tornarem mais exigentes e críticos. O mesmo processo de conhecimento corporal faz parte da rotina dos produtores, como podemos ver pela forma como Elena confere a qualidade das alfaces apalpando o vegetal.

Mas, no caso dos produtores, há outras materialidades que devem ser “administradas”. Valeria menciona o sol, a água e os solos e Elena fala sobre os efeitos do uso do composto. No caso do *Barikamà* foi uma combinação entre o leite,

o clima e a técnica que por fim impossibilitaram que forma de fazer iogurte em Mali não funcionassem em Roma. Em última análise, a elaboração de um bom produto envolve aprender a lidar com os alimentos e os elementos de que este necessita, um processo que ocorre por experimentação e prática. Cesar vai destacar que não é “algo textual” e Valeria vai dizer “se você pode ir estudar pode ser mais fácil, mas também dá para aprender sem uma escola ou algo assim, apenas fazendo”. É por isso que Carolan (2011) afirma que este é um processo de sintonização, em que a prática recorrente faz com que o corpo entre em sintonia com certas materialidades, consistências, cheiros, cores e formas.

Isso nos leva a outro elemento-chave: o tempo. As pessoas precisam aprender a reorganizar suas rotinas para se manter nas dinâmicas de abastecimento, seja para fazer as encomendas, ajudar nas entregas, organizar os alimentos e cozinhar. A necessidade de organizar seu tempo e readaptar rotinas é mencionada pelos participantes de diferentes casos. Por exemplo, Pepa que ainda não está se acostumando com a nova dinâmica de abastecimento diz que “está um pouco perdida” e percebe sua “ignorância” em relação à sazonalidade dos alimentos. O mesmo tema é trazido por Giacomo e Ermano que descrevem a sequência das suas encomendas, conforme a disponibilidade das distintas colheitas. Carmo menciona que mesmo que ela receba a comida de manhã, às vezes fica envolvida até a noite para organizar os alimentos de forma que durem as duas semanas. Às vezes, a questão surge de uma forma mais indireta, como é o caso de Merci que diz que se organiza para cozinhar mais nos finais de semana e deixar potes de alimento pronto separados para levar para o trabalho durante a semana.

Tempo é também um elemento importante para os produtores, pois eles precisam saber o momento certo para cultivar, manejar e colher cada planta. Isto é mencionado nos testemunhos dos produtores da *Canasta Comunitaria Utopía*, Elena e Cesar, mas com significados diferentes. Elena vai sugerir que a participação dos agricultores na *Asociación* exige tempo para que aprendam determinadas práticas como coordenar o seu trabalho com o de outras famílias. Cesar por outro lado chama a atenção de como a maioria dos agricultores cria uma “competição” por plantar as mesmas variedades ao mesmo tempo, levando a baixa dos preços no mercado.

Por isso, aprender a lidar com o tempo em suas rotinas é determinante para os produtores desenvolverem seu trabalho. É quase como se o tempo se tornasse

uma materialidade, pois influencia e afeta as práticas mas também a própria comida. Para os consumidores, se manter envolvido na dinâmica de abastecimento também requer tempo. Mas neste caso poderíamos argumentar que é menos uma necessidade e mais uma questão de escolha considerando que eles poderiam a qualquer momento obter a sua comida em outros lugares. É neste sentido que há uma percepção entre os participantes de que há um determinado perfil sobre o tipo de pessoas que se mantêm nestas dinâmicas. Isto é claramente mencionado por Alfredo que diz “você tem que mudar a sua vida se você quiser estar em um GAS, caso contrário, será difícil estar nele”. Uma declaração semelhante foi dada por Gabrielle no capítulo 4 “... algumas pessoas param, elas dizem “ah, isso não é para mim”, e tudo bem!”.

Então, de certa forma, o que os resultados indicam é que o perfil destes consumidores não está relacionado à renda, profissão ou idade, mas principalmente a capacidade das pessoas se adaptarem a dinâmica. Ter disposição para enfrentar o novo e aprender é bastante relevante. Muitos participantes vão falar sobre como há uma “contaminação” forte e intercâmbio entre eles. Esse aprendizado não se restringe a desenvolver um conhecimento sobre os alimentos, mas também envolve a aprendizagem de novas formas de se relacionar com as pessoas e gerenciar encomendas, recursos, etc.

Acreditamos que a disposição das pessoas para aprender e trocar conhecimentos, pelo menos em parte, está relacionado com os significados que estes alimentos e práticas têm para as pessoas. Representam também os laços sociais, a materialização de valores e desejos como já discutidos nos capítulos anteriores. Também porque, nesses momentos de aprendizagem e a proximidade com uma comida diferente, também há prazer e “sentimentos positivos” reforçando como o alimento é um catalisador de subjetividades e visceralidades como Hayes-Conroy e Martin (2009) propõem.

Tal questão é ilustrada no depoimento de Lorena, que diz que ela considera os dias de entrega como parte do seu lazer, pois “supre a necessidade de fazer algo físico, manual, que me relaxa, porque me dá algo diferente do trabalho acadêmico.” Muitos outros participantes também se referem às entregas como algo prazeroso, inclusive a necessidade de se engajarem fisicamente para manipular a comida. Neste sentido, é uma relação oposta a que é oferecida pela Comida Global, em que

o mínimo de manipulação é requerido como uma forma de conveniência e praticidade.

Além de questionar como o significado que tais atributos podem ter para pessoas distintas, Carolan (2011) fala como os alimentos “pré-prontos” são desenvolvidos com uma noção de serem mais ‘libertadores’, no sentido de libertarem as pessoas da “chata” atividade de ter que cozinhar. Tal questão também é trazida por Jabs e Devine (2006) que problematizam como a perda de habilidades culinárias também é associada a um sentimento crônico de escassez de tempo, levando as pessoas a achar que devem usar práticas para “economizar tempo” em seu cotidiano. Então, essa ideia de que não devemos “perder tempo” cozinhando é um elemento bastante forte nas campanhas de alimentos industrializados. Em particular, esses anúncios foram e ainda são direcionados para as mulheres.

Aqui há uma questão de gênero a ser problematizada. De maneira generalizada, as mulheres são percebidas como as responsáveis pela compra e preparo dos alimentos (FUREY et al., 2000; ALLEN; SACHS, 2007). Ambos Caraher et al. (1999) e Lang et al. (1999) vão reivindicar que as mães são a principal fonte de aprendizagem para habilidades de cozinha. Allen e Sachs (2007) chamam a atenção como essa responsabilização está vinculada a uma visão sociocultural essencialista, em que as mulheres são vistas como “promotoras” dos trabalhos reprodutivos. Isso parece ser corroborado pelos nossos dados, visto que na maioria dos casos, as mulheres são as principais responsáveis pela compra e preparo dos alimentos, mesmo quando os homens também estão envolvidos na dinâmica de abastecimento. Assim, tais dinâmicas podem trazer elementos inovadores em muitas áreas, mas parecem não estar contribuindo para repensar a autonomia dos indivíduos em relação a sua própria alimentação.

Outra discussão interessante que surge é o desenvolvimento do gosto. Os participantes mencionam como acabam conhecendo novos alimentos, menos comerciais ou incomuns. Roe (2006) discute como as “coisas” se transformam em alimentos através de um encontro de corpos, o contato entre o corpo humano e outro não humano é que transforma uma “coisa” em uma comida. É processo que envolve ‘intercorporeidade’ e gera diferentes afetações (ROE, 2006). Essas afetações são descritas pelos consumidores, por exemplo, Mariana que tenta evitar o sabor de chicória misturando-a com alface. Carmo e Merci falam que ao aprenderem receitas novas passaram a desfrutar de alimentos que antes não

consumiam, tais como jiló, repolho, alho-poró, *zapallo*, abobrinha, nabo. Com a exceção de Mariana, todos os outros parecem apreciar o gosto novo e muitas comparações são traçadas entre o sabor dos alimentos fornecidos em relação ao que os consumidores estavam acostumados a comprar em supermercados. Isso é importante porque pode justamente auxiliar na formação de novos hábitos e diversificação de dietas, conforme já mencionado.

No entanto, devemos ter cuidado com argumentos deterministas que em última análise sugerem que certos alimentos têm um sabor melhor do que outro. Esta é uma posição defendida por autores como Pollan (2008) e Guthman (2008) que afirmam que os alimentos orgânicos e locais, são mais saborosos que os alimentos altamente processados e industrializados. Aqui há uma suposição de que se as pessoas pudessem acessar e saborear os alimentos orgânicos e locais, dariam preferência a estes e em última instância, isso provocaria uma transição para um sistema alimentar distinto (CAROLAN, 2011). Como Carolan (2015), ressalta essa é uma visão reducionista que interpreta o gosto de forma universal e essencialista.

Além de argumentar que o gosto de cada pessoa é influenciado por sua trajetória pessoal e cultural, em termos materiais há uma complexidade química e biológica que envolve o processamento dos sabores, desde o nariz e seus receptores de cheiro, os sensores intestinais, os fluxos hormonais que conectam sensações da boca ao cérebro (CAROLAN, 2015). Ou seja, o sabor de algo é experienciado através de todo o nosso corpo, em um processo pessoal e subjetivo. O que é agradável para alguns, pode não ser para outros. Também pode envolver diferentes orientações culturais, como é o caso do nabo que é uma comida comum em muitos lugares, mas era percebida como um alimento para animais por parte dos consumidores de *Canasta Comunitaria Utopía*. Mas certamente, o desenvolvimento de gosto implica em disposição para experimentar e saborear.

No caso das variedades antigas nos parece que o que está em questão mais que tudo é a possibilidade de acessá-las. Neste caso, há uma clara correlação entre a diversidade de cultivos nas propriedades e a potencial diversidade que os consumidores passam a ter em suas dietas. Conforme mencionado por Krispijn, para aos agricultores é uma forma de expandir suas ofertas, mas também uma estratégia importante em termos de melhoria da qualidade dos solos. Novamente, há um direcionamento oposto em relação aos alimentos fornecidos pelo sistema alimentar

dominante em que há um forte processo de especialização. Millestone e Lang (2008) estimam que apenas 10% das variedades de cultivos existentes no planeta ainda são produzidas pelos agricultores. Um número mais grave é fornecido pela FAO (2017), que afirma que, de modo geral, apenas doze variedades de vegetais e quatorze espécies de animais compõem as dietas em todo o mundo. Estes dados fazem com que a diversificação de dietas esteja entre as principais preocupações das campanhas de segurança alimentar. Um exemplo, são as recomendações expostas no material Guia Alimentar para a população Brasileira lançado em 2014 pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2014). O material que tem sido uma referência internacional sobre alimentação saudável, ressalta que nenhum alimento ou grupo específico tem condições de suprir de forma isolada os nutrientes necessários para a saúde humana, tornando-se de alta relevância a diversidade dietética (Brasil, 2014).

Assim, concordamos com Carolan (2011; 2015), que uma transição para sistemas alimentares mais sustentáveis e dietas mais saudáveis também passa por um processo de aprendizado, em que o corpo das pessoas aprende a conhecer alimentos diferentes e diversificados. Para que isso aconteça mais do que informação textual, é necessário que as pessoas tenham experiências distintas com os alimentos. Os testemunhos aqui apresentados demonstram que os participantes não mudaram seus hábitos porque foram induzidos por normativas ou simplesmente receberam dados que indicavam esta necessidade. Mudaram, porque foram afetados por distintas experiências e encontros com alimentos.

Assim, além destas práticas de aprendizagem fazerem parte das identidades destas dinâmicas de abastecimento e influenciarem as alianças que emergem, elas possibilitam que novos elementos e atores venham a compor as assemblages que as dinâmicas agregam através de novos alimentos, novos gostos, novas formas de produção, novas formas de consumir. Desta forma, a interação experimental com os alimentos, desencadeia novos conhecimentos e práticas que ajudam a ampliar as fronteiras materiais e sociais destas dinâmicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a alimentação está no centro de distintos debates que envolvem desigualdades sociais, problemas de saúde, crises energéticas e ambientais, sistemas econômicos e processos internacionais de acumulação de capital, entre outros. Portanto, a alimentação tem sido alvo de interesse tanto de pesquisadores como de governos e da sociedade civil organizada. Porém, os alimentos seguem sendo um elemento essencial no cotidiano das pessoas, integrando necessidades biológicas com processos culturais e subjetivos.

O sistema alimentar em grande escala, que se impõe de forma dominante a nível global, tem gerado impactos negativos em termos sociais, econômicos e ambientais provocando distintos efeitos e afetos na população. Assim, há uma mobilização social para construção de outras formas de abastecimento alimentar que buscam materializar processos de produção, comercialização e consumo mais socialmente inclusivos, economicamente justos e ambientalmente ecológicos. Nosso interesse se voltou para um tipo específico de dinâmica de abastecimento alimentar em que há uma relação de parceria entre produtores e consumidores, de forma que os atores trabalham ativamente para alcançar os fins que se propõem.

Identificamos que havia uma escassez de estudos sobre as experiências ativas na América Latina e que não havia registro de análises empíricas que pudessem confrontar a realidade destas com a das dinâmicas de abastecimento em vigor na Europa. Ainda, a maioria dos estudos existentes tendia a se centrar na dimensão econômica dessas iniciativas, colocando-as lado a lado com uma diversidade de outras formas de comércio, pouco auxiliando a revelar as especificidades desta forma de abastecimento. Assim, esta pesquisa de tese teve como objetivo geral compreender como este tipo particular de abastecimento alimentar emerge e se materializa em diferentes locais, evidenciando as práticas sociais envolvidas na interação cotidiana entre atores, materialidades e subjetividades. Em busca de respostas, realizamos um estudo em perspectiva internacional entre sete casos localizados em cinco países.

Estabelecemos quatro objetivos específicos, o primeiro se referia a descrever e analisar o processo de emergência e materialização dos diferentes casos. Descobrimos que estas dinâmicas de abastecimento emergem de forma altamente contingencial, em diferentes décadas e em distintos países. Ainda que agricultores

sejam essenciais no processo, a mobilização da dinâmica em si tende a ser um impulso de consumidores. Estes se mobilizam após serem afetados por distintas circunstâncias que vão desde o conhecimento da realidade vivida por agricultores, reações aos impactos negativos do sistema alimentar dominante, busca de apoio em lutas políticas, a necessidade de uma alimentação de qualidade e econômica e até mesmo o fortalecimento de comunidades.

Assim, a materialização destas experiências envolve a reunião de fragmentos de laços de amizade, grupos religiosos, associações de moradores, movimentos políticos, experiências de aprendizagem coletiva, simbolismos variados em torno do alimento e a busca por uma sociedade e um sistema alimentar diferente. É o conjunto destes elementos que forma uma composição, uma assemblage que denominamos de Alianças Alimentares Colaborativas – AAC. Estas AAC reconhecem que há nestes casos algo maior do que uma dinâmica de abastecimento alimentar e um comércio de produtos, envolve distintas práticas e atividades mantidas por uma colisão de alianças entre distintas pessoas (consumidores e produtores), entre pessoas e “coisas” (comidas, lugares, organizações), entre espaços (rural e urbano), entre diferentes movimentos sociais (indígena, camponês, sindicalistas, movimentos religiosos, *slow food*) e entre diferentes organizações (Igreja, Universidades, movimentos sociais, empresas, associações, agroindústrias). Portanto, defendemos que o abastecimento de alimentos é uma das atividades que estas AAC promovem, acontecendo de forma paralela e concomitante a outras ações.

Nosso segundo objetivo buscava revelar as práticas sociais envolvidas e compreender como estas afetavam a experiência dos atores. Categorizamos as práticas sociais encontradas em quatro constelações: práticas organizacionais, relações interpessoais, construção de conhecimento e ativismo político. De forma, geral, as práticas sofrem influência da trajetória das dinâmicas de abastecimento e dos diferentes fragmentos socioculturais, políticos, econômicos e religiosos que as compõem. As práticas organizacionais se estabelecem de forma a fazer funcionar a dinâmica de abastecimento, um processo que acontece através da busca pela resolução de problemas práticos e construção coletiva de acordos. Acreditamos que o quadro heurístico para explorar projetos alimentares propostos por Holloway e colegas (2007) foi uma inspiração bastante útil para elencar onze campos que envolvem o funcionamento e organização da dinâmica de abastecimento. As

relações sociais são um elemento chave e acabam levando a formação de uma prática interpessoal através da criação de redes de cuidado em que através do alimento relações comunitárias e laços de amizade são nutridos.

A solidariedade e a empatia aos demais, somadas a insatisfação com as ações e regramentos que regem o sistema agroalimentar dominante se tornam um elemento catalisador para práticas cotidianas de ativismo alimentar, que ora agem de forma a boicotar o sistema, ora reagem para consolidar um outro modelo e realidade social. O encontro com novos alimentos, novas formas de abastecer, novas formas de consumir leva os atores a um processo de revisão de seus hábitos e a sintonização com novos aprendizados. Com o tempo, distintos conhecimentos vão sendo incorporados e formas mais ecológicas e saudáveis de manipular e se relacionar com os alimentos vão sendo estabelecidas. Assim, se cria um certo perfil dos atores envolvidos nestas dinâmicas que independe de idade, nacionalidade ou renda. Mas requer que os atores estejam dispostos a enfrentar o novo e se engajar em processos variados de aprendizagem coletiva e pessoal.

Após o engajamento dos participantes nas dinâmicas de abastecimento, eles têm seus cotidianos altamente afetados. Os participantes precisam estar dispostos a dedicar tempo, energia, esforços físicos e emocionais para se manterem envolvidos. Há a necessidade de uma abertura para aprender sobre agricultura e alimentos, conviver e trabalhar com atores distintos, readequar seus hábitos alimentares e atuar em diversos momentos em prol de um sistema alimentar diferente, seja redefinindo seus espaços de compra de alimentos ou participando de mobilizações políticas mais amplas. Nesse processo, os elementos materiais e subjetivos se misturam, fazendo com que representações e valores sejam incorporados nos elementos materiais (corpo, alimento) e é através destes que as subjetividades circulam e se nutrem.

O terceiro objetivo buscava investigar as potenciais continuidades e descontinuidades entre os casos, em especial em termos de práticas, valores, representações e desejos. Acreditamos que os casos apresentam mais continuidades e similaridades para estas questões do que distinções, apesar de serem altamente heterogêneos em termos culturais e socioeconômicos. No que diz respeito aos valores, nos parece que solidariedade, organização coletiva, honestidade, empatia e cidadania são os mais expressos. A ressalva é que o potencial político da participação na dinâmica de abastecimento tem interpretações

dúbias e pouco consensuais para o caso Holandês. Ainda que seus atores acreditem que suas ações contribuam de forma positiva para o bem-estar dos agricultores e para um sistema alimentar mais sustentável, nem sempre a percebem como uma ação política.

De forma coletiva, nos parece que dois grandes desejos emergem: o de cuidar e o de ser cuidado, que fomentam as relações sociais e se incorpora como expectativa em relação à qualidade dos alimentos; o desejo de construir uma sociedade e um sistema alimentar distintos. Mais do que aspirações, estes desejos são propulsores de agenciamentos e por isso são indissociáveis das práticas. No que diz respeito a representações, as dinâmicas de abastecimento são mencionadas como uma forma mais socialmente inclusiva, economicamente justa e ambientalmente sustentável de produzir, comercializar e consumir alimentos. Esta representação se coloca em contraponto a um imaginário sobre o que representa o sistema alimentar dominante. Este por sua vez, é associado a relações sociais perversas e desumanas, que fomentam desigualdades econômicas à medida que provocam impactos intensos ao meio ambiente, tanto em termos globais como locais. Neste sentido, é importante ressaltar que, ainda que em termos representacionais seja possível a criação de tais estereótipos, em termos práticos, nos parece que os processos de produção, comercialização e consumo são complexos e interligados, sendo difícil aceitar uma noção de homogeneidade ou pureza seja para as experiências “alternativas” ou “convencionais”. Assim, sem desrespeitar a percepção dos atores envolvidos, a pesquisa buscou uma perspectiva crítica a abordagens dicotômicas.

Tal questão é abordada em diferentes momentos da tese que demonstra que os produtores vendem seus produtos a diferentes espaços de comércio e os consumidores se abastecem em locais distintos, inclusive naqueles aos quais tecem críticas (CEASA, *Mercado Mayorista*, supermercados). Há sim uma busca tanto por produtores como consumidores, ainda que com diferentes intensidades em diferentes casos, por se envolverem e apoiarem espaços e processos que lhe parecem mais benéficos. Mais do que revelar uma incoerência por parte dos atores ou desqualificar as contribuições que estas experiências trazem, tais questões nos parecem revelar a dificuldade de se estabelecer dinâmicas inovadoras ou ainda construir processos sociais isolados de circunstâncias locais, sejam estas culturais, políticas ou econômicas. Acreditamos que não é um acaso o fato de que os GAS,

única experiência aqui analisada com reconhecimento legal, ser entre todos os casos o que permite uma maior oferta e variedade de produtos, possibilitando que seus consumidores se abasteçam quase que exclusivamente por estas dinâmicas. A expressão numérica das iniciativas no país também possibilita que muitos produtores trabalhem de forma exclusiva com estas dinâmicas.

O quarto objetivo visava compreender como as dinâmicas de abastecimento contribuem para um sistema agroalimentar sustentável e socialmente inclusivo. Acreditamos que ao longo da tese diferentes reflexões foram apresentadas neste sentido, destacamos algumas. É importante reconhecer que a participação em tais dinâmicas, seja para produtores ou consumidores, não é algo simples. Requer adaptação de práticas e um tipo de envolvimento que nem todos estão dispostos a ter, um fato que pode ser entendido como um limitante. Ainda que haja uma busca por relações solidárias e justas, a complexidade das relações humanas faz com que materializar tais processos seja um exercício constante e pouco linear.

Assim, reafirmamos que ao pesquisar processos de aproximação entre produtores precisamos não só superar visões dicotômicas e simplistas, mas também romper com perspectivas românticas e demonizadoras. É preciso manter um senso crítico e um rigor analítico para não cairmos em armadilhas que pouco contribuem para a construção do conhecimento ou para a solução de problemas sociais. Portanto, é essencial entender a complexidade de fenômenos, representações e funções que os alimentos adquiriram na contemporaneidade, fazendo com que sua circulação sirva de forma intrínseca e paralela para nutrir corpos individuais, sociais, econômicos, culturais e naturais.

Neste sentido, nos parece que a contribuição que os imaginários expressos sobre o sistema alimentar dominante e estas dinâmicas servem principalmente para apontar caminhos sobre que tipo de práticas precisam ser superadas e transformadas. Conforme já afirmamos no capítulo 5 acreditamos que a consolidação de um sistema agroalimentar sustentável e socialmente inclusivo envolve não só a promoção e valorização de diversas formas de abastecimento mas também o fomento paralelo a processos de transformações cultural e de alterações estruturais em normativas e convenções sócioeconômicas.

O que nossos resultados indicam é que, nestas dinâmicas de abastecimento, os consumidores não querem apenas comida e os produtores não querem somente uma fonte de renda. O que se almeja é algo muito maior e amplo. O que se busca,

não é apenas ter alimentos em quantidade distribuídos de forma global. É necessário que a distribuição destes alimentos atinja as distintas partes do globo, supra a fome e também gere renda a quem efetivamente trabalha na terra. Quantidade sem qualidade leva a deterioração da saúde dos indivíduos e dos ambientes. Por isso, a qualidade deve ser pensada para além do alimento como objeto econômico ou nutritivo, mas em sua complexidade de relações e funções. A fome também precisa ser saciada com cuidado e afeto. Há também uma fome por contribuir com a sociedade em que se vive e por ampliar conhecimentos.

Portanto, como há muito tempo já sabemos, as ações em prol do desenvolvimento precisam ir além da geração de renda e processos econômicos, para que possam fomentar uma relação mais integrada entre rural e urbano, produtores e consumidores, governos e sociedade civil organizada. Talvez a grande contribuição que os resultados desta tese trazem é explicitar que a construção de sistemas agroalimentares se dá não só pelos mercados internacionais ou ações de governo planejadas, mas também pela participação ativa da sociedade civil organizada. Ainda que neste caso as ações não sejam tão racionalmente arquitetadas, mas se caracterizem por reações afetivas e corporais àquilo que nos provoca medo, repulsa, indignação, empatia, desejo ou excitação. São essas subjetividades e afetações que mobilizam a criação de alianças, colisões, movimentos sociais que ao fim atuam para criar algo que ressoe com seus valores e anseios.

A emergência de subjetividades não pode ser induzida através da criação de linhas de crédito ou políticas públicas. Mas acreditamos que o Estado pode sim auxiliar na criação e desenvolvimento destas dinâmicas e conseqüentemente no tipo de sistema alimentar que elas buscam materializar. O primeiro passo, seria o reconhecimento legal para dar um melhor amparo institucional a estas dinâmicas. Algo parecido com o que os GAS e as AMAPS já conquistaram em seus respectivos países. Essa questão nos parece essencial para o potencial de ampliação destas experiências, seja este em termos quantitativos como qualitativos. Ressaltamos que estas duas características devem andar juntas para que a essência do que se propõe e constrói através destas dinâmicas não seja perdida.

Assim o aumento do número de experiências não só precisa ser organicamente progressivo, mas de forma que as relações sociais se mantenham em um contexto de familiaridade e comunidade. Assim, tal qual os GAS e os *Grupos*

de Consumo já propõem, nos parece que a determinação de limites espaciais relacionados com o cotidiano dos participantes auxiliam para que haja um aumento de número de dinâmicas, sem que as conexões pessoais se percam, visto que se restringem bairros, comunidades ou espaços de trabalho.

Neste caso, o Estado também poderia auxiliar se o planejamento urbano pudesse se pautar por um entendimento de que a comida é parte essencial da vida social e que o abastecimento alimentar pode ser visto como uma das funções essenciais para a ocupação e uso dos solos. Portanto, planejar o tecido urbano considerando tal questão poderia levar a alocação ou estruturação de espaços comunitários para o abastecimento através de centros de distribuição adequadamente equipados em que coletivos organizados poderiam atuar.

Ainda que para nenhum dos casos aqui analisados, tenhamos encontrado políticas públicas que contribuíam diretamente para a formação deste tipo de dinâmica de abastecimento, diferentes ações têm contribuído de forma indireta: programas de fomento a agricultura familiar e a agroecologia; processos de certificação (; a adequação de regras sanitárias para a produção artesanal e em pequena escala, entre outras. Mas a existência de tais políticas, seus regramentos e a as circunstâncias em que são implementadas são altamente variáveis em cada um dos países analisados. Uma avaliação mais profunda sobre como estas políticas contribuem para estas dinâmicas nos diferentes locais e contextos certamente é um estudo necessário e importante para que possamos analisar a potencial contribuição do Estado para o fomento a estas experiências.

A possibilidade de uma articulação internacional ou ainda a criação de espaços de troca de experiência entre as dinâmicas ativas nos distintos países, certamente seria enriquecedora. Como já mencionado, o reconhecimento jurídico dos GAS certamente seria importante para qualificar as experiências de outros países, uma luta que já está sendo realizada pelos casos espanhóis. A atuação da *Canasta Comunitária Utopia* poderia auxiliar os outros casos a perceberem o potencial de sua organização para influenciar a legislação sobre os temas que buscam fomentar, como a produção ecológica, a economia solidária, a preservação de recursos naturais ou ainda as ações de inclusão social. Conhecer as demais experiências poderia auxiliar os holandeses a refletirem sobre o potencial de ação político e cidadão de sua participação nestas dinâmicas. Não pretendemos aqui predeterminar os resultados que o encontro entre as diferentes experiências poderia

ter, apenas ilustrar que há o um grande potencial para articulação internacional destas dinâmicas de abastecimento.

Acreditamos ter atingido de forma satisfatória os objetivos propostos. Ainda que em termos teóricos e metodológicos não houvesse nenhuma pretensão, acreditamos que a tese traz algumas contribuições a futuros estudos. O uso da Teoria das Assemblages como meta-teoria para análise de dinâmicas de abastecimento nos parece ser um caminho interessante, em especial, para experiências em que há uma diversidade de atores e processos envolvidos. O grande diferencial dessa teoria em relação a outras perspectivas similares em que se busca explicação para a formação de coletivos heterogêneos é justamente o fato de que esta abordagem não só considera a interação entre humanos e não humanos, mas as percebe de forma relacional e integrada a elementos materiais e subjetivos. Assim, as dinâmicas de abastecimento ou ainda outros potenciais objetos de análise que envolvem alimentos podem ser estudados com a complexidade de relações e fenômenos que envolvem a comida contemporânea. A limitação é que outros corpos de conhecimento precisam ser mobilizados para análises de dados mais específicos.

Em termos metodológicos a etnografia multi-localizada se mostrou bastante adequada para nossa intenção de realizar um estudo em uma perspectiva dialógica, de maneira que os dados pudessem ser levantados a partir da observação e interação com os interlocutores. Assim, pudemos levantar informações e tecer análises sobre elementos multifacetados como afetos, subjetividades, valores, representações e processos de incorporação. Estes são temas que dificilmente seriam revelados com a aplicação exclusiva de questionários, entrevistas ou análise documental. Por fim, conforme mencionamos na introdução, a escolha por um referencial que buscasse desvelar as sutilzas e complexidades sociais envolvidas no abastecimento alimentar também nos provocou a um exercício experimental, fazendo com que a elaboração da própria tese tenha envolvido diferentes encontros e desencontros, afetações múltiplas que estão expressas nas análises e imagens que a compõe.. Talvez, a consideração realmente final que podemos tecer é que o mergulho teórico traz o risco de que nossa própria experiência prática como pesquisadores seja afetada e transformada.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, P.; SACHS, C. Women and food chains: the gendered politics of food. **International Journal of Sociology of Food and Agriculture**, Cardiff, v. 15, n. 1, p. 1-23, Apr. 2007.
- APPADURAI, A. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, A. (org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Ed. UFF, 2008. p. 15-88.
- ARCE, A. Living in times of solidarity: fair trade and the fractured life worlds of guatemalan coffee farmers. **Journal Of International Development**, Malden, v. 21, n. 7, p. 1031-1041. Set. 2009.
- BARBOSA, L. Tendências da alimentação contemporânea. In: PINTO, M. L.; PACHECO, J. K. (Org.). **Juventude, Consumo & Educação**. 2. ed. Porto Alegre: ESPM, 2009. p. 15-64.
- BARIKAMÀ. **L'Associazione di Promozione Sociale e la Cooperativa Sociale Barikamà**. Roma, 2015. Disponível em: < <http://barikama.altervista.org/>>. Acesso em 5 dez. 2015.
- BEKKERING, E. **The multiple realities of alternative food networks**: An ethnography of the Canastas Comunitarias in Ecuador. 2011. 84 f. MSc Thesis Rural Development Sociology, Wageningen University, Wageningen, 2011.
- BELIK, Walter. Perspectivas para segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Saude soc.** [online], São Paulo, v. 12, n. 1, p. 12-20, jan. 2003.
- BLACKMAN, L. et al. Creating subjectivities **Subjectivity**, London, v. 22, n. 1, p. 1-27, May 2008.
- BLANCO, Gustavo; VAN GASTEL, Jilles; LAGARRIGUE, Andrés. Assembling responsible food markets: the case of cooperativa La Manzana in southern Chile. In: SHERWOOD, Stephen; ARCE, Alberto; PAREDES, Myriam. **Food, agriculture and social change**: the vitality of everyday living and being in Latin America. London: Routledge, 2017. p. 174-186.
- BORJA, R. N. **Los movimientos sociales en los 80 y 90**: la incidencia de las ONG, la Iglesia y la Izquierda. Quito: Centro de Investigaciones, 2011.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei no 10.696, de 2 de Julho de 2003**. Dispõe sobre a repactuação e o alongamento de dívidas oriundas de operações de crédito rural, e dá outras providências. Brasília, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução/CD/FNDE N ° 38, de 16 de Julho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília, 2014.

BRUNORI, G. et al. Are local foodchains more sustainable than global food chains? Considerations for Assessment. **Sustainability**, Basel, v. 8, n. 5, p. 1-27, May 2016.

BRUNORI, G.; ROSSI, A.; GUIDI, F.. On the new social relations around and beyond food: analysing consumers' role and action in Gruppi di Acquisto Solidale (Solidarity Purchasing Groups). **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 52, n. 1, p.1-30, Nov. 2011.

BRUNORI, G.; ROSSI, A.; MALANDRIN, V. Co-producing transition: innovation processes in farms adhering to Solidarity-based Purchase Groups (GAS) in Tuscany, Italy. **International Journal Of Sociology Of Agriculture And Food**, Cardiff, v. 18, n. 1, p. 28-53. Dec. 2010.

CANCLINI, N. G. Consumidores do século XXI, cidadãos do século XVIII. In: **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. p. 13-47.

CARAHER, M., et al. The state of cooking in England: the relationship of cooking skills to food choice. **British Food Journal**, Croydon, v. 101, n. 8, p. 590-609, Apr. 1999.

CARNEIRO, C. B. M. **Compras coletivas de produtos orgânicos e participação política: um estudo de caso da Rede**. 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura e Sociedade) - Curso de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CAROLAN, M. Affective sustainable landscapes and care ecologies: getting a real feel for alternative food communities. **Sustain Science**, Tokyo, v. 10, n. 2, p. 317-329, Apr. 2015.

CAROLAN, M. S. **Embodied food politics**. Surrey: Ashgate, 2011.

CLOUGH, P. T.; HALLEY, J. O. M. **The affective turn: theorizing the social**. Durham: Duke University Press, 2007.

COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA – CSA BRASIL. **Onde está o CSA?**. [S.l.], 2015. Disponível em: < <http://www.csabrasil.org/csa/> >. Acesso em: 10 abr. 2015.

COUNIHAN, C.; SINISCALCHI, V. (Ed). **Food activism: agency, democracy and economy**. London: Bloomsbury Academic, 2014.

CUCCO, I.; FONTE, M. Local food and civic food networks as a real utopias project. **SOCIO.HU**, Budapest, n. 3; p. 22-36, 2016.

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. V. 1. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOUGLAS, M. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, jul./dez. 2007.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: por uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

EKORURAL. **Canasta comunitaria utopía**: una perspectiva desde el consumidor. Quito, 2013. (Relatório Técnico).

ESCOBAR, A. **La invención del Tercer Mundo**: construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial El Perro y La Rana, 2007.

ESTEVE, E. V. **El negocio de la comida**: ¿quién controla nuestra alimentación? Icaria, Barcelona, 2015.

FALZON, M. **Multi-sited ethnography**: theory, praxis and locality in contemporary research. Ashgate Publishing: Surrey, England, 2009.

FEAGAN, R. B.; MORRIS, D. Consumer quest for embeddedness: a case study of the Brantford Farmers' Market. **International Journal of Consumer Studies**, Hoboken, v. 33, p. 235–243, May. 2009.

FISCHLER, C. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama, 1995.

FISCHLER, C. Food, self and identity. **Social Science Information**, London, v. 27, n. 2, p. 275-292, June 1988.

FISHER, E.; ARCE, A.; COPADO, V.D. Embodiment and reflexivity: gaining insight into food lifeways through the chili cook-off in ajijic, Mexico. In: SHERWOOD, Stephen; ARCE, Alberto; PAREDES, Myriam. **Food, agriculture and social change**: the vitality of everyday living and being in Latin America. London: Routledge, 2017. p. 29-39.

FONTE, M. As cinco dimensões da sustentabilidade: a visão dos Grupos de Compra Solidária em Roma, Itália. In: CRUZ, F. T.; MATTE, A.; SCHNEIDER, S. **Produção, consumo e abastecimento de alimentos**: desafios e novas estratégias. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2016. p. 125-152.

FONTE, M. Food consumption as social practice: Solidarity Purchasing Groups in Rome, Italy. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 32, p. 230-239, Oct. 2013.

FONTE, M. Knowledge, food and place: a way of producing, a way of knowing. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 48, n. 3, p. 200-222, July 2008.

FONTE, M.; CUCCO, I.. Cooperatives and alternative food networks in Italy: the long road towards a social economy in agriculture. **Journal of Rural Studies**, Oxford, p. 291-302. July 2017.

FONTE, M.; PAPADOPOULOS, A. G. (Ed.). **Naming food after places: food relocalisation and knowledge dynamics in rural development**. Farnham: Ashgate, 2010. p. 1-35.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT - IFAD; WORLD FOOD PROGRAMME - WFP. **The state of food insecurity in the world 2014: strengthening the enabling environment for food security and nutrition**. Rome: FAO, 2014.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **The future of food and agriculture: Trends and challenges**. Rome, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade** (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRIEDMANN, H.; MCMICHAEL, P. Agriculture and State System. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 29, n. 2, p. 93-117, Aug. 1989.

FUREY, S. et al. Cooking skills: A diminishing art?. **Nutrition and Food Science**, Bradford, v. 30, n. 5, p. 263-266, Aug. 2000.

FUTURE FARMERS IN THE SPOTLIGHT. **Krispijn van den Dries (28) is it all: manager, farmer, activist and entrepreneur**. Wageningen, 2012, Disponível em: < <https://future-farmers.net/2012/10/28/krispijn-van-den-dries-28-is-it-all-manager-farmer-activist-and-entrepreneur/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

GALLI, F.; BRUNORI, G.. **Short Food Supply Chains as drivers of sustainable development: Evidence Document**. Pisa: Laboratorio di Studi Rurali Sismondi, 2013.

GARCÉS, S.; KIRWAN, E. Las canastas comunitarias en Ecuador: una apuesta por la salud, la economía y la solidaridad. **Revista del Programa de Estudios Socioambientales - Flacso**, Quito, v. 1, n. 5, p. 9-11, dec. 2009.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas., 2008.

GOODMAN, D. Rural Europe redux? Reflections on alternative agro-food networks and paradigm change. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 44, n. 1, p. 3-16, Jan. 2004.

GOODMAN, D. The quality 'turn' and alternative food practices: reflections and agenda. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 19, n. 1, p.1-7, Feb. 2003.

GOODMAN, D., SORJ, B.; WILKINSON, J. **Da lavoura às biotecnologias:** agricultura e indústria no sistema internacional. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

GOODMAN, D.; DUPUIS, E. Knowing food and growing food: Beyond the production-consumption debate in the sociology of agriculture. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 42, n. 1, p. 5-22, Jan. 2002.

GOODMAN, D.; DUPUIS, M. E.; GOODMAN, M. K. **Alternative food networks:** knowledge, practice, and politics. Abingdon: Routledge, 2012.

GOODMAN, D.; GOODMAN, M. Localism, Livelihoods and the 'Post-Organic': Changing Perspectives on Alternative Food Networks in the United States. In: MAYE, D.; HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. (Ed.) **Alternative Food Geographies:** Representation and Practice. Elsevier: Oxford, 2007, p. 23-38.

GOODMAN, D.; REDCLIFFE, M. **Environment and Development in Latin America:** The Politics of Sustainability. Manchester: Manchester University Press, 1991.

GORTAIRE, R.. **Sistemas de canasta comunitaria:** ¿Organizaciones de consumo agroecológico?. Riobamba , 2004. Disponível em: <<http://www.asocam.org/biblioteca/items/show/649>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In: MARTES, A. C. B. (Org.). **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: Ed UFSCAR, 2009. p. 31-68.

GROSS, J. Food Activism in Western Oregon In: COUNIHAN, C.; SINISCALCHI, V. **Food activism:** agency, democracy and economy. London: Bloomsbury Academic, 2014. p. 15-30.

GUTHMAN, J. "If they only knew": color blindness and universalism in California alternative food institutions. *Professional Geographer*, London, v. 60, n. 3, p. 387-397, Aug. 2008.

HARDT, M. "Foreword: what affects are good for". CLOUGH, P. T.; HALLEY, J. **The affective turn** – theorizing the social. Durham and London: Duke University Press, 2007. p. ix-xiii.

HARTMANN, C.; DOHLE, S.; SIEGRIST, M. Importance of cooking skills for balanced food choices. **Appetite**, Zurich, v. 65, p. 125-131. June. 2013.

HAYES-CONROY, A.; MARTIN, D. G. Mobilising bodies: visceral identification in the Slow Food movement. **Transactions of the Institute of British Geographers**, London, v. 35, n. 2, p. 269-281, Mar. 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

HINRICHS, C. Embeddness and local food systems: notes on two types of direct agricultural market. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 16, n. 3, p. 295-303, July 2000.

HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M.; VENN, L.; COX, R.; DOWLER,; TUOMAINEN, H. Possible food economies: a methodological framework for exploring food production–consumption relationships. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 47, n. p. 1–19, Jan. 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, E. Food security, food justice, or food sovereignty? **Food First Backgrounder**, Oakland, v. 16, n. 4, p. 1-4, Jan. 2010.

HOLT-GIMÉNEZ, E.; SHATTUCK, A. Food crises, food regimes and food movements: rumblings of reform or tides of transformation? **Journal Of Peasant Studies**, London, v. 38, n. 1, p. 109-144. 13 Jan. 2011

INSTITUTO KAIRÓS. **Levantamento do perfil dos Grupos de Consumo no Brasil**: consumo como intervenção - um olhar sobre as experiências de consumo coletivo no Brasil. São Paulo: Instituto Kairós, 2010.

INSTITUTO KAIRÓS. **Organização de Grupos de Consumo Responsável**: caminhos para práticas de consumo responsável. Instituto Kairós: Instituto Kairós, 2011.

INSTITUTO KAIRÓS; CAPINA (Org.). **Práticas de comercialização**: uma proposta de formação para a economia solidária e a agricultura familiar. São Paulo: Instituto Kairós, 2013.

JABS, J.; DEVINE, C. M. Time scarcity and food choices. An overview. **Appetite**, Ithaca, v. 47, n. 2, p. 196-204, May 2006.

JAMES, W. P. T. The epidemiology of obesity. the size of the problem. **Journal of Internal Medicine**, Solna, Suécia, v. 263, n. 4, p. 336-352, Feb 2008.

KIRWAN, E. La canasta comunitaria: una plataforma urbano-rural para la seguridad alimentaria. **Revista de Agroecología**, Lima, v. 3, n. 24, p. 26-29, dez 2008.

KNEAFSEY, M. et al. **Reconnecting consumers, producers and food**: exploring alternatives. New York: Berg, 2008.

LANG, T. et al. **Cooking skills and health**. Inequalities in health. London: Health Education Authority, 1999.

LANG, T.; CARAHER, M. Is there a culinary skills transition? Data and debate from the UK about changes in cooking culture. **Journal of the Home Economics Institute of Australia**, London, v. 8, n. 2, p. 2-14, Jan. 2001.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, CA (USA), v. 24, p. 95-117, 1995.

MARCUS, G.E. **Ethnography through thick and thin**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

MARSDEN, T., BANKS, J. AND BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 40, n. 4, p. 424–438, Oct. 2000.

MARSDEN, T.K.. New rural territories: regulating the differentiated rural spaces. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 14, n. 1, p. 107-117, Jan 1998.

MASCARENHAS, G. **O movimento do comércio justo e solidário no Brasil**: entre a solidariedade e o mercado. 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MASCARENHAS, T. S.; GONÇALVES, J.; BENSADON, L. S.. A atuação dos grupos de consumo responsável no Brasil: expressões de práticas de resistência e intercâmbios em rede. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO, 7., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014. p. 1 - 19.

MATUK, S. B. **Relaciones de poder en el mercado de Riobamba**: transformaciones a partir de la implementación del mercado mayorista. 2010. 120 f. Dissertación de Maestría en Estudios de la Cultura) - Curso de Estudios de La Cultura, Universidad Andina Simon Bolívar, Quito, 2010.

MÉLARD, F.; MORMONT, M. The pragmatic collective interest as the product of civic deliberation: the case of pesticide management in Belgium. **Sustainability**, Bâle, Suíça, v. 5, n. 5, p. 2233-2251, May 2013.

MENASCHE, R. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 195-218, jun. 2010.

MENASCHE, R. Risco à mesa: alimentos transgênicos, no meu prato não. **Campos**, Curitiba, v. 5, n.1, p. 111-129, jul. 2004:

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLER, D. Estudando cultura material no sul de Londres. BARBOSA, L.; PORTILHO, F.; VELOSO, L. (Org.). **Consumo**: cosmologias e sociabilidades. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009. p. 17-38.

MILLSTONE, E.; LANG, T. **The Atlas of Food**: who eats what, where, and why. London, England: Earthscan, 2008.

MONTIEL, M. S.; COLLADO, Á. C.. Rearticulando desde la alimentación: canales cortos de comercialización en Andalucía. **Ph Cuadernos**, Andaluzia, v. 26, p. 259-283, 2010.

MOVIMENTO DE INTEGRAÇÃO CAMPO CIDADE - MICC (São Paulo). **Quem somos**. São Paulo, 2014a. Disponível em: <<http://www.micc.org.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

NIEDERLE, P. A.; CRUZ, F. T. O que muda quando a tradição se torna fast food? As reações dos consumidores italianos e franceses aos hamburgers “McParmegiano-Reggiano” e “Quick Hallal”. In: Encontro nacional da ANPAS, 5., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT13-98-53-20100902105401.pdf>>. Acesso em 17 dez. 2014

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estud. psicol.**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, ago. 2008.

PICOLOTTO, E. Novos movimentos sociais: economia solidária e comércio justo. **Revista Otra Economía**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, 2º sem. 2008.

PLOEG, J. D. V. Sete teses sobre a agricultura camponesa. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, p.17-32, 2009.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. Garden City, NY, 1966.

POLLAN, M. Em defesa da comida. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

POPKIN, B. M.; ADAIR, L. S.; WEN NG, S. Now and then: the global nutrition transition: the pandemic of obesity in developing countries. **Nutrition Reviews**, London, v. 70, n. 1, p. 3-21, Jan 2012.

PORTILHO, F. Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro (BA), **Anais...** Porto Seguro (BA): RBA, 2008.

PORTILHO, F. Sociabilidade, confiança e consumo na feira de produtos orgânicos. In: BARBOSA, L.; PORTILHO, F.; VELOSO, L. (Org.). **Consumo: cosmologias e sociabilidades**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009. p. 61-86.

PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2010.

PREISS, P. V.; MARQUES, F. C. Tendências no movimento de re-localização alimentar brasileiro: uma análise de Iniciativas Colaborativas de Compras. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 269-300, jul./dez. 2015.

PREISS, P.V. **Motivações de consumo e alfabetização ambiental na feira dos agricultores ecologistas de porto alegre**. 2004. 77 f. Trabalho de Conclusão

(Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Centro de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Rio Dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

RENTING, H.; MARSDEN, T. K; BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment And Planning**, London, v. 35, n. 3, p. 393-411, Jan. 2003.

RENTING, H.; SCHERMER, M.; ROSSI, A. Building Food Democracy: Exploring Civic Food Networks and Newly Emerging Forms of Food Citizenship. **International Journal Of Sociology of Agriculture And Food**, London, v. 19, n. 3, p. 289-307, jul 2012.

ROE, E. J. Things Becoming Food and the Embodied, Material Practices of an Organic Food Consumer. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 46, n. 2, p. 104-121, Apr. 2006.

ROESE, A. et al. Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. **OnLine Brazilian Journal of Nursing**, Niterói, RJ, v. 5, n. 3, p. 1-12, nov. 2006.

SAGE, C. Social embeddedness and relations of regard: alternative “good food” networks in south-west Ireland. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 19, n. 1, p. 47-60, Sep. 2003.

SCHUBERT, M. N.; SCHNEIDER, S.; MÉNDEZ, C. D. O “comer fora de casa” no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 1-29, jun./set. 2017.

SELFA, T.; QAZI, J. Place, taste or face-to-face? Understanding producer-consumer networks in 'local' food systems in Washington State. **Agriculture and Human**, London, v. 22, n. 4, p. 451-464, Dec. 2005.

SHERWOOD, S. et al. Tackling the new materialities: modern food and counter-movements in Ecuador. **Food Policy**, v. 4, n. 1, p. 1-10, mar. 2013.

SONNINO, R.; MARSDEN, T. Beyond the divide: rethinking relationships between alternative and conventional food networks in Europe. **Journal of Economic Geography**, Oxford, v. 6, n. 2, p. 181-199, Apr. 2006.

STAR, A. Local food: a social movement? **Cultural Studies Critical Methodologies**, Oxford, v. 10, n. 6, p. 479-490, jun 2010.

STITT, S. An international perspective on food and cooking skills in education. **British Food Journal**, London, v. 98, n. 10, p. 27-34, nov 1996.

TASSI, M. E. V. Z. **Certificação participativa e compra coletiva de alimentos ecológicos**: redes locais construindo mercados cooperativos, um estudo na região de Campinas - São Paulo. 2011. 194 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Curso de Agroecologia e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2011.

TREGGAR, A. Progressing knowledge in alternative and local food networks: critical reflections and a research agenda. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 27, n. 4, p. 419-430, Oct. 2011

TRONTO, J. C. **Caring democracy**: markets, equality, and justice. New York: New York Press, 2003.

UNIVERSIDAD POLITÉCNICA DE VALENCIA. Grup Consum Vera. **Título do vídeo**. Valencia, 2015. Disponível em: <<http://grupconsumvera.webs.upv.es/>>. Acesso em 5 dez. 2015.

VAN ONGEVAL, K. **Qué rico es!**: Bringing forth the construction of Food Sovereignty in Ecuador . 2011. 92 f. (MSc Thesis Rural) Development Sociology, Wageningen University, Wageningen, 2011.

VOSSOUGH S.; GUTIÉRREZ, K. Studying movement, hybridity, and change: Toward a multi-sited sensibility for research on learning across contexts and borders. **National Society for the Study of Education**, Lion, v. 113, n. 2, p. 603-632, Feb 2014.

APÊNDICE A – LISTAGEM DAS PERGUNTAS QUE COMPUSERAM O QUESTIONÁRIO ON-LINE

1. Qual é o nome da iniciativa a que você pertence?
2. Em que cidade localizada?
3. Em que estado esta localizada?
4. Quando o sistema/grupo foi criado?
5. Qual é o nome da iniciativa a que você pertence?
6. Por favor, se identifique (Estes dados serão usados apenas em caso de duvida em relação a alguma resposta) - Nome:
7. Por favor, se identifique (Estes dados serão usados apenas em caso de duvida em relação a alguma resposta) - e-mail:
8. Vocês tem site ou algum tipo de página na internet (blog, perfil de facebook, etc..)
9. De que forma você atua?
10. Você tem uma estimativa de quantos produtores estão envolvidos?
11. Você tem uma estimativa de quantos consumidores estão envolvidos?
12. Além de produtores e consumidores, existem outras pessoas atuando no sistema/grupo? Se sim, por favor especifique.
13. A experiência é formalizada? Se sim, como?
14. Vocês tem outras organizações parceiras?
15. Com que frequência são realizadas as entregas dos produtos?
16. Como são realizados os pedidos?
17. Quantos produtos aproximadamente são ofertados atualmente?
18. Que tipo de produtos são comercializados?
19. Os produtos oferecidos seguem algum tipo de característica ou forma de produção, qual?
20. Qual foi a motivação para a criação do grupo?
21. Além da comercialização dos produtos, são realizadas outras atividades? Quais?
22. Como acontece o processo de gestão? Há partilha de tarefas? Fale brevemente sobre esta dinâmica.
23. Como se dá a participação de novas pessoas? Existe algum tipo de contrato ou compromentimentos a serem assumidos? Quais?

24. Como é a dinâmica de distribuição? Vocês atuam como um único grupo ou existem núcleos de distribuição?

25. São realizadas pesquisas, diagnósticos e avaliações junto aos membros?
Com que frequência?

26. Como se dá a formação dos preços dos produtos?

27. Há algum indício de alteração de práticas e/ou hábitos entre os produtores devido ao engajamento no grupo?

28. Há algum indício de alteração de práticas e/ou hábitos entre os consumidores devido ao engajamento no grupo?

29. Vocês têm contato ou atuam em colaboração com algum outro sistema de compras?

30. Você gostaria de receber informação sobre os resultados desta pesquisa?